

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Linguística e Literatura
Curso de Doutoramento em Linguística

MORFOFONOLOGIA DO VERBO EM CHANGANA

Supervisor: Professor Catedrático Armindo Ngunga

Candidato: David Alberto Seth Langa

Maputo, Outubro de 2012

Resumo

O presente trabalho visa à luz do quadro teórico da Morfologia e Fonologia Lexical (Kirpasky 1982) identificar e analisar os constituintes do verbal em Changana. Este quadro assenta no pressuposto segundo o qual existe uma inter-relação entre a morfologia (morfemas) e a fonologia (fonemas) de tal forma que para cada morfologia, tem-se uma fonologia desde que o ambiente fonológico tenha sido criado. De facto, a concatenação dos morfemas na estrutura do verbo desencadeiam processos fonológicos responsáveis pela alomorfomia que, nalgumas vezes, resolve a interpretação segundo a qual alguns morfemas são lexicalmente bloqueados na formação de palavras.

O principal problema da investigação é de, a partir da estrutura do verbo nas línguas bantu (Meeussen 1967), analisar a distribuição dos constituintes (derivacionais e flexionais) do Changana. As respostas prévias ao problema acima são as seguintes: (i) uma que assume que os constituintes do verbo em Changana são realizados através de diferentes morfemas, quer derivacionais quer flexionais e (ii) os morfemas flexionais, sobretudo os que expressam o tempo, o aspecto e o modo, podem ser expressos quer por segmentos quer através dos suprasegmentos (i.e. o tom). Os dados confirmam as hipóteses aventadas contudo, mostram que, a estrutura do verbo do Changana tem doze posições de poiso dos constituintes do verbo (mais duas posições comparativamente à estrutura de Meeussen (1967) e mais uma posição em relação à estrutura de Mutaka e Tamanji (2000)). As novas posições que se devem ter em conta na análise do verbo em Changana são as do pré-formativo e pós-formativo.

O trabalho explora também os principais conceitos operatórios nas áreas de morfologia e fonologia. Assim, descreve-se o sistema segmental da língua, bem como a sistematização dos processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes. Da análise feita, as vogais podem desencadear, sempre que o contexto fonológico estiver criado, o processo de assimilação através da semivocalização, coalescência ou fusão e elisão. Por sua vez as

consoantes desencadeiam os processos de coarticulação da nasal homorgânica, a elisão e a velarização.

Os aspectos prosódicos como a estrutura da sílaba e a descrição do funcionamento do tom na língua foram tidos em conta. No tocante à sílaba, viu-se que a estrutura básica da mesma nesta língua é CV embora ocorram outras estruturas como V (Ex: “augment” nos nomes e as marcas de aspecto na posição pré-inicial na estrutura do verbo) ou C (Ex: nasais silábicas em nomes das classes 1 e 3).

Em relação ao tom, a análise de dados mostrou que o tom lexical era menos produtivo que o gramatical. Nesta língua verifica-se a expansão do tom alto no sentido da esquerda para direita envolvendo as moras dos constituintes que estão sob o domínio do mesmo sintagma fonológico. O estudo mostra também que a marcação do tom lexical deixa de ser relevante sobretudo nos verbos porque numa frase, todos os verbos têm a posição inicial preenchida por um prefixo de concordância com o sujeito com tom alto e, sistematicamente, o mesmo se expande para os constituintes seguintes até à penúltima mora do sintagma verbal. A expansão do tom alto apenas não ocorre a nível pós-lexical se a palavra seguinte tiver tom de nível alto contrastivo.

Descritos os sons da língua, analisou-se a morfologia do nome, sobretudo o sistema de classes e prefixos nominais e os seus prefixos de concordância com o sujeito, qualificador, possessivo e numeral. Desta descrição, verificou-se que os prefixos nominais exibem basicamente vogais com tom baixo e os de concordância os prefixos têm todos os tons altos.

A análise do verbo foi dividida em duas grandes partes, a saber, radical não derivado e derivado. A derivação é feita através de extensões verbais. Estas podem ser: causativa, applicativa, recíproca, passiva, frequentativa, contactiva, reversiva, estativa ou pseudo-passiva, posicional. No Changana corrente, a extensão posicional e contactiva são as menos produtivas de todas. O trabalho testou o modelo CARP proposto por Hyman (2002). Este

modelo determina a combinação e ordem de extensões verbais nas línguas bantu através de uma validação intra-morfológica em oposição a assunção segundo a qual a combinação e ordem de extensões verbais é validada na combinação entre a morfologia e a sintaxe (Baker 1985). A testagem do CARP permitiu concluir que este aplica-se parcialmente no Changana visto que não foi possível encontrar no corpus a combinação na mesma estrutura da extensão passiva e recíproca, bem como concluiu que a ordem da combinação causativa e aplicativa é rígida nesta língua, ao contrário do que sugere Hyman e Mchombo (1992). Na estrutura do verbo, a extensão verbal ocorre invariavelmente na posição pós-radical por isso, qualquer outro morfema que não se distribua dessa maneira foi retirado da lista das extensões verbais em Changana.

A morfologia flexional centrou-se na análise dos morfemas de tempo, aspecto e modo (TAM) e do relativo. A descrição destas categorias permitiu concluir que o Changana não distingue o passado recente do remoto nem o futuro próximo do distante. Ela exhibe o passado simples ou absoluto, o passado relativo e o passado anterior e suas variações aspectuais imperfectivas ao passo que o futuro é apenas o simples com as suas variações aspectuais imperfectivas. Os dados mostraram que é difícil distinguir as marcas do tempo e no aspecto no presente por isso o trabalho assume a posição de Bybee (1994) segundo a qual o tempo presente é categoria mais aspectual do que temporal.

A análise dos dados é acompanhada da apresentação da estrutura do verbo e de propostas de designação de cada categoria gramatical na estrutura do verbo. A análise de dados mostrou que das várias posições que podem ser ocupadas pelos constituintes do verbo, a posição pós-inicial é muito imprecisa pois, não poucas vezes podem ocorrer na mesma mais de quatro constituintes. Na sistematização da distribuição dos morfemas na estrutura do verbo, o trabalho defende que se deve acrescentar a posição pré-formativo, antes da do formativo e pós-formativo e que se deve reservar a posição pós-inicial apenas os morfemas

de passado anterior, passado relativo, passado imediato, negação, modo potencial e aspecto contínuo. Com o acréscimo desta posição, a estrutura do verbo em Changana tem 12 posições a saber: pré-inicial, inicial, pós-inicial, pré-formativo, formativo e pós-formativo; pré-radical, radical e pós-radical e pré-final, final e pós-final.

A última categoria analisada trata-se do modo. Reconhecendo a complexidade do estudo destas categorias, o estudo centrou-se em três modos, a saber: o modo subjuntivo, o modo imperativo e o modo potencial sem contar com o modo indicativo que foi todo o resto que fez na análise da morfologia flexional.

Lista de Abreviaturas

1pp	1ª Pessoa do Plural
1ps	1ª Pessoa do Singular
2pp	2ª Pessoa do Plural
2ps	2ª Pessoa do Singular
3pp	3ª Pessoa do Plural
3ps	3ª Pessoa do Singular
ADJ	Adjectivo
ADV	Advérbio
Alt	Alto
Ant	Anterior
ANT	Passado Anterior
APL	Aplicativa
ATR	Atributiva
Aux	Auxiliar
Bxo	Baixo
C	Consoante
CAUS	Causativa
Cent	Central
COM	Comitativo
COMP	Passado Composto
COMPX	Complexo
Cons.	Consonântico
CONT	Aspecto contínuo
Cont.	Contínuo
COP	Cópula verbal
Cor	Coronal

DEM	Demonstrativo
Distr	Distribuído
Estr.	Estridente
EV	Extensão verbal
EXCL	Exclusivo
F	Frase
Fon	Fonologia
FUT	Tempo Futuro
GEN	Genitivo
HAB	Habitual
Id.	Ideofone
IMED	Imediato
IMPR	Imperativo
INF	Infinitivo
INT	Intensiva
IPFV	Imperfectivo
ITER	Iterativa
Lab	Labial
Lat	Lateral
LOC	Locativo
Morf	Morfologia
MS	Marca de sujeito
Nas	Nasal
NEG	Negação
Obj	Objecto
Obstr	Obstruente
P	Pergunta

PART	Participantes
PAS	Passiva
PD	Prefixo Dependente
PFV	Perfectivo
PI	Prefixo Independente
POT	Potencial
PPAS	Pseudo-Passiva
Prep	Preposição
PRES	Presente
PRESCONT	Presente contínuo
PRESFACT	Presente factual
PRESHAB	Presente habitual
PRESXCL	Presente exclusivo
Pron.	Pronome
PSD	Passado
R	Resposta
REC	Recíproca
Rec	Recuado
REL	Passado Relativo
RFP	Regras de Formação de Palavras
Segm	Segmento
SIL	Silábico
SIMPL	Simple
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma preposicional
SUBJ	Subjuntivo
SV	Sintagma Verbal

TAM	Tempo, Aspecto e Modo
Temp	Advérbio de tempo
V	Vogal
VF	Vogal Final
Voz	Vozeado

DECLARAÇÃO

Declaro, por minha honra, que a dissertação que submeto à Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de doutoramento em linguística, nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer outro grau académico e que constitui resultado da minha investigação pessoal e independente, tendo indicado no texto e na bibliografia as fontes que usei.

O candidato

O supervisor

Agradecimentos

O presente trabalho não seria possível sem a participação directa e indirecta de várias pessoas individuais e colectivas.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus Pais por me terem posto neste mundo e por me terem educado e me levado à escola. Em especial, agradeço ao meu pai que faleceu dois meses antes de eu ingressar à universidade.

Em segundo lugar, agradeço a minha família nuclear, a minha esposa Inês Hunguana Langa e as minhas amadas meninas Lizete Nothisiyana Langa e Dayine David Langa pelo amor e calor incondicionais que transmitiam sempre que me revelasse desgastado pelos afazeres que a vida obriga e pela tese. Agradeço também aos meus irmãos e irmãs pela paciência, tolerância e compreensão da minha ausência parcial em convívios familiares e pelo incumprimento de algumas actividades que me são inerentes como irmão mais novo.

Em seguida, agradeço ao meu supervisor, Professor Catedrático Armindo Ngunga pelo seu empenho e paciência no decurso deste trabalho. Agradeço também a amizade que vem oferecendo ao longo destes anos. Extensivamente, agradeço ao Prof. Doutor Mateus Katupha por ter-se disponibilizado a assistir-me e fazer sugestões para o melhoramento do trabalho

Não posso deixar de agradecer em especial a todos os meus professores que me vêm acompanhando e me acarinhando ao longo destes anos na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, nomeadamente: Professor Catedrático Armando Jorge Lopes, Professora Catedrática Perpétua Gonçalves, Prof. Doutor Bento Siteo, Prof. Doutor Feliciano Chimbutana, Prof. Doutor Gregório Firmino, Prof. Doutor Henrique Nhaombe, Dra. Julieta Langa, Prof. Dr. Gilberto Matusse, Prof. Dr. João Gomes da Silva e todos os meus colegas da Secção de

Línguas Bantu, designadamente: Mestre Ezra Nhampoca, dra. Nelsa Nhantumbo, dr. Carlos Mucamisa, dr. Félix Tembe, dr. Gervásio Chambo, dr. Davety Mpiuka, dr. Pita Alfandega e dr. Henrique Mateus. Esta lista pode ser mais longa, mas importo-me de agradecer a todos os meus colegas de formação e de trabalho, entre eles, a Prof. Doutora Inês Machungo, Mestre Pércida Langa, dra. Rosa Mitelela, dr. Maurício Bernardo, dra. Nazia Bavo. Finalmente, o meu muito obrigado aos profissionais do Ministério de Educação, especialmente a Mestre Jorjete de Jesus, Dra. Maria Bona, Dra Celeste Matavele, Dr. Rafael Sendela, Dr. Vicente Bisqué, Dra. Laurinda pelo apoio e amizade.

Os meus agradecimentos são extensivos aos meus estudantes do curso de Licenciatura em Ensino das Línguas Bantu sobretudo aos das disciplinas de Linguística Descritiva das Línguas Bantu I, II e III, bem como aos estudantes de Noções de Linguística Bantu pela compreensão nos dias em que o docente se mostrava pouco disponível.

Para terminar, endereço o meu muito obrigado pela colaboração e fraternidade aos meus colegas da turma de doutoramento, nomeadamente, Geraldo Macalane e Isau Mangoya.

A todos os outros meus amigos e familiares que os não mencionei, os meus calorosos abraços.

Dedicatória

Ao meu pai Alberto André Seth Langa e minha mãe Joana Raúl Hon'wana, os meus professores da vida.

Muito obrigado!

Lista de Conteúdos

RESUMO	i
Lista de Abreviaturas	v
Declaração.....	ix
Agradecimento	x
Dedicatória	xii
Capítulo 1: Introdução	8
1.1. A língua objecto de estudo	10
1.2. Objectivo de estudo	11
1.3. Problema da investigação	11
1.4. Hipóteses	12
1.3. Relevância do estudo	12
1.5. Organização do trabalho.....	13
Capítulo 2: Revisão da literatura	15
2.1. Quadro teórico.....	15
2.2. Fonologia: principais conceitos operatórios.....	18
2.2.1. A sílaba.....	24
2.3. Morfologia: principais conceitos operatórios	26
2.3.1. Tempo.....	28
2.3.1. Tempo passado	31
2.3.2. Tempo presente	32
2.3.3. Tempo futuro.....	34
2.4. Aspecto.....	35
2.4.1. Tempo e Aspecto: semelhanças e dissemelhanças	38
2.5. Modo	42
2.6. Negação.....	44
2.7. Estrutura do verbo	45

2.7.1. Estrutura do verbo em bantu.....	45
2.7.1.1. Posição pré-inicial	47
2.7.1.2. Posição inicial.....	47
2.7.1.3. Posição pós-inicial.....	47
2.7.1.4. Posição formativo.....	48
2.7.1.5. Posição pós-formativo	48
2.7.1.6. Posição pré-radical	48
2.7.1.7. Posição radical.....	49
2.7.1.8. Posição pós-radical.....	49
2.7.1.9. Posição pré-final.....	49
2.7.1.10 Posição final	50
2.7.1.11. Posição pós-final	50
2.8. Conclusão	52
Capítulo 3: Metodologias	53
3.1. Sobre o projecto CROBOL	53
3.2. Abordagem	54
3.3. Entrevista.....	54
3.4. Revisão de literatura.....	55
3.5. Conclusão	56
Capítulo 4: Fonologia do Changana.....	58
4.1. Vogais.....	58
4.1.2. Processos fonológicos envolvendo vogais	61
4.1.2.1. Semivocalização	62
4.1.2.2. Coalescência ou Fusão	64
4.1.2.3. Elisão	66
4.2. Consoantes.....	67
4.2.1. Nasal homorgâmica	71
4.2.2. Elisão da nasal	73

4.2.3. Velarização.....	74
4.3. A sílaba.....	75
4.4. Tom em Changana.....	79
4.6. Conclusão	92
Capítulo 5: Morfologia nominal do Changana	94
5.1. Prefixos nominais do Changana	94
5.1.1. Classes 1 (mu-) e 2 (va-)	97
5.1.2. Classe 3 (mu-) e 4 (mi-).....	99
5.1.4. Classe 5 (ri-) e 6 (ma-).....	100
5.1.5. Classe 7 (xì-) e classe 8 (svì-).....	101
5.1.6. Classe 9 (yìN-) e classe 10 (tìN-)	102
5.1.7. Classe 11 (lì-) e Classe 10 (tìN-)	104
5.1.8. Classe 14 ((w)ù-).....	105
5.1.9. Classe 15 (ku-).....	105
5.2. Prefixos de concordância com o sujeito, possessivo e qualificador em Changana	107
5.3. Conclusão	114
Capítulo 6: Morfologia do verbo em Changana.....	116
6.1. Morfologia derivacional	116
6.1.1. Radical não derivado	117
6.1.2.....	Radical extenso
.....	120
6.1.2.1. Aplicativa (-el-)	124
6.1.2.2. Persistiva (-elel-)	127
6.1.2.3. Causativa (-is-)	128
6.1.2.4. Intensiva (-isis-).....	133
6.1.2.5. Contactiva (-et-).....	135
6.1.2.6. Iterativa/Frequentativa (-etel-).....	138
6.1.2.7. Passiva (-iw-).....	139
6.1.2.8. Pseudo-passiva (-ek-)	141

6.1.2.9. Recíproca (-an-)	143
6.1.2.10. Reversiva (-ul-/-al-)	145
6.1.2.11. Posicional (-am-)	147
6.1.3. Combinação e Ordem das extensões verbais em Changana	149
6.1.3.1. Combinação e ordem de duas extensões verbais	150
6.1.3.1.1. Combinação da Extensão Causativa (-is) e Aplicativa (-el-)	150
6.1.3.1.2. Combinação da Extensão Causativa (-is) e Pseudo-Passiva (-ek-)	152
6.1.3.1.3. Combinação da Extensão causativa (-is-) e Passiva (-iw-)	153
6.1.3.1.4. Combinação da extensão causativa (-is-) e recíproca (-an-)	156
6.1.3.1.5. Combinação da extensão aplicativa (-el-) e passiva (-iw-)	159
6.1.3.2. Combinação e ordem de três extensões verbais	162
6.1.3.2.1. Combinação e ordem de causativa (-is-) com aplicativa (-el-) e passiva (-iw-)	163
6.1.3.2.2. Combinação da Extensão causativa (-is-) com Aplicativa (-el-) e Recíproca (-an-)	164
6.2. Conclusões	165
6.3. Reduplicação verbal	166
6.4. Radical derivado de ideofones	172
6.5. Morfologia flexional: tempo e aspecto	179
6.5.1. Tempo passado em Changana	179
6.5.1.1. Tempo passado: forma afirmativa	179
6.5.1.2. Tempo passado: forma negativa	184
6.5.2. Aspecto verbal no passado em Changana	194
6.5.2.1. Aspecto perfectivo	195
6.5.2.1.1. Perfectivo simples	195
6.5.2.1.2. Perfectivo complexo: passado anterior	197
6.5.2.1.3. Passado anterior complexo (forma a- -(il)e)	201
6.5.2.1.4. Passado anterior complexo contínuo (forma -àha- -(il)e)	205
6.5.2.1.5. Passado anterior complexo imperfectivo imediato (forma -àhaku- -a)	208

6.5.3. Aspecto imperfectivo.....	211
6.5.3.1. Aspecto imperfectivo habitual.....	211
6.5.3.2. Passado anterior complexo imperfectivo contínuo (forma a-aha- -a).....	214
6.5.3.3. Passado anterior complexo imperfectivo exclusivo (forma a- -yo- -a)	218
6.6. Tempo presente	222
6.6.1. Presente factual.....	222
6.6.2. Presente habitual.....	225
6.6.3. Presente contínuo.....	228
6.6.4. Presente exclusivo	230
6.7. Tempo futuro.....	234
6.7.1. Futuro perfectivo	234
6.7.2. Aspecto imperfectivo.....	239
6.7.2. Aspecto imperfectivo contínuo.....	240
6.7.3. Aspecto imperfectivo exclusivo	244
6.7.4. Morfema relativo	248
6.7.5. Modo	251
6.7.3.1. Modo potencial.....	251
6.7.3.2. Modo subjuntivo.....	254
6.7.3.3. Modo imperativo	256
6.7.4. Distribuição geral dos morfemas na forma verbal em Changana.....	260
6.7.5. Conclusão	265
Capítulo 7: Conclusão	266
Bibliografia.....	272

Lista de tabelas

Tabela 1: Expressão do passado nas línguas bantu (Rose et al 2002: 62).....	31
Tabela 2: Algumas divergências entre tempo e aspecto.....	38
Tabela 3: Mutaka e Tamanji (2000: 173).....	46
Tabela 4: Meeussen (1967:108 - 110).....	46
Tabela 5: Traços distintivos das vogais.....	61
Tabela 6: Sistematização dos processos fonológicos envolvendo vogais.	67
Tabela 7: Consoantes da língua Changana.....	68
Tabela 8: Traços distintivos dos sonorantes.....	69
Tabela 9: Traços distintivos dos obstruentes.....	70
Tabela 10: Reconstituição das línguas bantu (Maho 1999a:247).....	95
Tabela 11: Quadro resumo dos prefixos nominais em Changana.....	96
Tabela 12: Prefixos de concordância em Changana.....	108
Tabela 13: Prefixo de concordância do sujeito.....	109
Tabela 14: Prefixo independente e possessivo.....	112
Tabela 15: Prefixo independente e Numeral.....	1133
Tabela 16: Prefixos de concordância do paradigma de conjugação verbal.....	1144
Tabela 17:..... Extensões verbais reconstituídas do proto-bantu	121
Tabela 18: Levantamento de extensões verbais em Changana.....	123
Tabela 19: Sumário das extensões verbais em Changana.....	148
Tabela 20: Constrangimentos fonológicos da afirmativa e negativa no passado.	188
Tabela 30: Distribuição dos morfemas do potencial afirmativo e negativo.....	253
Tabela 31 Distribuição dos morfemas do Subjuntivo afirmativo e negativo.....	255

Tabela 32: Distribuição dos morfemas do imperativo afirmativo e negativo	260
Tabela 33: Distribuição dos morfemas da forma verbal em Changana.....	262

Capítulo 1: Introdução

O presente trabalho faz um estudo sincrónico e descritivo da morfofonologia do verbo em Changana. Com base em dados empíricos recolhidos no campo, através de entrevistas e de consulta bibliográfica, o estudo apresenta e analisa os morfemas derivacionais e flexionais e sua distribuição na estrutura do verbo nesta língua.

O quadro teórico privilegiado na análise de dados é a morfologia e fonologia lexical (Kirpasky 1982, 1985), que defende a inter-relação entre a morfologia e a fonologia. Para além do quadro teórico anteriormente referido, e sobretudo porque a concatenação dos morfemas, desencadeia processos fonológicos, quer a nível segmental quer a nível suprasegmental (cf. Odden 1993), a pesquisa examina outros modelos. Por exemplo, através da fonologia autossegmental, analisa a expansão do tom na língua em estudo. Os dados indicam que o Changana é uma língua cujo tom se expande da esquerda para a direita, tanto no domínio lexical como no domínio pós-lexical, sendo representado em dois níveis: o subjacente e o de superfície. Ainda de acordo com os dados, o tom gramatical é mais relevante que o lexical.

A partir da análise estrutural da sílaba¹, concluiu-se que para além de sílabas abertas, que são as canónicas na língua, predominam, em alguns empréstimos lexicais, sílabas fechadas. Por outro lado, o “Ataque”, que é normalmente leve (i.e. que tem apenas um segmento [-sil]), pode ser pesado (i.e. com mais de um segmento [-sil]).

Em relação à estrutura do verbo, considera-se, no presente trabalho, que as posições disponíveis devem ser reclassificadas, nesta língua, passando de 10 lugares (cf. Meeussen 1967) e 11 lugares (cf. Mutaka e tamanji (2000) para 12 lugares segundo os resultados da análise de dados feita nesta dissertação.

¹ Sobre a estrutura da sílaba veja-se a secção 2.2.1 do presente trabalho

A descrição da morfofonologia do verbo teve em consideração o radical derivado e não derivado. Em relação ao radical derivado, foram analisadas as extensões verbais e a sua combinação. Sobre esta matéria, testou-se o modelo CARP (cf. Hyman 2002) que assenta no pressuposto segundo o qual, nas línguas bantu, a ordem para a combinação e ordenamento das extensões verbais é **Causativa**, **Aplicativa**, **Recíproca** e **Passiva** (i.e. CARP). Os dados do Changana mostram que não é possível combinar mais de três extensões verbais, pois as extensões recíproca e a passiva são mutuamente exclusivas, devido, principalmente, ao factor morfotáctico² (cf. Ngunga 2000).

O estudo dos morfemas flexionais consistiu na descrição das categorias (TAM). A análise incidiu sobre os tempos passado, presente e futuro; os valores aspectuais perfectivo e imperfectivo; e, por fim, os modos indicativo (não marcado), o imperativo, potencial e o subjuntivo. As três categorias gramaticais eram analisadas nas formas afirmativa e negativa. Em relação ao tempo passado, o trabalho conclui que esta língua não opõe morfologicamente o passado recente do remoto, mas sim o passado simples do anterior. No que respeita ao tempo presente, os dados evidenciam que a discussão teórica sobre a separação dos conceitos de tempo e de aspecto mantém-se acesa, porque no presente torna-se difícil separar morfologicamente as duas noções.

A ortografia usada na presente dissertação está em conformidade com o padrão estabelecido pelo NELIMO (1989), retomado e melhorado por Siteo e Ngunga (2000) e por Ngunga e Faquir (2011). Este padrão do changana foi harmonizado por

²Segundo Ngunga (2000), o factor morfotáctico determina que sufixo X deve preceder (ou seguir) sufixo Y

Sitoe et al (2003), com a inclusão dos dialectos falados em Moçambique e na África do sul.

Terminada a descrição dos aspectos gerais que norteiam a pesquisa, a subsecção que se segue apresenta a língua changana, objecto do presente estudo, e suas variantes. Em seguida, definem-se os objectivos, o problema da investigação e a sua hipótese, bem como a relevância do estudo.

1.1. A língua objecto de estudo

O objecto da presente dissertação é a língua changana, falada em Moçambique, na República da África do Sul e na República do Zimbabwe. Em Moçambique, o Changana é falado nas províncias de Maputo, Gaza, parte das províncias de Inhambane e Manica (NELIMO, 1989; Sitoe, 1996; Sitoe e Ngunga 2000). Na classificação de Guthrie (1967-71), esta língua pertence ao grupo Tshwa-Rhonga (S.50). Além do changana (S.53), fazem parte deste grupo outras duas línguas mutuamente inteligíveis, a saber, Tshwa (S. 51) e Rhonga (S.54).

De acordo com o relatório do Censo Geral da População, citado por Ngunga e Faquir (2011), a língua changana é falada por aproximadamente 1.600.000 falantes e apresenta as seguintes variantes:

- a) Xihlanganu (falada nos distritos de Namaacha, Moamba e Magude);
- b) Xidzonga (falada nos distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir);
- c) Xin'walungu (falada no distrito Massingir);
- d) Xibila (falada no vale do Limpopo e parte do distrito de Chibuto);

- e) Xihlengwe (falada nos distritos de Xai-xai, Manjacaze, Chibuto, Guija, Chicualacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculos e Guvuro.

De todas as variantes mencionadas acima, a variante Xidzonga é aquela que se considera de maior prestígio. Contudo, para efeitos do presente trabalho não se tomará uma variante particular, visto que o mesmo tem por finalidade fazer a descrição do changana na sua generalidade.

1.2. Objectivo de estudo

O presente estudo é guiado pelos seguintes objectivos:

- a) Identificar e analisar os constituintes do verbo em Changana;
- b) Testar modelos de descrição de línguas bantu, nomeadamente, a fonologia autossegmental (Odden 1993), o modelo CARP (Hyman 2002).
- c) Verificar o número de constituintes internos do verbo em Changana tendo como estrutura de referência (Meeussen 1976 e Mutaka e Tamanji 2000)

1.3. Problema da investigação

A identificação e análise dos constituintes do verbo em Changana será feita visando resolver o seguinte problema de investigação:

- Tendo como referência a estrutura do verbo nas línguas bantu (Meeussen 1967), como é que os constituintes (derivacionais e flexionais) do Changana se distribuem?
- Na estrutura do verbo, quantas posições o Changana apresenta?

- Como é que as extensões verbais são combinadas e ordenadas em Changana?

1.4. Hipóteses

A partir dos problemas acima , avançam-se as seguintes hipóteses:

- a) Os constituintes do verbo em Changana são realizados através de diferentes morfemas, quer derivacionais quer flexionais.
- b) Os morfemas flexionais, sobretudo os que expressam o tempo, o aspecto e o modo, podem ser expressos por suprasegmentos (i.e. o tom).
- c) Os morfemas derivacionais (extensões verbais) podem ser combinadas e ordenadas até quatro extensões verbais

1.3. Relevância do estudo

O estudo do verbo em Changana é relevante para a teoria linguística, em geral, porque permite a testagem e a validade ou não de alguns modelos de análise linguística, sobretudo das línguas bantu. Por exemplo, a partir da testagem da estrutura do verbo (Meeussen 1967, Mutaka e Tamanji 2000) é possível sistematizar os morfemas (derivacionais e flexionais) e as posições da sua ocorrência. Os dados do Changana sugerem que a posição pós-inicial (cf. Meeussen 1967) deve ser reformulada pois nela ocorre mais de um morfema flexional.

A pesquisa testa também o modelo CARP³ (Hyman 2002). Sobre este modelo, o estudo mostra que em Changana apenas se pode combinar até 3 extensões verbais, nomeadamente, a Causativa, a Aplicativa e Recíproca ou Passiva. Estas duas últimas são mutuamente exclusivas devido a factores morfológicos.

A partir da estrutura da sílaba nas línguas bantu, que é (C)V (cf. Meeussen 1967), o estudo prova que o Changana actual é uma língua que, em palavras emprestadas, apresenta sílabas fechadas.

A presente pesquisa recorre à Fonologia Autossegmental, que defende a independência do tom em relação a outros segmentos (cf. Odden 1993), para provar que o Changana é uma língua que, devido à expansão do tom da esquerda para a direita, o tom de superfície impõe-se ao tom subjacente.

Do ponto de vista da sua utilidade prática, o estudo poderá servir como um suporte documental útil, tanto para a educação formal bilingue, como para outros interessados na abordagem descritiva das línguas bantu, especialmente do changana.

1.5. Organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em sete capítulos, a saber: a introdução, que corresponde ao primeiro capítulo, onde se apresenta a língua de estudo, os objectivos, o problema da investigação e as suas hipóteses, bem como a relevância do estudo. O segundo capítulo faz a revisão da literatura; o terceiro debruça-se sobre a metodologia usada na recolha e análise de dados; o quarto analisa a fonologia da língua; o capítulo cinco está reservado ao estudo da morfologia do nome; o sexto

³ De acordo com Hyman (2002), a ordem de combinação e ordem das extensões verbais é CARP (Causativa, Aplicativa, Recíproca e Passiva) e para suportar essa posição usa os dados do Prot-bantu, Shona, Makhuwa e Chichewa.

capítulo tem como enfoque a morfologia do verbo em Changana. O sétimo capítulo apresenta as principais conclusões do estudo.

Capítulo 2: Revisão da literatura

O presente capítulo apresenta os principais conceitos operatórios usados nesta dissertação. Em primeiro plano, faz-se referência ao quadro teórico, cuja aplicação é exemplificada com base em dados do changana. Em seguida, apresentam-se os principais conceitos operatórios de fonologia e morfologia. Porque na estrutura do verbo ocorrem morfemas que expressam TAM, e uma vez que este constituinte é analisado na sua variação polar (i.e. afirmativo e negativo), a revisão de literatura contempla igualmente a discussão à volta das categorias **T**empo, **A**specto e **M**odo (TAM).

Esta revisão vai permitir identificar e apropriar-se de alguns conceitos operatórios que serão utilizados como recurso na dissertação aplicando-os aos dados empíricos da língua changana. Tais conceitos serão trazidos dos processos fonológicos e morfológicos da língua

2.1. Quadro teórico

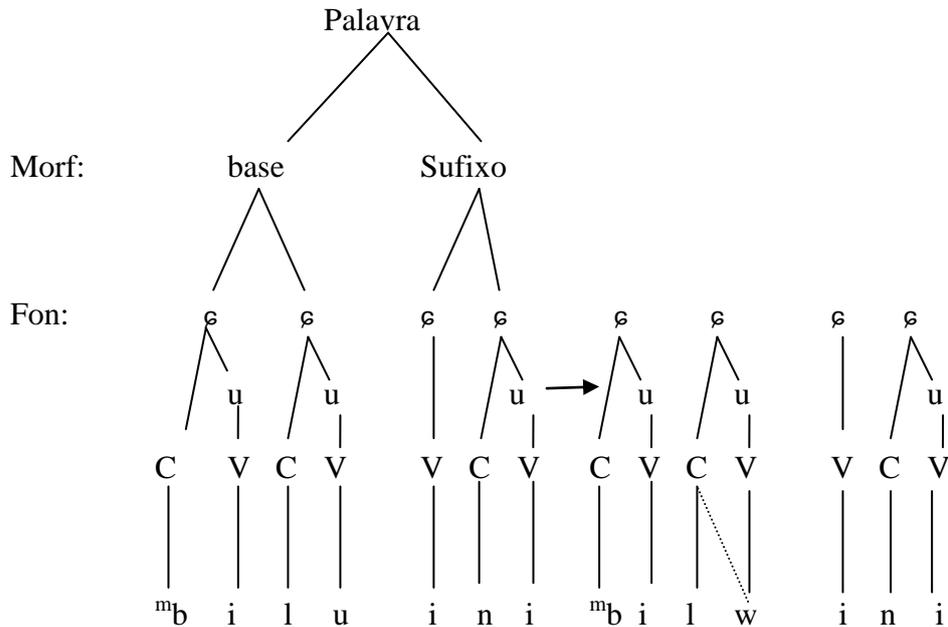
A dissertação assenta no quadro teórico da gramática generativa, no modelo da morfologia e fonologia lexical, sistematizado por Kirpasky (1982, 1985). Este modelo baseia-se no princípio segundo o qual as regras fonológicas aparecem em dois pontos distintos da gramática, nomeadamente, no léxico e no pós-léxico, numa relação tal que se uma regra da morfologia lexical é aplicada depois de uma regra de formação de palavras (RFP), então essa classe de regras é inerentemente cíclica (Kenstowicz 1994). O modelo foi usado em diversos estudos dentre os quais se destacam: Hyman

(1991), em *Fonologia e Morfologia Cíclica do Cibemba*; Ngunga (2000), em *Fonologia e Morfologia do Verbo em Ciyao*.

Apesar de o quadro teórico da morfologia e fonologia lexical ser recentemente um dos mais usados na análise linguística, Odden (1993) levanta a questão teórica da componente de interacção na Fonologia Lexical, baseando-se no gráfico da metáfora proposta por Kirpasky (1982), que pressupõe o seguinte: (i) Existe um nível de construção comum à Fonologia e à Morfologia; (ii) Há diferenças formais entre a Fonologia lexical e a Fonologia pós-lexical; (iii) Os níveis em que actua a Fonologia são os mesmos que os da Morfologia; (iv) A ciclicidade da aplicação das regras fonológicas deriva da interacção entre a Fonologia e a Morfologia lexical; (v) A Fonologia lexical não tem acesso ao *Resultado*, que é a Fonologia pós-lexical (a Sintaxe); e (vi) A Fonologia lexical e a Morfologia lexical interagem, permitindo que a Morfologia tenha acesso à informação Fonológica derivada da aplicação das regras fonológicas. O argumento central de Odden (1993) reside no ponto (iv), de acordo com o qual a ciclicidade é apenas uma afirmação teórica, pois outros modelos podem derivá-la, sem que necessariamente tenha havido uma interacção. Contudo, não rejeita a proposta da metáfora da Fonologia e Morfologia lexical (Kirpasky op.cit).

Descrito o quadro teórico em que se assenta o presente estudo, em (1) apresenta-se a sua aplicação, com base em dados do changana.

1) *mbilwini* (< *mbilù* + *ini*) ‘no coração’



onde: ε- sílaba, C – consoante, V – vogal, u-mora

O exemplo acima mostra as hierarquias da actuação da morfologia e da fonologia segundo o quadro teórico aqui adoptado. A palavra (*mbilwini* ‘no coração’) é formada através da junção à base nominal *mbilù* ‘coração’ do sufixo locativo *-ini*. Este constitui o nível em que actua a morfologia lexical, pois, quer a base quer o sufixo são ambos definidos ao nível do léxico. O nível seguinte (ε) é o da Fonologia, em que se formam as sílabas⁴ cujas terminais são os segmentos (Segm). A semivocalização consiste (i) no bloqueamento da ligação das características da vogal /u/, convertendo-a em semivogal [w] e (ii) a semivogal ora criada passa a ligar-se à consoante /l/, modificando-a em [lw]. Aqui, a actuação da morfologia e da fonologia ocorre a nível lexical, porque se realizou dentro da mesma palavra formada - a Fonologia lexical e a Morfologia lexical interagem, permitindo que a Morfologia tenha acesso à informação

⁴ Diferente do que acontece com a estrutura da sílaba proposta por Blevins (1996), que prevê que depois do nível da sílaba, a seguir a terminal da mesma são os segmentos, estrutura da sílaba aqui adoptada é a que defende que entre a sílaba e a sua terminal (os segmentos) existe o nível intermediário da mora (c.f. Ngunga 2000). Este nível é relevante porque permite dar conta do peso vocálico.

fonológica derivada da aplicação das regras fonológicas, conforme a teoria aqui adotada.

A análise de dados do Changana baseia-se principalmente neste quadro teórico. Contudo, não se deixa de fora a relevância do princípio orientador da Fonologia Autossegmental (cf. Odden 1993), que propõe a independência dos segmentos e do tom na análise fonológica, não existindo uma relação de um para um entre os segmentos e o tom.

2.2. Fonologia: principais conceitos operatórios

A Fonologia é definida como “o ramo da linguística que investiga a forma como é que os sons são usados sistematicamente nas diferentes línguas para formar palavras ou enunciados” (Katamba 1989: 1). A fonologia tem como unidade mínima da sua análise o fonema. Os segmentos são analisados em fonologia pelas suas características. Estes, por sua vez, são classificados segundo os traços distintivos do Padrão dos Sons do Inglês (The Sound Pattern of English – SPE) de Chomsky e Halle (1968). As maiores classes relevantes para a análise fonológica, segundo (cf. Katamba 1989: 42-55), citando o SPE são as seguintes:

(i) Classe consonântico e não-consonântico [+/- cons]: os sons consonânticos são produzidos com uma drástica restrição ao longo da linha central do tracto vocálico. Os sons não consonânticos são feitos sem essa obstrução. Os sons consonânticos são os obstruentes, nasais e líquidas, ao passo que as vogais e semivogais são não-consonânticos.

(ii) Silábico e não-silábico [+/- sil] : os sons silábicos são aqueles que podem ocupar a posição de núcleo de sílaba (sobre sílaba e sua estrutura vide 2.2.1. a seguir), ao passo que os sons não silábicos ocorrem nas margens da mesma. Deste modo, as vogais são os sons que mais frequentemente ocupam a posição de núcleo e algumas consoantes (nasais, por exemplo), quando silábicas.

(iii) Classe dos sons sonorantes e não-consonântico (obstruentes)[+/- son]: os sons sonorantes são produzidos com a disposição da cavidade bucal de modo a fazer facilmente vozeamentos espontâneos ao passo que na produção dos sons não-sonorantes (obstruentes) a disposição da cavidade bucal não permite vozeamentos espontâneos. As vogais, nasais e líquidas são sonorantes, ao passo que os oclusivos, fricativos e africados são obstruentes.

Os sons acima podem ser agrupados pelos seus traços, nomeadamente: (i) traços de cavidade, (ii) traços do corpo da língua, (iii) traços da raiz da língua, (iv) traços da faringe, (v) traços do modo de articulação e (vi) traços prosódicos. Nas linhas que se seguem descrevem-se as características dos traços aqui apresentados.

(i) **Traços de cavidade:** os traços de cavidade são os referentes aos pontos de articulação. Eles especificam onde é que houve modificação do fluxo do ar no tracto vocálico, na produção de um som particular. Os traços de cavidade podem ser:

(a) **Coronal e não-coronal [+/- coronal]:** na produção destes sons, a lâmina da língua (ponta da língua) levanta-se em direcção à frente dos dentes, na arcada alveolar ou palato duro. Para a produção dos sons

não-coronais, a ponta da língua mantém-se na sua posição neutra. Os sons com traço coronal são os seguintes: dental, alveolar, álveo-palatais, retroflexos e palatais. Os sons labial, velar, uvular e faringal são não coronais.

(b) **Anterior e não-anterior** [+/- **anterior**]: para a produção destes sons, a principal obstrução da passagem do fluxo do ar ocorre na parte anterior do aparelho fonador até à arcada alveolar, ao passo que na produção dos sons não-anteriores a maior obstrução ocorre na zona posterior à arcada alveolar. Assim, os sons labiais, dental e alveolares são anteriores e os outros não o são..

(c) **labial e não-labial** [+/- **labial**]: os sons labiais são aqueles em cuja produção são envolvidos os lábios; os outros cuja articulação não envolve os lábios são sons não-labiais. Assim, as vogais recuadas são labiais, porque na sua produção há um arredondamento dos lábios, da mesma forma que as oclusivas [p, b, m]. Os outros sons não são labiais.

(d) **Distribuído e não-distribuído** [+/- **distribuído**]: os sons distribuídos são feitos com a obstrução estendida para uma área consideravelmente longa da zona média do tracto vocálico; aí existe uma área larga de contacto entre os articuladores. Nos sons não-distribuídos essa área é menor. Esta característica é usada na distinção dos sons apicais e laminais. Nos sons apicais a ponta da língua entra em contacto com a parte frontal dos dentes ou com a zona alveolar ou alvéolo-palatal, ao passo que nos sons laminais é a lâmina da língua que entra em contacto com as mesmas áreas. Esta característica distingue também os sons labiais dos labiodentais. Os sons distribuídos

podem ser as fricativas bilabiais [ɸ β], as fricativas (lamino)alveolares ou simplesmente alveolares [s z], as fricativas álveo-palatais [ʃ ʒ]. Os sons não-distribuídos são as fricativas labiodentais [f v], as fricativas dentais [θ ð] e as retroflexas [ʂ ʐ].

(ii) **Traços do corpo da língua**

No SPE, a posição neutra do corpo da língua é a que se assume como local de produção da vogal média anterior. As outras configurações da língua são regidas por normas.

(a) Alto e não-alto [+/- alto]: os sons altos são produzidos com a língua levantada da sua posição neutra, ao passo que os não-altos se produzem com o corpo da língua baixo. Os sons altos são vogais como [i, u], as semivogais [w j] e as consoantes velares. Todas as outras consoantes são classificadas como não-altas.

(b) Baixo e não-baixo [+/-baixo]: os sons baixos são produzidos com a depressão da língua abaixo da sua posição neutra no tracto vocálico. Os sons não-baixos produzem-se sem essa depressão. As vogais abertas [a ɔ ɒ] e as consoantes farinais [ŋ] e [ʀ] são classificadas como baixas.

(c) Recuado e não-recuado [+/- recuado]: são os sons produzidos com a retração do corpo da língua em relação à sua posição neutra. Os sons produzidos com a língua avançada são considerados não-recuados. Esta característica distingue as vogais recuadas [u o ɔ] das não-recuadas [i e ε].

(d) Sucção velar e não sucção velar [+/- sucção velar]: esta característica é usada para distinguir os cliques [⦿] dos outros sons.

(iii) Traços da raiz da língua

No tracto vocálico, alguns sons podem ser produzidos com o ajustamento da raiz da língua quer avançando ou retraindo-se, de modo que o tracto vocálico seja mais longo ou mais retraído. Esses ajustamentos determinam o tipo de som produzido. Os sons que são produzidos com o avanço ou retração do corpo da língua são os seguintes:

(a) Raiz da língua avançada e não-raiz de língua avançada [+/- ATR]: na produção destes sons a raiz da língua avança permitindo uma ressonância na zona faríngea e, ao fazer esse movimento, o corpo da língua também avança. Se a raiz da língua não avança, a língua mantém-se na sua posição neutra. As vogais [i, e, o] são produzidas com a raiz da língua avançada, enquanto as vogais [ɪ, ɛ, ɔ] se articulam com a raiz da língua na sua posição neutra.

(b) Raiz da língua tensa ou relaxada [+/- tenso]: este traço foi sempre considerado controverso porque, segundo Halle e Clements, citados por Katamba (1989), esta característica não foi provada como sendo distintiva para o caso do Inglês. A característica em referência distingue as vogais breves das longas [a a:]. No caso de algumas línguas bantu, por exemplo, o Makhuwa (omala ‘acabar’ e omaala ‘calar-se’), este traço é distintivo.

(iv) Traços de faringe

(a) **Glotes distribuído e não-distribuído** [+/- **distribuído**]: esta característica tem a ver com o vozeamento e a aspiração dos sons. Os outros sons diferentes dos anteriormente mencionados não são distribuídos.

(b) **Constricção glotal e não-constricção vocal** [+/- **constr**]: os sons com estas características são os glotalizados, nomeadamente, os implosivos, ejectives, consoantes glotalizadas e laringalizadas, bem como as vogais glotalizadas e semivogais. Todos os outros sons são [-constr].

(c) **Vozeado e não-vozeado** [+/- **voz**]: os sons vozeados são produzidos com uma vibração periódica das cordas vocais, ao passo que nos não-vozeados as cordas vocais não vibram.

(v) Traços de modo de articulação

Os traços do modo de articulação têm a ver com a forma como o ar é obstruído na produção das consoantes.

(a) **Contínuo e não-contínuo** [+/- **cont**]: os sons contínuos são produzidos com uma obstrução parcial do fluxo do ar na sua passagem pelos articuladores. Assim, os sons africados, laterais, nasais e consoantes orais são não-contínuos, ao passo que todos os outros são contínuos.

(b) **Lateral e não-lateral** [+/- **lateral**]: na produção dos sons laterais, o fluxo de ar é obstruído num dado ponto e o ar sai por ambas as bordas da língua [l].

(c) **Nasal e não-nasal [+/-nasal]:** na produção destes sons a úvula abaixa-se permitindo que o fluxo do ar saia pela cavidade nasal produzindo sons nasais; e quando a úvula se levanta, o fluxo do ar passa pela cavidade bucal permitindo a produção de sons orais.

(d) **Estridente e não-estridente [+/-estridente]:** este traço apenas caracteriza os sons fricativos e os sons africados. Estes sons são caracterizados por produzir mais ruído que os outros.

(vi) **Traços prosódicos:** as características prosódicas normalmente são associadas ao acento e ao tom; com a sílaba são difíceis de descrever, embora a sua relevância fonológica seja clara. Esta característica é aplicável à duração vocálica do acento e tom.

O encontro entre os morfemas na estrutura do verbo faz com que partilhem características fonológicas ou traços fonológicos. A esse processo de partilha de características ou traços fonológicos pelos segmentos vizinhos designa-se de *processos fonológicos*.

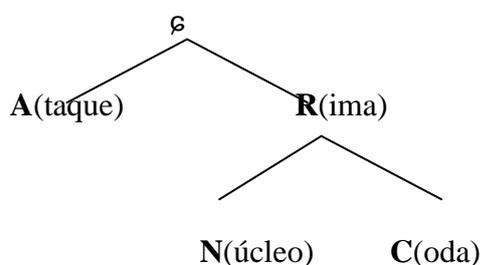
2.2.1. A sílaba

A sílaba é definida como a mais pequena unidade da fala Ladefoged (1989). Katamba (1989: 175-176) diz que tradicionalmente “a maior distinção entre as sílabas encontradas no mundo é feita entre a sílaba aberta e sílaba fechada. A sílaba fechada é a que termina por uma consoante e a aberta aquela que termina por uma vogal”.

Segundo Ladefoged (1989:248) “a sílaba pode ser dividida para fins descritivos por Ataque e Rima. O Ataque pode ser qualquer segmento, excepto uma

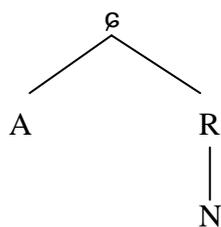
vogal ou nasal silábica. A Rima pode ser dividida em Núcleo, que é a parte vocálica, e Coda, que consiste em uma consoante final”. Ela é uma unidade suprasegmental porque situa-se a nível superior ao dos segmentos (cf. Ngunga 2004). Ao longo do desenvolvimento da Linguística como ciência, a estrutura da sílaba foi apresentada de formas diferentes, nomeadamente, a que colocava os constituintes sem nenhuma hierarquia (tradicional) e a que os coloca em hierarquias (generativista). A estrutura apresentada a seguir é a que considera os constituintes da sílaba em hierarquias:

2) Estrutura da sílaba (Mateus e Andrade 2000)



Mateus e Andrade (2000) consideram a estrutura acima como a que melhor dá conta da sílaba na língua portuguesa. Contudo, os estudos em bantu sugerem que, uma vez que estas línguas exibem preferencialmente sílabas abertas (cf. Meeussen 1967, Hyman 1975, Ngunga 2000), e porque para a análise fonológica o conceito de coda é pouco relevante (Katamba 1989), sugere-se uma estrutura da sílaba que contenha apenas o Ataque e a Rima conforme se pode ver abaixo:

3) Estrutura da sílaba (Katamba 1989)



Na estrutura acima apresentada, o ataque (A) pode ser qualquer consoante ou qualquer segmento com o traço [-sil] e a Rima é constituída apenas pelo núcleo. Hyman (1975) usa o conceito de mora (peso fonológico) para explicar que o núcleo da sílaba pode ser leve ou pesado, conforme seja preenchido por uma vogal breve ou vogal longa, respectivamente. Sendo o Changana uma língua bantu, a estrutura em (3) é a aqui adoptada como preferencial. Contudo, os dados desta língua mostram que, no caso de alguns empréstimos lexicais, as sílabas podem ser fechadas, i.e. a sílaba apresenta-se com Ataque, Rima e Coda. Assim, nestes casos, a estrutura em (2) deve ser considerada. O conceito de sílaba é relevante no presente estudo, considerando-se, por um lado, que alguns processos fonológicos operam a nível da sílaba e, por outro, que a operação de alguns processos fonológicos reflecte-se ao nível da sílaba.

2.3. Morfologia: principais conceitos operatórios

O termo *morfologia* é constituído por duas formas, designadamente, *morfo* ‘forma’ e *logia* ‘ciência’. Em linguística, morfologia refere-se à “análise das formas que uma palavra de uma dada língua pode assumir” (Faria et al 1996:215). Como parte da ciência da linguística, a morfologia analisa as formas da palavra, ou melhor, as alterações sistemáticas na forma dessas unidades, alterações essas que estão

relacionadas com mudanças no sentido das mesmas (Faria et al 1996). A unidade mínima de análise da morfologia é o morfema (cf. Spencer 1991). Os morfemas podem ser livres ou presos. Designam-se por morfemas livres as unidades lexicais com independência sintáctica e os morfemas presos ou ligados as unidades lexicais sem autonomia sintáctica, que só ocorrem adjuntos a outros morfemas. Os morfemas podem-se juntar a uma base ou raiz (a parte que transporta o significado básico da palavra), por prefixação (quando o morfema ocorrer antes da raiz), e por sufixação (quando o morfema ocorre depois da raiz). No verbo, podem ocorrer tanto os prefixos como os sufixos ou ambos ao mesmo tempo. Os morfemas podem ser derivacionais ou flexionais. A principal diferença entre estes dois tipos de morfemas reside no facto de a afixação dos morfemas derivacionais resultar em novas palavras e a afixação dos morfemas flexionais resultar em formas de palavras (cf. Bauer 1983, Spencer 1991, Anderson 1992). Dos tipos de morfemas acima apresentados, “os derivacionais são os que mais interagem de alguma forma com a sintaxe, enquanto os flexionais, sobretudo os morfemas que expressam o tempo, o aspecto e o modo, pouco têm a ver com a função sintáctica” (Spencer 1991:26). A presente dissertação faz uma descrição dos dois tipos de morfemas. Contudo, a análise dos morfemas derivacionais é feita na sua relação com os outros constituintes internos de palavras (i.e. morfologicamente) e não na sua relação com a sintaxe, como preconiza o quadro teórico de Lexical Functional Grammar (Bresnan 1982).

A análise de morfemas é feita tendo em conta dois níveis, a saber: (i) o nível abstracto e (ii) o nível concreto ou da sua realização. O primeiro nível representa apenas a ideia do morfema (Ex: o morfema do tempo passado **-IL-E** *afambile* ‘foi’ em Changana) e o segundo nível representa a actualização do mesmo (Ex: os alomorfes de **-IL-E**, que são **-ile** (*afambile* ‘foi’) e **-e** (*afambe* ‘foi’)). Neste último nível, é

importante definir os contextos que determinam a alomorfomia. Por exemplo, e usando o morfema do passado acima representado, *-ile* ocorre na posição final da frase ao passo que *-e* comparece na posição intermédia da frase.

Para o estudo da morfologia do verbo em Changana, é importante que se tenha em mente o conceito de morfologia porque a análise descritiva do verbo é feita com base nas pequenas partes que a constituem (morfemas). Estes, ao ocorrerem uns ao lado dos outros, podem desencadear processos fonológicos que fazem com que a identidade das formas se perca na palavra formada. Em seguida discute-se uma das categorias TAM, o tempo.

2.3.1. Tempo

As abordagens em torno das categorias gramaticais tempo e aspecto têm vindo a ser desenvolvidas ao longo de séculos e ainda hoje os estudiosos reclamam a existência de uma teoria geral para elas, relacionando fenómenos das línguas naturais. Binnick (1991: 3), por exemplo, escreveu: “estamos perdidos à procura de subtítulos para tempo e aspecto”. Apesar de vários estudos feitos ao longo dos anos sobre esta matéria, ainda se verifica uma certa insatisfação por não ter sido possível dar-se conta das diferentes maneiras como o tempo é expresso nas várias línguas do mundo. A discussão sobre o tempo remonta da antiga Grécia, onde, embora se tenha estabelecido a divisão tripartida do tempo em termos de passado, presente e futuro, a representação destas três divisões pelas categorias linguísticas continua muito discutível. Assim, apenas o passado e o futuro é que são considerados como tempos concretos, enquanto o presente é tido por intervalo de duração variável e indefinida. Compara-se o presente ao termo “agora”, que é apenas um ponto de referência, na

medida em que quando se diz “este século”, por exemplo, não se pretende necessariamente dizer “agora”, mas um intervalo de tempo. Aristóteles assume que existem, de facto, dois tempos, nomeadamente, o passado e o futuro e considera que o presente (“agora”) não é totalmente parte de tempo, rejeitando a ideia de que o presente pode ser um intervalo (Binnick 1991).

No presente estudo, a noção de tempo deve ser entendida de duas maneiras diferentes. Segundo Vários (2004: 1483), dentre diversos sentidos, a palavra tempo significa “sucessão de momentos, horas, dias, anos em que se desenrolam os acontecimentos; parte da duração ocupada por acontecimentos”. Assim, *o tempo* é uma categoria extralinguística porque existe no mundo real em que vivemos. Para além do sentido anterior, a palavra *tempo* designa “categoria gramatical que indica o momento em que a acção se realiza”. Neste sentido, o tempo indica uma categoria extralinguística existente no mundo exclusivamente linguístico. Para efeitos desta pesquisa, utiliza-se a expressão *tempo gramatical*, para se referir ao tempo como uma categoria linguística, e *tempo* para se referir ao tempo como realidade extralinguística.

O tempo gramatical é definido como “uma categoria deíctica que situa os eventos no tempo, nomeadamente, no passado, no presente e no futuro tomando como referência o momento presente embora se possa usar outras situações como referência” (Comrie 1976:5).

A definição de tempo gramatical apresentada por Comrie (1976) é, em parte, validada por vários autores (Binnick 1991, Bybee et al 1994, Katamba 1994, Maulen 1995, Spencer 1991), na relação que se estabelece entre o mundo linguístico e o mundo extralinguístico. Já Comrie (1985:1) afirma que “tempo gramatical é a gramaticalização da marcação do tempo” e acrescenta que os tempos gramaticais mais frequentes nas línguas do mundo são o passado, o presente e o futuro. Na morfologia

de muitas línguas, por exemplo, estes três tempos aparecem frequentemente como distintos, embora tal não se possa considerar universal, havendo sistemas onde a distinção se faz apenas entre passado e não-passado (presente e futuro) e outros onde se marca a distinção entre futuro e não-futuro (Katamba 1994:220). Contudo, Bybee et al (1994) considera que a noção do tempo (gramatical) presente é tão abstracta que leva a afirmar que este não é tempo gramatical na medida em que “cobre diferentes tipos de situações imperfectivas tendo como referência o momento de enunciação” (Bybee et al 1994: 126).

Este tipo de discussão multiplica-se, e os tempos gramaticais que parecem consensuais na literatura são o passado e o futuro, sendo que o primeiro é “uma categoria flexional que ocorre antes do momento de enunciação” (Haspelmath 2002:273) e o segundo é “uma categoria flexional que ocorre depois do momento de enunciação” (Haspelmath 2002:270). Geralmente, o tempo gramatical indica o tempo da predicação em relação a um momento particular. Esse momento é normalmente a altura em que se fala ou se escreve (por exemplo, o tempo indica tanto se o evento tomou lugar antes do momento de enunciação – tempo passado; contemporâneo ao momento de enunciação – tempo presente; e subsequente ao momento de enunciação – tempo futuro (Katamba 1994).

Segundo Mutaka e Tamanji (2000), em muitas línguas bantu, o tempo é lexicalizado e pode compreender várias divisões que podem ser expressas através de diferentes morfemas independentes⁵. Vários autores (Ex.: Beshu, 1989a; Mreta, 1998; Nurse, 2003; Poulos, 1990), nos seus estudos sobre a morfologia do verbo em bantu,

⁵ Refira-se que segundo estes autores, a marcação de tempo através de morfemas livres não é muito frequente ou acontece em muito poucas línguas (Mutaka & Tamanji 2000:184).

são unânimes ao considerarem três tempos gramaticais principais, a saber, o passado, o presente e o futuro.

Em relação às distinções do tempo, o Changana é uma língua que, de forma clara, distingue morfologicamente o tempo passado e o tempo futuro. As dúvidas inerentes à categorização do presente acima levantadas permanecem nesta língua. Como os dados provam, no tempo presente, é difícil distinguir os morfemas que expressam o tempo dos que expressam o aspecto. Por isso, considera-se que o presente exibe traços morfológicos e semânticos mais aspectuais que temporais, em Changana.

2.3.1. Tempo passado

Nas línguas bantu, a organização dos eventos no tempo varia de língua para língua. De acordo com Rose et al (2002), as línguas bantu diferenciam-se quanto ao número de sistematicidade das distinções de tempo. O tempo passado pode ser subdividido em vários graus de simetricidade tal que, nas cerca de cem línguas estudadas por estes autores, se indica de um a quatro tempos passados, dos quais cada língua actualiza dois ou quatro tempos passados. A tabela que se segue sistematiza as divisões do tempo passado nas línguas bantu:

Tabela 1: Expressão do passado nas línguas bantu (Rose et al 2002: 62).

1 Passado	2 Passados	3 Passados	4 Passados	
Passado	Hoje	Hoje	Agora (imediate)	
		Ontem	Hoje	
	Antes de “hoje”	Antes de “ontem”	Ontem	Ontem
			Antes de “ontem” (remoto)	

Existem muitas maneiras diferentes de se referir a estas formas de passado. A tabela acima mostra que, por exemplo, as línguas com três passados distinguem passado recente (hoje), passado médio (ontem) e passado remoto (anteontem). Rose et al (2002) frisam que nas suas experiências, as referências do tempo passado são muitas vezes relativas, i.e., “os eventos no passado recente estão próximos dos eventos no médio (mas não necessariamente restritos para hoje), e esses no médio estão próximos do remoto” (p.62).

Em Changana, como se verá, através de teste de advérbio, no capítulo da análise de dados, referente ao tempo passado, o tempo passado é marcado pelo morfema bimórfico *-(il)e* sufixado na posição final da estrutura do verbo na forma afirmativa. Este morfema marca também o aspecto perfectivo, pois usualmente ocorre para descrever eventos que tiverem iniciado e terminado, i.e., perfectivos.

2.3.2. Tempo presente

Esta categoria temporal é uma das mais discutidas e controversas na literatura. Rose et al (2002:35) definem o tempo presente como “a forma que tipicamente se refere ao tempo em que o evento é simultâneo ao momento de enunciação”. Em seguida, eles afirmam que normalmente, o presente pode ter outros usos como, por exemplo:

- (i) Pode ser usado para expressar a expectativa em relação a eventos futuros em que a futuridade do evento esteja claramente expressa pelo contexto;
- (ii) Pode ser usado para se referir a eventos passados narrativos em que a sequência dos eventos, em si, está descrita no presente (presente histórico).

Comentando os usos do tempo presente acima referenciados, Rose et al (2002) dizem que “ esta característica faz com que alguns autores, por exemplo Comrie (1985), considerem o tempo presente como uma categoria que expressa o tempo como referencial, temporal, deíctico”. Por seu turno, Bybee (1994:126) considera o tempo presente como uma categoria aspectual porque “cobre vários tipos de situações imperfectivas com o momento de enunciação”.

Este debate nas abordagens do tempo presente reflecte-se nas discussões deste valor temporal em bantu. A título de exemplo, Rose et al (2002) afirmam que os morfemas gramaticais que expressam (aqui e agora) são considerados como sendo formas temporais ou formas aspectuais, mas não como uma categoria, claramente, temporal do presente. Esta ambiguidade ou flexibilidade do conceito de tempo e da sua expressão morfológica tem implicações para as formas do tempo presente que não tenham um morfema específico que as marca (morfema zero). Sendo o presente um período de tempo muito curto, e sendo muito óbvio para os participantes na conversação que a acção decorre no presente, não é preciso marcá-lo através de um morfema. Para os participantes, o que é mais importante em relação ao tempo de referência é como é que a acção é distribuída ao longo do tempo presente (Rose et al 2002). Daí que as formas do tempo presente marcadas pelo morfema zero ou que não são marcadas por nenhum morfema sejam problemáticas, pois a marcação do morfema zero pode ser interpretada como perfectivo. Contudo, esta forma inclui o sentido genérico⁶, que pode ser interpretado como aspectualmente inerente. Consequentemente, a interpretação correcta do tempo presente é contextualmente dependente.

⁶ O presente genérico é tipicamente aspectual na medida em que descreve eventos que decorrem ao longo dos tempos, i.e., passado, presente e futuro (Rose et al 2002:35).

Os dados do Changana, como se verá na secção reservada à discussão dos dados do tempo presente, no capítulo 6, exibem basicamente dois presentes: um presente genérico ou habitual marcado pelo morfemas *-a-*, que ocorre na posição pós- inicial, e um presente pontual, marcado pelo morfema zero, na mesma posição, na estrutura do verbo. O primeiro presente é claramente aspectual ao passo que o último é temporal, no sentido Comriano.

2.3.3. Tempo futuro

O tempo futuro é “a categoria de tempo que se refere à ocorrência de eventos depois do momento de enunciação” (Rose et al 2002:34). Estes autores afirmam que, no geral, as línguas bantu têm cerca de zero a cinco tempos futuros, que se podem distinguir da seguinte maneira:

- (i) Futuro imediato (o evento terá lugar nos próximos poucos minutos)
- (ii) Futuro hodierno (hoje ou actualmente)
- (iii) Futuro próximo (normalmente hodierno)
- (iv) Futuro médio (normalmente refere-se a eventos que tomarão lugar no dia seguinte ou nos próximos dias) e;
- (v) Futuro Distante: (normalmente ocorre depois do médio, mês seguinte, ano seguinte, etc., dependendo de número de futuros que existem na língua.

Para o caso do Changana, o teste de advérbio vai mostrar que esta língua exhibe apenas um futuro, que é expresso morfologicamente pelo morfema *-ta-* na posição pós-inicial.

Outra categoria relacionada com o tempo gramatical é o aspecto. A diferença entre o tempo gramatical e o aspecto reside na forma como cada uma das categorias se relaciona com o tempo (extralinguístico).

2.4. Aspecto

De acordo com Botne (1987), o estudo de tempo e aspecto é muitas vezes perplexo e complexo, não apenas pelo número de morfemas envolvidos, mas também pela sutileza e nuances dos seus significados. A definição de tempo e aspecto como categorias gramaticais não é questionada na literatura. Contudo, os termos usados para classificar os diferentes tipos de valores aspectuais, sobretudo imperfectivos, parecem ser controversos.

O tempo gramatical é uma categoria deíctica (que localiza as situações no tempo extralinguístico, tomando como referência o momento presente, embora se possa referir a outros momentos), ao passo que o aspecto não tem a ver com a relação entre o tempo e a situação, mas com os constituintes temporais internos de uma situação (Comrie 1976). O aspecto pode ser perfectivo ou imperfectivo (Binnick 1991, Bybee et al 1994, Katamba 1994, Spencer 1991). “O aspecto perfectivo refere-se a situações completas com começo, meio e fim” (Comrie 1976:18), enquanto “o aspecto imperfectivo é aquele que descreve eventos em progresso em relação a um ponto de referência particular, seja no passado ou no presente, ou pode ser visto como uma característica de período de tempo, isto é, uma situação habitual (Bybee et al

1994: 125-126)”. Existem várias distinções do aspecto imperfectivo, como por exemplo, progressivo⁷, contínuo⁸, habitual⁹, iterativo¹⁰, frequentativo¹¹.

Apesar de praticamente haver consenso entre os diferentes autores que se dedicam a pesquisas em torno das línguas bantu sobre as duas maiores distinções aspectuais, isto é, perfectivo e imperfectivo, tal não parece ser o caso em relação à conceitualização dos diferentes aspectos imperfectivos. Nurse (2003), por exemplo, considera que os termos latinizados usados acima (progressivo, contínuo, habitual, etc.) “são confusos e pouco transparentes em comparação com a tripartição do tempo em passado, presente e futuro. Para Bybee et al (1994), as distinções dos aspectos imperfectivos usando termos latinos é clara, mas não é clara a divisão tripartida do tempo uma vez que, para esta autora, o tempo presente é mais uma categoria aspectual do que temporal. Para minimizar a “confusão” na distinção dos diferentes aspectos imperfectivos, Nurse (2003) apresenta as seguintes distinções de oposições do aspecto:

- (i) o aspecto imperfectivo contrasta com o aspecto perfectivo (anterior);
- (ii) o aspecto progressivo contrasta com o habitual;
- (iii) o aspecto persistente parece um aspecto típico das línguas bantu.

⁷ “O aspecto progressivo deve ser visto como descrevendo actividades que estão a decorrer num determinado tempo extra-linguístico de referência. É tipicamente usado para descrever acções que requerem um constante *input* de energia para ocorrerem. Por exemplo, *Sara está lendo vs *Sara está sabendo a resposta*. A segunda frase é inaceitável porque saber é um verbo estatitivo enquanto o primeiro *ler* é dinâmico” (Bybee a tal. 1994:126).

⁸ O aspecto contínuo é considerado mais geral ou mais abrangente que o aspecto progressivo porque pode ser usado para situações que estão em progresso, mas em adição com verbos com predicados estativos. Assim, o aspecto contínuo descreve a situação, tanto com os predicados dinâmicos como com os predicados estativos, como estando em progresso num determinado tempo de referência (Bybee et al. 1994:1267).

⁹ O aspecto habitual descreve actividades cuja característica se estende por um longo período de tempo, como uma característica de todo o período (Bybee et al. 1994:127).

¹⁰ O aspecto iterativo descreve eventos que se repetem numa ocasião particular. A noção de iterativo tem a ver com predicados télicos – aqueles que têm um fim claramente delimitado. Em algumas gramáticas é também chamado repetitivo (Bybee et al. 1994:127).

¹¹ O aspecto frequentativo inclui significados progressivos – de que as situações dinâmicas são características de um período de tempo, mas adicionam o significado que são frequentes durante esse período de tempo (Bybee et al. 1994:127).

Nurse (2003) considera que a vantagem de reduzir os diferentes aspectos a um quadro mais simplificado é a de torná-los mais transparentes. A desvantagem é que o quadro, sendo mais simplificado, pode ignorar outras categorias aspectuais pouco comuns.

Neste trabalho, serão consideradas três oposições aspectuais, como Nurse (2003) sugere, sem se deixar de lado as outras categorias aspectuais existentes na língua. Nurse (2003) afirma que o aspecto perfectivo (PFV) apresenta o evento claramente limitado no tempo, sem as divisões internas do evento. Acrescenta que embora o PFV possa ocorrer no futuro, muitas vezes, ocorre no passado e é, normalmente, expresso por um morfema. O aspecto imperfectivo (IPFV) tem a ver com os constituintes internos dos eventos. Eles descrevem eventos que ocorrem durante muito tempo que não sejam pontuais.

2.4.1. Tempo e Aspecto: semelhanças e dissemelhanças

Conceitualmente, Macalane (2009:182) apresenta a seguinte síntese das divergências entre tempo e aspecto:

Tabela 2: Algumas divergências entre tempo e aspecto

Tempo	Aspecto
O tempo é uma categoria relacional ou indexal: localiza o momento de ocorrência da situação em relação ao momento de enunciação ou qualquer outro ponto tomado como “tempo referencial ou de ancoragem”.	O aspecto, pelo contrário, diz respeito à perspectiva temporal interior de uma dada eventualidade, concentrando-se unicamente no intervalo de tempo em questão.
O tempo tem um carácter deíctico: assenta no presente enunciativo como um marco de referência em relação ao qual podem ser determinados um <i>antes</i> e um <i>depois</i> .	O aspecto é uma categoria “autónoma” em termos referenciais.
O tempo aborda as situações ou estados de coisas de um modo essencialmente “exterior”, encarando-as com um todo “atômico”.	O aspecto perspectiva as situações a partir do seu “interior”, analisando-as subatomicamente.
Alguns advérbios limitam-se a determinar uma mera localização temporal para eventos, sem grandes consequências ao nível aspectual	As classes aspectuais são uma propriedade típica do aspecto.

(Fonte: Macalane 2009:182)

Apesar de divergentes, as noções de tempo e aspecto apresentam propriedades que as aproximam do ponto de vista conceitual. “Os tempos gramaticais determinam não só o tempo, mas também valores aspectuais: o perfeito e o imperfeito, remetendo ambos para o mesmo eixo do passado, constituem, em certos casos, a realização da oposição aspectual entre o perfectivo e o imperfectivo” (Macalane 2009:183). Para efeitos do presente trabalho, a propriedade acima descrita afigura-se pouco

operacional porque o quadro conceitual de referência assume que a noção de perfeito e imperfeito, embora em algumas gramáticas se considere temporal, ela é exclusivamente aspectual, na medida em que não apenas localiza os eventos ou situações no mundo extralinguístico, como também, internamente, dá conta do seu decurso.

A segunda propriedade que relaciona o tempo e o aspecto, avançada por Macalane (2009: 183), é de que “alguns advérbios ou expressões temporais que exprimem duração são sensíveis a certas propriedades aspectuais: por exemplo, advérbios do tipo *Em X Tempo* seleccionam preferencialmente situações télicas, enquanto os advérbios durativos do tipo de *Durante X Tempo* são compatíveis com situações atélicas”. O presente estudo corrobora, em parte, com a descrição desta propriedade, pois as propriedades aspectuais são sensíveis não apenas aos contextos sintácticos, mas também à semântica de cada verbo particular. Em muitas línguas, os verbos constituem a classe gramatical que mais expressa eventos relacionados com o tempo, pois estes podem desencadear processos morfossintácticos diferentes. De entre as várias classificações semânticas de verbos, destacam-se aquelas que os consideram como estativos, involuntários, corpóreos, de movimento, posicionais, de acção, de acção-processo, factivos, cognitivos, sensoriais, emotivos, enunciativos e manipulativos (cf. Payne 1998). Langa (2008), demonstrou que a ocorrência de um dado morfema aspectual tem implicações semânticas diferentes em função do tipo do verbo em questão. Mreta (1998:113) afirma que “um estudo compreensivo do tempo e do aspecto não pode apenas ser visto a nível morfológico, como é o hábito das gramáticas tradicionais, mas também se deve olhar para o comportamento das categorias sintáctica e semânticas”.

As noções de tempo e aspecto estão de alguma forma ligadas ao mundo extralinguístico, mas de formas diferentes (Mreta 1998). Existem problemas de ferramentas teóricas na análise e descrição do sistema de tempo e aspecto, que não se resumem apenas na sua terminologia, mas também nas suas próprias definições, delimitação e conceptualização das suas noções. Outros autores consideram que as relações de tempo podem ser lexicalizadas como morfemas auxiliares, ou assinaladas pelos morfemas lexicais, por exemplo, advérbios temporais, partículas, expressões perifrásticas ou mesmo através de suprasegmentos, dependendo das características das línguas particulares (cf. Mberi 2002). É complicado estudar o tempo e o aspecto separando a forma do significado, pois todas as categorias não são entidades independentes, mas componentes de um sistema de relações significativas. Como se pode depreender, o tempo e o aspecto não são, gramaticalmente, restritos a uma forma específica, uma vez que podem ser realizados gramaticalmente de várias maneiras.

Mais recentemente, vários estudos foram realizados sobre o tempo e aspecto nas línguas bantu (Bernardo 2009, Fumo 2009, Nhantumbo 2009, Macalane 2009, Hyman 2003, entre outros). Estes estudos foram feitos sob diferentes prismas, sendo que o de Júnior (2010), Bernardo (2009), Fumo (2009), Nhantumbo (2009) e Hyman (2003) analisam o tempo e o aspecto do ponto de vista morfológico e morfofonológico, enquanto que Macalane (2009) o faz do ponto de vista morfossintático (i.e. composicional).

Nos estudos acima referenciados, verifica-se a tendência de separar, claramente, os morfemas que expressam o tempo dos morfemas que expressam o aspecto. Contudo, apesar de muitos estudiosos convergirem na forma como classificam o tempo, eles divergem nos seus pontos de vista, relativamente à classificação do aspecto. As únicas distinções que se podem considerar consensuais

são as que opõem o aspecto perfectivo do imperfectivo. As subdivisões do aspecto imperfectivo são díspares. Por exemplo, por um lado, Mutaka e Tamanji (2000) apresentam uma terminologia para descrição do aspecto que parece pouco comum e complicada de operacionalizar, ao distinguirem na classe dos imperfectivos: atenuativos, repetitivos, quantitativos, simultâneos, distributivos, selectivos (cf. Mutaka e Tamanji 2000). Por outro lado, Rose et al (2001) apresentam uma terminologia comum, uso de termos latinizados, nomeadamente, anterior, habitual, persistente, progressivo, mas as diferenças conceituais entre esses aspectos imperfectivos são relativas, pois os próprios autores dizem que “todos os verbos finitos têm significado aspectual, quer seja marcado ou não na estrutura do verbo”. No presente trabalho, usa-se a terminologia adoptada por Rose et al (2002).

As diferenças conceptuais referentes às várias manifestações de aspecto fazem com que Poulos (1990) as evite. Por exemplo, ao invés de usar as diferenciações do aspecto imperfectivo acima, prefere usar as suas formas analíticas que remetem à sua semântica. Na classificação deste autor, é comum ver expressões como *o prefixo aspectual ... expressa a ideia de...*” (Poulos 1990:338).

Nurse (2003:94) argumenta que, nas línguas bantu, “a distinção entre o tempo e o aspecto envolve a combinação de três componentes principais: a flexão verbal, o tom e o uso do verbo auxiliar”. Segundo Nurse (2003), o melhor método para a identificação do aspecto, em conjugação composta, consiste na análise do segundo verbo (i.e., o verbo principal) (Nurse 2003:94), ao passo que na conjugação simples deve-se basear na análise dos seus afixos ou suprafixos.

De acordo com Comrie (1976), Mreta (1998), para além de o aspecto poder ser expresso morfológicamente, ele pode ser expresso lexicalmente através dos verbos

de aspecto inerente, tais como: os incoativos, os dinâmicos (verbos de movimento), os estativos, entre outros.

Conceptualmente, as categorias gramaticais tempo e aspecto são interdependentes. Com efeito, o evento que tiver terminado até ao momento de enunciação, pode estar no tempo passado, aspecto perfectivo e ,ao mesmo tempo, no modo indicativo.

A presente dissertação analisa apenas as categorias tempo, aspecto e modo realizadas num único verbo, i.e., não pretende analisar a expressão destas categorias em complexos verbais. A discussão dos verbos auxiliares e as suas funções não terá aqui espaço, dada a sua complexidade que sugere um outro estudo a parte (cf. Doke 1954, Mberi 2002).

2.5. Modo

O modo é a categoria que tem vindo a ser pouco estudada, comparativamente às categorias tempo e aspecto. Palmer (1986:8), citado por Besha (1989a:205), afirma que a razão de muitos estudos teóricos terem pouco a dizer acerca do modo prende-se com o facto de esta categoria não poder ser, “claramente, analisada sem as informações detalhadas acerca do significado – o modo é intimamente ligado à semântica”. Um outro factor apontado por Besha (1989b) que justifica a abordagem pouco aprofundada do modo é que a própria definição de modo não tem sido feita de forma clara. Contudo, tradicionalmente, o modo é definido como um pequeno leque de categorias morfo/semântica/sintáctica que indicam as atitudes ou a factualidade de um enunciado produzido pelos falantes.

Semanticamente, o modo Subjuntivo representa incerteza, obrigação, possibilidade, não-factuality. O Imperativo sugere o decurso a ser seguido pelos eventos e Indicativo, muitas vezes a categoria não-marcada, representa a situação em que o falante acredita que seja verdadeira ou que quer/deseja que represente a verdade” (Rose 2002:53). Bybee et al (1995) corrobora da definição acima e diz que o modo tem a ver com as condições ou contextos em que um dado evento decorre. “O modo é uma categoria do verbo formalmente gramaticalizada e que tem uma função modal” (Bybee et al 1995:2). O modo é expresso flexionalmente, geralmente em leques distintos dos paradigmas verbais, por exemplo: indicativo, subjuntivo, imperativo, condicional, etc. Rose et al (2002) distingue, para além do modo indicativo, o modo potencial, o modo imperativo e o modo subjuntivo. O modo indicativo é o considerado o não marcado, e semanticamente representa a situação em que o falante acredita que seja verdadeiro ou acredita que o que pretende constitua verdade ou corresponda a facto. Segundo Bybee et al (1995), o modo cobre um leque amplo de significados semânticos: intensivo, hipotético, dubitativo, exclamativo, etc. Contudo, a distinção entre modo e modalidade “não é tão clara como as categorias tempo e aspecto” (Bybee et al. 1994:175).

Conceptualmente, as categorias tempo, aspecto e modo não são totalmente independentes umas das outras. Por exemplo, um evento que já tenha terminado no momento de enunciação pode estar no tempo passado, aspecto imperfectivo ou no modo indicativo. De acordo com Besha (1989b), em bantu, o modo é uma categoria gramatical, e que não pode ser distinta das categorias tempo e aspecto. A respeito disto, Besha (1989a:169) afirma que “é difícil distinguir as marcas de tempo e as marcas de modo”.

Tendo apresentado e discutido as categorias tempo, aspecto e modo, embora esta última não constitua o centro de discussão, uma outra categoria verbal a ser estudada é a negação, visto que, nesta pesquisa, o verbo é estudado na forma afirmativa e negativa.

2.6. Negação

Segundo (Rose et al (2002: 55), “a forma negativa é usada para se referir ao oposto da forma afirmativa. É, normalmente, uma categoria marcada”. Nos estudos das línguas bantu, a negação é uma área fascinante tanto para os estudos descritivos como também para a própria teoria linguística, devido às várias posições que os seus morfemas podem ocupar na estrutura do verbo nos diferentes tempos verbais (Tanda e Neba 2005, Mutaka e Tamanji (2000). Nas línguas bantu, normalmente, se usa mais de um morfema para marcar a negação em enunciados. Geralmente, a escolha do morfema, de entre vários factores, é determinada pela sintaxe, semântica e pragmática. Os diferentes morfemas de negação ocupam várias posições sintáticas também diferentes, dependendo do escopo da negação, i.e., o constituinte directamente afetado pelo morfema de negação.

De acordo com Meeussen (1967), não se consegue predizer os padrões da negação na estrutura do verbo no Proto-Bantu. Contudo, este autor considera que as posições disponíveis para receber as marcas de negação, embora não de forma muito clara, são a pré-inicial, a posição pós-inicial e a final, nesta última expressa pelo morfema *-i*.

No presente trabalho, discute-se a negação expressa morfologicamente através de morfemas que, por sua vez, variam de acordo com tempo verbal em causa.

Apresentados e analisados os principais conceitos operatórios a usar na presente dissertação, na subsecção que se segue discute-se a estrutura do verbo em Changana, tendo como referência os estudos anteriores das línguas bantu, no geral.

2.7. Estrutura do verbo

Conforme se fez referência em linhas anteriores, na presente secção pretende-se discutir a estrutura do verbo, nas línguas bantu, em geral, e em Changana, em particular.

2.7.1. Estrutura do verbo em bantu

No estudo das línguas bantu, vários autores (Güldemann 2003, Mutaka e Tamanji 2000, Ngunga 2004, Ngunga 2000) consideram a morfologia verbal complexa. Os autores acima apresentam de formas diferentes a estrutura da morfologia do verbo nas várias línguas bantu. No presente trabalho, vai-se adoptar a estrutura do verbo, proposta por Meeussen (1967). Para permitir uma melhor discussão, apresentam-se, em seguida, as diferentes estruturas anteriormente referidas, cuja numeração (na primeira linha das tabelas) é da responsabilidade do autor do presente trabalho:

Tabela 3: Mutaka e Tamanji (2000: 173).

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Formativo	Pós-formativo	Infixo objecto	Radical	Sufixo ou extensão	Pré-final	Final	Pós-final
<i>MN/Prefixo relativo</i>	<i>Prefixo verbal</i>	<i>MN</i>	<i>MT</i>	<i>MA</i>	<i>Marca do objecto</i>	<i>Raiz verbal</i>	<i>Extensão verbal</i>	<i>MA</i>	<i>MT</i>	--

Tabela 4: Meeussen (1967:108 - 110).

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Formativo	Limitativo	Infixo	Radical	Pré-final	Final	Pós-final
<i>Relativo indireto /forma negativa absoluta</i>	<i>Prefixo verbal</i>	<i>Morfema de negação</i>	<i>Marca de tempo /aspecto</i>	<i>Modo /aspecto perfectivo</i>	<i>Marca do objecto</i>	<i>Raiz verbal</i>	<i>Marca de aspecto /extensão verbal</i>	<i>Marca de tempo /vogal final</i>	<i>Plural do imperfetivo</i>

As tabelas (3) e (4) apresentam uma estrutura geral do verbo das línguas bantu. Uma apreciação das tabelas em referência permite fazer as seguintes considerações. De uma forma geral, a maior diferença entre os dois autores reside no número de posições que cada um propõe para a ocorrência dos constituintes internos do verbo. Com efeito, Meeussen (1967) propõe 10 posições, ao passo que Mutaka e Tamanji (2000) indicam 11 posições. A outra grande diferença reside na terminologia que estes autores usam, como se pode ver na subsecções que se seguem:

2.7.1.1. Posição pré-inicial

Posição pré-inicial é a expressão empregue para designar a primeira posição da estrutura do verbo. Esta posição é marcada porque nem sempre é preenchida. Os autores em referência (Meeussen 1967 e Mutaka e Tamanji 2000) consideram que esta posição é potencialmente preenchida pela marca de negação (MN) e pelo prefixo relativo.

2.7.1.2. Posição inicial

A posição inicial é a segunda posição da estrutura do verbo em bantu, ocupada pelo prefixo de concordância com o sujeito ou simplesmente prefixo verbal. Em construções não marcadas, esta posição é sempre preenchida.

2.7.1.3. Posição pós-inicial

O termo posição pós-inicial refere-se à terceira posição na estrutura do verbo, onde ocorre a marca de negação.

2.7.1.4. Posição formativo¹²

A posição do formativo é vista de forma diferenciada pelos autores. Tanto Mutaka e Tamanji (2000) como Meeussen (1967) designam-na de “formativo”; contudo, divergem no tipo de morfemas que nesta posição ocorrem. Mutaka e Tamanji (2000) consideram que ocorre apenas a marca de tempo enquanto Meeussen (1967) defende que, para além do morfema de tempo, ocorre a marca de aspecto. Os dados do changana, no capítulo sobre a análise de dados, especificam os morfemas que ocorrem nesta língua.

2.7.1.5. Posição pós-formativo

O termo pós-formativo é usado por Mutaka e Tamanji (2000), que consideram ocorrer nesta posição apenas a marca do aspecto. Meeussen (1967) não usa esta expressão e adopta o termo limitativo que, para além da marca de aspecto, acomoda o morfema que expressa o modo. Na presente dissertação, adopta-se o termo pós-formativo.

2.7.1.6. Posição pré-radical

O termo pré-radical refere-se à quarta posição na estrutura do verbo, que é invariavelmente ocupada pela marca do objecto ou pronome clítico. Esta marca é designada de “infixo do objecto” por Mutaka e Tamanji (2000:173), enquanto Meeussen (1967: 108) prefere apenas o termo “infixo” . Para efeitos do presente estudo, considera-se que a marca do objecto é apenas um prefixo, porque ocorre na posição anterior ao radical verbal.

¹² Segundo Crystal (1997:157) citado por Rose et al (2002: 34), formativo é “formalmente identificável como um elemento gramatical irreduzível que entra na estrutura para formar uma unidade linguística, como palavra ou frase, i.e., formativo pode ser sinónimo de algo maior que o morfema, especialmente, morfema gramatical.”

2.7.1.7. Posição radical

O termo radical é usado para designar a posição ocupada apenas pelo radical verbal na estrutura do verbo. Na contagem de esquerda para direita das posições disponíveis na estrutura do verbo, é a quinta posição.

2.7.1.8. Posição pós-radical

A posição pós-radical é ocupada pela extensão verbal na estrutura do verbo. A extensão verbal seja simples ou combinada ocorre nesta posição. No capítulo sobre a descrição do radical derivado por extensão verbal, considera-se que a passiva (-iw-) é uma extensão verbal porque obedece ao mesmo padrão de distribuição na estrutura verbo. Os autores anteriormente referidos divergem em relação aos morfemas que podem ocorrer nesta posição. Com efeito, enquanto Mutaka e Tamanji (2000) consideram que nesta posição ocorre apenas a extensão verbal, Meeussen (1967) advoga que, para além desta marca, na posição em referência pode ocorrer a marca do aspecto.

2.7.1.9. Posição pré-final

Esta posição também constitui um ponto de divergência entre os autores que se dedicam ao estudo do verbo em bantu. As posições pré-final e a do pós-radical são as que marcam a diferenciação das estruturas do verbo propostas por Meeussen (1967) e por Mutaka e Tamanji (2000), pelo número e tipo de morfemas que nelas ocorrem. Desta forma, Mutaka e Tamanji (2000) separam a extensão verbal da marca do aspecto e colocam em posições diferentes, enquanto Meeussen (1967) coloca-as na mesma posição, como se estes morfemas fossem mutuamente exclusivos, o que não se aplica ao Changana. Nesta língua, a posição

pré-final é ocupada pelo morfema de aspecto, ao passo que a extensão verbal ocorre na posição pós-radical (cf. Mutaka e Tamanji 2000).

2.7.1.10 Posição final

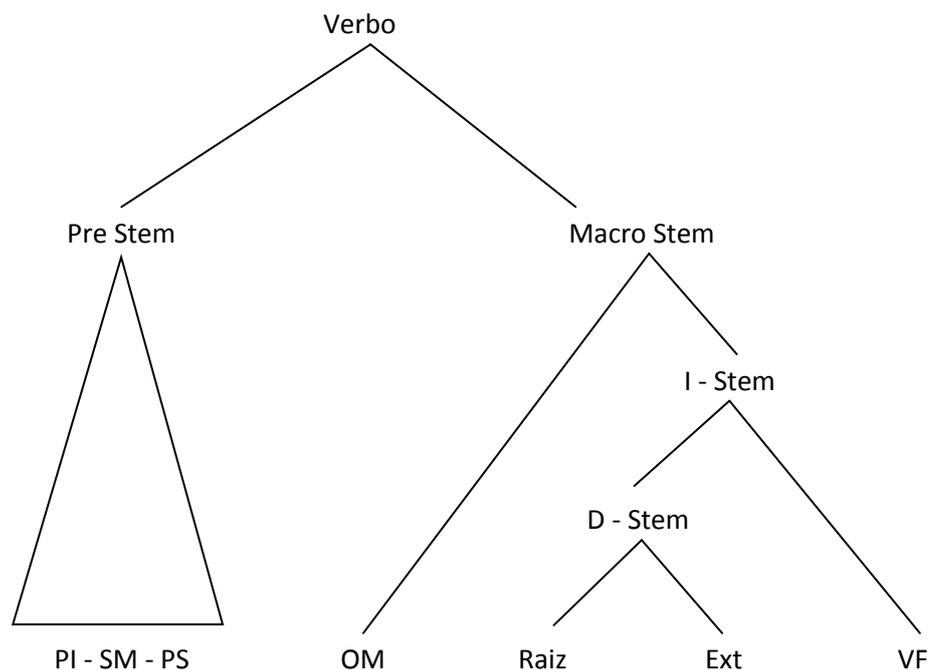
Nesta posição ocorre apenas a vogal final. Esta pode ser /a/ no infinitivo ou /i/ na forma negativa ou /e/ no subjuntivo. O termo vogal final designa a última vogal que pode ocorrer na estrutura do verbo.

2.7.1.11. Posição pós-final

A posição pós-final é ocupada pelo morfema que designa os participantes na conversação. Em Changana esta posição é ocupada invariavelmente pelo morfema (-ni). Mutaka e Tamanji (2000), ao contrário de Meeussen (1967), não consideram esta posição.

Ainda na busca de uma estrutura geral do verbo das línguas bantu, (Ngunga 2000), apoiando-se no modelo léxico-funcionalista, propõe uma árvore de ramificação binária na apresentação hierárquica e a ordenação dos constituintes do verbo nas línguas bantu, conforme se pode ver a seguir:

(5) Estrutura geral do verbo Ngunga (2004:148)



Onde: I-Stem (Tema F): Tema flexional; D-Stem (Tema D): Tema derivacional; SM (MS): Marca de sujeito; PS: pós-sujeito; PI: *pré-inicial*; OM (MO): Marca de objecto, inclui aspecto, modo, tempo; Exts: Extensões, VF: vogal final ou vogal terminal.

Contrariamente às estruturas 3, 4, Ngunga (2000, 2004) propõe uma estrutura que não especifica a posição dos constituintes em termos das posições disponíveis que devem ocupar na estrutura do verbo, mas que generaliza em termos das posições em relação ao núcleo da estrutura. Desta forma, Ngunga (2000) agrupa as posições pré-inicial, pós-inicial como pré-radical, sendo que a partir da marca de objecto até a vogal final, o autor considera macro radical visto que este incorpora a marca do objecto (MO) e o radical flexional (I-Stem).

Uma estrutura como a apresentada por Ngunga (2000), também aparece em Liphola (2001). O problema levantado em relação à posição pós-inicial (cf. Meeussen 1967) mantém-se, pois a estrutura que define hierarquias morfológicas também não resolve.

Em resumo, na presente dissertação, adopta-se a estrutura do verbo avançada por Meeussen (1967); contudo, onde esta estrutura não satisfaz a descrição dos dados em Changana, recorre-se à estrutura de Mutaka e Tamanji (2000). Como resultado, tem-se a combinação das duas estruturas na descrição do Changana.

2.8. Conclusão

O capítulo 2 tinha por objectivo apresentar o quadro referencial da dissertação, nomeadamente, o quadro teórico, os principais conceitos operatórios, alguns trabalhos anteriores a este sobre a matéria. O quadro conceptual adoptado é principalmente o avançado por Rose et al (2002) e a estrutura do verbo adoptada está em conformidade com a proposta de Meeussen (1967), combinada com a que é avançada por Mutaka e Tamanji (2000). As matérias tratadas neste capítulo são buscadas sempre que relevantes para a análise de dados.

Capítulo 3: Metodologias

O presente capítulo apresenta os métodos e instrumentos usados na recolha e análise de dados, bem como os elementos-chave do projecto CROBOL, de onde a maior parte dos dados aqui analisados foram extraídos:

3.1. Sobre o projecto CROBOL

O projecto CROBOL tem como principal objectivo desenvolver a harmonização e padronização das línguas transfronteiriças, encontradas em Moçambique e no Zimbabwe cujos contínuos linguísticos foram divididos pelas fronteiras político- administrativas.

Historicamente, as variantes do mesmo grupo linguístico têm vindo a ser estudadas e desenvolvidas de forma separada nos diferentes países em que elas são faladas. Isso faz com que as mesmas línguas pareçam diferentes. O projecto CROBOL visa reestabelecer uma aproximação entre as variantes da mesma língua faladas nos dois países, designadamente, Moçambique e Zimbabwe. O projecto envolve especialistas em estudos de linguagem da Universidade Eduardo Mondlane e da Universidade de Zimbabwe, que trabalharam na padronização das ortografias das línguas em alusão, bem como na lexicografia, descrição e gramática das mesmas. As línguas transfronteiriças em destaque no projecto são o Changana, o Sena e o Shona. Para além da produção de gramáticas descritivas das línguas changana e Shona, inclui também a formação de estudantes a nível de pós-graduação de que a presente tese faz parte.

3.2. Abordagem

Nesta dissertação adoptou-se a abordagem descritiva no sentido proposto por Seliger e Shohamy (1989:114) para quem “a abordagem descritiva pode ser heurística ou dedutiva e caracteriza-se por o investigador analisar dados já existentes” ou seja “é usada para o estabelecimento de um fenómeno através de uma descrição explícita dele” (ibid:124).

Os dados são analisados tendo em referência a teoria da morfologia e fonologia lexical, bem como de outros modelos de análise linguística sempre que relevantes. Contudo, casos há em que alguns aspectos de análise linguística não ficavam bem esclarecidos. Assim, elaborou-se uma lista paralela de palavra que através da indução remetia à recolha dos dados pretendidos. De uma forma geral, os métodos usados para a recolha de dados foram a entrevista e a revisão de literatura.

3.3. Entrevista

A entrevista é um instrumento de recolha de dados que consiste na presença física ou distante do investigador. Existem diferentes tipos de entrevistas, nomeadamente, entrevista estruturada, entrevista executiva, entrevista não estruturada, entrevista de painel e entrevista semi-estruturada (cf. Marconi e Lakatos 2001; Appolinário 2004).

Na recolha de dados para a dissertação, usou-se a entrevista não estruturada, na medida em que os informantes dissertavam livremente sobre os temas em forma de narrativas¹³, que eram sugeridas pelos entrevistadores.

¹³ De acordo com Gray (1998:1) citado por Bell (1999:16) “as narrativas envolvem o levantamento de autobiografias, histórias sobre a vida ou excertos de histórias dos participantes que incitem o desenvolvimento do tema de investigação”.

A entrevista permitiu a recolha de cerca de 100 cassetes áudio com 60 minutos de duração cada, perfazendo cerca de 6000 horas de dados orais, que foram convertidos em formato digital, com recurso ao programa *Transcriber*. As 6000 horas de dados orais foram convertidas em 303938 palavras, o equivalente a 1169 páginas, no programa informático *Word*.

Os dados foram recolhidos de informantes de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias. A variável idade não era aqui relevante pois apenas se precisava de informantes que pudessem manipular livremente a língua. O segundo método usado na recolha de dados é a revisão de literatura.

3.4. Revisão de literatura

A Revisão de Literatura é “um levantamento e análise criteriosa e sistemática dos resultados e conclusões de outras pesquisas acerca de um determinado tema” Appolinário (2004:173). O estudo da morfologia da forma verbal em Changana, não sendo pioneiro, a consulta de Ribeiro (1965, 2010), Ouwehand (1965), Siteo (1996), Siteo (2001) dentre outros foi incontornável, na medida em que estas obras descrevem a morfologia da língua. Para além da literatura acima descrita, recorreu-se a Siteo et al (2008) e outros materiais, nomeadamente, as publicações feitas pela Igreja Presbiteriana, nos anos 40 a 60, e materiais mais recentes produzidos no contexto da descrição do Changana e línguas a ela relacionadas. No conjunto destas obras, pretendia-se analisar a descrição que é feita sobre a língua e, nalguns momentos, sistematizar e reanalisar os mesmos dados, num modelo linguístico que se considera o mais satisfatório na descrição de um dado fenómeno linguístico.

Para a descrição linguística, as unidades morfológicas (palavras) ou sintáticas (frases) foram extraídas do seu contexto natural, i.e., como a palavra ou frase foi transcrita. Em alguns casos, para permitir uma melhor análise, a mesma palavra ou frase era reutilizada

com outros morfemas, quer derivacionais quer flexionais, a fim de permitir uma melhor sistematização dos dados.

Os dados recolhidos com base em entrevista apresentaram algumas limitações para a sua análise, no que concerne ao Changana devido, sobretudo, aos tópicos privilegiados para a recolha desses dados. A história de vida, narrativas, planos de vida e autobiografias permitiam que os informantes falassem, frequentemente, nas primeiras pessoas, sobretudo do singular. deixando, assim, uma grande parte da informação gramatical relevante, pois os nomes mais frequentes, nas cerca de 300000 palavras, são da classe 1 ou classe 2, que são as classes em que frequentemente se integram os nomes de seres humanos. Por outras palavras, os dados recolhidos disponibilizavam muita informação útil para o estudo da morfologia derivacional e flexional do verbo, mas pouco continham em termos da morfologia flexional do nome, sobretudo no tocante à concordância do sintagma nominal e sintagma verbal. A interpretação dos dados e as limitações dos dados recolhidos pelo método acima, criava espaço para o uso da **introspecção** na análise de dados, pois o investigador é falante nativo do Changana e usava também o seu conhecimento para a análise e sistematização dos dados recolhidos ou dos que pretendia recolher.

3.5. Conclusão

O presente capítulo tinha por enfoque apresentar as metodologias adoptadas na dissertação. Para tal, começou-se por indicar as linhas principais do programa em que a dissertação se enquadra e a respectiva sustentação. Em seguida, apresentou-se a metodologia de recolha e análise de dados, tendo-se referido que foram usados basicamente dois métodos, a saber: a entrevista, que consistiu na recolha de narrativas pelos assistentes de investigação do programa CROBOL, e a revisão de literatura, que se baseou na consulta de documentos,

livros, artigos publicados ou não, anteriores à presente dissertação. A análise de dados consistiu no uso dos dados recolhidos em ambiente natural e, nalguns casos, em contexto manipulado, para permitir a sua melhor descrição. Essa manipulação era feita com a ajuda, sempre presente, da introspecção visto que o investigador é falante nativo do Changana.

Capítulo 4: Fonologia do Changana

O presente capítulo faz a descrição da fonologia do Changana, começando pelo inventário de sons (vogais e consoantes); depois, apresentam-se os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes; e, por fim, analisa-se a estrutura da sílaba e do tom na língua em estudo .

4.1. Vogais

O Changana é uma língua que conta com 5 vogais contrastivas, a saber: /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/, conforme se pode verificar a partir dos seguintes exemplos:

(1) As 5 vogais do Changana

/a/	-bàlà	‘escrever’
	-dàdà	‘aprender a dar os primeiros passos’
/e/	-bèlà	‘pregar; cravar usando martelo’
	-dèdà	‘chegar para trás’
/i/	bìlà	‘apelido Changana’
	-dìdà	‘agitar; mexer; misturar’
/o/	-bòlà	‘apodrecer; estar apodrecido’
	dòdà	‘conselheiro; ancião; homem venerável’
/u/	-bùlà	‘conversar’
	-dùdà	‘fazer muito dinheiro; ter muito dinheiro num dado momento’

Em (1) apresentam-se palavras que contêm as 5 vogais contrastivas em Changana. A duração vocálica não é relevante nesta língua, embora a penúltima sílaba das palavras seja sempre longa, conforme indicam os seguintes exemplos:

(2). Vogais longas em Changana

/a/	kùbààlà	‘escrever’
	kùdààdà	‘aprender a dar os primeiros passos’
/e/	kùbèèlà	‘pregar; cravar usando martelo’
	kùdèèdà	‘chegar para trás’
/i/	bìila	‘apelido Changana’
	kùdììdà	‘agitar; mexer; misturar’
/o/	kùbòòlà	‘apodrecer; estar apodrecido’
	dòòdà	‘conselheiro; ancião; homem venerável’
/u/	kùbùùlà	‘conversar’
	kùdùùdà	‘fazer muito dinheiro; ter muito dinheiro num dado momento’

Os dados em (2) mostram que a vogal da penúltima sílaba é longa em todas as palavras, por isso o alongamento vocálico é fonético não permitindo distinguir significados. Em Changana, as vogais fonémicas ocorrem apenas em ideofones. “Os ideofones caracterizam-se pelo seu alto grau de expressividade” (cf. Doke 1931, Fortune 1962, Baumbach 1988, Siteo 1996:345) e podem representar cheiro, o silêncio, a postura, etc.), como se pode observar nos seguintes exemplos:

- (3) a. kùyo **mpee** está ‘id. de estar exclusivamente a cheirar mal’
 b. hìyo **gòò** hikucona ‘estamos id. de estar cabisbaixos por falta de dinheiro’
 c. vàn’wànyànà vayo **gèè** hi kunonà ‘outros estão id. de estar relaxados de fartura’

As palavras destacadas a negrito em (3) são ideofones em Changana. A semântica de cada uma das frases depende da duração da vogal. Quanto mais longa for a vogal maior é a sua expressividade. Portanto, tirando os ideofones, a duração da vogal na penúltima sílaba em Changana é predizível, isto é, não em contrastiva. As cinco vogais distintivas do Changana são representadas em (4)

- (4) Sistema de vogais fonémicas da língua changana:

	Ant.	Cent.	Rec.
Vogais fechadas:	i		u
Vogais semifechadas:	e		o
Vogal aberta:		a	

Em (4), estão representadas as 5 vogais do Changana, distribuídas da seguinte maneira: 2 vogais anteriores (Ant.), 2 recuadas (Rec.) e uma central (Cent.). A tabela 5 que se segue apresenta os traços distintivos das vogais. Os traços fonológicos adoptados no presente trabalho são do SPE (cf. Chomsky e Halle 1968).

Tabela 5: Traços distintivos das vogais

	i	e	a	o	u
alto (alt)	+	-	-	-	+
baixo (bxo)	-	-	+	-	-
arredondado (arr)	-	-	-	+	+
tenso	+	-	-	-	+
rec	-	-	-	+	+

Fonte: Katamba (1989: 54)

A tabela acima mostra as características distintivas das vogais do Changana. Na descrição da língua, o uso do traço [\pm tenso] não é usado para fazer referência às vogais com o traço [\pm alto], porque esses traços são mutuamente exclusivos, i.e., redundantes, visto que todas as vogais [\pm alto] são tensas e vice-versa. O traço [\pm recuado (rec)] e o traço [\pm arr] são mutuamente exclusivos por isso se usa apenas um deles na descrição de uma dada vogal.

A realização dos fonemas vocálicos pode alterar em determinados ambientes fonológicos. O processo que consiste na alteração de fonemas em ambientes fonológicos designa-se de processo fonológico. Este caracteriza-se pela cópia de traços fonológicos entre os sons vizinhos ou imediatamente adjacentes. Na secção que se segue, apresenta-se os processos fonológicos envolvendo vogais.

4.1.2. Processos fonológicos envolvendo vogais

Em Changana, o encontro de vogais cria um hiato (encontro indesejado de vogais) que a língua resolve através de várias estratégias, nomeadamente: a assimilação, fusão, elisão, etc,. Na presente secção, discute-se os principais processos fonológicos envolvendo vogais.

4.1.2.1. Semivocalização

A semivocalização é a perda do traço [+sil] por um segmento vocálico (Katamba 1989, Hyman 1975). Em Changana, o ambiente fonológico envolvendo uma vogal recuada e qualquer vogal diferente desencadeia a semivocalização. Veja-se os exemplos em (4), onde o processo em referência envolve a última vogal do tema nominal /u/ e /o/ e o sufixo locativo -*ini*:

4)a.	nsimwini	(< nsim <u>u</u> +ini)	‘na machamba, no campo cultivado’
	ndlòpfwini	(< ndlòpf <u>u</u> + ini)	‘no elefante’
	nòmwinì	(< nòm <u>u</u> + ini)	‘na boca’
	mbìlwini	(< mbìl <u>u</u> + ini)	‘no coração’
	xitùlwini	(< xitùl <u>u</u> + ini)	‘na cadeira’
b.	ntìrhwenì	(< ntìrh <u>o</u> + ini)	‘no serviço’
	litìhwenì	(< litìh <u>o</u> + ini)	‘no dedo’
	rìtwenì	(< rìt <u>o</u> + ini)	‘na voz’
	sontweni	(< sont <u>o</u> + ini)	‘no domingo’

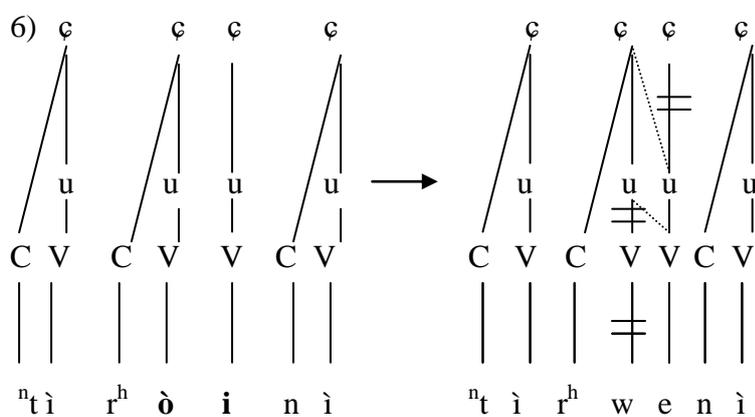
Os exemplos em (4) mostram os processos fonológicos envolvendo a vogal /u/, em (4a), e /o/, em (4b). Estas vogais transformam-se em semivogal labio-velar [w] antes de uma outra vogal adjacente. Os exemplos acima apresentados ilustram também que o morfema locativo com a estrutura -VICV₂, V₁ tem tom alto que se impõe ao tom da mora, que está sujeita à semivocalização, ao passo que V₂ apresenta um tom baixo. A regra de semivocalização pode ser representada da seguinte maneira:

5) Regra de semivocalização

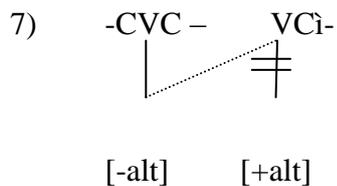
/+sil, +rec/ → [-sil] / - [+sil]

Deve-se ler: um som com traços /+sil, +rec/ realiza-se [-sil] antes de [+sil].

Em (5) descreve-se a regra que dá conta da semivocalização em Changana. O processo de transformação de uma vogal em semivogal é representado no esquema que se segue:



No esquema em (6), a linha tracejada significa a associação de um novo traço e a linha interrompida por; (=) significa que o segmento perde o traço fonológico em favor do segmento vizinho. O processo de semivocalização faz com que a última sílaba do tema nominal cuja mora nuclear tem o traço [+rec] se transforme em semivogal [+lab, +rec], antes da vogal [+ant, +rec] do sufixo do locativo *-ini*. A vogal do sufixo recebe a mora, ora perdida, da última vogal do tema nominal e passa a ter duas moras (i.e. passa a ter um núcleo pesado) tornando-se em vogal longa. A regra de semivocalização cria condições para a ocorrência da harmonia vocálica (cf. 4b), que consiste na conversão da vogal alta do sufixo locativo /i/ em vogal média [e], quando a vogal do tema nominal for também média [o], como se pode depreender a partir do esquema abaixo apresentado, baseado em (Ngunga 2000):



Em (7) descreve-se a regra de harmonia, que mostra que o traço [-alt] da última vogal do tema nominal é copiado pela primeira vogal do morfema locativo. Contudo, esta última mantém o seu tom alto.

4.1.2.2. Coalescência ou Fusão

A coalescência ou fusão ocorre quando o encontro de duas vogais primárias resulta numa vogal secundária (Meinhof 1932, Katamba 1989, Hyman 1975), com características das duas vogais que estão na sua origem. Em Changana, quando a vogal baixa [a] precede imediatamente a vogal alta [i] acontece um fenómeno de fusão, do qual resulta uma vogal anterior média [e], como ilustram os exemplos a seguir:

- | | | | |
|----|------------|---------------------------|---------------------|
| 8) | mìsavenì | (< mìsava + i nì) | ‘na terra’ |
| | khalenì | (< khala + i nì) | ‘no carvão’ |
| | mangenì | (< mangà + i nì) | ‘na manga’ |
| | xìkhàmbenì | (< xìkhàmbà+ i nì) | ‘no <i>cafuro</i> ’ |

Os exemplos em (7) mostram a fusão da vogal baixa /a/ com a vogal alta anterior /i/ resultando [e]. Nos casos em que as vogais primárias envolvidas são /a/ e /u/, a fusão resulta numa vogal média [o] recuada, como se pode ver em (9):

9)	svokarhì	(<sva k ukarhì)	‘de uma determinada coisa’
	yokalà	(< ya k ukalà)	‘de algo raro’
	ropfumalà	(< ra k upfumalà)	‘de não encontrar’
	yopfulà	(<ya k upfulà)	‘de abrir’
	svokalà	(<sva k ukalà)	‘ de ser raro’

Em (8) apresentam-se construções tipicamente genitivas¹⁴ em Changana, onde se pode identificar a partícula genitiva *-a*, como núcleo da sílaba, e a margem pré-nuclear é preenchida pela consoante do prefixo de concordância da classe do nome a que se refere. As formas verbais mais à esquerda apresentam, na sua primeira sílaba, uma vogal [-alt,-bxo-, +rec], i.e. [o], que resulta da fusão de duas vogais primárias /a/ e /u/, cujo processo derivacional pode ser descrito da seguinte forma:

10) História derivacional de *yokala* ‘de/algo raro’

Morf ₁ : genitivização (-a):	ya kukala
Fon ₁ : elisão de /k/:	y aukala
Fon ₂ : fusão de /a/ e /u/	yok ala
Resultado:	yok ala

Em (10) demonstra-se a interação de duas regras fonológicas envolvendo a partícula genitiva e o prefixo da classe 15 (elisão e fusão), em Changana, dando origem à [o]. Neste exemplo, mostra-se, claramente, que a regra de fusão não é sensível a fronteiras de palavras,

¹⁴ Ocorre a genitivização quando “há dois nomes (sendo um dos quais o núcleo e o outro o modificador) ligados por um extra-prefixo de dependência (EPD), constituído pela marca de concordância do núcleo à qual se sufixa a partícula genitiva *-a*. A genitivização é o processo mais produtivo de qualificação nas línguas bantu uma vez que além de indicar a qualidade, pode exprimir posse, matéria, origem” (Ngunga 2004:202-203).

i.e., ela sempre se aplica desde que o ambiente fonológico tiver sido criado. Assim, prova-se que o encontro entre uma vogal /a/ e uma /u/ resulta em [o]. A regra de fusão das vogais primárias que originam vogais secundárias está descrita abaixo:

11) Regra de coalescência

/+sil, +bxo/ + /+sil,+alt/ → [-alt,-bxo]

Um outro processo fonológico que ocorre em Changana é a elisão, objecto de análise da secção que se segue:

4.1.2.3. Elisão

A elisão é um processo fonológico que condiciona a alomorfia do sufixo locativo, na língua em estudo. Este processo postula que alguns sons podem apagar-se em determinados contextos (Hyman 1975, Ngunga 2000), como se pode ver em (12):

- | | | | |
|-----|-----------|-------------------|--------------|
| 12) | ndlèvenì | (< ndlèvè + inì) | ‘na orelha’ |
| | màribzenì | (< màribzè + inì) | ‘nas pedras’ |
| | xìkhèlenì | (< xìkhèlè + inì) | ‘na cova’ |
| | màvelenì | (< màvele + inì) | ‘nos seios’ |

Em (12), o alomorfe de *-ini* resultou do apagamento da vogal /i/ do sufixo. Desta forma, sempre que se tiver presente uma vogal do tema nominal /e/, a vogal do sufixo é elidida. A seguir, descreve-se a regra fonológica em referência:

13) Regra de elisão

/+sil,+ant, +alt/ → Ø/ [+sil, +ant, -alt, -bxo]-

Com base na regra em (13), a vogal /i/ apaga-se quando antecedida de /e/.

Tendo sido apresentados os processos fonológicos envolvendo vogais, a tabela 6, sistematiza os processos fonológicos envolvendo vogais nesta língua:

Tabela 6: Sistematização dos processos fonológicos envolvendo vogais.

	i	e	a	o	u
i		e	y	y	y
e	e				
a	e				o
o		w	w		w
u	w	w	w	w	

A tabela (6) sistematiza os processos de resolução de hiatos. As células não preenchidas indicam que a respectiva combinação não foi encontrada no corpus. A tabela deve ser lida, por exemplo, da seguinte maneira: o encontro entre /i/ e /e/ resulta em vogal /e/; a interacção da vogal /i/ com a vogal /a/, bem como /o/ com /u/ dá origem à semivogal /y/.

Tendo sido vistas as vogais e os processos fonológicos por elas desencadeados, a secção que se segue apresenta a tabela de consoantes e os respectivos processos fonológicos.

4.2. Consoantes

A consoante é definida como qualquer som de fala cuja produção é caracterizada por alguma obstrução ou constrição em um ou mais pontos no tracto vocal (Hyman 1975,

Katamba 1989, Chomsky e Halle 1968). Comparativamente às vogais, a descrição de uma consoante envolve um grande número de parâmetros, a saber: (i) o mecanismo de fluxo de ar; (ii) o estado da glote; (iii) o ponto de articulação e (iv) o modo de articulação (cf. Hyman 1975, Katamba 1989, Chomsky e Halle 1968). A tabela 7, que se segue, foi extraída de Siteo e Ngunga (2000), Siteo (1996).

Tabela 7: Consoantes da língua Changana.

Modo\ Ponto	Bilabial	Lábio- -dental	Lábio- -alveolar	Alveolar	Pós- Alveolar	Palatal	Velar	Láb.- velar	
Oclusiva	p b			t d		c j	k... g		
Nasal	m			n		ɲ	ŋ		
Fricativa		f v		s z	x				h
Vibrante simples				r					
Lateral				l		ʎ			
Aproximante	ʋ				j	w	
Implosiva	ɓ			ɗ					
Africadas	pf bv		sv zv	tʃ dʒ					

Em fonologia, as consoantes são divididas em dois grandes grupos, designadamente: (i) o grupo das consoantes sonorantes e (ii) o grupo das consoantes obstruentes. O primeiro grupo é constituído por consoantes inerentemente vozeadas, ao passo que o último comporta consoantes que podem ser vozeadas ou não-vozeadas. Neste grupo, a consoante que se encontra na posição mais à esquerda numa dada célula é a [-voz], enquanto a que se encontra mais à direita na célula é [+voz]. Os traços fonológicos das consoantes do Changana apresentam-se na tabela que se segue:

Tabela 8: Traços distintivos dos sonorantes

	m	n	ɲ	ŋ	l	ʎ	r	..ʊ	J	w
Cons.	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-
Cont.	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+
Nas.	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-
Lat.	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-
Lab.	+	-	-	-	-	-	-	+	-	+
Ant.	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-
Cor.	-	+	+	-	+	+	+	-	+	-
Alt.	-	-	+	+	-	+	-	-	+	+
Rec.	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+

Katamba (1989: 54-55)

A tabela 8 contém os traços distintivos das consoantes sonorantes. Em seguida, a tabela 9 apresenta os traços distintivos das consoantes obstruentes.

Tabela 9: Traços distintivos dos obstruentes

+ voz	b	d	ɟ	g	v	z	x	h			bv	zv	dʒ
- voz	p	t	c	k	f	s			ɸ	ɸ'	pf	sv	tʃ
cont	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	-	-
estr	-	-	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	+
distr	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
ant	+	+	-	-	+	+	-	-	+	+	+	+	-
lab	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-	+	-	-
cor	-	+	+	-	-	+	-	-	-	+	-	+	+
alt	-	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+
bxo	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
rec	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Katamba (1989: 54-55)

A tabela 9 indica os traços distintivos dos sons obstruentes. Como se pode ver, o sistema de consoantes do Changana inclui as consoantes sonorantes e obstruentes. Os traços fonológicos acima apresentados são usados na descrição dos sons desta língua.

A ocorrência de processos fonológicos envolvendo consoantes prende-se com o facto de a língua exibir tipicamente sílabas abertas do tipo (CV). Por isso, no encontro entre sons da mesma qualidade, sejam vogais ou consoantes, a sílaba reestrutura-se de modo a evitar tal sequência indesejada (Guthrie 1967-71). O primeiro processo a considerar é o que envolve a nasal homorgânica.

4.2.1. Nasal homorgânica

Um processo fonológico frequente em Changana é a assimilação da nasal ao ponto de articulação da consoante seguinte (cf. Katamba 1993, Hyman 1975, Ngunga 2000, Ngunga 2004, Guthrie 1967-71). Preste-se atenção aos seguintes dados:

14). a.	mpfutsu	‘tartaruga’
	mbuti	‘cabrito’
	mbilu	‘coração’
	mbzana	‘cão’
b.	ndlala	‘fome’
	ndlompfu	‘elefante’
	nsimbi	‘ferro’
	nsuna	‘mosquitos’

c.	ɲjanji	‘linha férrea’
	ɲcila	‘cauda’
d.	ŋguvu	‘pano’
	ŋgwenya	‘crocodilo’
	ŋgati	‘sangue’
	ŋguluve	‘porco’

Em (14) apresentam-se nomes da classe 9 em Changana. O prefixo nominal da classe 9 é *yiN-* (Guthrie 1967-71, Ngunga 2004). Em (14a), onde o prefixo co-ocorre com consoantes bilabiais, a nasal é bilabial [m]; em (14b), com consoantes alveolares, ela também é alveolar [n]; em (14c), ela assume a forma palatal [ɲ] com consoantes palatais; e, finalmente, em (14d) é velar [ŋ] com consoantes velares. A regra fonológica que dá conta da nasal homorgânica é a seguinte:

15) Regra da nasal homorgânica

$/+nasal/ \longrightarrow [\alpha \text{ lugar}] / - [\alpha \text{ lugar}]$

A regra acima denota que qualquer nasal assimila o ponto de articulação da consoante seguinte. O encontro entre duas consoantes, pode levar à elisão de uma delas, como se descreve na subsecção que se segue.

4.2.2. Elisão da nasal

O processo de elisão consiste na neutralização da nasal, que é o prefixo da classe 9, quando a posição inicial do tema nominal é apenas ocupada por uma consoante fricativa glotal como se depreende a partir dos exemplos abaixo apresentados:

- 16) \emptyset huku ‘galinha’
 \emptyset homu ‘boi’
 \emptyset hova ‘caracol’
 \emptyset hunyi ‘lenha’

Em (16), a nasal sofreu a elisão em virtude de ocorrer adjacente à esquerda de [h]. A regra fonológica, que dá conta da elisão da nasal, apresenta-se em (17)

- 17) Regra de elisão da nasal

$/+nasal/ \longrightarrow \emptyset / - [-sil, +cont, +bxo, +destr, -voz]$

A regra acima descreve o processo de elisão de /N/, condicionado pela presença de uma fricativa glotal. Um outro processo frequente em Changana é a velarização, que constitui matéria de discussão na secção que se segue:

4.2.3. Velarização

A velarização consiste na conversão de sons labiais em velares, através do processo de assimilação de traços dos sons vizinhos, conforme se pode ver nos exemplos seguidamente apresentados:

18)	n'wana	(< m ^ù +anà)	‘filho/a’
	nsìn'wana	(<xì+nsì ^m ù+anà)	‘pequena terra para o cultivo’
	xikòn'wana	(<xì+kòm ^ù +anà)	‘pequena enxada’
	xihòn'wana	(<xì+hòm ^u +anà)	‘vitelo’

Em (18) descreve-se a velarização de /m/ , num processo de conspiração de regras fonológicas como se pode verificar em (19). Os exemplos (18) mostram que o morfema diminutivo descontínuo *xì- -anà*, com a estrutura CV₁- -V₂CV₃, V₂ tem tom alto e V₃ tom baixo. Este padrão tonal sobrepõe-se ao da mora semivocalizada, tendo o mesmo comportamento que o tom do morfema locativo.

19). Velarização de /m/

Morf ₁ : Afixação de <i>xì- -anà</i>	xìhòmuanà	
Fon ₁ : Semivocalização de u:	xìhòmwanà	
Fon ₂ : Assimilação do traço velar de [w]	xìhòm ^ŋ wana ¹⁵	
Resultado:	xìhòm ^ŋ wana	‘vitelo’

¹⁵ Na ortografia adoptada nesta dissertação a nasal velar [ŋw] é representada n'w (c.f. Siteo e Ngunga 2000, Ngunga e Faquir 2011)

A regra em (19) ilustra que a velarização só pode acontecer se o ambiente fonológico acima estiver criado. A regra que se segue, dá conta da velarização do /m/

20) Regra de velarização de /m/

/+ nasal,+bil/ → [+sil, +alt, +rec]/ -[+cont, +lab+alt]

A regra acima dá conta da velarização de /m/ em Changana. Esta nasal é sistematicamente convertida em [ŋ] quando precede uma semivogal labio-velar.

Tendo discutido os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes, a secção que se segue está reservada ao estudo do tom em Changana.

4.3. A sílaba

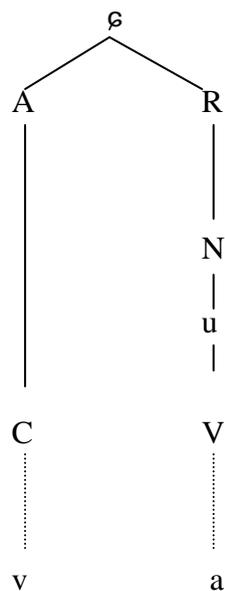
De uma forma geral, o Changana apresenta um sistema de sílabas abertas, cujo núcleo é uma vogal e a margem pré-nuclear pode ser preenchida ou não por uma consoante, como mostram os exemplos (21)

- | | | |
|-------|------------------------------|------------|
| 21)a. | [vâ:.n ^h ù.] | ‘pessoas’ |
| | [vá.và.nú:.ná.] | ‘homens’ |
| | [vá.và.sá:.tí.] | ‘mulheres’ |
| | [vá.ḃá:.vá.] | ‘pais’ |
| | [vá.kò.k ^w á:.ná] | ‘avós’ |

- b. [á.ⁿdzí:.lú.] ‘fogo’
 [á.mú:..sí.] ‘fumo’
 [á.ⁿcí:..lá.] ‘cauda’
 [á.há:.ⁿdzú.] ‘fruto’
 [á.ⁿsá:..vá.] ‘grão de areia’

A estrutura da sílaba das palavras acima é apresentada a seguir:

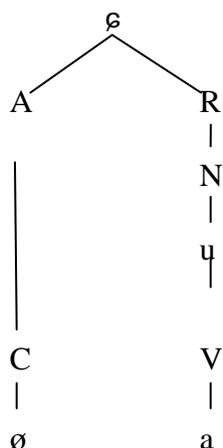
22) Representação da sílaba *va de* [vâ:.n^hù.]



Em (22) descreve-se a estrutura da sílaba canónica em Changana, i.e., uma sílaba com o ataque (margem pré-nuclear), preenchido por um som com o traço fonológico [-sil] e um núcleo ocupado por um som com o traço [+sil]. Normalmente, o núcleo é preenchido por uma vogal (c.f. exemplos 21a). Contudo, também ocorrem, em Changana, sílabas cujo ataque se

apresenta vazio. Isto geralmente acontece em casos de aumentos (c.f. exemplos 21b). As sílabas deste tipo têm a estrutura apresentada em 33:

23) Representação da sílaba *a* de [a.và:n^hù.]



Em (23) está patente uma sílaba aberta com o ataque vazio. Para além da estrutura canónica da sílaba em Changana ser CV, alternativamente V, há casos de alguns empréstimos¹⁶, sobretudo os que têm o Português como língua fonte, em que a palavra importada possui uma sílaba com a sequência *Cr* (consoante e vibrante alveolar), que é conservada em Changana. Por isso, pode-se dizer que esta língua também exhibe sílabas complexas do tipo CCV, conforme se ilustra nos exemplos a seguir:

¹⁶ O empréstimo é um processo de formação de neologismos que “todas as línguas modernas utilizam no seu dia-a-dia. Os empréstimos podem entrar directamente na língua acolhedora, sem qualquer transformação, ou podem sofrer alguma transformação de modo a acomodar-se à estrutura morfo-sintáctica da nova língua” (Mendes 2010:144). Em Changana, as unidades lexicais vindo de outras línguas, normalmente, para além de transformações morfo-sintáticas, sobretudo as transformação morfofonológicas. A importação de novas unidades lexicais numa língua alvo obedece basicamente a dois processos, a saber: (i) o processo de importação do item lexical e (ii) o processo de acomodação do mesmo na nova língua. O primeiro processo é extra linguístico e é basicamente movido pelo contacto de povos e pela necessidade denominativa das novas realidades (Correia e Lemos 2005) ao passo que o segundo tem a ver exclusivamente com os factores linguísticos e se preocupa pela acomodação fonológica, morfológica e sintáctica do termo importado.

24)	kòbràdor	‘cobrador’
	kwadrù	‘quadro’
	pròxjètù	‘projecto’
	prìxmà	‘prisma’

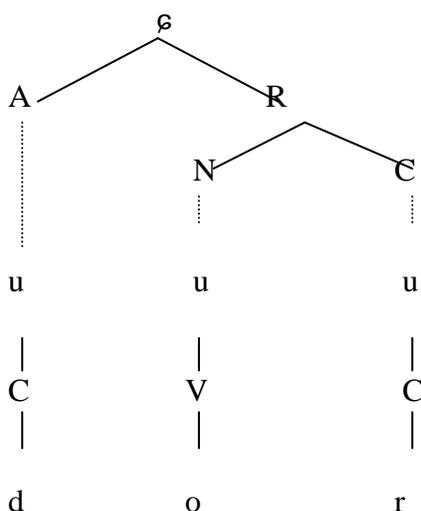
Em (24), mostram-se casos em que é possível ter uma sílaba complexa com a estrutura CCV, em palavras emprestadas. Alguns estudos sobre os empréstimos lexicais do Changana (Sitoe 1996, Ngunga 2004) consideram que a língua tende a conservar a sua estrutura canónica (i.e. CV). Tal não corresponde aos factos no tocante às estruturas como as acima apresentadas, nas quais a sílaba passa a ter a margem pré-nuclear ou ataque pesado (i.e. com duas consoantes).

Para além se sílabas com a margem pré-nuclear pesada, a descrição dos dados do Changana mostra também que o processo de empréstimos lexicais altera a estrutura da sílaba canónica para uma estrutura de sílaba fechada, como se pode ver em 25:

25)	kòbràdor	‘cobrador’
	màkinixtà	‘maquinista’
	tèxtèmunyù	‘testemunho’

Os exemplos (25) revelam a existência de sílabas fechadas do tipo CVC (i.e. sílabas com ataque rima e coda), cuja estrutura se apresenta em 26:

36. representação **dor** de *kobrador*



Em 26 está-se perante um caso de sílaba atípica em Changana. A existência deste tipo de sílaba, que tem como fonte a língua portuguesa, pode levar a aventar a hipótese, segundo a qual o Changana copiou daquela língua unidades lexicais e não as acomodou na sua estrutura. A relevância de sua apresentação neste trabalho prende-se com o facto de esta ser sistemática nos dados colhidos de falantes de faixas etárias diversas. Contudo, quer as sílabas CCV, quer as sílabas CVC não são primitivas na língua, pois só aparecem nos casos de empréstimos. Portanto, a estrutura básica da sílaba em Changana é (C)V.

4.4. Tom em Changana

A presente secção faz um estudo do tom em Changana apesar de a dissertação ter como objectivo descrever a morfofonologia do verbo, do ponto de vista da fonologia segmental. O Changana é uma língua tonal e, por isso, é relevante que o trabalho fixe os padrões tonais da mesma. A fonte de recolha de dados é Siteo (1996). O uso do dicionário

Changana – Português como fonte de recolha de informação justifica-se pelo facto de os dados recolhidos e transcritos pelo projecto ocorrerem em frases, o que impossibilita o isolamento de palavras com tons básicos.

O tom, definido como o nível relativo da voz na emissão de sílaba ou palavra (Weiss 1988, Pike 1948, Katamba 1989, Zahar 1985), pode ser lexical, quando distingue palavras e gramatical quando for relevante nas frases de uma dada língua. Da literatura consultada sobre esta matéria em Changana, destaca-se Beuchat (1959, 1961, 1962), que estudou o tom do nome em Changana. Nos seus artigos, a autora conclui que o Changana tem basicamente dois tons, nomeadamente, o tom de nível alto e o tom de nível baixo. Nota-se também que os prefixos nominais têm basicamente a estrutura CV, excepto o da classe 9, e que todos têm tom baixo no núcleo da sílaba. Contudo, Beuchat (1961) apresenta apenas as classes 1, 2 e 3 com tom baixo e o resto com tom alto. Para efeitos da presente dissertação, argumenta-se que os tons dos prefixos nominais são todos baixos, ao passo que os tons dos prefixos de concordância são todos altos. Os trabalhos de Beuchat foram exaustivos na descrição do tom dos nomes e seus complementos. Contudo, Louw (1983), sintetizando os trabalhos de Beuchat (1959, 1961 e 1962), introduz o conceito de “repetição do tom”, o que actualmente se designa de expansão do tom. A autora em referência analisa o tom e a sua expansão, tendo em conta a natureza da consoante do ataque na estrutura da sílaba. Beuchat concluiu que as consoantes pré-nasalizadas, as aspiradas e palatalizadas bloqueiam a expansão do tom alto para as sílabas seguintes, posição que não é corroborada no presente trabalho.

Neste trabalho, apenas se marca o tom baixo (˘) porque, segundo Siteo (1996), é menos frequente no Changana. Assim, as vogais que não tiverem o diacrítico marcado significa que têm tom alto. Para o exame do tom nesta língua, primeiro, apresentam-se palavras com tons diferentes, com o objectivo de provar que, nesta língua, ele não é

predizível e, depois, analisa-se a sua expansão. Mais tarde, apresenta-se o tom em nomes com estrutura do tipo CVCV ou mais longas

Tom alto em Nomes do tipo CV₁CV₂

- 27)a. pala 'crânio, caveira'
papa 'papas de milho'
pana 'frigideira'

Tom baixo em Nomes do tipo CV₁CV₂

- b. pàpà 'nuvem, catarata do olho'
b'àthà 'perna excessivamente arqueada para fora'
jàndzà 'seca, fome'

Tom baixo em CV₁ e tom baixo em CV₂

- c. ncèle 'buraco, toca'
ncònge 'unidade'
xíge 'declaração'

Tom alto em CV₁, CV₂ CV₃ e tom baixo em CV₄

- d. nsimbhulanà 'nota de cinquenta meticais'
ntsíkwàna 'solução'
ntséndzèla 'pátio'

Tom alto em CV₁, CV₂ CV₃, CV₄ e tom baixo em CV₅

- e. ntivomihleketò 'psicologia'
ntshandzalatì 'halo da lua, círculo luminoso a volta da lua'
svakugqokà 'roupa, vestuário'

Tom baixo CV₁ e tom alto em CV₂ CV₃

- f. ntsàngwana 'jiboia'

nkìntari	‘quintal’
Hùngwana	‘apelido Rhonga’

Os dados em (27) mostram, claramente, que o Changana é uma língua com dois tons básicos, que se distribuem de formas diferentes nos nomes. Como se pode ver, com nomes de estrutura CVCV, em (27a), as duas sílabas têm tons altos; em (27b), as sílabas têm tons baixos, enquanto em (27c), elas têm sílabas com os tons alto e baixo. De (27d) a (27f), os nomes exibem uma estrutura CVCVCV ou mais longa e têm também tons diferentes: (27d) apresenta os tons alto e baixo alternados, (27e) exhibe os tons altos em todas as sílabas, excepto a última, e (27f) tem o tom baixo na primeira sílaba e tons altos noutras sílabas...

Tal como os nomes, os verbos do Changana exibem também dois tons básicos, designadamente, o tom alto e o tom baixo, como se demonstra a seguir:

28)a. Tom Alto -CV

kùba	‘bater, golpear’
kùcha	‘cantar, narrar, jogar’
kùja	‘comer, roer, corroer’

b. Tom alto -CV₁CV₂

kùpala	‘crânio; caveira’
kùbaka	‘levar à boleia numa bicicleta ou motorizada’
kùdamba	‘sentir-se fatigado, fraco ou molengão’

c. Tom alto -CV₁CV₂ ou mais longos

kùhumula	‘descansar; repousar’
kùhlevela	‘dizer alguém em segredo’
kùnkenkela	‘cacarejar’

Os exemplos em (28) contêm verbos que, excepto a mora da primeira sílaba, apresentam tom alto com estruturas silábicas do tipo -CV (a), -CVCV (b); tem a estrutura -CVCV e -CVCVCV ou mais longa (c). Estes dados mostram que os traços fonológicos (Ex: [\pm obstr], [\pm cont], [\pm lat]) das consoantes oclusivas, fricativas, laterais, vibrantes) não influenciam nos tons das palavras. Esta constatação não está de acordo com o ponto de vista de Beuchat (1961), segundo o qual os traços fonológicos acima referenciados obrigam que o núcleo da sílaba em que as mesmas constituem o ataque tenha, necessariamente, tom alto.

Contrariamente ao Shimakonde (c.f. Liphola 2010), onde se considera que a última sílaba do verbo normalmente não tem tom alto, em Changana, o tom alto pode ocorrer em todas as sílabas, como se ilustra em (29):

29).a. Tom Baixo -CV

kùtà	‘vir’
kùwà	‘cair’
là	‘adv. de lugar aqui’

b. Tom Baixo -CVCV

kùpètsà	‘dobrar’
kùzàmà	‘tentar’
kub’àlà	‘dizer’

c. Tom Baixo -CVCV ou mais longa

kùgòzàrà	‘gozar’
kùyètèlèlà	‘ser profundo no pensar e no saber’
kùmbùrùlhàrà	‘embrulhar’

Em (29) apresentam-se palavras com tom baixo, desde a primeira sílaba até à última. A combinação dos tons altos e baixos não é produtiva em verbos. Alguns verbos com a estrutura -CVCVCVCV ou mais longa exibem um padrão tonal com todas as vogais com tom alto, excepto na última sílaba. Considerem-se os seguintes exemplos:

30) Tom Alto em todas sílabas excepto a última

kùsombolokà	‘estar torto’
kùsondzolotà	‘olhar com apreensão’
kùnyakavalà	‘contorcer o rosto com dores’
kùbakanyasà	‘sacudir alguma coisa num movimento brusco’
kùbungalazà	‘dissipar (a solidão) fazendo alguma coisa como visitar alguém’

Excepto a vogal do prefixo com tom baixo, os verbos em (30) exibem tons altos e baixos. Mais uma vez, isto mostra que não é possível predizer os tons, altos ou baixos, que podem ocorrer numa palavra em Changana, pois, independentemente dos traços dos segmentos que constituem as sílabas que fazem a palavra, bem como do tamanho da mesma, os tons apresentam as mais diversas ocorrências.

Uma vasta literatura em línguas bantu e não só afirma que uma das maiores características do tom é a sua capacidade de propagação ou expansão em contextos derivados (Liphola 2010, Bernardo 2010, Creissels 1998, Ngunga 2000, entre outros). Em Changana, como em muitas línguas bantu, por exemplo, Shimakonde, Ciyaawo, Kimwani, Makhuwa, Setswana, o tom expande-se da esquerda para a direita conforme mostram os três testes, a saber: (i) verbos com tons baixos e os complementos também com tons baixos; (ii) verbos

com tons baixos e os seus complementos com tons altos; e ainda (iii) verbos com tons altos e complementos com tons também altos.

31) Verbos com tons baixos e o complemento também com tons baixos

- a. nìzàmà mùzùlù
 1ps-ø-tentar-VF 1-zulu
 ‘tento (aliciar) o zulu’
- b. nib’àlà màtìvùlà
 1ps-ø-referir-me-VF 1-primogénito
 ‘refiro-me ao primogénito’
- c. nìgòzàrà ndlèlà
 1ps-ø-gozar-VF 9-viagem
 ‘gozo a viagem’

Os dados em (31) mostram o verbo e o seu complemento com tons baixos. Aqui, as palavras conservam os seus tons básicos (i.e. o tom baixo do verbo não se expande para o complemento). Isto é revelador de que o tom baixo não se expande de uma mora para a outra. Para apoiar a afirmação anterior, em seguida, apresentam-se verbos com tom baixo e o complemento com tom alto.

32) Verbos com tons baixos e o seu complemento com tons altos

- a . nìpètsà téndé
 1ps-ø-dobrar-VF 5-tenda
 ‘dobro a tenda’

- b. nìzàmà wánsátí
 1ps-Ø-tentar (aliciar)-VF 1-mulher
 ‘tento (aliciar) uma mulher’
- c. nìb’àlà wázíní
 1ps-Ø-referir-me-VF 1-5ª feira
 ‘refiro me à 5ª feira’

Em (32), o tom baixo do verbo também não se expande para o seu complemento. Uma comparação de (31) com (32) permite afirmar que, em Changana, o tom baixo não se expande (c.f. Louw 1983, Creissels 1998, Bernardo 2010, Liphola 2010, Ngunga 2000). Nos exemplos (33) combinam-se verbos com tom alto e o complemento também com tom alto.

33) Verbos com tons altos e complemento com tom alto

- a. nìhlevela wansati
 1ps-Ø-segredar-VF 1-mulher
 ‘segredo uma mulher’
- b. nìja hanfu (ya pawa)
 1ps-Ø-comer-VF 9-metade (9-gen 5-pão)
 ‘como a metade (do pão)’
- c. nìvula tende
 1ps-Ø-referir-me-VF 5-tenda
 ‘refiro-me a tenda’

Como se viu em (31) e (32), o tom baixo não expande para os constituintes seguintes. Agora, verifica-se que o mesmo acontece com o tom alto se as moras dos constituintes seguintes

também forem portadores de tom alto. Contudo, quando o sintagma é constituído por verbo com tom alto, tendo o seu complemento um tom baixo, o tom alto do verbo expande-se para a direita, ou seja, o tom baixo, na estrutura subjacente do complemento passa a realizar-se com alto, na estrutura de superfície. Vejam-se os seguintes exemplos:

34) Verbo com tons altos o complemento com tons básicos baixos

- a. *nìbaka* *muzulù*
 1ps- \emptyset -levar à boleia-VF 1-zulu
 ‘levo à boleia um zulu’
- b. *nìvula* *ndelà*
 1ps- \emptyset -refiro-me-VF 9-viagem (caminho)
 ‘refiro-me à viagem ao caminho’
- c. *nìhlevela* *Ndlatì*
 1ps- \emptyset -segredar-VF 1-Ndlati
 ‘segredo o Ndlati’

Em (34) apresentam-se verbos com tom básico alto e seus complementos com tons básicos baixos. Neste exemplo, embora os tons do complemento sejam baixos na estrutura profunda (*mùzùlù* ‘zulo’, *ndèlà* ‘caminho’ e *Ndlàtì* ‘apelido Rhonga’), na estrutura de superfície, o tom alto do verbo propaga-se para as primeiras sílabas dos complementos.

O facto de o tom propagar-se de um palavra para a outra, prova que (i) o Changana é uma língua tipicamente tonal cujo tom (ii) ocorre tanto no domínio lexical como no pós-lexical. Esta conclusão é reforçada quando, diferentemente dos exemplos em (34), que exibem complementos com duas sílabas, nos exemplos que se seguem, onde ocorre mais de 1 complemento e mais duas sílabas, o tom se expande da mora do morfema com tom alto até à

penúltima mora, sob seu domínio. Em (35), vê-se o comportamento esperado do tom baixo em relação às moras seguintes:

35)a. **nìzàmà** kùtshàndzàvùtà màhùngù
1ps-ø-tentar-VF 15-“distender”-VF 6-notícias
‘tento distender (dar) notícias’

b. **nìtsàndzàvùtà** mùbedè
1ps-ø-distender-VF 3-cama
‘distendo a cama’

c. **nìnghànghàmèlà svinènè**
1ps-ø-gaguejar-VF 8-muito
‘gaguejo muito’

Em (35), todos os verbos exibem o tom baixo. Como era de esperar, o tom baixo não se propaga. É importante aqui isolar o prefixo de concordância da primeira pessoa do singular (nì-), porque este tem o tom baixo, ao contrário do que acontece com o prefixo de concordância de sujeito referente à 3ª pessoa do singular (a-), que exibe tom alto. Os exemplos que se seguem mostram os constituintes em (35), prefixados à 3ª pessoa do singular, a fim de observar o comportamento do tom alto nas sílabas seguintes.

36).a. **azama** kùtshàndzàvùtà màhùngù
3ps-ø-tentar-VF 15-“distender”-VF 6-notícias
‘(ele) tenta distender (dar) notícias’

b. *atsandzavutà* *mùbedè*

3ps-Ø-distender-VF 3-cama

‘(ele) distende a cama’

c. *anghanghamelà* *svìnènè*

3ps-Ø-gaguejar-VF 8-muito

‘(ele) gagueja muito’

Os exemplos em (36) confirmam que o tom alto propaga-se para a mora seguinte. Por outro lado, os exemplos que seguidamente se apresentam em (37), elucidam que o tom alto pode-se expandir para além do léxico, i.e. para além do domínio das moras da palavra em que o mesmo é inserido.

37)a. *mbùrhì* [*svikucuta* *maparatù*]

9-mulher bonita 9-PRES-passar água limpa-VF 6-pratos

‘a mulher bonita passa água limpa os pratos’

b. *jùzè* [*svarivale* *kususa* *maparatù*]

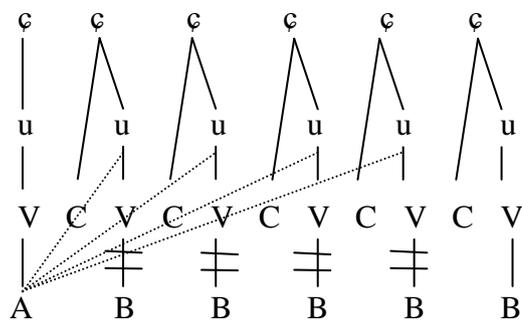
1-josé 1-esquecer-PSD 15-tirar-VF 6-pratos

‘o José esqueceu-se de tirar os pratos’

Em (37) apresentam-se frases com verbos transitivos, sendo que, em (37a), o verbo *kucuta* ‘passar água limpa’ tem tom básico alto e, em (37b), o verbo *kùrìvâlà* ‘esquecer-se’ possui o tom básico baixo. Em (37a), o complemento do verbo *màpàràtù* ‘pratos’ apresenta tom básico baixo, mas o tom alto do verbo converte todas as moras do complemento de baixas para altas, excepto a da última mora. Em (37b), o verbo principal da frase (*-rìvâlà* ‘esquecer’) tem tom baixo, acontecendo o mesmo com o verbo auxiliar (*kùsùsà* ‘tirar’), bem como o

objecto ou complemento (*màpàràtù* ‘pratos’). Contudo, todos os constituintes sob domínio do sintagma verbal (SV) passam a ter as suas moras com tom alto, excepto a última mora, devido à inserção do prefixo de concordância de sujeito do nome da classe 1, (*a-*), cuja mora é portadora de tom alto. A propagação do tom alto é sempre possível desde que os constituintes estejam sob mesmo domínio fonológico.

38) Formalização da regra de expansão do tom em Changana



Onde: ç - sílaba; u – mora, C – consoante, V – vogal, A – tom alto e B – tom baixo.

Em (38) está representada a regra de propagação do tom em Changana. A linha descontínua significa a propagação do traço (tom alto) da primeira mora da vogal (V). Assim, o tom alto da primeira mora propaga-se da esquerda para a direita até à penúltima mora da sílaba, sob seu domínio fonológico. No entanto, a regra acima é bloqueada se o constituinte seguinte exibir o tom lexical contrastivo. Antes, veja-se o tom lexical contrastivo em (39):

- | | | | | | |
|-------|---------------|-----------------------|------|---------------|---------------|
| 39)a. | <i>vélé</i> | ‘grão de milho’ | c.f. | <i>vélé</i> | ‘mama, seio’ |
| b. | <i>màvélé</i> | ‘grãos de milho’ | c.f. | <i>màvélé</i> | ‘mama, seios’ |
| c. | <i>khélé</i> | ‘cova, buraco, fosso’ | cf. | <i>khélé</i> | ‘sapo’ |

- d. *màkhèlé* ‘covas, buracos, fosso’ c.f. *màkhélè* ‘sapos’
 e. *kùhòlà* ‘receber salário, subsídio’ c.f. *kùhólá* ‘arrefecer, sarar, ficar curado’
 f. *kàmbà* ‘folha’ c.f. *kámbà* ‘ladrão’

Os exemplos em (39) mostram a ocorrência do tom lexical contrastivo em Changana. Estas palavras bloqueiam a propagação do tom alto (c.f. Philippson 1999) como se pode ver em (40):

- 40)a. *jùzè* [*svarivale* *vélé*]
 1-josé 1-esquecer-PSD 5-seio
 ‘o José esqueceu-se do seio’
 b. *jùzè* [*svarivale* *mávèlé*]
 1-josé 1-esquecer-PSD 5-milho
 ‘o José esqueceu-se do grão de milho’

Os exemplos em (40) revelam que a propagação do tom alto do verbo é bloqueada quando o complemento do mesmo tem tom alto lexical contrastivo. O mesmo acontece quando a unidade portadora de tom alto é um copulativo:

- 41)a. *lèrì i* [*khèle*] ‘este é um buraco’
 b. *lèrì i* [*khele*] ‘este é um sapo’
 c. *làwà i* [*makhele*] ‘estes são sapos’
 d. *làwà í* [*makhèle*] ‘estes são buracos’

Em (41), apresentam-se, entre parêntesis rectos, palavras com o tom lexical distintivo, que bloqueia a propagação do tom alto do copulativo.

Em resumo, a descrição do tom permite concluir o seguinte:

- (i) Esta língua tem 2 tons de nível, a saber, tom alto e tom baixo.
- (ii) O tom pode ser lexical ou gramatical;
- (iii) O tom alto pode propagar-se para as moras seguintes até a penúltima sílaba.
- (iv) A propagação do tom alto é bloqueada quando a palavra seguinte tiver o tom lexical contrastivo.

Tendo discutido o tom em Changana, a subsecção que se segue apresenta as conclusões, em jeito de resumo, do capítulo 4.

4.6. Conclusão

O presente capítulo estava reservado ao estudo da fonologia do Changana através da descrição, a nível segmental, das vogais e consoantes, bem como os seus processos fonológicos. Estes provaram que a concatenação de morfemas com fonemas traços fonológicos semelhantes origina fones com novas características tal que as características originais dos mesmos se perdem. Os processos fonológicos mostraram também que o que se podia considerar bloqueamento de uma dada regra morfológica pode ser resolvido tendo em consideração as diferentes matrizes dos sons da língua. A análise do tom, através do uso do quadro da fonologia autosegmental, permitiu ver que os segmentos devem, de facto, serem separados dos suprasegmentos pois, estes se podem expandir alterando os padrões tonais básicos ou lexicais das sílabas seguintes. O estudo do tom permitiu ver que o mesmo

deve ser visto no cruzamento entre a Morfologia e a Sintaxe pois, o seu nível de actuação pode ser lexical e pós-lexical.

Capítulo 5: Morfologia nominal do Changana

O presente capítulo, que tem por objectivo descrever o funcionamento do nome em Changana, está dividido em duas partes: na primeira, apresentam-se as classes e prefixos nominais do Changana (PI), enquanto na última se faz uma análise dos prefixos de concordância (PD) com o sujeito, os possessivos e numerais, bem como as marcas de objecto e os pronomes de cada uma das classes nominais, na língua em estudo. A apresentação dos prefixos acima será sempre acompanhada pela marcação do respectivo tom, o que vai permitir discutir a relação dos padrões tonais que se manifestam nas palavras do Changana.

5.1. Prefixos nominais do Changana

Como noutras línguas bantu, os nomes da língua changana estão organizados em classes e prefixos nominais. Conforme Bleek (1862), classe nominal é “o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou padrão de concordância (veja também Guthrie 1967:13). Por prefixo de concordância ou prefixo dependente entende-se “qualquer elemento prefixado que serve para desencadear o sistema de concordância gramatical” (Guthrie 1967:13). Desde os primeiros estudos que reconstruíram a hipotética língua, nomeadamente, Ancient bantu (Bleek 1862), Ur-Bantu (Meinhof 1932), proto bantu Meeussen (1967, Guthrie 1971), a partir da qual teriam derivado as línguas bantu actuais, foram destacadas as classes e prefixos nominais como uma das características principais destas línguas (c.f. Ngunga 2004, Maho 1999a). De uma forma geral, os autores acima apresentam algumas divergências quanto a algumas classes. Por exemplo, a lista de Bleek (1869) contém classes e prefixos nominais, desde a classe 1 até à classe 16; Meinhof (1932) acrescenta à lista de Bleek as classes 17, 18, 19, 20 e 21, ao passo que Meeussen (1967) apresenta uma lista idêntica à de Bleek, mas sem

as classes 20 e 21, acrescentando a classe 23, e, finalmente, Guthrie (1971) avança com uma lista de classes e prefixos nominais conforme Meeussen, mas que não inclui a classe 23. A tabela 10, que se segue, extraída de Maho (1999a), resume esta problemática da discussão da reconstituição das línguas bantu.

Tabela 10: Reconstituição das línguas bantu (Maho 1999a:247)

Classes	Prefixos Nominais			
	Bleek (1896:282ff)	Meinhof (1932:39f)	Meeussen (1967:97)	Guthrie (1971:9)
	Ancient Bantu	Ur-Bantu	Proto-Bantu	Proto-Bantu
1	*mũ-	*mu-	*mu-	*mɔ̄-
2	*ba-	*ɓa-	*ba-	*ba-
3	*mū-	*mu-	*mu-	*mɔ̄-
4	*mi-	*mi-	*mi-	*mɛ̄-
5	*di- ~ *li-	*li-	*ɿ-	*yɿ-
6	*ma-	*ma-	*ma-	*ma-
7	*ki-	*ki-	*ki-	*kɛ̄-
8	*pi-	*ɓi-	*bɿ-	*bɿ-
9	*n-	*ni-	*n-	*ny-
10	*thin-	*ɓi-ni-	*n-	*ny-
11	*lu-	*lu-	*du-	*du-
12	*ka- (13)	*ka- (13)	*ka-	*ka-
13	*tu- (12)	*tu- (12)	*tu-	*tu-
14	*bu-	*ɓu-	*bu-	*bɔ̄-
15	*ku-	*ku-	*ku-	*kɔ̄-
16	*pa-	*pa-	*pa-	*pa-
17	-	*ku-	*ku-	*kɔ̄-
18	-	*mu-	*mu-	*mɔ̄-
19	-	*pɿ-	*pɿ	*pɿ
20	-	*ɣu-	-	-
21	-	*ɣi-	-	-
(22)	-	-	-	-
23	-	-	*i-	-

A tabela 10 acima, sintetiza as reconstituições do proto-bantu. Os linguistas, em geral, têm assumido a lista de Meeussen (1967) como a melhor. Sem querer discutir as reconstituições acima indicadas, porque o presente trabalho é descritivo e sincrónico, refira-se que a discussão sobre as classes e prefixos nominais em bantu continua ainda em aberto, pois casos há em que alguns autores citam mais classes e prefixos para além dos que constam da tabela anterior, por exemplo, as classes 24, 25 e outras ainda (c.f. Maho 1999a).

Os estudos feitos sobre a língua changana mantêm também acesa a discussão sobre as classes e prefixos nominais nesta língua. Para permitir uma melhor abordagem da matéria em questão, cuja base está assente nas reconstituições acima, veja-se, na tabela que segue, a comparação de alguns estudos feitos em Changana, conforme (Langa 2008):

Tabela 11: Quadro resumo dos prefixos nominais em Changana

Classes nominais	Prefixos Nominais					
	Junod (1929)	Ouwehand (1965)	Ribeiro (1965)	Baumbach (1970)	Baumbach (1987)	Sitoe (1996)
1	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
2	va-	va-	va-	va-	va-	va-
3	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
4	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-
5	ri-	ri-	ri-	ri-	ri-	ri-
6	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-
7	xi-	xi-	chi-	xi-	xi-	xi-
8	swi-	swi-	bsi-	swi-	swi-	svi-
9	yi (n)-	yi-	yi-	yi-	yi(n)-	yi(n)-
10	ti(n)-	Ti-	ti-	tiyin-	ti(n)-	ti(n)-
11	ri-	Ri-	ri-	ri-	ri-	ri-
14	vu-	wu-	wu-	wu-	wu-	vu-
15	ku-	ku-	ku-	ku-	ku-	ku-
16	-	-	-	ha-	ha-	ha-
17	-	-	-	ku-	ku-	ku-
18	-	-	-	mu-	mu-	mu-
21	-	-	-	dyi-	ji-	ji-

A tabela 11 mostra as classes nominais em Changana, de acordo com os diferentes autores. Desta tabela, pode-se deprender que o Changana apresenta classes e prefixos nominais diferentes. Junod (1929), Ouwehand (1965) e Ribeiro (1965), apresentam as classes nominais da classe 1 à classe 15, sem incluir as classes 12 e 13; Baumbach (1970, 1987) e Siteo (1996) contemplam, para além das classes e prefixos nominais referidos anteriormente, as classes 16, 17, 18 e 21. Em seguida, descrevem-se as classes e prefixos nominais do Changana.

5.1.1. Classes 1 (mu-) e 2 (va-)

Estas classes normalmente contêm nomes de seres humanos. A classe 1 é o singular da classe 2.

	Singular		Plural	
1)	mùnhù	‘pessoa’	vànhù	‘pessoas’
	mùsunguli	‘fundador	vàsunguli	‘fundadores’
	mùsuthu	‘sutho’	vàsuthu	‘suthos’

A classe 2 é morfologicamente a mais estável,, porque mantém as suas características morfofonemicas, enquanto o morfema da classe 1 apresenta vários alomorfes, nomeadamente, n’w-, m- e ø-, como se pode ver nos seguintes exemplos:

2)	n’wana	‘criança, filho/a’
	n’wasvakwe	‘pessoa solitária’
	n’wamahùngù	‘jornalista’

Esta forma *n'w* resulta do processo de resolução de hiatos, envolvendo as vogais /u/, do prefixo da classe 1 (*mu-*), e a vogal /a/ do tema nominal. Porém, no Changana actual, existem formas fossilizadas de *n'wa*, segundo (Siteo 1996: 172), o qual considera que esta forma nominal, historicamente, deriva do encontro de dois prefixos nominais, *mu-* e *va-*, conforme “*n'wa* radical nominal **mu-**, **va-** mãe”. Esta forma, muitas vezes, ocorre associada a outros nomes, acrescentando sentido relacionado à origem, actividade, função ou mesmo para personificar, como se pode verificar em 3:

- 3) **n'wampfundlà** ‘o senhor coelho’
 n'wamàhungu ‘jornalista’
 n'wajùzé ‘que pertence a José (esposa, filho)’

Em (3) pode-se depreender que a forma nominal *n'wa-* está associada a morfemas livres, como *mpfundlà* ‘coelho’, *màhungu* ‘notícias’ e *Jùzè* ‘nome próprio’. Todos estes nomes passam a pertencer à classe 1. A elisão da vogal /u/ do prefixo nominal resulta em prefixo da classe 1, que se realiza apenas como *N-* ou como morfema zero, nos casos em que se elide todo o morfema, conforme ilustram os dados em 4:

- 4)a. **mpfana** ‘miúdo, rapaz’
 nsátí ‘esposa’
 b. **padre** ‘padre’
 tatana ‘pai’

Em (4) apresentam-se os alomorfes do prefixo da classe 1 (mu-), onde em (4a) o alomorfe é *m-*, ocorrendo \emptyset -em (4b).

5.1.2. Classe 3 (mu-) e 4 (mi-)

É difícil caracterizar semanticamente esta classe. Por exemplo, alguns estudiosos consideram que na classe em referência predominam nomes que dizem respeito a plantas, partes do corpo humano (c.f. Ngunga 2002). Por seu turno, Katupha (1983:65) considera que nesta classe abundam “elementos da natureza como plantas, alguns animais, expressões derivadas de verbos, resultado de acções ou instrumentos, comporta nomes diversos”. Alguns estudiosos afirmam mesmo que “não existe uma forma de caracterizar os nomes que pertencem a esta classe” (Ngonyani 2003:30) e usam apenas as características morfológicas, através da formação do singular e do plural, para inserir os nomes nesta classe. Vejam-se os seguintes exemplos:

Singular		Plural	
5) mùntwa	‘pico, espinho’	mìntwa	‘picos, espinhos’
mùsi	‘pau de pilar’	mìsi	‘paus de pilar’
mùzìlù	‘roupa de luto’	mìzìlù	‘roupas de luto’

Em (5) apresentam-se os nomes da classe 3 e 4, onde *mu-* indica o singular e *mi-* o plural. O prefixo da classe 3 apresenta as mesmas variações alomórficas que o prefixo da classe 1, como indicam os seguintes dados:

- | | | |
|------|--------------------|-----------------------------------|
| 6)a. | nhlana | ‘dorso, costas’ |
| | nkàxa | ‘caixão’ |
| | nkènyo | ‘cão medroso’ |
| b. | mpàla | ‘buraco fundo e estreito no solo’ |
| | mpfhùka | ‘espaço, intervalo, distância’ |
| c. | hambanò | ‘separação, variação, diferença’ |
| | hlambanyisò | ‘troca, confusão’ |

Em (6) ilustram-se os alomorfes do morfema da classe 3. Em (6a) e (6b), o prefixo é uma nasal homorgâmica, motivada pela elisão de /u/ do morfema *mu-*, ao passo que em (6c) o prefixo é zero. Em todos os casos em que ocorreu a elisão de /u/, a nasal que resta é silábica, fazendo com que a palavra formada mantenha a sua estrutura silábica, como se o prefixo com o núcleo elidido mantivessem a sua estrutura fonológica.

5.1.4. Classe 5 (ri-) e 6 (ma-)

Morfologicamente, o prefixo da classe 5 é representado pelo morfema (rì-) e o prefixo da classe 6 pelo morfema (mà-). Semanticamente, é difícil encontrar uma característica comum a todos os nomes desta classe. Por exemplo, Ngunga (2002) considera que a classe em referência é dominada por nomes de frutos, animais, partes do corpo humano; Katupha (1983) acrescenta à lista a cima os termos que dizem respeito aos espíritos; e Ngonyani (2003) apenas ignora totalmente a semântica dos nomes destas classes. No Changana actual, também é difícil prever semanticamente os nomes das classes 5 e 6, pois incluem as mais

diversas áreas semânticas, desde os nomes de coisas, frutos, utensílios, etc. Em (7) ilustram-se os nomes das classes 5 e 6 na língua em estudo:

Singular			Plural	
7a). rìn 'wani	'outro/a'	cf.	màn 'wani	'outros/as'
rìgàgà	'fruto verde'	cf.	màgàgà	'frutos verdes'
rìgàvà	'novilho'	cf.	màgàvà	'novilhos'
b) ríbzè	'pedra'	cf.	màrìbzè	'pedras'
rìto	'voz'	cf.	màrìto	'vozes'
rìfù	'núvem'	cf.	màrìfù	'núvens'
d) lìnyà	'linha'	cf.	màlìnyà	'linhas'
sèmà	'cheiro'	cf.	màsèmà	'cheiros'
senge	'região lombar'	cf.	màsenge	'regiões lombares'

Em (7a), com nomes cujo tema tem a estrutura -CVCV, o prefixo da classe 5 (rì-) realiza-se através do processo de substituição, em que o prefixo da classe 6 está no lugar do da classe 5, na formação do plural e vice-versa. Contudo, casos como (7b), em que a estrutura do tema nominal é -CV, o processo é de adição, que consiste na junção do prefixo do plural ao nome da classe 5 para a formação do plural. Em (7c), mostram-se casos em que a consoante inicial é [+cont] e o prefixo é zero.

5.1.5. Classe 7 (xì-) e classe 8 (svì-)

O prefixo da classe 7 (xì-) é singular do prefixo da classe 8 (svì-). Ngunga (2002) considera que esta classe é maioritariamente constituída por nomes que designam coisas,

objectos, línguas, culturas. Em Changana, podem-se acrescentar a esta lista algumas partes do corpo humano. Contudo, ressalve-se que as características semânticas das classes nominais são falíveis nas línguas actuais. Os exemplos em (8) mostra os nomes destas duas classes na língua changana.

Singular			Plural	
8). xìfùvà	‘peito’	cf.	svìfùvà	‘peitos’
xìlèpfù	‘queixo’	cf.	svìlèpfù	‘queixos’
xìguyu	‘animal doméstico’	cf.	svìfuyu	‘animais domésticos’
xìbèlhèlè	‘hospital’	cf.	svìbèlhèlè	‘hospitais’
xìbèbana	‘bebé’	cf.	svìbèbana	‘bebés’

Como se pode ver em (8), é sempre complicado agrupar os nomes por classe nominal, através do critério semântico. Estas classes são as mais estáveis do ponto de vista morfológico, porque os seus prefixos não variam, i.e., o morfema e o alomorfe são idênticos em todos os contextos.

5.1.6. Classe 9 (yìN-) e classe 10 (tìN-)

O prefixo da classe 9 (yìN-) é singular do da classe 10 (tìN-). A opção e em representar o morfema *N-* em maiúsculas deve-se ao facto de (i) ser uma nasal homorgâmica e (ii) o mesmo poder realizar-se como principal, na classe 9, em temas nominais com estrutura –CVCV, enquanto em temas com estrutura –CV se actualiza com o prefixo empentético (*yi-*) por adição ao nome da classe 9. O nome formado através do processo acima descrito tem como plural a adição do prefixo (tìN-) à palavra formada. Semanticamente, as

classes 9 e 10 comportam nomes de animais, partes do corpo humano (Ngunga 2002). Os exemplos (9) mostram nomes das classes 9 e 10 na língua em estudo.

singular			plural	
9) ngùlùvè	‘porco’	cf.	tìngùlùvè	‘porcos’
ngwènyà	‘crocodilo’	cf.	tìngwènyà	‘crocodilos’
mbùtì	‘cabrito’	cf.	tìmbùtì	‘cabritos’
nxìyì	‘sobrasselha’	cf.	tìnxìyì	‘sobrasselhas’

Em (9) estão patentes nomes das classes 9 (N-) e 10 (tìN-). Em todos os casos, o tema nominal tem a estrutura -CVCV. Contudo, quando o tema nominal for -CV, a este adiciona-se, primeiro, a nasal e, depois, o prefixo empentético (yi-), tal como se elucida em (10):

singular			plural	
10). yìnso	‘rim’	c.f.	tìyìnso	‘rins’
yìngwè	‘leopardo’	c.f.	tìyìngwè	‘leopardos’
yìmpi	‘batalha, guerra’	c.f.	tìyìmpi	‘batalhas, guerras’
yìmbhu	‘avestruz’	c.f.	tìyìmbhu	‘avestruzes’

Em 10, os nomes mais à esquerda tem os temas nominais monossilábicos *-so* ‘rim’, *-gwè* ‘leopardo’, *-pi* ‘batalha, guerra’ e *-bhu* ‘avestruz’. Devido ao seu carácter monossilábico, e sendo o prefixo da classe 9 uma nasal homorgâmica, faz com que a prefixação da nasal forme nomes monossilábicos com consoantes pré-nasalizadas, facto que viola a estrutura básica do nome em Changana, que prescreve a forma CVCV. Para obedecer a esta estrutura, o prefixo empentético *yi-* desempenha essa função. Na formação do plural, o prefixo da classe 10 (tìN-)

pré-prefixa-se por adição ao nome da classe 9. Este prefixo sofre elisão quando ocorre com nomes cuja consoante inicial é glotal¹⁷ (i.e. /h/) como se pode ver em (11).

singular			plural		
11).	hòmù	‘boi’	cf.	tìhòmù	‘bois’
	hùnyì	‘lenha’	cf.	tìhùnyì	‘lenhas’
	hòvà	‘caracol’	cf.	tìhóva	‘caracois
	hlàngà	‘caniço’	cf.	tìhlàngà	‘caniço’
	hlòlò	‘ossículo’	cf.	tìhlòlò	‘ossículos

Em 11, a nasal homorgâmica, tanto da classe 9 como da classe 10 elidiu-se antes da fricativa glotal.

5.1.7. Classe 11 (lì-) e Classe 10 (tìN-)

A classe 11 tem como prefixo *lì-* no singular e faz o plural com o prefixo da classe 10.

Semanticamente, associam-se a esta classe coisas longas, membros e pares (Ngunga 2002).

singular			plural		
12.)	lìrìmì	‘língua’	c.f.	tìrìmì	‘línguas’
	lìtùhò	‘dedo’	c.f.	tìntùhò	‘dedos’
	lìcondzo	‘pata de ave’	c.f.	tìncondzo	‘patas de ave’
	lìhlanga	‘caniço’	c.f.	tìhlanga	‘caniços’

¹⁷ Veja 4.1.2.1. sobre Nasal homorgâmica

Em 12 apresentam-se os nomes da classe 11 cujo plural é o prefixo da classe 10.

5.1.8. Classe 14 ((w)ù-)

O prefixo da classe 14 é (w)ù-, normalmente, não tem plural. Do ponto de vista semântico, esta classe é constituída por nomes de substâncias, massas, incontáveis, abstratos (Ngunga 2002), conforme ilustram os dados em (13):

13)	(w)ùlòmbè	‘mel, açúcar’
	(w)ùxìjì	‘coragem’
	(w)ùpshà	‘de ser jovem’
	(w)ùbasi	‘limpeza’

Em 13 apresentam-se nomes da classe 14. Nos exemplos que se seguem, esta apresenta a classe dos verbos (classe 15).

5.1.9. Classe 15 (ku-)

A classe 15 é constituída apenas por verbos no infinitivo, como se pode depreender em (14):

14)	kùfa	‘morrer’
	kùlàyà	‘aconselhar’
	kùjòndzà	‘estudar’
	kùpsala	‘procriar, ser fértil’

Em (14) ilustra-se a classe dos verbos em Changana, cujo prefixo é invariavelmente *kù-*. Esta classe encerra as classes e prefixos nominais em Changana. Ao contrário do que acontece com algumas línguas, em Changana, a locativização é feita por sufixação. Desta forma, os prefixos das classes 16 (ha-), 17 (ku-) e 18 (mu-), listados em Changana por Baumbach (1970, 1987) e Siteo (1996), devem vir expressos entre parêntesis curvos, visto que aparecem lexicalizados em algumas palavras do Changana, conforme se pode ver nos exemplos que se seguem:

- | | | |
|--------|------------------------|---------------------|
| 15) a. | hansi (cl.16) | ‘no chão, em baixo’ |
| | henhla (cl.16) | ‘em cima’ |
| | handle (cl.6) | ‘fora’ |
| b. | kule (cl.17) | ‘longe’ |
| | kusuhi (cl.17) | ‘perto’ |
| | kaya (cl.17) | ‘em casa’ |
| c. | ndzeni (cl.18) | ‘dentro’ |
| | ndzhaku (cl.18) | ‘atrás de’ |

Os exemplos em (15) mostram alguns “vestígios” das classes locativas em Changana, que se encontram morfológica e semanticamente lexicalizados, mas que, por razões históricas, deixaram de ser produtivos, uma vez que não podem ser dissociados dos temas nominais a que se afixam. Estes “prefixos” são intrínsecos às palavras. Assim, os locativos são expressos morfológicamente através da sufixação de *-ini*, que se distribui *-ini* e *-eni*, sendo que *-ini* ocorre quando as vogais do tema nominal são primárias e *-eni* nos demais ambientes (sobre

os processos fonológicos envolvendo locativos veja-se o capítulo sobre fonética e fonologia na presente dissertação).

Em resumo, a tabela de classes e prefixos nominais do Changana actual tem como base a proposta avançada por Junod (1929), Ouwehand (1965) e Ribeiro (1965), corroborada por Langa (2002, 2008). Todos os prefixos nominais em Changana são do tipo (C)V-, excepto o prefixo da classe 9, que é uma nasal (N-), apresentando em temas nominais CVCV o tom baixo no seu núcleo silábico.

Vistas as classes e prefixos nominais do Changana, a secção que se segue apresenta os prefixos de concordância.

5.2. Prefixos de concordância com o sujeito, possessivo e qualificador em Changana

Cada prefixo de uma classe nominal rege o padrão de concordância das unidades lexicais sob seu domínio. Assim, o prefixo da classe 1 determina que os nomes sob domínio do núcleo nominal devem obedecer ao padrão de concordância dessa classe. A tabela que se segue apresenta os prefixos de concordância por classe nominal com o verbo, possessivo e qualificador.

Tabela 12: Prefixos de concordância em Changana

Classe	PI	Sujeito	Objecto	Possessivo.	Pronome	Numeral
1	mù-	a-	-mù-	(w)á	yènà	mù-
2	và-	va-	-và-	vá	vònà	và-
3	mù-	u-	-wù-	(u)á	wònà	wù-
4	mì-	yi-	-yì-	y(i)á	yònà	yì-
5	rì-	ri-	-rì-	r(i)á-	rònà	rì-
6	mà-	ma-	-mà-	yi(á)-	wònà	mà-
7	xì-	xi-	-xì-	x(i)á-	xònà	xì-
8	svì-	svi-	-svì-	sv(i)á-	svòna	svì-
9	yìN-	yi-	-yì-	y(i)á	yònà	yìn-
10	tìN-	tí-	-tì-	t(i)á-	tònà	tìn-
11	lì-	li-	-lì-	l(i)á-	lòna	lì-
14	wù-	ri-	-rì-	r(i)á-	rònà	rì-
15	kù-	ku-	-kù-	k(u)á-	kònà	kù-

Na tabela acima, apresentam-se os prefixos nominais, na coluna designada por “prefixo”; o prefixo de concordância do sujeito, na segunda coluna com a designação de “sujeito”; a marca do objecto, na terceira coluna, denominada “objecto”; o possessivo e o pronome na 4^a e 5^a colunas, respectivamente. Como se referiu anteriormente, todos os prefixos nominais têm tom baixo. Ao contrário disso, os prefixos de concordância com o sujeito apresentam sempre tom alto, conforme se pode ver na tabela 5 que se segue:

Tabela 13: Prefixo de concordância do sujeito

Classe	Nome+verbo	Glossário
1	mùnhù awilè	‘a pessoa caiu’
2	vànhù vawilè	‘as pessoas caíram’
3	mùsì uwilè	‘o pau de pilar caiu’
4	mìsì yiwilè	‘os paus de pilar caíram’
5	rìgàgà riwilè	‘o fruto verde caiu’
6	màgàgà mawilè	‘os frutos verdes caíram’ -
7	xitùlù xiwilè	‘a cadeira caiu’
8	svitùlù sviwilè	‘as cadeiras caíram’
9	ngùlùvè yiwilè	‘o porco caiu’
10	tìngùvè tiwilè	‘os porcos caíram’
11	lùhò liwilè	‘o dedo caiu’
14	wùlòmbè riwilè	‘o açúcar caiu’
15	kùxonga kuwilè	‘a beleza caiu/acabou’

A tabela 13 mostra os prefixos de concordância com o sujeito. Como se pode depreender, os prefixos de concordância com o sujeito têm o tom alto.

Tendo visto o padrão tonal do prefixo de concordância do sujeito, em seguida, analisa-se o padrão tonal da marca de objecto. Nas línguas bantu, em geral, os sintagmas nominais (SN) podem ocorrer em duas posições potenciais, a saber, a posição do sujeito (SN/F) ou posição de objecto (SN/SV) (Siteo 1999, Ngunga 1991). Quando o SN ocorre na posição do sujeito, o seu prefixo nominal rege o desencadeamento da concordância dos constituintes a ele relacionados, conforme (Ngunga 2004, Siteo 1996). O tipo de prefixo de concordância é determinado pelo prefixo de classe a que pertence o nome. Os prefixos pertencem a classes específicas, dependendo das suas características e significado que atribuem ao nome do grupo a que pertencem (Mutaka e Tamanji 2000). Os sintagmas nominais são definidos como projecção máxima das unidades lexicais (Faria et al 1996). Apresenta-se, em seguida, a concordância em SNs simples, através dos exemplos que seguem:

16a) [mpfana] aje pawà
1- rapaz 1-comer-PAS 5-pão
'o rapaz comeu o pão'

b) [vãfana] vaje pawà
2-razap 2-comer-PAS 5-pão
'os rapazes comeram o pão'

17.a) [nsinyà] uwilè
3-árvore 3-cair.PAS
'a árvore caiu'

b) [m̀nsinyà] yiwilè
4- árvore 4-cair.PAS
'as árvores caíram'

18a) [rhòmpfà] riwupfilè
5-ata 5-amadurecer-PAS
'a ata amadureceu'

b) [m̀rhòmpfà] mawupfilè
6-ata 6-amadurecer.PAS
'as atas amadureceu'

19a) [xìngòvè] xiwilè
7-gato 7-cair-PAS
'o gato caiu'

b) [svìngòvè] sviwilè
8-gato 8-cair-PAS
'os gatos caíram'

Os dados em (16-18) mostram a ocorrência de PI nos nomes e os respectivos PD. Tanto os primeiros como os últimos estão destacados a negrito. Quando o prefixo independente for da classe 1, o prefixo dependente é também desta classe. Os exemplos (a) apresentam os prefixos no singular e os exemplos (b) os correspondentes do plural. Veja-se o que acontece, nos exemplos a seguir, com os SNs simples na posição SN/SV:

20a) mamani aje [pawa]
 1-mãe 1-comer-PSD 5-pão
 ‘a mãe comeu o pão’

b) mamani **arijilè**
 1-mãe. 5-mo-comer-PSD
 ‘a mãe comeu-o’

21a) nsinya uwelè [movha]
 3-árvore 3-cair-APL-PSD 3-carro
 ‘a árvore caiu sobre o carro’

b) nsinya **uwuwelilè**
 3-árvore 3-mo-cair-APL-PSD
 ‘a árvore caiu-o por cima’

22a) mbzana yihlongole [xingove]
 9-cão 9-perseguir-PAS 7-gato
 ‘o cão perseguiu o gato’

b) mbzana **yixingolilè** ‘
 9-cão 9-mo-perseguir-PSD
 ‘o cão perseguiu-o’

Os dados em (20), (21) e (22) mostram a ocorrência dos sintagmas nominais na posição de SN/SV, delimitados por parêntesis rectos, nos exemplos (a). Nos dados em (b), aos SNs em (a) foram-lhes acrescentados pronomes cíticos. Os pronomes estão destacados a negrito na estrutura verbal.

Os pronomes clíticos ou pronomes de SN/SV são PD das classes a que pertencem. Assim, o SN/SV em (20a) é um nome da classe 5, cujo PD é *rì-*. Este Prefixo dependente ocorre, na estrutura verbal, na posição adjacente à esquerda do radical verbal. O mesmo acontece com os prefixos de outras classes em (b), dos exemplos de 21 e 22, mas com nomes de outras classes.

Tendo sido vistas as marcas de objectos e os seus tons, em seguida, apresentam-se os prefixos de concordância com o possessivo.

Tabela 14: Prefixo independente e possessivo

Classe	Nome	+	possessivo.	‘glossário’
1	mùnhù		(u) a mina	‘minha pessoa’
2	vànhù		va mina	‘minhas pessoas’
3	mùsì		(u) a mina	‘meu pau de pilar’
4	mìsì		y(i) a mina	‘meus paus de pilar’
5	rìgàgà		r(i) a mina	‘meu fruto verde’
6	màgàgà		t(i) a mina	‘meus frutos verdes’
7	xìtùlù		x(i) a mina	‘minha cadeira’
8	svìtùlù		sv(i) a mina	‘minhas cadeiras’
9	ngùlùvè		y(i) a mina	‘meu porco’
10	tìngùlùvè		t(i) a mina	‘meus porcos’
11	lìrìmì		l(i) a mina	‘minha língua’
14	wùsva		r(i) a mina	‘minha xima’
15	kùtìthà		k(ù) á mina	‘meu trabalhar’

A tabela 14 mostra os nomes com prefixos independentes, associados aos respectivos possessivos. A posse é marcada através do processo de genitivização. Em Changana, a partícula genitiva é invariavelmente *-a*, que apresenta sempre um tom baixo. O prefixo de

sujeito, portador do tom alto, junta-se a esta partícula e cria um hiato *V₁V₂. Com a elisão da V₁, o seu tom alto passa para a mora seguinte, que é a V₂. Com o genitivo, o único processo fonológico desencadeado do encontro de vogais é a elisão da vogal do prefixo, independentemente da sua qualidade. Através da regra de expansão tonal, o tom propaga-se até à penúltima mora do possessivo com V₁ e V₂ ostentando tons baixos.

A tabela que se segue, apresenta nomes com prefixos independente com o numeral.

Tabela 15: Prefixo independente e Numeral

Classe	Nome +	Numeral	Glossário
1	mùnhù	mun'wè	‘uma pessoa’
2	vànhù	vambirhì	‘duas pessoas’
3	mùsì	wun'wè	‘um pau de pilar’
4	mìsì	yimbirhì	‘dois paus de pilar’
5	rìgàgà	rin'wè	‘um fruto verde’
6	màgàgà	mambirhì	‘dois frutos verdes’
7	xìtùlù	xin'wè	‘uma cadeira’
8	svìtùlù	svimbirhì	‘duas cadeiras’
9	ngùlùvè	yin'wè	‘um porco’
10	tìngùlùvè	timbirhì	‘dois porcos’
11	lìrìmì	lin'wè	‘uma língua’
14	wùsva	rin'wè	‘uma xima’
15	kùtìthà	kun'wè	‘um trabalho’

A tabela 15 mostra que na concordância com o numeral os prefixos são idênticos, quer do ponto de vista dos seus morfemas, quer no que respeita aos seus padrões tonais, excepto na classe 1, onde o prefixo *a-*, com tom alto, deu lugar a *mu-*, também com tom alto.

Uma outra categoria que merece especial atenção é a conjugação do verbo. A tabela 16, que se segue, ilustra os pronomes pessoais, bem como a sua conjugação no singular e no plural, visando apresentar os morfemas e os tons dos pronomes e dos prefixos de concordância.

Tabela 16: Prefixos de concordância do paradigma de conjugação verbal

Classes	Pronome	Sujeito	Glossário
1ª singular	mìnà	n(dz)ìjòndzà	‘eu estudo’
2ª singular	wènà	ùjòndzà	‘tu estudas’
3ª singular	yènà	ajòndzà	‘ele estuda’
1ª plural	hìnà	hìjòndzà	‘nós estudamos’
2ª plural	n’winà	mìjòndzà	‘vós estudaís’
3ª plural	vònà	vajòndzà	‘eles estudam’

A tabela anterior mostra os pronomes pessoais da 1ª a 3ª pessoas do singular e do plural e os seus prefixos dependentes. Diferente do que acontece com os prefixos de concordância de sujeito com as classes nominais, os prefixos de concordância de sujeito com os pronomes pessoais exibem o tom alto apenas nas 3ªs pessoas do singular e do plural, enquanto as outras pessoas têm o tom baixo, fazendo com que apenas nessas pessoas haja expansão do tom alto e nas outras a forma verbal mantenha as suas características básicas.

5.3. Conclusão

O presente capítulo, que tinha por propósito descrever a morfologia do nome, fez a análise dos prefixos independentes do nome, bem como os prefixos dependentes com o sujeito, a marca do objecto, possessivo, pronome e a conjugação do verbo. Os dados mostraram que os prefixos independentes têm a estrutura CV-, excepto as classes 9 e 10, onde o prefixo é uma nasal. Ao nível segmental, os prefixos dependentes apresentam a mesma estrutura que os independentes, diferindo apenas nos seus tons, uma vez que os PIs têm tom baixo e os PDs tom alto. O mesmo se passa com os PDs dos numerais, que diferem dos PIs apenas pelo facto de (i) apresentarem tom alto e (ii) o prefixo da classe 1 ser *mu-*, ao invés de *a-*, marca de concordância com o verbo. Os prefixos das marcas do objecto têm o tom básico baixo, que se pode manter ou não em função dos tons que a antecedem. Os possessivos são marcados por *-a*, com tom baixo, mas que sempre se realiza alto, no encontro

com os PDs com tom alto. No tocante à numeração em Changana, explicou-se que esta língua tem um sistema de contagem de base 3, nomeadamente, base 1, base 5 e base 10. Os processos de contagem são idênticos e repetem-se a partir da base. Os números de 1 a 3 são complementos adjectivais ao passo que os números 4 e 5 são núcleos de sintagmas nominais. Finalmente, em relação à conjugação do verbo, apenas as 3^a pessoas do singular e do plural têm tom alto, enquanto os outros, primeiras e segundas pessoas do singular e do plural, têm tons baixos.

Capítulo 6: Morfologia do verbo em Changana

O capítulo sobre a morfologia do verbo em Changana visa analisar os constituintes da morfologia do verbo. O primeiro constituinte a ser discutido é o radical verbal (radical não-derivado e radical derivado) e os morfemas derivacionais a ele concatenados.

6.1. Morfologia derivacional

A morfologia derivacional é definida como a que conceitualmente permite a formação de novas palavras ao passo que a morfologia flexional apenas modifica a sua base. Vejam-se os seguintes exemplos que opõem a morfologia derivacional da flexional:

- | | | | |
|---------------|-------------------|-----------------|-------------------------|
| 1.)a. kùfamba | ‘andar, caminhar’ | c.f. kùfambisa | ‘fazer andar, caminhar’ |
| kùjondza | ‘estudar, ler’ | c.f. kùjondzisa | ‘fazer estudar, ler’ |
| kùvona | ‘ver’ | c.f. kùvonisa | ‘fazer ver’ |
| b. kùfamba | ‘andar, caminhar’ | c.f. afambilè | ‘foi, caminhou’ |
| kùjondza | ‘estudar, ler’ | c.f. ajondzilè | ‘estudou’ |
| kùvona | ‘ver’ | c.f. avonilè | ‘viu’ |

Em (1.a.) apresenta-se a aplicação da morfologia derivacional em que aos verbos mais à esquerda foi sufixado o morfema causativo (-is-) originando uma nova palavra, i.e., a palavra kùfamba ‘andar, caminhar’ é diferente de kùfambisa ‘fazer andar, caminhar’ e assim em diante. A novidade na semântica do segundo verbo reside no facto de a acção descrita por este ser totalmente diferente da descrita pelo segundo verbo. De forma diferente, em (1.b), a

sufixação do morfema do tempo passado **-IL-E** não dá um novo significado a palavra mas apenas a altera para expressar a noção do tempo em que o evento descrito desenrola, i.e., mesmo sem a concatenação deste morfema, usando os advérbios de tempo (tolo ‘ontem’, vhiki ringahundza ‘semana passada’) e mantendo o verbo no infinitivo é possível descortinar o sentido da acção descrita pelo verbo.

6.1.1. Radical não derivado

O termo radical refere-se à base que fica quando todos os afixos de concordância e de conjugação tiverem sido apagados na estrutura do verbo (Bauer 1988). Miti (2006) considera que existem dois tipos de radicais, designadamente, radicais simples ou não extensos e radicais extensos. A diferença entre os dois tipos de radicais reside no facto de no segundo estar incorporada uma extensão verbal, o que não acontece com o primeiro. Miti (2006) apresenta ainda três subcategorias de radicais simples ou não extensos, a saber, (i) primitivos; (ii) derivativos e (iii) adoptivos. Os radicais primitivos não são derivados de nenhuma forma fundamental e podem subdividir-se em três subgrupos ou subtipos: -C-; -CVC- e -CVCVC- (mais longos que -CVC-); os radicais derivativos são aqueles que, segundo Miti (2006) e Ngunga (2004), derivam de bases não-verbais, como, por exemplo, de ideofones e formas nominais e, finalmente, os radicais adoptivos, que são adoptados de línguas não bantu ou simplesmente línguas estrangeiras (Miti 2006). Segundo o autor em referência, para que um radical adoptado se integre na língua alvo, deve passar por muitos processos morfofonémicos (no presente trabalho, não se descrevem os empréstimos lexicais). Dos três tipos de radicais, os que interessam a este trabalho são os primitivos, na medida em que são naturalmente

inerentes à língua Changana, i.e., constituem parte integrante do vocabulário básico da língua¹⁸. Os exemplos que se seguem, constituem radicais primitivos do tipo -C-.

2) Radicais do grupo - C-

-b-	‘bater’
-ch-	‘jogar’
-f-	‘morrer’
-h-	‘dar, oferecer’
-j-	‘comer’
-k-	‘tirar água’
-n-	‘chover’
-ny-	‘defecar’
-t-	‘vir’
-y-	‘ir’

Em (2) mostram-se os radicais verbais de estrutura do tipo -C-. Em seguida, apresentam-se os radicais de estrutura do tipo -CVC-:

3) Radicais do grupo -CVC-

-bzàl-	‘semear’
-fàmb -	‘andar, caminhar’
-gùg-	‘envelhecer’
-hlàmb-	‘tomar banho’

¹⁸ Considera-se vocabulário os itens lexicais que não são passíveis de empréstimos. Por exemplo, as partes do corpo humano, verbos que se referem a actividades do dia-a-dia (verbos corpóreos, verbos de movimento, meteorológicos, etc), verbos que descrevem as estações de tempo (verão e inverno), relações de parentesco, etc.

-jondz-	‘estudar’
-mìnt-	‘engolir’
-nyik-	‘oferecer’
-randz-	‘gostar, amar’
-tsham-	‘sentar’
-von -	‘ver’

Em (3), ilustram-se os radicais de estrutura do tipo -CVC-. Esta estrutura é a que se considera como canónica do verbo em Changana. Em (4), a seguir, apresentam-se os radicais do tipo -CVCVC- ou mais longos:

4) Radicais do grupo –CVCVC- ou mais longos

a. -CVCVC-

-mìkùl-	‘levantar (qc. muito pesado)’
-mphumun-	‘sacudir, limpar’
-nchalam-	‘nadar’
-nhlampfunh-	‘mastigar’
-phìndul-	‘responder’

b. -CVCVCV- mais longo

-chùkùvany-	‘debater-se para se soltar (...)’
-pangalat-	‘fazer companhia, acompanhar’
-pùlùvundz-	‘rebolar, revolver-se no chão, tomar banho na poeira’
-kalavandzek	‘contorcer-se de dor; rebolar-se’
-bimbindzel-	‘guardar rancor’
-tshàndzàvùt-	‘distender’

Os exemplos em (4a) indicam os radicais do tipo -CVCVC- e em (4b) apresentam-se radicais mais longos do que -CVCVC-, estes últimos menos frequentes na língua em estudo.

Os radicais do tipo -CVC- ou mais longos, normalmente, têm o mesmo comportamento morfofonológico, quando a ele são concatenados os morfemas derivacionais ou flexionais, ao passo que os do tipo -C-, nalguns casos, são sensíveis a características dos afixos que a eles se associam (veja-se em 6.1.2.)

Descritos os diferentes tipos de radicais primitivos não derivados, a secção que se segue apresenta e discute os radicais extensos.

6.1.2. Radical extenso

Hyman (2007) afirma que o sistema de extensões verbais (EVs) não é exclusivo das línguas bantu, embora seja nelas em o seu sistema de funcionamento se encontra mais desenvolvido e mais produtivo. O mesmo autor acrescenta que referente do sistema de classes nominais, o das EVs está menos estudado e é mais difícil a sua reconstituição devido a vários factores, dentre os quais o factor fonético (há problemas no estabelecimento de correspondências fonéticas), bem como o factor semântico (há problemas no estabelecimento de correspondências semânticas, pois as EVs podem mudar ou sobrepor as suas funções). Mesmo tendo em conta os constrangimentos, como os acima apresentados, Guthrie (1970), Schadeberg (2003) apresentam as seguintes reconstruções do proto-bantu (PB):

Tabela 17: Extensões verbais reconstituídas do proto-bantu

	Extensão verbal	Guthrie (1970)	Schadeberg (2003)
1.	Causativa	*-is-	*-i-/ici-
2.	Aplicativa (dativa)	*-id-	*-il-
3.	Impositiva		*-ik-
4.	Neutra	*-ik-	*-ik-
5.	Posicional (estativa)	*-am-	*-am-
6.	Recíproca (associativa)	*-an-	*-an-
7.	Repetitiva		*-ag- ~ -ang-
8.	Extensiva		*-al-
9.	Contactiva (tentiva)		*-at-
10.	Separativa (Reversiva)	*-ul-	*-ul;-uk-
11.	Passiva	*-w-/ibw-	*-u-/ibu-
12.	Persistiva	*-idid-	
13.	Intensiva	*-isis-	

A tabela 17 confirma a observação de Hyman (2007), segundo a qual não existem consensos em relação ao número e função das EVs. Tendo como referência as duas reconstruções acima, pode-se ver que a reconstituição de Schadeberg (2003) serve de referencial no presente trabalho, sem, contudo, ignorar a proposta de Guthrie (1970).

As grandes diferenças entre estes dois autores residem no facto de, por um lado, Guthrie (1970) não apresentar morfemas para as extensões impositiva, repetitiva, extensiva e contactiva, ao passo que Schadeberg (2003) os inclui. Por outro lado, Schaderberg (2003) não contempla, na sua reconstituição, as extensões persistiva e intensiva, enquanto Guthrie (1970) as apresenta. Os dados do Changana mostram, como a seguir se verá, que para se estudar as EVs nesta língua é relevante que se tome em consideração as duas reconstituições, pois ambas são reflectidas na língua em estudo.

Embora o presente estudo esteja preocupado com os constituintes internos das palavras, a discussão das extensões verbais leva com que nalguns momentos se mencione as seguintes funções conhecidas como as desempenhadas pelas extensões verbais segundo Hyman (2007):

- (i) aumentam a valência do verbo (causativa, aplicativa)
- (ii) reduzem a valência do verbo (passiva, recíproca, estativa)
- (iii) reorientam a acção (reversiva, direcional)

As funções das extensões verbais acima apresentadas, são apenas três de tantas outras possíveis. O presente trabalho não vai examinar cada uma destas funções mas, sempre que necessário, usa a terminologia acima para efeitos descritivos.

Os constrangimentos na classificação das extensões verbais, bem como no levantamento dos morfemas correspondentes, têm as suas implicações no estudo sincrónico destes elementos em Changaná. Por exemplo, dos vários estudos realizados sobre a matéria, ainda persistem áreas de penumbra em relação a algumas extensões verbais, conforme se pode ver na seguinte tabela comparativa:

Tabela 18: Levantamento de extensões verbais em Changana.

	Doke (1954)	Ribeiro (1965)	Baumbach (1988)	Sitoe (1996; 2009)	Langa (2007)
Aplicativa	-el-	-el-	-el-	-el-	-el-
Causativa	-is-	-is-	-is-	-is- (-at-/ix-) ¹⁹	-is -
Intensiva	-isis-	-isis-	-isis-	-isis-	-isis -
Neutra	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-
Passiva	-iw-	-iw-	-iw-	-iw-	-iw-
Persistiva			-elel-	-elel-	-elel-
Recíproca	-an-	-an-	-an-	-an-	-an-
Reversiva (separativa)	-ul-		-ul-	-al- /-ul-	-ul-
Frequentativa	-etel-	-etel-		-etel-	-etel-
Contactiva					-et-
Posicional			-am-	-am-	-am-
Estativa				-al-/akal	
Perfectiva				-elel-	
Diminutiva				-nyana ²⁰	

A tabela 18, onde os retângulos em cinzento indicam que o referido autor não apresenta a extensão, mostra as diferentes discussões à volta das EVs em Changana. Esta discussão tem o seu mérito porque retrata aspectos linguísticos verídicos na língua em referência. Contudo, o seu tratamento deve merecer alguma atenção. Os autores reconhecem a ocorrência das extensões aplicativa, causativa, intensiva, neutra, passiva, recíproca, reversiva, posicional e frequentativa. No entanto, apresentam diferenças em relação às extensões: contactiva, estativa, perfectiva e diminutiva.

Em Changana, os radicais extensos constituem material que tem vindo a ser descrito ao longo de vários anos de desenvolvimento de pesquisa sobre esta língua. Alguns desses estudos, senão a sua maior parte, foram realizados por missionários, como, por exemplo,

¹⁹ Em relação à extensão causativa, Sitoe (1996) apresenta as três acima listadas e considera a *-is-* como a não marcada. Os morfemas (-at-, et-, -ot-, -ox-, -us-) são considerados como “outras extensões causativas” (Sitoe 1996:323) e variam em função dos ambientes fonológicos em que se encontram.

²⁰ De acordo com Sitoe (1996:325) “diferentemente com o que acontece com as outras extensões, *-nyana* pospõe-se a todos os morfemas, ocupando portanto uma posição final”. É uma extensão comum aos verbos e aos nomes (Sitoe 1985, 2009).

Junod (1967), Ouwehand (1965), Ribeiro (1965); outros por académicos, como Baumbach (1988), Siteo (1996), Matsinhe (1994), Chimbutana (2002), Langa (2007), entre outros.

Todas as extensões verbais do Changana exibem um tom básico de nível baixo, que se mantém baixo, se o radical verbal tiver o tom baixo e alto, se o radical também tiver o tom alto. Contudo, devido ao processo de expansão tonal, os tons básicos podem ser, a nível de superfície, tons altos, dependendo do contexto fonológico da base à qual a extensão se afixa.

Antes de avançar para a descrição das extensões verbais, importa notar que estas são tratadas como categorias meramente morfológicas. O objectivo principal é o de fazer o levantamento das extensões verbais existentes em Changana e destar o modelo CARP (c.f. Hyman 2002) visto que este modelo explica a combinação e ordem de extensões verbais em Bantu a partir de argumento intra-morfológicos. Não constitui objectivo deste trabalho analisar ou provar nenhum modelo de análise linguística que as relaciona com a sintaxe como, por exemplo, LFG (Bresnan 1982) nem mesmo o modelo de espelho (Baker 1985).

Na secção que se segue, faz-se um levantamento e sistematização das extensões verbais em Changana, tendo como referência os autores acima (na tabela 18):

6.1.2.1. Aplicativa (-el-)

A extensão aplicativa, que algumas vezes é considerada benefactiva ou dativa, “indica que o estado ou a acção descrita é realizada em benefício de alguém” (Mutaka e Tamanji 2000:179). Contudo, Matsinhe (1994:165-166) considera que esta extensão verbal pode também ser malefactiva, quando o objecto em referência estiver associado a um locativo. Contudo, os dados indicam que a função semântica da extensão tem a ver com o sentido que o contexto de uso da língua lhe atribuir. Sistemáticamente, as extensões verbais são analisadas em termos de (i) estrutura fonológica do verbo; e (ii) relação de transitividade. Nos

exemplos que se seguem, apresenta-se a sufixação da extensão applicativa tendo em conta a estrutura fonológica do radical:

- 5)a. phòyisa riba muyivì
5-polícia 5-PRES-bater-VF 1-ladrão
‘o polícia bate o ladrão’
- b. phòyisa ribela muyivi vahanyi va mugangà
5-polícia 5-PRES-bater-APL-VF 1-ladrão 2-habitante 2-GEN 3-zona
‘o polícia bate o ladrão para os habitantes da zona’
- 6)a. mamani aya masin’wini
1-mamã 1-PRES-ir-VF 6-machamba-LOC
‘a mamã vai à machamba’
- b. mamani ayela b’ava masin’wini
1-mamã 1-PRES-ir-APL-VF 1-pai 6-machamba-LOC
‘a mamã vai a machamba ao invés do pai’
- 7)a. b’ava acha nchuvà
1-pai 1-PRES-jogar-VF 9-nchuva
‘o pai joga a *nchuva*’
- b. b’ava achela n’wana nchuvà
1-pai 1-PRES-jogar-APL-VF 1-filho/a 9-nchuva
‘o pai joga *nchuva* para o filho

Os verbos dos exemplos de (5) a (7) são transitivos, i.e., têm dois lugares. Em (a), os verbos ocorrem sem nenhuma extensão verbal, ao passo que em (b), com a sufixação de uma extensão applicativa, os verbos passaram de dois lugares para três, uma vez que, tipicamente,

Os verbos das frases de (8) a (10) apresentam verbos intransitivos, i.e., verbos de um lugar em (a), que passam a ser transitivos em (b), com a sufixação de *-el-*. A semântica da extensão verbal depende do significado do verbo e da relação que os constituintes da frase mantêm entre si. Assim, por exemplo, em 11, a função semântica é malefactiva.

11)a. xitòmbhanà	xìjela	mamani	nyamà
7-menina	7-PRES-come- APL.FV	1-mãe	9-carne
‘a menina come a carne pela mãe (i.e. ‘a menina come a carne pertencente à mãe’)			

Em (11), a acção não é a favor da mãe (o objecto). Pelo contrário, a menina come algo que era suposto ser comido pela mãe, esta acção já não é benefactiva, mas malefactiva (cf. Matsinhe 1994).

6.1.2.2. Persistiva (-elel-)

A extensão verbal persistiva é também referida como aplicada-directiva. A persistiva indica que “a acção expressa pelo verbo persiste por mais tempo do que uma acção normal. Muitas vezes, o novo item lexical tem características de um significado idiossincrático” (Botne 2003:437). Baumbach (1987) considera esta extensão verbal como intensiva-aplicada e afirma que esta “é uma reduplicação da extensão applicativa e serve para indicar a força da acção expressa pelo verbo” (Baumbach 1987:210). Apesar desta característica, que morfologicamente é tida como a reduplicação da extensão applicativa, por a sua semântica estar fossilizada como sugerida pelos conceitos acima, é considerada como extensão simples

e não combinada, em Changana. Os exemplos em (12) mostram a afixação desta extensão a radicais verbais não-extensos na língua:

- 12)a. b'ava adlaya tihuku
1-pai 1-PRES-matar-FV 10-galinha
'o pai mata as galinhas'
- b. b'ava adlaye**lela** tihuku
1-pai 1-PRES-matar-**PER**-FV 10-galinha
'o pai mata todas as galinhas que tem'
- 13)a. mbzana yilandza n'winyi
9-cão 9-PRES-segue-FV 1-dono
'o cão segue o dono'
- b. mbzana yilandze**lela** n'winyi
9-cão 9-PRES-segue-**PER**-FV 1-dono
'o cão segue o dono para toda a parte'

Em (12a) e (13a), os verbos aparecem sem nenhuma extensão verbal sufixada. Em (12b) e (13b), a adição da extensão persistiva indica que a acção descrita pelo verbo ocorreu de forma persistente, prolongando-se por mais tempo do que o normal.

6.1.2.3. Causativa (-is-)

A palavra causativa significa que “causa ou faz alguém fazer alguma coisa” (Mutaka e Tamanji 2000:177). Esta extensão, tal como a applicativa, aumenta os argumentos do verbo, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- 14)a. xìtshùngù xìba muyivì
 7-povo 7-PRES-bater-VF 1-ladrão
 ‘o povo bate o ladrão’
- b. xìtshùngù xìbisa muyivi hi maphoyisà
 7-povo 7-PRES-bater-CAUS-VF 1-ladrão prep 6-polícia
 ‘o povo faz bater o ladrão pela polícia’
- 15)a. mamani aya masin’wini
 1-mamã 1-PRES-ir-VF 6-machamba-LOC
 ‘a mamã vai à machamba’
- b. mamani ayisa b’ava masin’wini
 1-mamã 1-PRES-ir-CAUS-VF 1-pai 6-machamba-LOC
 ‘a mamã faz o pai ir à machamba’
- 16)a. n’wana ahlambilè
 1-filho/a 1-tomar banho-PSD
 ‘o/a filho/a tomou banho’
- b. n’wana ahlambisa makwavò
 1-filho/a 1-PRES-tomar banho-CAUS-VF 6-irmão/a
 ‘o/a filho/a faz tomar banho o/a irmão/a’
- 17)a. jàhà rinyimilè
 5-rapaz 5-esperar-PSD
 ‘o rapaz esperou/parou’

- b. jàhà rinyimise ntombhì
 5-rapaz 5-esperar-CAUS-PSD 9-rapariga
 ‘o rapaz fez esperar a rapariga’

Os verbos das frases (14) e (15) são transitivos, diferentes dos das frases (16) e (17) que são intransitivos. Em ambos os casos, os verbos das frases em (a) não têm nenhuma extensão sufixada e mantêm a sua estrutura argumental canónica. Em (b), a sufixação da extensão causativa (-is-) adiciona mais um lugar na grelha argumental.

Em relação à extensão causativa (-is-), Siteo (1996) acrescenta os morfemas (-at-, et-, -ot-, -ox-, -us-) e as considera que são “outras extensões causativas” (Siteo 1996:323) e que as mesmas variam em função dos ambientes fonológicos, conforme se pode ver nos exemplos que se seguem, extraídos de (Siteo 1996:323)

- 18).a. -ala: kukárhálá ‘cansar-se’ / kukárhátá ‘fazer cansar-se, cansar’ (-at-)
 b. -ela kupélá ‘mergulhar’ / kupétá ‘fazer mergulhar’ (-et-)
 c. -ola: kulóvólá ‘lobolar’ / kulóvótá ‘permitir o lobolo’ (-ot-)
 d. -aka: kuhalaka ‘derramar’ / kuhalata ‘fazer derramar’ (-at-)
 e. -ka: kuxika ‘descer’ / kuxixa ‘fazer descer’ (-ix-)
 f. -oka: kulongoloka ‘estar em fila’ / kulongoloxa ‘pôr em fila’ (-ox-)
 g. -uka: kusuka ‘sair’ / kususa ‘fazer sair’ (-us-)
 h. -uma: kuhúmá ‘sair’ / kuhúmésá ‘fazer sair’ (-es-)

Fazendo uma análise das extensões acima, pode-se formar dois grupos, nomeadamente, (i) o grupo cuja margem pós-nuclear é **t** (-at-, -et-, -ot-) e (ii) o grupo cuja margem pós-nuclear é **s** (-us-, -es-) ou **x** (-ix-, -ox-). Olhando para estas variações, com base no quadro teórico da

morfologia e fonologia lexical, pode-se afirmar que o primeiro grupo constitui a variação da extensão contactiva (*-at-)²¹ e o segundo grupo, da extensão causativa (-is-). Na presente secção, discute-se o segundo grupo, reservando-se a análise do primeiro grupo para a secção correspondente à extensão contactiva. Em (19), retoma-se o grupo *s* (-us-, -es-) ou *x* (-ix-, -ox-):

- 19)a. -ka: kùxìkà ‘descer’ / kùxìxà ‘fazer descer’ (-**ix**-)
 b. -oka: kùlòngòlòkà ‘estar em fila’ / kùlòngòlòxà ‘pôr em fila’ (-**ox**-)
 c. -uka: kùsùkà ‘sair’ / kùsùsà ‘fazer sair’ (-**us**-)
 d. -uma: kùhuma ‘sair’ / kùhumesa ‘fazer sair’ (-**es**-)

Nos casos acima, ocorrem as variações morfofonológicas de (-is-), i.e, o morfema subjacente nestas palavras é -IS-. As variações em alomorfes nas palavras mais a direita são fonologicamente motivadas e se podem sistematizar através da seguinte alimentação de regras fonológicas:

20). Alimentação de regras fonológicas (Ex: *kuxixa* ‘fazer descer’)

Base:	-xik-
Morf ₁ : inserção de (-is):	kuxik isa
Fon ₁ : elisão de /k/:	kuxi isa
Fon ₂ : palatalização de /s/ (/s/ →[x]/-i/	kuxi ixa
Fon ₃ : elisão de /i/:	kux ixa
Resultado:	kux ixa

²¹ Sobre a extensão contactiva veja 6.1.2.3 da presente dissertação.

Em 20, apresenta-se uma morfologia que consiste na sufixação de *-is-* causativo ao radical *-xik-* ‘descer’. A primeira regra fonológica é a elisão [k], no contexto entre vogais anteriores e altas [i]. Em seguida, a fricativa alveolar [s] é palatalizada [x], devido à presença da vogal alta anterior [i]. Por fim, uma das vogais é elidida devido ao facto de esta língua não apresentar vogais longas contrastivas. O mesmo processo é desencadeado em (21), onde a palavra de referência é *kulongoloxa* ‘estar em fila’ em que o morfema causativo *-is-* é convertido em *-ox-*

21) Alimentação de regras fonológicas (*kulongoloxa* ‘estar em fila’)

Base:	-longolok-
Morf ₁ : inserção de (-is):	kulongolok isa
Fon ₁ : elisão de /k/:	kulongolo isa
Fon ₂ : palatalização de /s/ (/s/ →[x]/-i/	kulongolo oixa
Fon ₂ : elisão de /i/:	kulongolo oxa
Resultado:	kulongolo oxa

Os exemplos em (21) apresentam a conspiração de regras fonológicas. O facto de as vogais que constituem o radical verbal serem médias condiciona a vogal da extensão, o [i] teve apenas a função de palatalizar a fricativa alveolar. A alimentação de regras fonológicas em (22) mostra como a restrição de morfe foi determinante na formação da palavra *kususa* ‘fazer sair’

22. Alimentação de regras fonológicas (*kususa* ‘fazer sair’)

Base:	-sus-
Morf ₁ : inserção de (-is):	kusus isa
Fon ₁ : elisão de /s/:	kusus ia
Fon ₂ : elisão de /i/:	kususa
Resultado:	kususa

Como se pode depreender, nos exemplos acima, o contexto fonológico é determinante na variação dos fonemas da extensão verbal causativa, na formação das palavras. A actuação da regra de formação de palavras através do morfema causativo em Changana, não foi bloqueada, apenas os fonemas que o constituem ganharam novos valores fonéticos devido aos traços dos fonemas dos morfemas vizinhos. Em algumas variantes do Changana, admitem-se as formas *kuxixisa* ‘fazer descer’ e *kususisa* ‘fazer tirar’; noutras, apresentam-se formas abreviadas, como acima se mostrou.

Deste modo, a extensão causativa em Changana é apenas (-is-), podendo ter os alomorfes, pouco produtivos, (-ix-, -ox-, -us-, -es-). A considerada diminutiva (-nyana) deveria ser excluída desta lista, exactamente por não ser exclusivamente verbal e não obedecer ao mesmo paradigma de distribuição que as outras extensões verbais comuns.

6.1.2.4. Intensiva (-isis-)

A extensão intensiva é também conhecida por intensiva causativa, e “indica que a acção é executada com maior intensidade/força/velocidade, ou alguma coisa com insistência” (Baumbach 1987:210). Considerem-se os seguintes exemplos:

- 23)a. xitshungu xiba muyivi
 7-povo 7-PRES-bater-VF 1-ladrão
 ‘o povo bate o ladrão’
- b. xitshungu xib**is**isa muyivi hi maphoyisa
 7-povo 7-PRES-bater-INT-VF 1-ladrão prep 6-polícia
 ‘o povo faz bater o ladrão pela polícia’
- 24)a. mamani aya masin’wini
 1-mamã 1-PRES-ir-VF 6-machamba-LOC
 ‘a mama vai à machamba’
- b. mamani ay**is**isa b’ava masin’wini
 1-mamã 1-PRES-ir-INT-VF 1-pai 6-machamba-LOC
 ‘a mamã faz ir persistentemente o pai à machamba’
- 25)a. n’wana ahlambile
 1-filho/a 1-tomar banho-PSD
 ‘o/a filho/a tomou banho’
- b. n’wana ahlamb**is**isa makwavo
 1-filho/a 1-PRES-tomar banho-INT-VF 1-irmã(o)
 o/a filho/a faz insistentemente o irmã(o) tomar banho’
- 26).a. jaha rinyimilè
 5-rapaz 5-esperar-PSD
 ‘o rapaz esperou’
- b. jaha rinyim**is**ise ntombhi
 5-rapaz 5-PRES-esperar-INT-PSD 9-rapariga
 ‘o rapaz fez a rapariga esperar por muito tempo’

Os exemplos em (23) e (24), com raízes verbais -C-, e os exemplos (25) e (26), com raízes verbais do tipo -CVC- mais longas, mostram frases em que aos verbos em (a) não foi sufixado nenhuma extensão verbal, ao passo que em (b) foi sufixada a extensão intensiva (-*isis-*). Esta extensão morfologicamente remete à reduplicação da extensão causativa (-*is-*), mas semanticamente são diferentes. Tal como a causativa e applicativa, a extensão intensiva também incrementa os argumentos do verbo

6.1.2.5. Contactiva (-et-)

A extensão contactiva “refere-se a elementos activos de contacto” (Schadeberg 2003:77). Preste-se atenção aos seguintes exemplos:

- 27) a. daduwethu anyika male zazana
 1-irmã 1-PRES-dar-VF 9-dinheiro 1-tia
 ‘a irmã deu dinheiro à tia’
- b. daduwethu anyiketa male zazana
 1-irmã 1-PRES-dar-VF 9-dinheiro 1-tia
 ‘a irmã entregou dinheiro à tia’

Em (27a), o verbo aparece desprovido de extensão verbal. Em (27b), o verbo aparece com o morfema de extensão contactiva sufixado à sua raiz, e denuncia algum tipo de contacto físico através do toque, sabor, cheiro, etc., como ainda se pode ver em (28):

- 28) -nun'wha 'cheirar mal' cf. -nun'wheta 'por em contacto com o mau cheiro'
 -ringa 'experimentar' cf. -ringeta 'por em contacto para ver o que acontece'
 -tsema 'cortar (Ex: a barba)' cf. -tsemeta 'barbear'

Os exemplos em (28), mostram a restrição semântica deste afixo em relação à base a que se associa:

- 29) -vona 'ver' cf. *-voneta
 -twa 'ouvir' cf.. *-tweta
 -nyoxa 'estar feliz' cf.. *-nyoxeta
 -tirha 'trabalhar' cf.. *-tirheta

Como se pode ver, quando a extensão contactiva é afixada a raízes de verbos que semanticamente excluem algum contacto, o resultado é agramatical.

A extensão contactiva é, a par da extensão causativa e seus alomorfes, a que suscita mais espaço de debate por a sua realização morfológica ter-se diluído na semântica dos verbos, bem como por estudos anteriores a este não a ter registado. Importa recuperar o que Siteo (1996:323) considerou como alomorfomia da extensão causativa, o que na presente dissertação se chama de alomorfomia da extensão contactiva *(-at-):

- 30)a. -ala: kùkarhala 'cansar-se' / kùkarhata 'fazer cansar-se, cansar' (-at-)
 b. -ela kùpela 'mergulhar' / kùpeta 'fazer mergulhar' (-et-)
 c. -ola: kùlovala 'lobolar' / kùlovota 'permitir o lobolo' (-ot-)
 d. -aka: kùhalaka 'derramar' / kùhalata 'fazer derramar' (-at-)

Em (30), está-se perante um caso de harmonia vocálica (Ngunga 2000), em que a extensão derivacional contactiva (*-at-) apresenta três alomorfes, designadamente, (-at-/-et-/-ot-, -ut-). Estes alomorfes podem aparecer se o radical verbal ao qual se sufixam for expandido ou como preuso-extensão (Meeussen 1967, Ngunga 2000), conforme se pode ver nos exemplos (30), onde, em (a), (b) e (c) a consoante /l/ é substituída por /t/. Em (30d), a consoante substituída é /k/. Semanticamente, a extensão contactiva tem a interpretação de causativa directa, visto que só selecciona eventos em que o agente executa directamente a acção. A extensão contactiva é produtivamente associada a verbos derivados de ideofone cuja semântica denote algum tipo de contacto ou que o agente a execute directamente, como se pode ver nos seguintes exemplos:

31. -khwèkètà ‘entalar, encaixar’ < -khwekè ‘id. entalar, encaixar’
 -kòvètà ‘encolher (...)’ < -kòve ‘id. ‘encolher, recolher para dentro’
 -kùmètà ‘surpreender (...)’ < -kùme ‘id. de surpreender, apanhar em flagrante’
 -khwèxùtà ‘soltar, desprender’ < -khwexù ‘id. de soltar, desprender’
 -làxùtà ‘agitar a cauda’ < -laxù ‘id. agitar a cauda’

Os exemplos (31) mostram a extensão contactiva (-et-), como verbalizador dos ideofones que denotem algum tipo de contacto. Os seus alomorfes dependem da qualidade da vogal da base a que esta extensão se sufixa. O facto de a actuação morfológica da extensão causativa estar associada a alguns verbos ou formas verbais pode significar que (i) a extensão está a ficar inactiva na língua ou (ii) a sua semântica é mais produtiva com ideofones.

6.1.2.6. Iterativa/Frequentativa (-etel-)

A extensão iterativa ou frequentativa é definida como a que denota que a acção descrita decorre com algum tipo de repetição ou iteratividade (Doke 1954, Ribeiro 1965, Siteo 1996). Apesar de esta extensão ser morfológicamente a combinação da extensão contactiva e a applicativa, na presente dissertação é considerada como uma única, visto que se encontra lexicalizada com a semântica de iteratividade, em Changana. Preste-se atenção aos exemplos que se seguem:

- 32) a. màmànì anyika n'wana pawà
1-mamã 1-PRES-dar-FV 1-criança 5-pão
'a mama dá um pão à criança'
- b. màmànì anyiketela n'wana pawa
1-mamã 1-PRES-dar-**ITER**-FV 1-criança 5-pão
'a mama entrega o pão à criança muitas vezes'
- 33) a. mùnhù afilè
1-pessoa 1-morrer-PSD
'a pessoa morreu'
- b. vànhù vafetetelilè
2-pessoa 2-morrer-ITER-PSD
'morreram muitas pessoas'

Os exemplos acima mostram, em (a), frases em que o verbo ocorre sem nenhuma extensão verbal sufixada. Em (b), ao radical verbal foi sufixada a extensão *-etel-*, denotando que o evento descrito teve lugar de forma repetitiva ou que tenha decorrido muitas vezes. Esta extensão mantém a valência do verbo ao qual se associa.

6.1.2.7. Passiva (-iw-)

Ao contrário do que acontece com outras extensões verbais, “[a passiva] normalmente modifica tanto o significado do verbo como também a valência do verbo”. No tocante à valência, “o objecto gramatical que é o agente da acção descrita transforma-se em objecto sintáctico” (Mutaka e Tamanji 2000: 180). Em Changana, deixando de lado o facto de esta extensão ser flexional e não derivacional, como acontece com as outras, é considerada uma extensão verbal porque, do ponto de vista estrutural e paradigmático, segue o mesmo padrão que as outras, pois ocupa a posição disponível na estrutura do verbo, para receber as extensões verbais. De uma forma geral, esta posição é adjacente à direita da raiz verbal, conforme se ilustra nos exemplos em (34-36):

- 34)a. xìtshùngù xiba muyivì
7-população 7-PRES-bater-VF 1-ladrão
‘a população bate o ladrão’
- b. mùyivì abiwa (hi xitshungù)
1-ladrão 1-PRES-bater-PAS-VF (prep 7-população)
‘o ladrão é batido (pela população)’
- 35)a. n’wana ahlambilè
1-filho/a 1-tomar banho-PSD
‘o/a filho/a tomou banho’

- b. kuhlambiwilè (hi n'wanà)
 17-tomar banho-PAS-PSD (prep 1-filho/a)
 'tomou-se banho (pela criança)'
- 36)a. màmànì aya masin'wini
 1-mamã 1-PRES-ir-VF 6-machamba-LOC
 'a mamã vai a machamba'
- b. màsin'wini kuyiwa hi mamanì
 6-machamba-LOC 17-PRES-ir-PAS-VF prep 1-mamã
 'à machamba vai-se pela manhã'

Em (34a e 35a), o verbo transitivo *kùba* 'bater' e *kùhlàmbà* 'tomar banho' aparecem sem a adição de nenhuma extensão verbal. Em (34b e 35b), é usada a extensão passiva que passou o sujeito gramatical para a posição de objecto da frase e reduziu a valência do verbo de 2 argumentos para apenas 1. O constituinte que está entre parênteses curvos mostra a opcionalidade do mesmo. Contudo, nos exemplos (36), onde a extensão verbal *-iw-* ocorre com um locativo, a presença do complemento preposicional é obrigatória (36b). Embora, geralmente a passiva ocorra com verbos transitivos, em Changana ela pode ocorrer com verbos intransitivos, como se pode ver a seguir:

- 37)a. xìngòvè xafa
 7-cat 7-PRES-HAB-morre-FV
 'o gato está a morrer'
- b. kafiwà [(hi xingovè)]_{SP}
 17-PRES-HAB-morrer-PAS-FV (pelo 7-gato)
 'aqui é se morto (pelo gato)'

- 38).a. *jàhà* *rinyimilè*
 5-rapaz 5-esperar-PSD
 ‘ o rapaz esperou’
- b. *kunyimiwilè* (hi *jaha*)
 17-esperar-PSD (prepor 5-rapaz)
 ‘esperou-se (pelo rapaz)’

Os verbo *kùfa* ‘morrer’ e *kùnymà* ‘esperar, parar, ficar em pé’ são intransitivos. Mesmo assim, foi sufixada uma extensão verbal passiva (cf. Kipka 2002:50). De facto, é possível dizer que *kùfa* ‘morrer’ exhibe um objecto implícito que é recuperado através do pronome da classe 17 quando o verbo é passivizado (c.f. Chimbutana 2002)

6.1.2.8. Pseudo-passiva (-ek-)

A extensão pseudo-passiva tem sido vista de formas diferentes na literatura. Por exemplo, Guthrie (1967/71) considera-a neutra ou potencial, ao passo que Doke (1954) vê-a como neutra apenas. Ribeiro (1965) considera-a qualificativa, Baumbach (1988) neutro-passiva, e Matsinhe (1994) como sendo neutro-estativa. A presente investigação não pretende discutir as designações teóricas desta extensão verbal. Todavia, aqui será designada por pseudo-passiva (Ngunga 1999, 2000), porque ela, como a extensão passiva, reduz a valência do verbo, através da promoção do objecto da frase para a posição de sujeito. A diferença entre as extensões passiva e pseudo-passiva reside no facto de (i) nas construções passivas, o sujeito gramatical ser opcional, enquanto nas construções pseudo-passivas, a ocorrência do sujeito gramatical resulta em agramaticalidade e (ii) as construções passivas terem um agente explicito, contrariamente às extensões pseudo-passivas, que não apresentam sujeito explicito,

i.e., as construções passivas integram o sujeito lógico presente, ao passo que as pseudo-passivas não têm um sujeito lógico. Vejam-se os seguintes exemplos:

- 39)a. xìtshùngù xiba muyivì
 7-população 7-PRES-bater-VF 1-ladrão
 ‘a população bate o ladrão’
- b. mùyivì wabeka
 1-ladrão 1-PRES-bater-PPAS-VF
 ‘o ladrão é batível’
- c. *mùyivì wabeka (hi xitshungù)
 1-ladrão 1-PRES-bater-PPAS-VF (prep 7-população)
 ‘o ladrão é batível (pela população)’
- d. mùyivì wabiwà (hi xitshungù)
 1-ladrão 1-PRES-bater-PAS-VF (prep 7-população)
 ‘o ladrão é batível (pela população)’
- 40).a. màmànì aya masin’winì
 1-mamã 1-PRES-ir-VF 6-machamba-LOC
 ‘a mamã vai a machamba’
- b. màsìn’winì kayekà
 6-machamba-LOC 17-PRES-ir-PPAS-VF
 ‘dá para ir a machamba’
- c. *màsìn’winì kayeka (hi mamani)
 6-machamba-LOC 17-PRES-ir-PPAS-VF (prep mamã)
 ‘dá para ir a machamba (pela mamã)’

- d. *màsìn'winì* *kuyiwa* (*hi* *mamanì*)
 6-machamba-LOC 17-PRES-ir-PAS-VF (prep *mamã*)
 ‘dá para ir a machamba (pela mamã)’

Em (39a e 40a), o verbo *kùba* ‘beter’ aparece no tempo presente, sem nenhuma extensão verbal adicionada. Em (39b e 40b), o uso da extensão verbal pseudo-passiva reduz os argumentos do verbo (através da dissolução do objecto gramatical), ao mesmo tempo que a construção não tem referência à presença de um sujeito lógico. Em (39c e 40c), onde o objecto da frase aparece na posição de adjunto, introduzido pela preposição *hi*, a construção é agramatical, o que não acontece em (39d e 40d), com a extensão passiva. A existência de construções do tipo das que estão em (40c e 40d) faz com que essa constitua a maior diferença entre a extensão passiva e a pseudo-passiva, a par da ausência do sujeito lógico nas construções pseudo-passivas e a presença do mesmo nas construções passivas. Em relação ao efeito desta extensão na grelha argumental do verbo, ela reduz a valência do verbo e semanticamente remete à ideia de qualificação. De facto, a adição da extensão verbal *-ek-* a um radical verbal resulta sempre num qualificador.

6.1.2.9. Recíproca (-an-)

A extensão verbal (-*an-*) é mais conhecida como recíproca (cf. Meeussen 1967, Guthrie 1967/71, Hyman 2007, Schadeberg 2003, entre outros). A extensão verbal recíproca indica que “a acção expressa pelo verbo é, simultaneamente, feita de um para o outro” (Botne 2003:437). Os exemplos (41) mostram o uso desta extensão com o valor recíproco:

41)a. màmànì axeweta xitombhanà

1-mamã 1-PRES-sauda-FV 7-rapariga

‘a mamã saúda a rapariga’

b. màmànì nì xitòmbhànì vaxewetanà

1-mamã com 7-miúda 2-PRES-saúda-**REC**-FV

‘a mamã e a rapariga saúdam-se mutuamente’

Em (41a), o verbo aparece no tempo presente, sem a adição de nenhuma extensão verbal. Neste exemplo, é apenas a mãe que executa a acção de saudar. Em (41b), é sufixada a extensão recíproca, que denota que a acção de saudar é executada, em simultâneo, pela mãe e pela rapariga, i.e., as duas saúdam-se reciprocamente.

Em Changana, o sufixo *-an-* é também usado como uma extensão atributiva, neste caso “a acção denotada pelo verbo reflecte as características do sujeito” (Botne 2003:436). Os exemplos (42) mostram o uso atributivo do sufixo *-an-*:

42)a. màmànì waxewetanà

1-mamã 1-PRES-HAB-saudar-**ATR**-FV

‘a mama tem o hábito de saudar as pessoas’

b. xitshùngù xaxawetanà

7-população 7-PRES-HAB-cumprimentar-**ATR**-VF

‘a população tem o hábito de cumprimentar’

Os exemplos em (42) contêm alguns constituintes, como os que aparecem em (41). As diferenças do significado têm a ver com os constituintes internos do sujeito gramatical. Quando o sujeito é um sintagma nominal complexo (i.e., um sintagma do tipo N+N), como

em (41b), o verbo extenso ganha o sentido recíproco de saudação, enquanto, quando o sintagma nominal da frase for simples, como em (42a), tem-se um sentido atributivo.

6.1.2.10. Reversiva (-ul-/-al-)

A extensão verbal reversiva “indica uma reversão total da acção” (Lodhi 2002:7), isto é, “ela indica a reversão de uma acção ou processo indicado pelo verbo a que é sufixado” (Baumbach 1988:209), como se pode depreender nos exemplos (43):

- 43)a. mùntlwa uthlave xingufù
3-espinho 3-PRES-picar-FV 7-bola
‘o espinho picou a bola’
- b. b’ávà athlavula muntlwà ka xingufù
1-pai 3-PRES-extrair-REV-FV 3-espinho LOC 7-bola
‘o pai extraiu o espinho da bola’

Em (43a), o verbo aparece sem nenhuma extensão verbal sufixada. Em (43b), a sufixação da extensão reversiva, que incrementa a valência do verbo, faz com que ele expresse um significado inverso da acção original, isto é, extrair ao invés de picar. Em Changana, esta extensão verbal não é produtiva, pois não pode livremente ser usada com todos os verbos. Muitos verbos em que esta extensão verbal ocorre já estão lexicalizados, dado que já são raras as raízes não derivadas dos mesmos na língua (cf. Baumbach 1988 e Doke 1954):

44)-pàkùlà	‘descarregar’	cf.	*-pàkà
-lòndùlà	‘voltar’	cf.	*-lòndà
-phùlà	‘tirar (a panela) do lume’	cf.	*-phà
-phèkùlà	‘revolver, levantar (qc.pesada)	cf.	*-phèkà
-kùlà	‘crescer’	cf.	*-kà

Os exemplos em (44) mostram verbos em que a extensão reversiva se encontra lexicalizada, visto que, como se pode ver, a partir da coluna mais à esquerda, os radicais aos quais se devia afixar são agramaticais. Morfologicamente, os verbos em (44) ocorrem apenas com *-ùl-* e denotam acção oposta ao estado descrito pelos verbos na sua forma básica. Contudo, casos há em que também de forma pouco produtiva, em Changana, a sufixação de *-ùl-* opõe-se a *-àl-*, para significar acções ou movimentos opostos aos básicos, como elucidam os dados em (45):

45) a.	-àndlùlà	‘enrolar’	cf.	*-àndlà
	-pfùlà	‘abrir’	cf.	*-pfa
b.	-àndlàlà	‘estender’	cf.	*-àndlà
	-pfàlà	‘fechar’	cf.	*-pfà

Os exemplos em (46) mostram verbos em que a acção reversa é descrita por *-ùl/-àl-*, onde *-ùl-* descreve acção inversa a *-àl-*. Tanto nos verbos em (a) como nos verbos em (b), as formas básicas ou os radicais dos verbos a partir dos quais se sufixa a extensão não existem no Changana actual, ou simplesmente estão fossilizados. A estes radicais Ngunga (2000) e Meeussen (1967) designam-nos de radicais expandidos. Estes exibem uma estrutura do tipo *-V(N)C-*. A expansão relaciona-se morfologicamente de formas diferentes em relação às bases

a que se fixam, podendo, em alguns casos, ser semelhantes a uma extensão verbal e, noutros casos, não ser possível estabelecer uma correspondência das mesmas como uma certa extensão verbal (c.f. Meeussen 1967). Para descrever a acção inversa, as vogais da extensão substituem-se mantendo a consoante da mesma.

6.1.2.11. Posicional (-am-)

Baumbach (1987:208) apresenta a extensão posicional para o Changana. Contudo, o número de verbos em que tal ocorre parece ser muito reduzido, e as raízes derivacionais dos mesmos não são sempre notáveis. Talvez tivesse sido uma extensão mais produtiva no passado, pois no Changana corrente já não é produtiva, como se pode ver nos exemplos (47):

47).	-yima	‘ficar em pé’	vs	*-yi-
	-tsama	‘ficar sentado’	vs	*-tsa-
	-tsùtsùmà	‘estar a correr’	vs	*-tsutsu-
	-jàtààmà	‘estar a saltar de um topo’	vs	*-jat-
	-khàsàmà	‘estar de joelhos’	vs	*-khis-
	-kòrhamà	‘estar inclinado’	vs	*-korh-

Os exemplos em (47) mostram verbos com a extensão posicional lexicalizada e sufixada. Conforme se referiu, esta extensão não é mais produtiva no Changana actual, como mostra o facto de não ser possível se desassociar das suas bases. Semanticamente, em todos os casos acima, os verbos denotam alguma posição, daí o facto de a extensão ser apelidada de posicional.

Acima, apresentou-se extensões verbais não combinadas. Destas, cinco extensões verbais incrementam a valência do verbo (⁺o), nomeadamente, a applicativa, causativa, intensiva e reversiva; três extensões verbais reduzem a valência do verbo (⁻o), a saber: pseudo-passiva, passiva e recíproca e, finalmente, três extensões verbais mantêm a valência do verbo (⁼o), designadamente, as extensões contactiva, persistiva e iterativa. A extensão posicional, embora ocorra de forma fossilizada com alguns verbos, não a consideramos produtiva em Changana. Assim, a tabela que se segue sistematiza as extensões verbais em Changana.

Tabela 19: Sumário das extensões verbais em Changana

ordem	Extensão verbal	Produtividade
1.	-èl- applicativa	+
2.	-ìs- causativa	+
3.	-ìsìs- intensiva	+
4.	-èk- pseudo-passiva	+
5.	-ìw- passiva	+
6.	-èlèl- persistiva	+
7.	-àn ₁ - recíproca	+
8.	-àn ₂ - atributiva	+
9.	-èt- contactiva	+/-
10.	-ètèl- iterativa/Frequenativa	+
11.	-ùl/-àl- reversiva	+/-
12.	-àm- posicional	-

A tabela 19 sumariza as extensões verbais em Changana. A maior preocupação nesta secção é descrever as extensões verbais, sobretudo do ponto de vista morfológico, a fim de ver a relação que as mesmas estabelecem com outros morfemas concatenados no verbo. O trabalho não perde de vista o seu argumento principal, segundo o qual a concatenação dos morfemas, quer derivacionais quer flexionais em Changana, pode ser explicada através da inter-relação entre a morfologia e a fonologia. Deste modo, algumas palavras que possam sugerir o bloqueamento de uma dada regra morfológica são explicadas através de processos

fonológicos. O trabalho não visa discutir as extensões verbais à luz do modelo LFG, como anteriormente se referiu. Esta análise permitiu acrescentar, da lista das extensões verbais em Changana, a extensão contactiva e a função atributiva da extensão –an-.

Apresentadas e discutidas as extensões verbais não combinadas em Changana, a secção que se segue trata de extensões verbais combinadas umas com as outras.

6.1.3. Combinação e Ordem das extensões verbais em Changana

A combinação e ordem de extensões verbais tem sido muitas vezes referenciada como obedecendo a processos externos à Morfologia (Ex: a operações sintácticas (Baker 1985) através do famoso princípio de espelho – *mirror principle*). Contudo, estudos recentes tem vindo a mostrar que algumas extensões verbais nas línguas bantu têm uma ordem fixa que não obedece a princípios externos à Morfologia e, nalguns casos, a viola (Hyman 2002). Este argumenta que a ordem de ocorrência das extensões verbais nas línguas bantu é **Causativa**, **Aplicativa**, **Recíproca** e **Passiva** (CARP). Em seguida, apresentam-se os dois princípios:

(i) O princípio de Espelho (Baker 1985): a ordem de afixos reflecte como a ordem das operações sintácticas se aplicam, i.e. cada derivação morfológica implica uma derivação sintáctica²².

(ii) Modelo CARP (Hyman 2002):

Causativa		Aplicativa		Recíproca		Passiva
*-ic-	>	*-id-	>	*-an-	>	*-u-

²² Sobre o teste do princípio de espelho e do modelo CARP a fim de ver que princípio rege a combinação e ordem das extensões verbais veja (Mcperson e Paster 2009). Estes autores, com base em dados do Luganda provaram que os dois princípios eram válidos embora cada um apresente algumas especificidades.

O objectivo da presente dissertação é testar o modelo CARP com base em dados empíricos do Changana a fim de poder aferir a combinação e ordem das extensões verbais nesta língua sem perder de vista os três factores que determinam a combinação e ordem das EVs proposta Ngunga (1999, 2000), nomeadamente:

- (i) Morfotáctico: sufixo X deve preceder (ou seguir) sufixo Y;
- (ii) Fonotáctico: sufixo X deve ocorrer (ou não deve ocorrer) no contexto fonológico Y;
- (iii) Morfossintáctico: cada sufixo “age sobre” a base à qual é acrescentado

6.1.3.1. Combinação e ordem de duas extensões verbais

Nesta secção combinam-se quatro extensões verbais tomadas duas a duas. As extensões em causa são: extensão causativa (-*is-*), applicativa (-*el-*), passiva (-*iw-*) e recíproca (-*an-*). As demais extensões verbais não serão combinadas visto que a sua ocorrência em combinações é pouco produtiva em Changana e pela necessidade de testar o modelo CARP aplicado a esta língua, sem perder de vista que o proponente deste modelo preconiza que as línguas específicas possam acomodar o modelo em referência de forma também específica. A primeira combinação envolve a extensão causativa e a passiva

6.1.3.1.1. Combinação da Extensão Causativa (-is) e Applicativa (-el)

A combinação destas duas extensões verbais pode ser vista nos exemplos que se seguem:

a extensão causativa deve preceder a applicativa e não a ordem inversa. Em seguida, discute-se a combinação da extensão causativa com a extensão pseudo-passiva.

6.1.3.1.2. Combinação da Extensão Causativa (-is) e Pseudo-Passiva (-ek-)

A extensão causativa pode também combinar com a pseudo-passiva como se pode ver nos exemplos (50):

- 50)a. màjudà mavavisekà svìnènè
 6-judeus 6-PRES-zangar-CAUS-PPAS-VF 8-muito
 ‘os judeus foram feitos zangarem-se muito’
- b. kùhètisèkà xìkhongelo xa mufundhisì lwìya
 15 -acabar-CAUS-PPAS-VF 7-pedido 7-GEN 1-pastor dem
 ‘fez acabar para ele o sofrimento daquele pastor’
- c. svimahisekilè kùyinì
 8-acontecer-CAUS-PPAS-PSD 17-como
 ‘como é que foi feito acontecer’

Em 50, apresentam-se construções em que a causativa combina com a pseudo-passiva, numa ordem morfofacticamente determinada causativa e applicativa. A inversão desta ordem resulta sempre em agramaticalidade, conforme se pode ver a seguir:

c. àsvòsvì àxìkòlwenì kùjòndzisiwa [SNxiputukezì]

adv 7-escola-LOC 17-PRES-estudar-CAUS-PASS-VF 7.português

‘agora, na escola é feito estudar o Português’

Os exemplos em (52) mostram a extensão causativa combinada com a passiva. Embora a extensão passiva reduza a valência do verbo, como anteriormente se viu, quando ocorre combinada com a causativa, a presença do objecto da frase é obrigatória. Em (49a), o verbo *kùthèthà* ‘julgar’ é transitivo com uma estrutura argumental de dois lugares. A adição da extensão passiva retira o complemento do verbo, como normalmente acontece com esta extensão. Contudo, devido à combinação desta com a causativa, a presença do sintagma proposicional da frase, que seria opcional em construções passivas não combinadas, provoca agramaticalidade. Desta forma, a característica de incrementar a valência do verbo da extensão causativa mantém-se, mesmo quando esta é combinada, tal como se pode observar a seguir:

53)a. xìtshùngù xiba muyivì

7-população 7-PRES-bater-VF 1-ladrão

‘a população bateu o ladrão’

b. mùyivì abiwà (hi xitshungu)

1-ladrão 1-Ø-bater-PAS-VF (prep 7-população)

‘o ladrão foi batido (pela população)’

c. mùyivì abisiwa hi xitsungù

1-ladrão 1-PRES-bater-CAUS-PAS-VF prep 7-população

‘o ladrão foi feito ser batido pela população’

- d. *mùyìvì abisiwà
1-ladrão 1-PRES-bater-CAUS-PAS-VF
- 54).a. n'wana ahlambilè
1-filho/a 1-tomar banho-PSD
'o/a filho/a tomou banho'
- b. kùhlàmbìwilè (hi mamanì)
17-tomar banho-PAS-PSD (prep 1-mamã)
'tomou-se banho pela mamã
- c. kùhlàmbìsiwe n'wana hi mamanì
17-tomar banho-CAUS-PAS-PSD 1-filho/a prep-por 1-mamã
- d. * kuhlambisiwe n'wana
17-tomar banho- PAS-CAUS-PSD 1-filho/a

Em (53) e (54), mostra-se a obrigatoriedade da ocorrência do sintagma preposicional. Em (53), a combinação causativa e passiva ocorre com um verbo transitivo, ao passo que em (54) acontece com um verbo intransitivo. Em ambos os casos, a valência do verbo foi incrementada. Em (54a), ao verbo *kùba* 'bater' não foi sufixada nenhuma extensão verbal, ao passo que, em (54b), a sufixação da extensão passiva *-iw-* tem o complemento preposicional *hi xitshungù* 'pelo povo' como opcional. Por isso é que se encontra entre parênteses. Finalmente, em (54c), a presença da extensão causativa combinada com a passiva faz com que o complemento preposicional seja obrigatório, tal que a sua ausência em (53b) provoca agramaticalidade da frase. O mesmo processo se verifica com os verbos intransitivos que, sem perder a sua intransitividade, ganham mais um lugar na sua estrutura argumental, graças à concatenação da extensão causativa. Como o verbo *kùhlàmbà* 'tomar banho' não pode ser transitivo (54a), o lugar criado pela extensão causativa é preenchido pelo sintagma

preposicional (54c), já que a ausência desse complemento provoca agramaticalidade da frase (54d).

A extensão causativa também ocorre com a passiva, numa ordem restrita do tipo causativa seguida de passiva e nunca o contrário, como se pode ver em (55):

55)a. *ndzithethiwisa

1ps-PRES-julgar-PAS-CAUS-VF

b. *avoniwisa

3ps-PRES-ver-PAS-CAUS-VF

c. *kujondziwisa

17-PRES-estudar-PAS-CAUS-VF

A agramaticalidade em (55) prova que, mais uma vez, de facto, a combinação das extensões verbais em Changana é, de forma rígida, morfotacticamente determinada.

6.1.3.1.4. Combinação da extensão causativa (-is-) e recíproca (-an-)

A subsecção anterior apresentou e discutiu a combinação da extensão causativa com a extensão passiva. A presente subsecção analisa a combinação da extensão causativa com a recíproca. Vejam-se os seguintes exemplos:

56)a. hìnà hìtádòkàdòkìsànà [spnì màbùkù]
1pp-pron 1pp-TF-debater-CAUS-REC-VF com. 6-livro
'debatermos, uns com os outros, acerca do livro'

b. hìtàngìsànà [njani]?

1pp-TF-escolher-CAUS-REC-VF INT

‘como é que nos faremos escolher mutuamente?’

c. teka mukwa vângàvàngìsànà

Imp-PRES-levar-VF 3-faca 2-subj-PRES-magoar-CAUS-REC-VF

‘leve a faca (senão) podem-se magoar mutuamente’

As construções em (56) mostram a combinação da causativa com a recíproca. As formas verbais das frases acima são intransitivas. Contudo, a presença da extensão causativa provoca o preenchimento de mais uma posição na estrutura argumental do verbo.

56)a. vávàsàtì nì vávànùnà vabisanà (hi mimusì)

2-mulher com 2-homem 2-PRES-bater-CAUS-REC-VF prep 3-paus de pilar

‘as mulheres e os homens fazem-se bater com paus de pilar’

b. vávàsàtì vabisanà (hi mimusì)

2-mulher 2-PRES-bater-CAUS-REC prep 3-pau de pilar

‘as mulheres fazem bater-se com paus de pilar’

57).a. vàtsòngwànà vahlambisanà (hi kanikà)

2-criança 2-PRES-tomar banho-CAUS-REC-VF (prep 5-lata)

‘as crianças dão-se banho (com uma lata)’

b. jàhà nì ntòmbhì vahlambisanà (hi kanikà)

5-rapaz com 9-rapariga 2-PRES-tomar banho-CAUS-REC-VF (prep 5-lata)

‘o rapaz e a rapariga fazem-se tomar banho (com uma lata)’

Em (56) e (57), ocorrem frases com formas verbais às quais foram sufixadas as extensões causativa e recíproca combinadas. Em todos os casos, a presença do sintagma preposicional é opcional, pois não é seleccionado pelo verbo. Tanto em (56), em que o verbo é transitivo, como em (57), onde o verbo é intransitivo, a sufixação desta combinação de extensões obriga que a forma verbal ocorra na posição final, o que não era de esperar, porque a causativa tem a característica de incrementar a valência do verbo. A ausência do complemento obrigatório nos dois exemplos deve-se à semântica da própria extensão que pressupõe, como complemento, o sujeito da frase. Tal como acontece com outras extensões verbais até aqui vistas, a ordem da combinação da extensão causativa com a recíproca é também rígida. Daí que a sua inversão resulte em construções agramaticais, como as que se podem ver em (58):

58)a. *hitadokadok**anisa**

1pp-FUT-discutir-REC-CAUS-VF

b. *hitalang**anisa**

1pp-FUT-escolher-REC-CAUS-VF

c. *vangavav**anisa**

2-PRES-subj-aleijar-REC-CAUS-VF

A agramaticalidade das construções em (58) resulta do facto de, como anteriormente se fez referência, a combinação e ordem das EVs em Changana serem morfotacticamente restringidas.

Resumindo, a extensão causativa pode combinar, de forma produtiva, com as extensões applicativa, pseudo-passiva, passiva e recíproca, numa ordem em que, obrigatoriamente, a causativa ocorre na posição imediatamente à direita da raiz verbal e as

outras a seguir a esta. A inversão desta ordem resulta sempre em agramaticalidade. Esta constatação não corrobora com o que ocorre em Cichewa, onde, segundo Hyman e Mchombo (1992), a combinação da EV causativa com aplicativa ocorre nas duas ordens.

Tendo-se visto as combinações possíveis envolvendo extensão causativa, nomeadamente, com a extensão aplicativa, pseudo-passiva, passiva e recíproca, a secção que se segue analisa as combinações envolvendo a extensão aplicativa, i.e., as combinações em cuja ordem a extensão aplicativa ocorre em primeiro lugar. A primeira combinação a ser discutida envolve a extensão aplicativa e a passiva.

6.1.3.1.5. Combinação da extensão aplicativa (-el-) e passiva (-iw-)

Do corpus em que se está a trabalhar, foi possível encontrar as seguintes combinações envolvendo a extensão aplicativa com a passiva:

- 59)a. hìxàvèliwà [SNmàthìkìthì] [Sphi khonsolò]
 1pp-PRES-comprar-APL-PASS-VF 6-bilhete prep 5.conselheiro
 ‘o bilhete é comprado para nós pelo conselheiro’
- b. hìjòndzèliwà [SNhi mulungù]
 1pp-PRES-ler-APL-PASS-VF prep 1-branco
 ‘(o livro) é lido para nós pelo branco’
- c. kùmàhà khwàtà angheneliwà [Sphi tinyokà]
 17-PRES-tornar-se-VF 5-mato 3ps-PRES-atacar-APL-PASS-VF prep. 10-cobra
 ‘torna-se mato, [a pessoa] é atacada pelas cobras’

Os exemplos acima mostram a combinação da extensão applicativa com a passiva. Em (59a), pode-se ver que, como acontece com a combinação da passiva com a causativa, a característica de incrementar a valência do verbo da applicativa mantém-se ao aumentar os lugares do verbo *kùxàvà* ‘vender’ de dois lugares para três. Em (59b), o verbo *kùjòndzà* ‘estudar’ passou de um lugar para dois, o mesmo de pode dizer de (59c). Em todos os casos, o sintagma preposicional é obrigatório, pois a sua ausência provoca agramaticalidade, conforme se pode ver em (60) e (61):

- 60)a. *hìxàvèliwà* [SNmàthìkìthì] [Sphi khonsolò
 1pp-PRES-comprar-APL-PASS-VF 6-bilhete prep 5-conselheiro
 ‘o bilhete é comprado para nós pelo cônsul’
- b. **hìxàvèliwà* [SNmàthìkìthì]
 1pp-PRES-comprar-APL-PASS-VF 6-bilhete
 ‘o bilhete é comprado para nós pelo cônsul’
- 61)a. *hìjòndzèliwà* (buku) [SNhi mulungù]
 1pp-PRES-ler-APL-PASS-VF 5-livro prep 1-branco
 ‘(o livro) é lido para nós pelo branco’
- b. * *hìjòndzèliwà*
 1pp-PRES-ler-APL-PASS-VF
 ‘(o livro) é lido para nós’

Em (60a) ilustra-se a obrigatoriedade de ocorrência do complemento preposicional na frase, devido à sufixação do morfema applicativo (-*el-*), combinado com o passivo (-*iw-*). Em (60b), a ausência do complemento preposicional provoca agramaticalidade da frase, o que prova a obrigatoriedade da ordem em que ela se deve realizar. O mesmo se pode dizer em relação a

A extensão aplicativa ocorre, de forma produtiva, com a extensão passiva apenas, à qual precede.

Como se referiu anteriormente, apenas uma combinação produtiva envolvendo a extensão aplicativa em primeiro plano foi encontrada no corpus e com esta termina a discussão da combinação de duas extensões verbais. A subsecção a seguir analisa a combinação e ordem de três extensões verbais.

6.1.3.2. Combinação e ordem de três extensões verbais

O teste do modelo CARP feito por Matsinhe e Mbiavanga (2008), concluiu que este modelo é parcialmente aplicado em Kikongo. Para estes autores, não é possível a combinação da ordem recíproca e passiva devido à regra de restrição de *morfe*, de acordo com a qual “um verbo transitivo só pode ser *destransitivizado* uma única vez” (Matsinhe e Mbiavanga 2008:335) ou devido ao facto de empiricamente não aparecerem dados naturais na língua Luganda em que apresentem a combinação envolvendo a extensão recíproca e passiva no mesmo verbo (c.f. Mcpherson e Paster 2009). Tal como em Kikongo e em Luganda, estas restrições verificam-se em Changana, onde as duas extensões em alusão não devem ocorrer na mesma ordem e estrutura. Veja-se, a seguir, um exercício de combinação de três extensões em Changana.

67) *v`àrhèndzèlèkèlisànà

2-PRES-andar as voltas-APL-CAUS-REC

A agramaticalidade desta construção é predizível, visto que a ordem applicativa-passiva não é aceite na língua. A extensão recíproca ocorre sempre na posição final da forma verbal.

Em resumo, o Changana é uma língua em que apenas se podem combinar três extensões verbais. Deste modo, o modelo CARP é parcialmente aplicável a esta língua, quer devido a factores morfológicos (Ngunga 2000), quer devido à regra de restrição de morfe (Matsinhe e Mbiavanga 2008) ou mesmo porque os dados analisados não revelavam nenhuma combinação desta natureza (Mcpherson e Paster 2009).

Tendo sido discutidas e analisadas as extensões verbais e suas combinações em Changana e antes de passar para oradical reduplicado em Changana, a subsecção que se segue apresenta as principais conclusões deste tópico.

6.2. Conclusões

O objectivo desta secção foi de analisar o sistema de extensões verbais em Changana. O estudo comparativo das várias extensões verbais, nesta língua, permitiu concluir que todas têm a estrutura básica -VC. Em termos prosódicos, todas as extensões apresentam o tom baixo como básico; contudo, quando o ambiente fonológico tiver sido criado, i.e., a mora da sílaba que a precede tiver o tom alto, este pode expandir-se para a vogal da extensão verbal. A análise das extensões verbais permitiu, de igual forma, concluir que a comumente designada extensão recíproca (-an-) pode ter interpretação atributiva se o sintagma nominal da frase for simples, visto que se for complexo a interpretação é de reciprocidade. À lista das

extensões verbais em Changana deve-se acrescentar a extensão contactiva (-*et-*), que é produtiva com alguns verbos, especialmente aqueles cuja semântica remete a algum tipo de contacto. Esta extensão, referida em Changana, pela primeira vez, em Langa (2007), ajuda a interpretar melhor os alomorfes da extensão causativa, propostos por Siteo (1985, 1996, 1999).

No tocante à combinação e ordem das extensões verbais, na língua em estudo, conclui-se que o factor morfotáctico²³ é determinante na ordem das mesmas, tanto na combinação de duas como na associação de três extensões verbais. Em relação a esta última combinação, os dados mostram que o modelo CARP não se aplica a esta língua, porque só é possível combinar três extensões verbais e nunca quatro. A explicação que se pode dar a esse facto é baseada nas razões morfotácticas, visto que a passiva e a recíproca têm o mesmo efeito na sintaxe, que é de reduzir a valência do verbo (c.f. Matsinhe e Mbiavanga (2008).

6.3. Reduplicação verbal

A presente secção descreve, de uma forma breve, a reduplicação verbal em Changana. Entende-se por reduplicação “o processo de repetição de uma parte ou de todo o tema” (Ngunga 1998c:1). Esta pode ser total ou parcial. A reduplicação total ocorre “quando todo o morfema é repetido e parcial quando apenas uma parte é repetida” (Jensen 1962: 68). Este processo tem implicações semânticas diferentes conforme os diferentes materiais lexicais envolvidos (Matthews 1974, Bybee 1985, Bauer 1988, Katamba 1994), pois, dependendo da língua particular, pode significar: iteração, frequência, repetição (Changana); marca de pretérito (Latim); forma do plural (Kaingang); atenuação, intensidade (Tagalog); aumentativo (Turco e Thai); diminutivo (Thai).

²³ O factor morfotáctico determina que sufixo deve preceder ou seguir o outro. Assim, em Changana, o sufixo –is- deve ser o primeiro a ser adicionado, depois o sufixo –el-, a seguir o sufixo –iw- ou –na-. Este ordem é rígida sob o risco de se produzir um enunciado agramatical.

Para efeitos da presente dissertação, importa apresentar a reduplicação verbal total e parcial. A reduplicação total “é um processo morfológico em que o reduplicante e a base são idênticos (a nível segmental)” (Ngunga 1998c:2, Liphola 2000:46), como se pode ver nos seguintes dados:

- | | | |
|-------|-------------------------|--|
| 68)a. | - <u>tlangà</u> -tlangà | 'brincar repetidamente' |
| | - <u>fambà</u> -fambà | 'andar repetidamente' |
| | - <u>khomà</u> -khomà | 'pegar repetidamente' |
| b. | - <u>hùndzà</u> -hundzà | 'passar repetidamente' |
| | -tìrhà-tìrhà | 'trabalhar repetidamente' |
| | -thòvà-thòvà | 'aplicar pachos quentes repetidamente' |

Os exemplos em (68) ilustram o caso da reduplicação total normal em que o reduplicante, sublinhado, é repetido completamente a nível segmental na forma reduplicada. O objectivo desta reduplicação é exprimir a frequência em que a acção descrita pelo verbo ocorreu. Em termos prosódicos, os tons do reduplicante são mantidos no reduplicado. Verbos totalmente reduplicados mantêm o tom como se mostra em (68a), onde os tons de nível altos e baixo de V_1 e V_2 , respectivamente, das moras do reduplicante são, a par dos segmentos, totalmente copiados no reduplicado, e em (68b), onde os tons de nível baixo do reduplicante são totalmente copiados no termo reduplicado. A reduplicação verbal acontece com unidades lexicais com independência sintáctica, que apenas se repetem para exprimir iteratividade. Deste modo, os reduplicantes, os verbos mais à esquerda, existem, independentemente da reduplicação como se ilustra em (69):

- 69) a. - tlangà 'brincar '
 -fambà 'andar, caminhar'
 -khomà 'pegar '
 b. -hùndzà 'passar'
 -tìrhà 'trabalhar'
 -thòvà 'aplicar pachos quentes'

Estes dados mostram que os constituintes da reduplicação total são independentes desta visto se comportarem como itens lexicais autónomos. Verbos que sintacticamente funcionam como qualificadores não são normalmente reduplicáveis, como se pode ver em (70):

- 70) *-biha-biha
 *-chona-chona
 *-enta-enta
 *-guga-guga

Os exemplos em (70), embora potencialmente existentes, pois cada uma das formas também aparece em dicionários, isoladamente, como : *-biha* 'ser feio'; *-chona* 'ser noite'; *-enta* 'ser profundo'; *-guga* 'ser velho', não são totalmente reduplicáveis. Para além da restrição da reduplicação a verbos qualificadores, ocorre, em Changana, a reduplicação fossilizada, aquela em que morfologicamente se verifica numa reduplicação total, mas o seu valor semântico iterativo deixou de existir na língua changana corrente, como se elucida em (71):

71)	-dakadakà	‘arfar, ofegar’
	-dengadengà	‘ter consistência gelatinosa’
	-dlambadlambà	‘titubear ao ler ou ao apresentar um assunto por escrito’
	-dùmàdùmà	‘rosnar’

Os exemplos em (71) apresentam o caso da reduplicação fossilizada, porque exibem a mesma estrutura morfológica que os descritos anteriormente, mas a semântica iterativa já não existe nestas formas, bem como os tons do reduplicante e do reduplicado não são necessariamente os mesmos.

As raízes verbais, total e parcialmente reduplicadas, acima descritas, apresentam estrutura -CVC- ou mais longas. Veja-se, em seguida, o que acontece quando a raiz tem estrutura do tipo -C-:

71)	* -ba -ba	c.f.	-ba
	*-wa -wa	c.f.	-wa
	*-nwa -nwa	c.f.	-nwa
	*-cha - cha	c.f.	-cha

Os exemplos em (71) mostram o que seria a reduplicação total de raízes verbais de estrutura de tipo -C-. Como se vê, o resultado da simples prefixação ou sufixação de uma forma à outra é sempre agramatical. Para expressar a ideia iterativa, nestas estruturas, a língua recorre a outros mecanismos, como, por exemplo, o uso da extensão iterativa (-*etel*-), como se pode ver nos seguintes exemplos:

72)	-betetelà	‘bater repetidamente’
	-wetetelà	‘cair repetidamente’
	-nwetetelà	‘beber repetidamente’
	-chetetelà	‘bater, golpear repetidamente’

Os exemplos em (72) ilustram o uso do sufixo verbal em raízes ou bases verbais de estrutura do tipo -C-, para expressar a ideia de iteratividade. Para satisfazer a estrutura óptima da palavra em Changana, todos os radicais do tipo -C-, ao serem afixados à extensão frequentativa, são expandidos por -VC- idêntico à primeira -VC- da extensão verbal.

A reduplicação pode ser parcial quando uma parte da base é reduplicada ou repetida; por outras palavras, pode-se dizer que a reduplicação parcial é uma palavras autónoma que expressa um valor iterativo, que não pode ser expresso morfológicamente na íntegra. Considerem-se os seguintes exemplos:

73)	- <u>dèdèrèkà</u>	'andar aos tropeções'
	- <u>ph</u> epherha	'peneirar'
	- <u>ph</u> uphurhukà	'falar coisas sem sentido'
	- <u>mbòm</u> bòmèlà	'afundar-se'

Os exemplos em (73) são elucidativos da reduplicação parcial, onde o sublinhado indica a parte parcialmente reduplicada. Segundo Ngunga (1998c:8), do ponto de vista semântico, “as formas parcialmente reduplicadas indicam micro-repetições da acção ou evento a nível interno do tema verbal. Isto é, a acção ou evento que externamente pode ser vista como um

dato único, internamente constitui um conjunto de repetições.” Sob este prisma de análise, e reparando para os exemplos em (73), pode-se ver que todos os temas verbais, embora explicitamente não descrevam aspecto iterativo, à semelhança da reduplicação total normal, são psicologicamente iterativos. Só para dar algum exemplo, em *kùphepherha* ‘peneirar’, exprime-se uma sucessão de acções do mesmo nome, se considerarmos que o gesto de peneirar não se faz uma única vez, se pretendemos, de facto, esse fim. O mesmo se pode dizer de *kùmbòmbòmèlà* ‘afundar-se’, pois o acto de afundar não é pontual, mas sim contínuo e progressivo, por mais rápido que ele seja, para a mesma acção. Essa continuidade e progressividade dá psicologicamente uma ideia de “micro-repetições” (c.f. Ngunga 1998c, 2000).

Resumidamente, a presente secção tinha o objectivo de fazer uma descrição do radical verbal derivado de reduplicação verbal. Nela viu-se que, em Changana, ocorre a reduplicação total e parcial. Na reduplicação total normal, o termo reduplicado mantém as características morfológicas e prosódicas do reduplicante, ao passo que, na reduplicação fossilizada, embora o reduplicante e o reduplicado sejam morfológicamente idênticos, os seus padrões tonais não são necessariamente os mesmos, bem como a sua semântica não é necessariamente iterativa. Nesta língua, não é possível reduplicar totalmente os verbos com radicais do tipo -C-, sendo necessário, para esse efeito, sufixar a extensão iterativa ou frequentativa (-*etel*-).

Apresentada a reduplicação verbal, a secção que se segue discute os ideofones nesta língua.

6.4. Radical derivado de ideofones

Constitui objectivo desta secção analisar os ideofones em Changana. Doke (1931) nomeou-os de ideofone por se ter apercebido que a terminologia comumente usada para designar as principais categorias lexicais, nomeadamente, “N(ome), V(erbo), ADJ(ectivo), ADV(érbio) e PREP(osição)” (Mateus et al 1989:176), não cobria a semântica que estas palavras transportam, pois, semanticamente, “os ideofones estão ligados a campos diversos, tais como acções, sons, cheiros, posturas, atitudes, gestos, etc”. Baumbach (1987) considera que a palavra ideofone é composta por dois radicais sendo “ideo” a figura mental e “fone”, o som. Deste modo, ideofone é “a combinação de uma ideia ou figura mental com os sons da fala” (p.269), ou simplesmente, o fenómeno através do qual alguns sons da linguagem humana podem, do ponto de vista semântico, combinar a figura mental com os sons da fala (Baumbach 1987, Siteo 1996).

A secção propõe-se estudar os ideofones do ponto de vista morfológico e na perspectiva semântica. Quanto ao aspecto morfológico, são examinados os processos de formação de palavras associados à formação de ideofones. No tocante ao aspecto semântico, analisam-se os significados da fala para os quais remetem os ideofones.

Os ideofones despertaram o interesse a muitos estudiosos (Doke 1931, Fortune 1962, Hyman 1975, Marivate 1981, Baumbach 1987, Siteo 1996, Nhampoca 2010 entre outros). Embora todos se tivessem lançado ao estudo desta matéria, nem todos tinham a mesma percepção. Alguns autores consideram os ideofones advérbios (Doke op.cit); outros, como Fortune (op.cit) concebem-nos como verbos. Os ideofones caracterizam-se pelo seu alto grau de expressividade (Siteo 1996:345), como se pode observar nos seguintes exemplos:

74) a. kùyo mpee

15-estar id. de estar a cheirar mal'

'está a cheirar muito mal'

b. atemu yìna '

3ps-fazer-MO id. de imitação de um gesto de desprezo

'desprezou-o'

c. anyime aku whè

3ps-estar em pé-PSD 3ps-fazer id. da forma de ficar de pé

'estive em pé com vigor/virilmente'

d. atemu cuku

3ps-fazer-MO id. de deitar fora

'deitou-o fora'

e. awe aku mmhà

3ps-cair-PSD 3ps-fazer id. cair de p.e. de uma árvore

'caiu desamparadamente de uma árvore'

Os exemplos acima mostram as diferentes áreas semânticas ligadas aos ideofones. Em (74a), o ideofone é usado para representar o cheiro. Em (74b), o ideofone serve para representar um gesto. Em (74c), o ideofone indica uma postura. Em (74d), serve para representar uma atitude e, finalmente, em (74e), exprime um som. Os ideofones têm uma estrutura básica do tipo *ku+* tema ideofónico, onde *ku-* é o prefixo da classe (c.f. Nhampoca 2010). Eles, para além de não serem associados a verbos, por semanticamente abarcarem várias e diversas áreas, morfologicamente, também não são verbos, porque o tema ideofónico não é sistematicamente estável de modo a permitir a sua predição.

Alguns autores, tais como Mpande e Rice (1989), defendem que os ideofones são palavras especiais, usadas tipicamente para contar histórias. Esta perspectiva não é aplicável aos ideofones em Changana, pois nesta língua são também usados na conversação do dia-a-dia, contos, saudações, desde que seja em contextos de livre expressão entre os interlocutores. Portanto, não existe um momento especial reservado ao uso de ideofones.

Morfologicamente, os ideofones podem ser verbalizáveis, aqueles que são susceptíveis de se transformarem em verbos, e não verbalizáveis, aqueles que não podem ser transformados em verbos. Nos primeiros, a verbalização é feita através de verbalizadores, que são quaisquer materiais linguísticos com finalidade de transformar os ideofones em verbos. Veja-se, em seguida, os ideofones verbalizáveis:

- 75) kùgògò ‘id. do bater da “porta”’
 kùkhohlò ‘id. de tossir’
 kùmbàmbàmbà ‘id. de ter muitas coisas espalhadas no chão’
 kùzuu ‘id. de enrubrecer (p.e. do sol)’

Em (75) apresentam-se ideofones na sua estrutura canónica (ku+ tema ideofónico). Os mesmos ideofones, em (75), aparecem verbalizados nos exemplos que se seguem:

- 76) a. Jùzè agongondzilè xìpfàlù
 José 3ps-bater-PSD 7-porta
 ‘o José bateu à porta’

- b. n'wana akhohlolilè
 1-filho/a 3ps-tossir-PSD
 ‘acriança tossiu’
- c. makanyi mambambamilè
 6-kanyu 6-espalhar-PSD
 ‘espalhou-se *kanyu* (no chão)’
- d. dlàmbù rizukilè
 5-sol 5-enrubrecer-PSD
 ‘o sol enrubreceu’

Em (76), estão patentes os ideofones verbalizados. Em (76a), a frase contém a forma verbal *agongondzilè* ‘bateu’, em que o verbalizador é a sequência do material linguístico descontínuo *-n-ndz-*. Em (76b), a forma verbal *akhohlolilè* ‘tossiu’ tem como verbalizador o material linguístico *-l-*. Em (76c), a forma verbal *mambambamilè* ‘espalhou-se’ tem o material linguístico *-m-* como verbalizador. Finalmente, em (76d), a forma verbal *rizukilè* ‘enrubreceu’ tem o *-k-* como verbalizador. Nestes exemplos, mostra-se, claramente, que é difícil prever a estrutura de um verbalizador de ideofone, visto que este processo (de verbalização) é independente da estrutura do tema ideofone, i.e., não é sensível às características *-C-*, *-CVC-* ou mais longas dos seus temas. Aliado a este facto, os materiais linguísticos que os constituem não são consistentes, pois as vogais podem ser muito alongadas ou menos alongadas, dependendo apenas da intenção comunicativa do sujeito falante. Esta assistematicidade dos ideofones é anulada quando os mesmos passam a ser verbos. Uma vez pertencendo a esta categoria, passam a obedecer a todo o paradigma e distribuição sintáctica que a categoria exige.

Depois de verbalizados, os ideofones comportam-se como verbos e obedecem às mesmas regras e restrições morfológicas que os verbos. Para validar esta afirmação, realizaremos alguns testes morfológicos, como, por exemplo, aplicar a morfologia flexional ou derivacional aos verbos derivados de ideofones, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

- 77)a. Jùzè agongondzisà xìpfàlù n'wana
 1-José 3ps-PRES-bater-CAUS-VF 7-porta 1-criança
 ‘o José faz a criança bater à porta’
- b. n'wana akhohlolisilè màràrà
 1-filho/a 3ps- tossir-CAUS-PSD 1-mãe
 ‘a/o filha/o fez tossir a mãe’
- c. xihlàngì xitab'ungutisà màràrà
 7-criança 7-FUT-bater-CAUS-VF ‘mãe’
 ‘a criança vai fazer bater a mãe’

Em (77), ao se apresentar os verbos de origem ideofónica, aos quais está adicionada a extensão verbal causativa *-is-*, visava-se provar que, uma vez verbalizados, os ideofones comportavam-se plenamente como verbos, de tal modo que podem receber a morfologia derivacional e flexional. As frases em (77) contém formas verbais, às quais está sufixada a extensão verbal causativa, i.e., morfologia derivacional. Em (77a), a forma verbal está flexionada no tempo presente. Em (77b), no tempo passado e ,em (77c), no tempo futuro.

Tal como os verbos, os ideofones também tem autonomia sintáctica, visto que podem ocorrer como predicadores ideofónicos, conforme se pode ver nos exemplos que se seguem:

- 78)a. Jùzè ate gogo xìpfàlù
 1-José 3ps-fazer-PSD id.bater 7-porta
 ‘o José fez *go-go* à porta (bateu à porta)’
- b. vànhù vate khohlo
 2-pessoa 2-fazer-PSD id.tossir
 ‘as pessoas fizeram khohlo (tossiram)’
- c. dlàmbù lite zuu
 5-sól 5-fazer-PSD id. de enrubrecer
 ‘o sol fez zuu (enrubreceu)’

Os exemplos em (78) mostram que os ideofones ocorrem como núcleos de sintagma e podem distribuir-se da mesma forma que os verbos. Sintacticamente, os ideofones ocorrem introduzidos por um verbo auxiliar, onde ocorre a sua morfologia flexional. A percepção semântica dos ideofones é cultural e depende da proficiência do falante/ouvinte da língua.

Como acima se referiu, alguns ideofones não são verbalizáveis, i.e., não podem ser transformados em verbos. Considerem-se os exemplos seguintes:

- 79)a. mangà wa ku d’oo
 3-manga 3-GEN 15-id.de estar bem madura
 ‘a manga estar bem madura’
- b. mpfulà yiku hòò
 9-chuva 9-id. cair’
 ‘choveu fortemente’

c. nyokà yiku xwàà

9-cobra 9-id. de aparecer bruscamente

‘a cobra apareceu bruscamente’

As frases em (79) contém ideofones que não são verbalizáveis. Em (79a), o ideofone *kud’oo* ‘id. de estar bem maduro’ é exclusivo a esta semântica. O mesmo exercício pode ser feito para os ideofones das frases (79b) e (79c). Como se referiu anteriormente, não é possível prever um verbalizador, nem mesmo se o ideofone é verbalizável ou não. A manipulação linguística do ideofone depende da competência ou proficiência linguística do falante/ouvinte.

Em conclusão, a secção apresentou o estudo dos ideofones no Changana. Com efeito, mostraram-se os ideofones verbalizáveis, tendo-se concluído que estes são verbos, pois obedecem à estrutura geral dos verbos. No estudo dos ideofones não verbalizáveis, viu-se que estes tinham estruturas morfofonológicas idênticas, mas apresentavam um comportamento diferente, quanto à verbalização. Discutiu-se ao longo deste estudo que os verbos podem também transportar o valor veiculado pelos ideofones, desde que a eles seja sufixado um morfema específico.

6.5. Morfologia flexional: tempo e aspecto

A presente secção descreve e analisa a morfologia flexional nos tempos passado, presente e futuro, nos aspectos perfectivo e imperfectivo e nas formas afirmativas e negativas, à luz do quadro teórico de Morfologia e Fonologia Lexical. Descritas estas duas maiores categorias, discutir-se-á o modo verbal. A primeira categoria a ser convocada para análise é o tempo passado.

6.5.1. Tempo passado em Changana

Tal como o aspecto e o modo, os morfemas que expressam o tempo são estudados na relação que estabelecem com outros morfemas no verbo. O quadro teórico em referência é aquele que diz “para cada morfologia, uma fonologia”. Mais uma vez, a relação morfossintáctica dos morfemas flexionais não constitui o objecto deste trabalho.

6.5.1.1. Tempo passado: forma afirmativa

O tempo verbal, como categoria gramatical, indica o momento (extra linguístico) ou a predicação em relação a um momento particular. Relativamente a esse momento de referência, o tempo organiza-se em passado, presente e futuro. Em Changana, o passado é expresso através de morfema $-(IL)È$, que apresenta o alomorfes $-ilè$ e $-e$, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

- 1).a. tolo amukombelilè
loc 3ps-mo-pedir-PSD
‘ontem pediu-o’

- b. tolo akombele kuva [Hussene Mohamed] [...] athethisiwa
 Loc 3ps-pedir-PSD 15-ter-FV 1-nome 1-julgar-CAUS-PAS-FV
 ‘ontem ele pediu para que Hussene Mohamed [...] fosse julgado’

Nos exemplos em (1), apresentam-se frases simples no tempo passado. Este tempo é expresso, em (1a), pelo alomorfe *-ilè*, e, em (1b), pelo alomorfe *-e*. A distribuição destes alomorfes é complementar, na medida em que o alomorfe *-ilè* ocorre na posição final da frase, enquanto *-e* aparece em estruturas sintáticas onde se apresenta material linguístico depois da forma verbal que o contém (c.f. Ouwehand 1965).

Os dados do Changana, em (2), mostram que a distribuição complementar dos alomorfes *-ilè* e *-è* do morfema do passado não é muito fixa, pois, intuitivamente, os falantes produzem frases em que os alomorfes aparecem em distribuição, livre conforme se pode ver a seguir:

- 2) a. OMM ya bairo lèrì yyiendle mintinrho yinenè.
 5-nome 5-GEN 5-bairro 5-DEM 5-fazer-PSD 5-trabalho 5-bom
 ‘A OMM deste bairro fez um trabalho bom’
- b. loko kuherilè ntirhù lòwù, nitàkùvità
 temp 17-terminar-PSD 5-trabalho 5-DEM 1ps-FUT-chamar-VF
 ‘quando terminar este trabalho te chamarei’
- c. *loko kuhele
 temp 17-terminar.PAS

Os exemplos em (2), elucidam a distribuição livre dos alomorfes do tempo passado *-ilè* e *-e*, em (2a) e (2b), respectivamente. O exemplo em (2c) mostra que, apesar de *-ilè* e *-e* se

distribuírem livremente, a forma *-e* só deve ocorrer em posição final das construções sintáticas, visto que, quando assim não acontece, resulta em agramaticalidade. Estes dados parecem contradizer Ouwehand (1965), relativamente à distribuição dos alomorfes do morfema do tempo passado, uma vez que o alomorfe *-e* é estritamente reservado à ocorrência intermédia da frase.

Em Changana, adicionando à discussão do morfema que expressa o tempo passado, também se debate a própria organização do tempo passado. De acordo com Guthrie (1970: 241) “algumas línguas apresentam quatro divisões distintas de tempo. Dependendo do momento de enunciação, para o passado, existem (i) o tempo imediatamente anterior ao momento de enunciação, (ii) as primeiras horas da manhã (iii) durante o dia anterior e (iv) antes do dia anterior. Para o futuro, existem (i) tempo imediatamente a seguir ao momento de enunciação, (ii) tarde no mesmo dia, (iii) durante o dia seguinte e (iv) dias depois do dia seguinte”. Guthrie (1970) afirma que em alguns casos ocorrem todas estas divisões de tempos, mas, noutros, ocorrem apenas duas distinções, nomeadamente, o que se pode considerar passado recente e passado remoto, e futuro próximo e futuro distante (Ngunga 2003) ou mesmo duas, que são o passado e o futuro. Os exemplos em (3) apresentam formas verbais no tempo passado, acompanhadas por advérbios temporais, para mostrar que o Changana distingue apenas um passado.

- 3)a. hìnà hìkhwele movhà (tolo)
 1pp 1pp-subir-PSD 3-carro (ontem)
 ‘nós subimos o carro (ontem)’
- b. hìnà hìje timangà (tolo)
 1pp 1pp-comer-PSD 10-amendoim (ontem)
 ‘nós comemos os amendoins (ontem)’

- c. hìnà hìlòngoloke nà mànyànà ...(tolo)
 1pp. 1pp- ir junto-PSD. com. 1-fulano ...(ontem.)
 ‘nós fomos juntos com o fulano (ontem)’
- 4)a. hìnà hìkhwele movhà (tòlwenì)
 1pp 1pp-subir-PSD 3-carro (anteontem)
 ‘nós subimos o carro (anteontem)’
- b. hìnà hìje timangà (tòlwenì)
 1pp 1pp-comer-PSD 10-amendoim (anteontem.)
 ‘nós comemos os amendoins (anteontem)’
- c. hìnà hìlòngoloke nà mànyànà (tòlwenì)
 1pp. 1pp-ir junto-PSD com. 1-fulano (anteontem)
 ‘nós fomos juntos com o fulano (anteontem)’
- 5)a. hìnà hìkhwele movhà (vhikì rìngàhundzà)
 1pp 1pp-subir-PSD 3-carro (semana passada)
 ‘nós subimos o carro (semana passada)’
- b. hìnà hìje timangà (vhikì rìngàhundzà)
 1pp 1pp-comer-PSD. 10-amendoim (semana passada)
 ‘nós comemos o amendoim (semana passada)’
- c. hìnà hìlòngoloke nà mànyànà (vhikì rìngàhundzà)
 1pp 1pp-ir junto-PSD com 1-fulano (semana passada)
 ‘nós fomos juntos com o fulano (na semana passada)’
- 6)a. hìnà hìkhwele movhà (lembe rìngàhundzà)
 1pp 1pp-subir-PSD 3-carro (ano passado)
 ‘nós subimos o carro (ano passado)’

b. hìnà hìje timangà (lembe rìngàhundzà)

1pp 1pp-comer-PSD 10-amendoim (ano passado)

‘nós comemos os amendoins (ano passado)’

c. hìnà hìlòngoloke nà mànyànà (lembe rìngàhundzà)

1pp 1pp-ir junto-PSD com 1-fulano (ano passado)

‘nós fomos juntos com o fulano (ano passado)’

Os exemplos em (3-6) apresentam frases no tempo passado. O verbos em (a) têm a estrutura -C-; em (b), -CVC-; e em (c), -CVCVC-. No fim de cada frase, indica-se um locativo ou advérbio de tempo, nomeadamente, ontem (3), anteontem (4), semana passada (5) e ano passado (6). Em todos os casos de (3-6), o tempo passado é expresso pelo morfema *-ilè* e seus alomorfes *-(il)è* e *-e*. O teste adverbial mostrou que, independentemente da referência temporal dos eventos que tiveram lugar no passado, as marcas são invariavelmente *-(il)è* e *-e*. Assim, o trabalho não confirma a posição de Júnior (2010), segundo a qual esta língua exhibe dois tempos passados, designadamente, o passado recente e o passado remoto. De facto, a língua changana exhibe um morfema para expressar o tempo passado (*-il-e*). Desta forma, os seis tempos passados, a saber, “o passado, o passado sequencial, o passado habitual, o passado contínuo, o passado conclusivo e passado condicional” (Sitoe 2001: 227) não são, de facto, tempos, mas sim, diferentes manifestações de aspecto no tempo passado, que é expresso através do mesmo morfema *-il-e* em todos os exemplos, à luz do quadro teórico aqui usado (c.f. Guthrie 1967/71, Meeussen 1967, Rose et al 2002, Ngunga 2004).

Tendo-se visto o tempo passado na forma afirmativa, na secção que se segue, discute-se o tempo passado na forma negativa.

6.5.1.2. Tempo passado: forma negativa

A língua changana, como muitas línguas bantu, exhibe morfemas que marcam a negação, que no passado se exprime através do circunfixo, *a-(ng) -(ng)-a*. Quando o verbo estiver na forma afirmativa e no aspecto perfectivo, a correspondente forma negativa realiza-se por meio do morfema *a(ng)-*, na posição pré-inicial, e *-ang-*, na posição pré-final, pois a posição final é ocupada por *-a*, na forma afirmativa, e *-e*, na forma negativa. Vejam-se os exemplos que se seguem:

- 7)a. nsinyà uwilè
3-árvore 3-cair-PSD.
‘a árvore caiu’
- b. nsinyà àwuwangà
3-árvore NEG-3-cair-NEG.
‘a árvore não caiu’
- 8)a. mìsinyà yiwilè
4-árvore 4-cair-PSD
‘as árvores caíram’
- b. mìsinyà àyiwangà
4-árvore NEG-4-cair- NEG
‘as árvores não caíram’
- 9)a. rhòmpfà riwilè
5-ata 5-cair-PSD
‘a ata caiu’

b. rhòmpfà **àriwangà**

5-ata. NEG-5-cair- NEG.

‘a ata ão caiu’

10)a. màrhòmpfà mawilè‘

6-ata. 6-cair-PSD

‘as atas caíram’

b. màrhòmpfà **àmawangà**

6-ata. NEG-6-cair- NEG.

‘as atas ão caíram’

11)a. xìngòvè xiwilè

7-gato. 7-cair.PSD.

‘o gato caiu’

b. xìngòvè **àxiwangà**

7-gato NEG-7-cair-NEG

‘o gato ão cai

12)a. svìngòvè sviwilè

8-gato 8-cair-PSD

‘os gatos caíram’

b. svìngòvè **àsviwangà**

8-gato NEG-8-cair- NEG

‘os gatos ão caíram’

13)a. nhlàmpfi yiwilè

9-peixe. 9-cair-PSD.

‘o peixe caiu’

b. nhlàmpfi àyiwangà

9-peixe NEG-9-cair- NEG

‘o peixe não caiu’

14)a. tìnhlàmpfi tiwilè

10-peixe 10-cair-PSD

‘os peixes caíram’

b. tìnhlàmpfi àtiwangà

10-peixe. NEG-10-cair- NEG.

‘os peixes não caíram’

Os exemplos de (7-14), com a posição do sintagma nominal da frase preenchida por nomes de diferentes classes, de 2 a 10, apresentam, em (a), frases que estão na forma afirmativa e, em (b), frases na forma negativa. Na forma afirmativa, o tempo passado é marcado pelo morfema *-ilè*, ao passo que a negação é expressa pelo afixo descontínuo *à(ng)- a(ng)-*, que ocupa as posições pré-inicial e pré-final. Ainda, na forma afirmativa, a posição final é ocupada por *-(il)e* e, na forma negativa, por *-à*. A marca de negação do tempo passado é considerada *à(ng)- a(ng)-*, porque *(-ng)* apenas aparece quando a posição inicial é preenchida por um morfema de concordância de sujeito com os traços [+sil, +bxo] iguais aos das marcas do morfema de negação *a-*, na posição pré-inicial, conforme se pode depreender a partir dos exemplos que se seguem:

15)a. múnhù awilè

1-pessoa. 1-cair-PSD

‘a pessoa caiu’

- b. mùnhù àngawangà
 1-pessoa NEG-1-cair-NEG
 ‘as pessoas não caíram’
- 16)a. yena **awile**
 3ps-ele/a. 3p-cair-PSD
 ‘ele/a caiu’
- b. yena angawanga
 3ps-ele/a. NEG-3ps-cair-NEG
 ‘ele não caiu’

Em (15-16), estão patentes frases em que o sintagma nominal da frase é um constituinte, cujo prefixo de concordância é *a-*, que aparece a negrito, nos exemplos em (a). Nos exemplos em (b), aparecem as formas negativas das construções em (a). Ao contrário do que se esperava com a ocorrência dos morfemas de negação com os nomes das classes 2 a 10, a estrutura do verbo exhibe a marca de negação *à(ng)- -a(ng)-*. Isto permite afirmar que a forma básica do morfema de negação no tempo passado é o morfema descontínuo *à(ng)- -a(ng)-*, sendo que *à(ng)-* ocorre na posição pré-inicial e *-ang-* aparece na posição pré-final. O facto de o padrão de distribuição do morfema de negação, neste tempo, manter-se faz depreender que as características da vogal /a/, que é a do prefixo de concordância (*-a-*), desencadeia constrangimentos morfofonológicos que criam condições para a ocorrência de regras fonológicas na conversão dessa vogal em *-nga-*, como se pode ver a seguir:

17). Constrangimentos morfofonológicos da marca de negação com nomes da classe 1

Base: forma afirmativa:	awile
Morf ₁ : inserção da marca de negação:	àngawangà
Fon ₁ : Elisão de [a:]	àngawangà
Resultado:	àngawangà

Em (17), estão descritos os processos fonológicos envolvidos na concatenação do morfema de negação na estrutura do verbo. A primeira morfologia consiste na inserção do morfema de negação à forma verbal afirmativa *awilè* ‘caiu’. Devido a semelhança dos traços fonológicos do morfema prefixo de concordância de sujeito, a parte *-ng-*, que não aparece em prefixos de concordância que não sejam da classe 1 ou da 3ª pessoa do singular, aparece no morfema de negação. Não tendo vogais longas contrastivas, a fonologia da língua elide a vogal [a]. Assim, resulta a palavra *àngawangà* ‘não caiu’, que constitui o Resultado. Daí que se argumenta que a marca de negação no tempo passado é *a(ng)-* *-(ng)a*. o material entre parênteses curvos é opcional pois é condicionado pelo contexto morfofonológico. A tabela 20 sistematiza a distribuição do morfema do passado nas formas afirmativa e negativa.

Tabela 20: Constrangimentos fonológicos da afirmativa e negativa no passado.

	NEG	MS	RAIZ	NEG	VF
Base	-	a	-w-	-	-(il)è
Morfologia	à	-a-	-w-	-a(ng)-	-à
Fonologia	à(ng)-	-a-	-w-	-a(ng)-	-à

A tabela 20 mostra o seguinte: na estrutura básica (Base), as posições pré-inicial e pré-final encontram-se vazias, ao passo que a posição da marca de sujeito (MS) está preenchida pelo

respectivo prefixo de concordância /a/; a raiz é -w- ‘cair’ e a posição da vogal final é preenchida por -(il)è. Na segunda linha (Morfologia), a posição pré-inicial é preenchida por *àng-*, aqui se nota que esta forma apenas aparece plenamente com a 3ª pessoa do singular e com nomes da classe 1, visto que, nos outros casos (em que a condição acima não se observa), a posição pré-inicial é preenchida apenas por *à-*. A marca de sujeito e a raiz são as mesmas que na forma básica. A última parte da marca de negação é *-ang-*, que aparece na posição pré-final, e a posição da vogal final na forma negativa é preenchida por *-a*.

Antes de avançar e para melhor se compreender o fenómeno acima descrito, é imperioso analisar o que acontece nas posições pré-final e final no passado afirmativo e negativo nesta língua.

Em Changana, o tempo passado pode-se classificar em passado absoluto, visto até aqui, e o passado relativo (c.f. Comrie 1976). A principal diferença entre ambos é que o verbo que exprime o passado absoluto pode ocorrer gramaticalmente de forma independente na frase, enquanto o que exprime o passado relativo não pode ocorrer isoladamente, i.e., precisa de um outro verbo para ocorrer gramaticalmente na frase. Vejam-se os seguintes exemplos do passado relativo em Changana:

18).a nkama angafikà (hi madezora), ahifambilè (hi novhimeya)

3-tempo 3ps-PREL-chegar-VF (prep 10:00), ANT-1pp-ir-PSD (prep.9:30)

‘quando (ele) chegou (as 10:00horas), nós partíramos (as 9:30h)

b) *nkama angafikà

3-tempo 3ps-PREL-chegar-VF

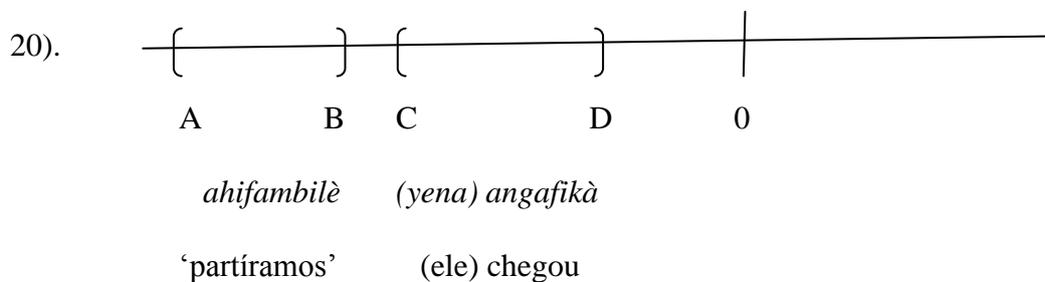
‘quando (ele) chegou

Em (18a), apresentam-se duas formas verbais sublinhadas. A primeira é *angafikà* ‘chegou (relativo)’ e a segunda é *ahifambilè* ‘partíramos’. Em (18b), a frase que apresenta a forma verbal no passado relativo, sem a outra que a possa suportar, é agramatical. Estas duas construções, embora se possam traduzir da mesma forma para o Português, são diferentes em Changana, justamente porque *angafikà* esta no passado relativo, expresso morfologicamente por *-nga-*, na posição pós-inicial, na estrutura do verbo. Esta forma é invariável, pois a sua morfofonologia não é sensível à classe do nome nem à pessoa gramatical, como indicam os exemplos que se seguem:

- 19)a. nkama v ànhù vangafikà, ahifambilè
3-tempo 2-pessoa 2-PREL-chegar-VF ANT-1pp-partir-PSD
‘quando as pessoas chegaram, partíramos’
- b. nkama x ìngòvè xingafikà, ahifambilè
3-tempo 7-gato 7-PREL-chegar-VF ANT-1pp-ir-PSD
‘quando o gato chegou, partíramos’
- c. nkama nyoka yingafikà, ahifambilè
3-tempo 9-cobra 9-PREL-chegar-VF ANT-1pp-ir-PSD
‘quando a cobra chegou partíramos’
- d. nkama y ènà angafikà ahifambilè
3-tempo pron-ele 3ps-PREL-chegar-VF ANT-1pp-ir-PSD
‘quando ele chegou, partíramos’

Os exemplos em (19) mostram a consistência da marca do passado relativo. Em (19a), mantém as suas características morfofonológicas com o nome da classe 2; em (19b), com o nome da classe 7; em (19c), com o nome da classe 9; e, finalmente, em (19d), com a 3^a

pessoa do singular. A consistência da marca do passado relativo faz com que (i) a mesma, apesar de apresentar semelhanças morfofonológicas, se não confunda com o alomorfe da marca da negação, visto que esta apenas ocorre com os nomes da classe 1 e com a 3ª pessoa do singular e (ii) no tempo passado relativo, a vogal final seja -à, o que permite isolar a mesma dos outros constituintes que se lhe seguem. Esta constatação entra em discordância com Langa (2008) e a outros trabalhos anteriores a este que consideravam a marca do passado como sendo apenas *-ile*. Os eventos descritos em (19) podem-se apresentar na seguinte linha de tempo

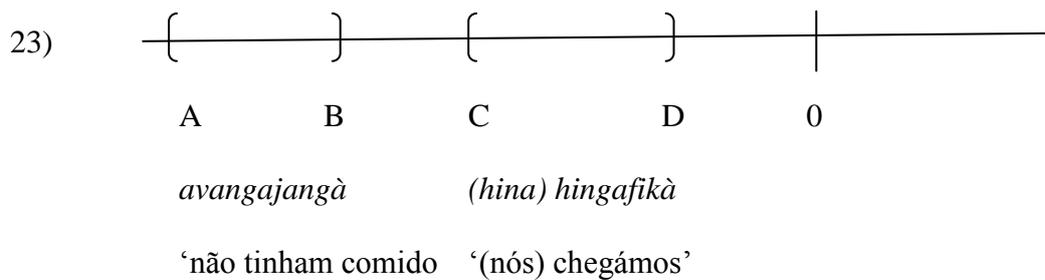


Em (20), está representada a linha de tempo de (19d). O intervalo AB delimita o evento de *kùfàmbà* ‘ir’ e o intervalo CD o evento de *kùfikà* ‘chegar’. Dos dois eventos acima, o evento AB é que tinha claramente começado e terminado (perfectivo), quando o segundo tomou lugar. Não há um limite claramente delimitado em relação ao evento CD, o que se sabe é que o mesmo teve lugar no passado. É a esta imprecisão que torna o evento CD, relativo como se pode aferir, especificamente para Inglês, na seguinte afirmação de Michaelis (2006: 1) “a relação entre o momento em que o enunciado é proferido e a situação descrita pode ser directa, no caso dos tempos absolutos, por exemplo, o tempo passado, ou indirecta, no caso dos tempos relativos, por exemplo o futuro perfectivo”. Em Changana, o tempo em que o evento *angafikà* ‘chegou’ teve lugar (no espaço), algures no tempo passado, depois de o evento *ahifambilè* ‘partíramos’ ter ocorrido. As construções negativas das frases em (19) são

aquelas em que, por exemplo, o evento de *kùfikà* ‘chegar’ (em *avangafikangà* ‘não tinham chegado’) não tinha ocorrido, algures no passado, quando o de *kùfàmbà* ‘ir, partir’ (em *hìngafambà* ‘fomos/partimos’) teve lugar, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- 21)a. *vànhù* *avangafikangà*, *nkamà* *hìngafambà*
 2-pessoa NEG-2-PREL-chegar-NEG temp. 1pp-PREL-ir-VF
 ‘as pessoas não tinham chegado, quando fomos’
- b. *xìngòvè* *axingafangà*, *nkamà* *hìngasukà*
 7-gato NEG-7-PREL-chegar-VF temp. 1pp-PREL-sair-VF
 ‘o gato não tinha morrido, quando partimos’
- c. *yena* *angajangà*, *nkamà* *hìngafambà*
 pron-ele NEG-9-PREL-chegar-VF temp 1pp-PREL-ir-VF
 ‘ele não tinha comido, quando fomos’

Em (21), apresenta-se as formas negativas das frases, encontrando-se as primeiras formas verbais no passado. Em (22a), a forma verbal em análise é *avangafikangà* ‘não tinham chegado’; em (22b), a forma verbal é *axingafangà* ‘não tinha morrido’ e, em (22c), *angajangà* ‘não tinha comido’. A marca de negação é representada pelo morfema descontínuo, canónico *a(ng)- -a(ng)-*, com a mesma distribuição na estrutura do verbo (*a(ng)-*, na posição pré-inicial, e *-a(ng)-*, na posição pré-final. Contudo, a primeira mora, a da posição pré-inicial, tem tom alto, ao invés do tom baixo do canónico. A linha de tempo das construções em (22) é apresentada em (23):



Em (23), indica-se a linha de tempo de uma construção no passado relativo, na forma negativa. Tendo como exemplo o evento *kuja* 'comer' (em *avangajangà* 'não tinham comido'), no intervalo AB, que era suposto ter tido lugar algures no passado, a situação não tinha tido lugar quando o evento *kùfikà* 'chegar' (em *hingafikà* 'chegámos') ocorreu.

A tabela 21, que se segue, sistematiza a distribuição do passado relativo nas suas formas afirmativa e negativa:

Tabela 21: Distribuição dos morfemas do passado afirmativo e negativo absoluto e relativo

	NEG	MS	PREL	RAIZ	NEG	VF
Base	-	xi-	-	-famb-	-	-à
Afirmativa	-	xi-	-nga-	-famb-	-	-à
Negativa 1	a-	xi-	-nga-	-famb-	-ang-	-à
Negativa 2	ang-	a-	-nga-	-famb-	-ang-	-à

A tabela 21 mostra a distribuição dos constituintes dos verbos envolvidos na formação do passado relativo nas formas afirmativa e negativa. Na primeira linha (base), apresenta-se apenas o prefixo de concordância de sujeito, a raiz verbal e a vogal final. Na segunda linha (afirmativa), para além das posições dos constituintes básicos, preencheu-se a posição pós-inicial pelo morfema do passado relativo *-nga-*. A terceira linha (negativo 1), indica o passado relativo na forma negativa, onde se mostram os constituintes da segunda coluna, com

o acréscimo da marca de negação, que ocupa a posição pré-inicial e pré-final. A concatenação dos morfemas a (negativo 1) é igual. Isto pode acontecer com todos os nomes das classes nominais, excepto os nomes da classe 1 ou 3ª pessoa do singular, que se distribuem como (negativo 2). A diferença entre negativo 1 e 2 reside no facto de, em negativo (2), os constrangimentos fonológicos, que acima se referiu, exigirem a ocorrência plena da primeira parte do morfema de negação (*ang-*).

Em resumo, o tempo passado na forma afirmativa é expresso pelo morfema $-(IL)E$, que possui os seguintes alomorfes *-ilè* e *-e*. Os dois alomorfes ocorrem na posição final da estrutura do verbo. O alomorfe (*-ilè*) tem tom básico alto na primeira vogal (*-il-*) e baixo na segunda vogal (*-è*). O alomorfe (*-e*) apresenta sempre o tom alto. O tempo passado, na forma negativa, é expresso pelo morfema descontínuo $\grave{a}(ng)-$ *-ang-*. A primeira parte do alomorfe, a parte mais à esquerda, ocorre na posição pré-inicial e tem a parte (*-ng-*) entre parênteses curvos para assinalar a sua opcionalidade. Ela ocorre apenas se o prefixo de concordância do sujeito for da classe 1 ou da 3ª pessoa do singular. A segunda parte do morfema de negação (*-ang-*) ocorre na posição pré-final da estrutura do verbo, visto que a vogal final é *-à*, que aparece na posição final da mesma.

Tendo sido discutido o tempo passado, na secção que se segue descreve-se o aspecto verbal no tempo passado.

6.5.2. Aspecto verbal no passado em Changana

O aspecto verbal no passado é analisado tendo em consideração as duas maiores categorias distintas, a saber: o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo, sem perder de vista a percepção, segundo a qual o aspecto não tem a ver com a relação entre tempo e situação, mas com os constituintes temporais internos de uma situação (Comrie 1976).

6.5.2.1. Aspecto perfectivo

O termo perfectivo é muitas vezes usado para: (1) contrastar com o imperfectivo e (2) se referir a uma categoria aspectual específica em que se descreve o objecto conceptual, como um ponto de referência de um evento que começou e terminou num período, claramente localizado. Por outras palavras, o perfectivo assinala que a situação ou evento tem fronteiras temporais claramente delimitadas (Bybee et al 1994).

Em Changana, ocorrem dois tipos de aspectos perfectivos no tempo passado, nomeadamente, o aspecto perfectivo simples (absoluto) e o aspecto perfectivo complexo. O primeiro envolve um único evento, ao passo que o segundo ocorre com mais de um evento. A secção que se segue discute o aspecto perfectivo simples. À medida que se for discutindo estas categorias gramaticais, vai-se preenchendo a estrutura do verbo em tabelas (c.f. Meeussen 1967, Güldemann 2003). Deste modo, a última estrutura a ser apresentada será a que melhor dá conta da distribuição dos morfemas na estrutura do verbo, nas formas afirmativa e negativa.

6.5.2.1.1. Perfectivo simples

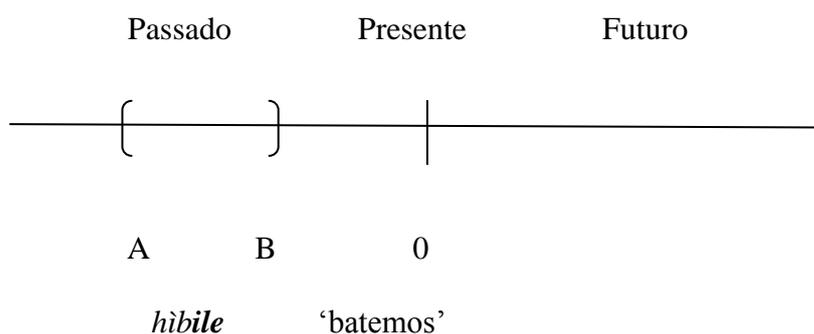
O Aspecto perfectivo simples é marcado pelo morfema do tempo passado absoluto, que ocorre na posição final, na estrutura do verbo *-(il)e*. As categorias tempo e aspecto interpelam-se de tal forma que, por exemplo, o evento que tenha decorrido no passado com fronteira temporais claramente delimitados, i.e. que tenha começado e terminado está no mesmo tempo passado e no aspecto perfectivo. Guthrie (1970:299) regista as formas (i) * \emptyset - *ide* e (ii) **a-* *ide*. A forma (i) é a que melhor reflecte o passado perfectivo do Changana actual. O morfema zero (\emptyset -) da marca (i) é aqui não assinalado deixando apenas como

reconstituição do tempo passado e do aspecto perfectivo apenas **-ide*. Desta forma, o passado absoluto ou simples e o aspecto perfectivo simples expressam-se através do mesmo morfema *-(il)e* nesta língua, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

- 24)a. hìnà hìbe muyivì
 1pp 1pp-bater-PSD/PFV 1-ladrão
 ‘nós batemos o ladrão’
- b. hìnà hìyèndzilè
 1pp 1pp-viajar-PSD/PFV
 ‘nós viajámos’
- c. hìnà hìrhètèmkilè nyaka
 1pp 1pp- escorregar-PSD/PFV. 9-terreno pantanoso
 ‘Nós escorregámos no terreno pantanoso’

Em (24), apresentam-se frases no tempo passado e no aspecto perfectivo, que é marcado pelo morfema *-(il)e* (c.f. Guthrie 1970, Nurse e Muzale 1996). As acções descritas pelas formas verbais em (24a)-(24c) começaram e terminaram num momento claramente delimitado no passado. O perfectivo simples no tempo passado em Changaná pode ser representado tal como na linha de tempo que se segue:

25) Forma *-(il)e* Passado Perfectivo Simples do Indicativo



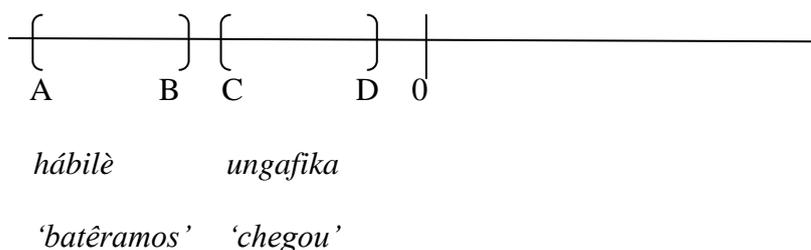
Em (25), o ponto zero (0) representa o momento de enunciação e intervalo AB indica o momento delimitado do passado em que as acções em (24) tomaram lugar. Na forma negativa, os morfemas respectivos são os mesmos *à(ng)-* e *-a(ng)-*, que obedecem, exactamente, à mesma distribuição acima anunciada (i.e., pré-inicial e pré-final) e respeita as mesmas restrições fonológicas, sempre que o contexto fonológico estiver criado (vide 6.5.1.1 e 6.5.1.2 acima). Tendo sido descrito o aspecto perfectivo simples marcado pelo morfema *-(IL)E*, a secção que se segue faz a análise do aspecto perfectivo complexo.

6.5.2.1.2. Perfectivo complexo: passado anterior

A forma do passado anterior no Changana não aparece reconstituída em Guthrie (1970), mas aparece em Meeussen (1967: 112), como *-á- -ide*, e a classifica como sendo pretérito perfeito. No Changana actual, esta forma realiza-se através dos afixos *-á- -ile* (c.f. Siteo 2001: 227) e que a considera “passado habitual”. A interpretação dos dados abaixo leva a que o presente trabalho a classifique como sendo forma do passado anterior perfectivo, visto que a forma *-(il)e*, do passado perfectivo absoluto ou simples, é a que melhor espelha o conceito de pretérito perfeito. Sabendo-se que o Changana não distingue passado recente do remoto, pode-se contrastar o passado absoluto (perfeito) com o passado anterior (pretérito

Em termos estruturais, os exemplos em (26-28) apresentam verbos cuja raiz tem uma estrutura do tipo -C-. (26), a raiz do verbo tem a estrutura do tipo -CVC- e, em (27), a estrutura da raiz da forma verbal tem a estrutura do tipo -CVCVC- ou mais longa, em (28). Os eventos descritos pelos verbos começaram e terminaram no tempo passado, expresso pelo alomorfe *-e*. O prefixo de concordância com o sujeito usado é a marca da primeira pessoa do plural *hi-*, que ocorre na posição inicial na estrutura do verbo. A marca do aspecto é *-á-* que está presente na posição pós-inicial. O encontro entre a vogal alta [+ant,+alt] da marca de concordância de sujeito /i/ e a vogal baixa [+bxo] da marca aspectual /a/ provoca um hiato, que é resolvido com a elisão da vogal /i/. A interpretação das construções acima envolve três momentos referenciais, a saber: (i) o momento de enunciação; (ii) o momento que antecede o momento de enunciação e (iii) o momento em que a acção visada está a decorrer. Considerando (26a), o momento de enunciação é posterior ao momento da acção de *kùfikà ka maphoyisà* ‘chegada da polícia’, que acontece depois da acção de *kùba muyivì* ‘bater no ladrão’. Em (28a) e (28b), as acções “colher e subir”, respectivamente, tinham terminado no momento em que outros eventos tiveram lugar. Interpretação similar pode ser dada às frases em (29a) e (29b), onde as acções de “fugir” e “escorregar” tinham terminado quando outro evento ocorreu. Na estrutura do verbo, o morfema descontínuo *-a- -(il)e* distribui-se da seguinte maneira: *-a-* ocorre na posição pós-inicial e *-(il)e* ocorre na posição final. O passado anterior pode-se representar da seguinte maneira:

30) Passado anterior (Forma á- *-(il)e*)



Em (30), mostra-se que os dois eventos decorrem no passado, numa relação tal que o primeiro evento (AB) iniciou e terminou antes do segundo evento(CD) tomar lugar. As construções na forma negativa do aspecto perfectivo complexo estão nos exemplos que se seguem:

- 31)a. hìnà àhabanga muyivì aza afà
 pron NEG-1pp-ANT-bater-NEG 1-ladrão, 3ps-prep 3pp-PRES-morrer-FV
 ‘nós não batêramos no ladrão até à morte’
- b. hìnà àhacanga ncuvà hiza hikungiwà
 pron NEG-1pp-ANT-jogar-NEG 9-ncuva 1pp-prep 1pp-PRES-premiar-PAS-FV
 ‘nós não jogáramos *ncuva* até sermos premiados’
- 32)a. hìnà àhapfunanga ngopfù khalè
 pron NEG-1pp-ANT-colher-NEG adv temp
 ‘nós não colhêremos bastante, há muito tempo’
- b. hìnà àhakwelanga movhà angali svosvì
 pron NEG-1pp-ANT-subir-NEG Neg-irr temp
 ‘nós não subíramos o carro, não agora (actualmente)’
- 33)a. hìnà àhatsumbulanga svibamù nkamà wa yimpì
 pron NEG-1pp-ANT-descobrir-NEG 8-arma 3-temp 3-gen 9-guerra
 ‘nós não descobríramos armas no tempo da guerra’
- b. hìnà àharhetemukanga nyakà, nkamà wa mpfulà
 pron NEG-1pp-ANT-escoregar-NEG 9-machamba 3-temp 3-gen 9-chuva
 ‘Nós não escorregáramos na machamba no tempo das chuvas’

Em (31-33), ocorrem frases no tempo passado anterior, no aspecto perfectivo assinalado pelo morfema *-á-* *-(il)e*, na posição pós-inicial e final, respectivamente. Nestas frases, as marcas de negação ocorrem na sua posição canónica (i.e., posição pré-inicial e final respectivamente).

6.5.2.1.3. Passado anterior complexo (forma *a-* *-(il)e*)

Guthrie (1970) reconstitui esta forma *a-* *-(il)e* do Changana actual (c.f. Siteo 2001, Langa 2008), **a-* *-ide* (c.f. Guthrie 1970: 239) no proto bantu. Meeussen não faz menção a ela. É difícil atribuir um termo que melhor designe esta forma em Changana. Por exemplo, Siteo (2001: 227) classifica-a como “passado conclusivo”, ao passo que Guthrie (1970: 239), na sua reconstituição, designa-a de “forma do aspecto perfectivo”. Esta última classificação é aqui considerada muito vaga, porque, no tocante ao Changana, existem vários aspectos perfectivos e o termo sugerido é, por isso, pouco adequado porque impreciso. Recorrendo-se à terminologia adoptada para o Português, pode-se considerar uma forma do tempo composto “aqueles que são constituídos por formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o participio do verbo que se quer conjugar” (Cunha e Cintra 2002:399). No caso vertente tratar-se-ia do “pretérito mais-que-perfeito composto” (c.f. Cunha e Cintra 2002:400). Contudo, o correspondente a esta forma em Changana não envolve dois verbos (auxiliar e principal), por isso não pode ser composto e, ao invés do termo *composto*, adopta-se o termo *complexo*, uma vez que a acção descrita envolve, semanticamente, mais de um evento em que o primeiro (a forma verbal em discussão) começou e terminou antes de um outro evento tomar lugar. Sintacticamente, as construções do passado anterior complexo aparecem em estruturas subordinadas. Considerem-se os seguintes exemplos:

(c.f. Siteo 2001). A forma negativa das construção afirmativas acima é apresentada nos exemplos que se seguem:

37)a. hìnà **ahingabanga** muyivì nkamà màphòyìsà mangafikà
 pron COMP-1pp-NEG- bater-NEG 1-ladrão 3-temp 6-polícia 6-PREL-chegar-VF
 ‘nós não tínhamos batido no ladrão quando a polícia chegou’

b.hìnà **ahingacanga** ncuvà nkanyini (...)
 pron COMP-1pp-NEG-jogar-NEG 9-ncuva 5-canhoeiro
 ‘nós não tínhamos jogado a *ncuva* no canhoeiro (...)’

38)a. hìnà **ahingapfunanga** ngopfù lembè ringahelà (..._
 pron COMP-1pp-NEG-colher-NEG ADV 5-temp 5-PREL-acabar-FV
 ‘nós não tínhamos colhido bastante no ano passado (...)’

b. hìnà **ahingakhwelanga** movhà nkamà ungafikà
 pron COMP-1pp-NEG-subir-NEG 5-carro 3-temp 3-PREL-chegar-FV
 ‘nós não tínhamos subido o carro quando chegaste’

39)a. hìnà **ahingatsumbulanga** svibamù nkamà wa yimpì
 pron COMP-1pp-NEG-descobrir-NEG 8-arma 3-temp 3-GEN 9-guerra
 ‘nós não tínhamos descoberto armas no tempo da guerra’

b. hìnà **ahingarhetemukanga** nyaka nkama wa mpfula
 pron COMP-1pp-NEG-escorregarNEG 9-machamba 3-temp 3-GEN 3-chuva
 ‘nós não tínhamos escorregado na machamba no tempo da chuva’

Os exemplos em (37-39) mostram construções no passado anterior complexo, na forma negativa em Changana. Como antes se referiu, o passado anterior complexo é expresso pela forma *a-* *-(il)e*. A forma negativa é marcada pelo morfema descontínuo *-nga-* *-ang-*, sendo

que a primeira forma (-*nga-*) ocorre na posição pós-inicial e a última forma (-*ang-*) na posição pré-final, visto que a posição final na forma negativa é ocupada por -*a*. Como se pode depreender, a marca de negação é diferente na forma e na distribuição da canónica (*a*(*ng*)- -*ang-*) como se tem referido desde o início. Tal deve-se ao facto de ocorrerem restrições fonológicas que bloqueiam a ocorrência de *a-* na posição pré-inicial ora ocupada por parte do morfema do passado anterior complexo (*a-*), que tem as mesmas características segmentais que a marca do passado que aparece naquela posição. A solução desse constrangimento fonológico resultou no preenchimento, na estrutura do verbo, da posição pós-inicial por (-*ang-*), como se pode ver na sistematização da conspiração de regras fonológicas que se segue:

40) Constrangimentos fonológicos no passado anterior complexo negativo

Base:	- <i>kwhel-</i>	‘subir’
Morf ₁ : forma afirmativa:	ahikwhelilè	‘tínhamos subido’
Morf ₂ : inserção da marca de negação:	àahikwhelanga	
Fon ₁ : bloqueamento de [a:]:	áhikwhelanga	
Fon ₂ : inserção de - <i>nga-</i> :	áhingakwhelanga	
Resultado:	ahingakwhelanga	‘não tínhamos subido’

Em (40) sistematizam-se os constrangimentos fonológicos envolvendo a concatenação do morfema descontínuo de negação em formas afirmativas do passado anterior complexo. Na primeira linha (base), apresenta-se o verbo do tipo -CVC- no infinitivo, em que a vogal do radical tem tom alto. A esta base aplicou-se a primeira morfologia (Morf₁), onde se flexiona no passado anterior complexo (*a-* -(*il*)è) a forma básica na primeira pessoa do singular (-*hi-*). Note-se que a primeira vogal e a última da marca de negação tem o tom de nível alto. Na segunda morfologia (Morf₂), aplica-se o morfema de negação (forma canónica *à*(*ng*)- -*ang-*)

na primeira morfologia. Aqui verifica-se o primeiro constrangimento que consiste em, estruturalmente, a primeira parte do morfema de negação (*à(ng)-*), com tom baixo, distribuir-se da mesma forma, na estrutura do verbo, com a primeira vogal da marca do passado anterior complexo (*a-*). A primeira fonologia (Fon₁) consiste na elisão da vogal da marca de negação, como se pode ver a vogal com tom baixo elidiu-se. A segunda fonologia (Fon₂) consiste na inserção da forma *-nga-* na posição pós-inicial, também disponível para receber esta marca (c.f. Güldemann 2003, Meeussen 1967). A última linha (Resultado) mostra a palavra formada depois de se ter desencadeado todos os processos morfofonológico (**ahingakwhelanga** ‘não tínhamos subido’).

6.5.2.1.4. Passado anterior complexo contínuo (forma -àha- -(il)e)

O aspecto contínuo descreve a situação, tanto com os predicados dinâmicos como com os predicados estativos, em progresso num determinado tempo de referência (Bybee et al. 1994). Tanto Guthrie (1970) como Meeussen (1967), não apresentam a reconstituição desta forma. A única referência é apresentada por Siteo (2001) e mais tarde (Langa 2008) só que este último a considerava como sendo uma forma do aspecto imperfectivo, posição que no presente trabalho é reconsiderada. Os exemplos, que se seguem, ilustram o passado anterior complexo contínuo, expresso pelo morfema descontínuo *-àha- -(il)e* distribuídos da seguinte maneira: a forma *-àha-* ocorre na posição pós-inicial ao passo que a forma *-(il)e* ocorre na posição, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- 41)a. *hìnà* *hàhabe* *mùyìvì* *nkama* *ungafikà*
 pron 1pp-CONT-bater-PSD 1-ladrão 3-temp 3-PREL-chegar-VF
 ?‘nós ainda batêramos no ladrão quando chegaste’
- b. *hìnà* *hàhace* *ncuva* *hìkarhalilè*
 pron 1pp-CONT-jogar-PSD 9-ncuva 1pp-cansar-PSD
 ?‘nós ainda jogáramos *ncuva* estamos cansados (precisamos de descanso)’
- 42)a. *hìnà* *hàhapfune* *ngopfu* *àhirimì*
 pron 1pp-CONT-produzir-PSD ADV NEG-1pp-PRES-cultivar-NEG
 ?‘nós ainda produzíamos bastante, não cultivamos’
- b. *hìnà* *hàhakhwele* *movhà* *hìtâtìthà* *mundzukù*
 pron 1pp-CONT-subir-PSD 3-carro 1pp-FUT-trabalhar-VF 18-amanhã
 ?‘nós ainda subíramos o carro, trabalharemos amanhã’

Os exemplos (41-42) apresentam frases com forma verbais (sublinhadas) que consideramos estarem no passado anterior complexo contínuo. É difícil traduzir as frases acima para o Português; por isso, marcámo-las por um ponto de interrogação no início da frase. Contudo, significam que, tomando como exemplo a forma verbal *hàhakhwele* ‘ainda tínhamos subido’: (i) decorreram duas acções no passado, a primeira é *kukwhelà* ‘subir o carro/ir à boleia de um carro’ e a segunda *kutirha* ‘trabalhar’ e (ii) estando as pessoas no carro, alguém solicita que as pessoas desçam do carro e trabalhem. (iii) as recusam a realizar a actividade (trabalhar) alegando que quando foram mandadas trabalhar já tinham subido o carro e que a actividade requerida só poderia ser feita num outro momento (posterior ao de enunciação). Note-se que todo este relato é feito no momento de enunciação em referência ao passado (presente do

passado). Na tradução para o português, mantém-se o advérbio *ainda* com a intenção de dar a ideia de que embora terminada ou acabada (perfectiva), ela estava a decorrer no passado. As formas afirmativas acima, têm as seguintes correspondentes na forma negativa:

- 43)a. hìnà ahingahabanga mùyivì nkama ungafikà
 pron NEG-1pp-CONT-bater-NEG 1-ladrão 3-temp 3-PREL-chegar-VF
 ?‘nós ainda não batêramos no ladrão quando chegaste’
- b. hìnà ahingahacanga ncuva hìkarhalilè
 pron NEG-1pp-CONT-jogar-NEG 9-ncuva 1pp-cansar-PSD
 ?‘nós ainda não jogáramos *ncuva* estamos cansados (precisamos de descanso)’
- 44.a. hìnà ahingahapfunanga ngopfu àhirimì
 pron NEG-1pp-CONT-produzir-NEG ADV NEG-1pp-PRES-cultivar-NEG
 ?‘nós ainda não produzíamos bastante, não cultivamos’
- b. hìnà ahingahakhwelanga movhà hìtâtîthà mundzukù
 pron NEG-1pp-CONT-subir-NEG 3-carro 1pp-FUT-trabalhar-VF 18-amanhã
 ?‘nós ainda não subíamos o carro, trabalharemos amanhã’

Em (43-44), apresentam-se frases com formas verbais que estariam no passado anterior complexo contínuo na forma negativa. Esta é marcada pela forma canónica (a(ng)- -ang-) que devido a constrangimentos fonológicos *-ng-* ocorre na posição pós-inicial, como anteriormente se viu.

6.5.2.1.5. Passado anterior complexo imperfectivo imediato (forma -àhaku- -a)

Em Changana, nem sempre que o tempo passado perfectivo é caracterizado pela presença da forma *(-il)e* na posição final, pois o perfectivo pode ser expresso pelo morfema *-àhaku- -a* para se referir a eventos ou situações que acabam de decorrer, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

45) a. hìnà hàhakuba muyivì

pron 1pp-IMED-bater-VF 1-ladrão

‘nós acabámos de bater no ladrão’

b. hìnà hàhakuca ncuvà

pron 1pp-IMED-jogar-VF 9-ncuva

‘nós acabámos de jogar a *ncuva*’

46) a. hìnà hàhakupfuna timangà

pron 1pp-IMED-colher-VF 10-amendoim

nós acabámos de colher amendoim’

b. hìnà hàhakukhwela movhà

pron 1pp-IMED-subir-VF 3-carro

‘nós acabámos de subir o carro’

47) a. hìnà hàhakutsumbula svibamù

pron 1pp-IMED-descobrir-VF 8-arma

‘nós acabámos de descobrir as armas’

b. hìnà hàhakurhetemuka

pron 1pp-IMED-escorregar-VF

‘nós acabámos de escorregar’

Os exemplos (45-47) apresentam frases em que o verbo principal (sublinhado) assinala o passado simples perfectivo imediato marcado pelas forma *-àhaku-* na posição pós-inicial na estrutura do verbo e *-a* (tom alto) na posição final. Considera-se esta passado absoluto porque a construções podem se realizar gramaticalmente com apenas um verbo. A diferença entre o passado absoluto e o passado imediato reside na sequência dos eventos na linha de tempo. Fazendo um teste adverbial, a forma do passado imediato aparece apenas associado ao advérbio *svosvi* ‘agora’ e a do passado simples com todos os outros advérbios referentes ao tempo passado excepto o referente ao passado imediato. Não foi possível encontrar a forma negativa referente a este tempo.

A tabela que se segue, sistematiza a distribuição dos morfemas do tempo passado perfectivo simples e complexo em Changana:

Tabela 22: Distribuição dos morfemas do passado perfectivo simples e complexo

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-Radical	Raiz	Pré-final	Final
	NEG/ ANT	INF/ MS	ANT/ NEG/ CONT/ IMED	Obj	Raiz	NEG	VF/ PFV
Inf.	-	kù-	-	-mu-	-b-	-	à
Simpl.	-	hi-	-	-mu-	-b-	-	-(il)è
Simpl-NEG	à(ng)-	-hi-	-	-mu-	-b-	-ng-	-à
Simpl-IMED	-	h(i)-	-àhaku-	-mu-	-b-	-	-a
ANT	-	-h(i)-	-a-	-mu-	-b-	-	-(il)è
ANT-NEG	à(ng)-	-hi-	-nga-	-mu-	-b-	-ng-	-à
ANT-COMP	a-	-hi-	-	-mu-	-b-	-	-(il)è
ANT-COMP-NEG	a-	-hi-	-nga-	-mu-	-b-	-ng-	-à
ANT-COMPX-CONT	-	hi-	-àha-	-mu-	-b-	-ng-	-à
ANT-COMPX-CONT-NEG	a-	-hi-	-nga-	-mu-	-b-	-ng-	-à

A tabela 22 mostra a distribuição dos morfemas do passado perfectivo simples e complexo nas formas afirmativa e negativa. Dela pode se ver que a posição pré-inicial da estrutura do verbo pode ser preenchida pelas marcas de negação (NEG) e do passado anterior (ANT) sendo que a negação ocorre nesta posição invariavelmente pela forma *à-* (tom baixo) e o passado anterior é marcado pela forma *a-* (tom alto). A posição inicial é marcada pelo prefixo do infinitivo dos verbos (INF) e da marca de concordância com o sujeito (MS). A posição pós-inicial é preenchida pelas marcas do passado anterior, passado imediato, negação e do passado anterior contínuo (CONT). Nesta posição, o passado anterior é marcado pela forma por *-a-* (tom alto) e a negação por *-nga-* (tom alto). O passado imediato é marcado pela forma *-àhaku-* e pela vogal fina *-a* com tom alto. O passado anterior complexo contínuo é marcado por *-àha-* (V_1 tom baixo e V_2 tom alto). A posição pré-radical é invariavelmente preenchida pela marca do objecto (obj) ao passo que da raiz é marcada pelo morfema correspondente. A posição pré-final é preenchida invariavelmente pela marca da forma da negação (*-ng-*). Finalmente, a posição final é preenchida pela vogal final (VF) e pela marca do perfectivo ou passado perfectivo (PFV) que é o morfema (*-(il)è*). Normalmente a vogal final na forma afirmativa (*-a*) tem sempre tom baixo ao passo que a forma (*-e*) da vogal final na forma negativa tem tom baixo. Invariavelmente, a marca de negação na posição final tem tom baixo se ocorrer na sua forma plena (*-(il)è*) em que a primeira vogal tem tom alto e a segunda sempre tem o tom baixo.

Tenso sido discutido o aspecto perfectivo, a secção que se segue, apresenta e discute o aspecto imperfectivo em Changana.

b. [hìnà ahikhwela movhà] nkama ungafikà

pron ANT-1pp-subir-HAB 3-carro 3-temp 1ps-PREL-chegar-FV

‘nós habitualmente subíamos o carro quando tu chegaste’

50)a. [hìnà ahitsumbula svibamu] nkama wa ONUMOZ

pron ANT-1pp-descobrir-HAB 8-arma 3-temp 3-GEN nome

‘nós habitualmente descobríamos armas no tempo da ONUMOZ’

b. [hìnà ahirhetemuka nyakà] nkama wa mfulà

pron ANT-1pp-escoregar-HAB 9-terreno pantanoso 3-tempo 3-GEN 9-chuva

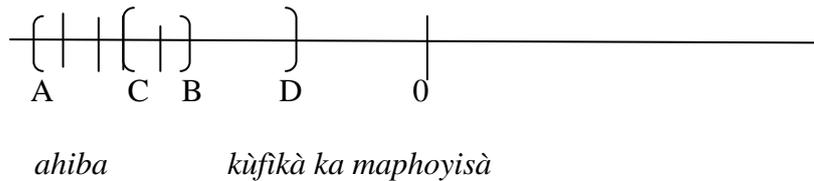
‘nós habitualmente escorregávamos no terreno pantanoso no tempo da chuva’

Os exemplos acima (48-50) apresentam frases com o primeiro verbo (sublinhado) no aspecto imperfectivo habitual no tempo passado. Nas traduções, insere-se o advérbio *habitualmente* com o fito de mostrar o evento em descrição decorria de forma habitual num dado período de tempo. O aspecto habitual é marcado pela vogal *-a-* com tom alto na posição pré-inicial e pela vogal final. Todas as orações subordinantes das frases acima estão entre parênteses rectos. Os sintagmas nominais destas frases são o constituinte *hìnà* ‘nós’ e o verbo (sublinhado) inicia o sintagma verbal que termina no constituinte seguinte antes dos parênteses rectos. Nos sintagmas verbais, o tom alto da forma do imperfectivo progressivo inserido na posição pré-inicial propaga-se até ao último constituinte do sintagma verbal.

Comparando o aspecto perfectivo complexo e o imperfectivo complexo depreende-se que em ambos os casos, está-se na presença de, pelo menos, dois eventos consecutivos e a diferença assenta no facto de no perfectivo complexo o primeiro evento tiver tido o seu início e fim antes de um outro evento tomar lugar ao passo que, no imperfectivo progressivo, o primeiro evento inicia e antes do seu fim um outro evento toma lugar de tal forma que, em algum momento, os dois eventos sejam co-ocorrentes. O aspecto habitual pode também

significar que a situação descrita é uma característica do período de tempo como, por exemplo, escorregar quando o terreno estiver molhado. A linha de tempo em (49), mostra a sequência das acções no aspecto imperfectivo habitual:

51) Passado imperfectivo habitual (forma a- -a)



‘ainda batíamos’ ‘chegar a polícia’

A linha de tempo em (51) mostra a sequência de acções no passado habitual. Como se pode depreender, o evento *ahiba* ‘batíamos’ inicia e antes que tivesse terminado o evento *kùfikà ka maphoyisà* ‘chegada da polícia’ também inicia de tal forma que o intervalo (CB) seja de co-ocorrência simultânea dos dois eventos. Na linha de tempo, o intervalo (AB) aparece graduado. Esta graduação é uma tentativa de representação da ocorrência sistemática do evento num período de tempo extenso. As construções no passado habitual, têm a sua realização, na forma negativa, nos exemplos que se seguem:

52)a. *hìnà ahingabi* *muyivì nkama màphòyisà mangafikà*
 pron HAB-1pp-NEG-bater-NEG 1-ladrão 3-tempo 6-polícia 6-PREL-chegar
 ‘nós habitualmente não batíamos o ladrão quando a polícia chegou’

b. *hìnà ahingachi* *ncuva nkama xìtimèlà xingafikà*
 pron HAB-1pp-NEG-jogar-NEG 9-ncuva 3-temp 7-comboio 7-PREL-chegar-VF
 ‘nós habitualmente não jogávamos a nuca quando o comboio chegou’

53)a. *hìnà ahingapfuni* *ngopfù màvèle lembè ringahelà*

pron HAB-1pp-NEG-colher-NEG ADV 6-milho 5-temp 5-PREL-acabar-FV

‘nós habitualmente não colhíamos muito milho no ano passado’

b. hìnà ahingakhweli movhà nkama ungafikà

pron HAB-1pp-NEG-subir-NEG 3-carro 3-temp 1ps-PREL-chegar-FV

‘nós habitualmente não subíamos o carro quando chegaste’

54)a. hìnà ahingatsumbuli svibamu nkama wa ONUMOZ

pron HAB-1pp-NEG-descobrir-NEG 8-arma 3-temp 3-GEN nome

‘nós habitualmente não descobríamos armas no tempo da ONUMOZ’

b. hìnà ahingarhetemuki nyakà nkama wa mpfulà

pron HAB-1pp-NEG-escoregar-NEG 9-terreno pantanoso 3-temp 3-GEN9-chuva

‘nós habitualmente não escorregávamos no terreno pantanoso no tempo da chuva’

Os exemplos (52-54) mostram frases com formas verbais (sublinhadas) do tempo passado, aspecto habitual na forma negativa. A negação é expressa pelo morfema *-nga-*, com tom alto, na posições pós-inicial e *-i*, também com tom alto, na posição final. A diferença entre o passado complexo perfectivo e o imperfectivo na marcação da negação é que, no primeiro a posição final na estrutura do verbo é marcada pelo morfema *-(il)e* e no imperfectivo por *-i* com tom alto.

6.5.3.2. Passado anterior complexo imperfectivo contínuo (forma *a-aha- -a*)

O passado anterior complexo imperfectivo contínuo descreve eventos ou situações que num dado período de tempo estavam a decorrer quando um outro evento teve lugar. A forma do passado anterior imperfectivo contínuo é marcada pelo morfema descontínuo *a-aha- -a* que se distribui na estrutura do verbo da seguinte maneira: (i) a forma *a-* (tom alto),

Os exemplos (58-60) mostra frases com forma verbais sublinhadas no passado anterior imperfectivo contínuo negativo. O morfema de negação é expresso pela forma *-nga-* na posição pós-inicial e *-ang-* na posição pré-final. Os exemplos acima mostram que a primeira forma do morfema de negação (*-nga-*) ocorre adjacente à esquerda a uma das forma do aspecto imperfectivo contínuo (*-aha-*). Esta constatação sugere que as marcas de aspecto e negação ocorrem em posições diferentes na estrutura do verbo do Changana. Seguindo a designação das posições disponíveis na estrutura do verbo em bantu (c.f. Güldemann 2003:184), sugere-se que crie a posição pós-inicial₂ para acomodar esta forma do aspecto visto que a forma de negação ocorra imediatamente a seguir a marca de concordância do sujeito. A tabela 23 que se segue, visualiza a sugestão acima no tocante à disposição dos morfemas na forma verbal em Changana:

Tabela 23: Distribuição de passado anterior complexo contínuo afirmativo e negativo

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial ₁	Pós-inicial ₂	Pré-Radical	Raiz	Pré-final	Final
	NEG/ANT	MS	NEG	CONT	Obj	Raiz	NEG	HAB
ANT-COMPX-CONT	a-	-h(i)-	-	-aha-	-mu-	-b-	-	-a
ANT-COMPX-CONT NEG	a-	-hi-	-nga-	-aha-	-mu-	-b-	-ang-	-a

A tabela 23 mostra a nossa sugestão em relação à distribuição dos morfemas do passado anterior complexo contínuo afirmativo e negativo. Embora Güldemann (2003) reconheça que na posição pós-inicial pode ser ocupada por vários morfemas, os morfema que ocorrem nesta posição em Changana transportarem informação flexional diferente. Consideramos que se devia criar mais uma posição de modo a permitir que a marca de negação ocorra na sua posição potencial e a do aspecto também. Deste modo, a posição pós-inicial₁, porque ocorre a

‘nós penas subíamos o carro quando chegaste’

63)a. hìnà ahiyotsumbula svibamu nkama wa ONUMOZ

pron ANT-1pp-EXCL-descobrir-VF 8-arma 3-temp 3-GEN nome

‘nós apenas descobríamos armas no tempo da ONUMOZ’

b. hìnà ahiyorhetemuka nyakà nkama wa mpfulà

pron ANT-1pp-EXCL-escoregar-VF 9-terreno pantanoso 3-temp 3-GEN 9-chuva

‘nós apenas escorregávamos no terreno pantanoso no tempo da chuva’

Em (61-63) apresentam-se frases com formas verbais (sublinhadas) no passado anterior imperfectivo exclusivo. Nas traduções das frases, marca-se a exclusividade através do advérbio *apenas* que significa, neste caso, *somente*. A semântica desta forma aspectual é enfática pois visa destacar um evento ou situação dos vários em possível ocorrência. A forma negativa desta forma aspectual apresenta-se em seguida:

64)a. hìnà ahingayoba muyivì lèsvià hìyomudlaya

pron ANT-1pp-NEG-EXCL-bater-VF 3-ladrão DEM 2pp-EXCL-obj-matar-VF

‘aquilo não foi só apenas batermos no ladrão, foi matá-lo’

b. hìnà ahingayocha ncuva lèsvià hìyovahahlula.

pron ANT-1pp-NEG-EXCL-jogar-VF 9-ncuva DEM 2pp-EXCL-obj-destruir-VF

‘aquilo não foi só apenas jogarmos ncuva, foi destruí-los’

65)a. hìnà ahingayopfuna màvèle lesviya hiyomadiliza.

pron ANT-1pp-NEG-EXCL-colher-VF 6-milho DEM 1pp-EXCL-obj-explodir-VF

‘aquilo não foi só apenas colhermos bastante milho, foi uma explosão de colheita’

- b. hìnà ahingayokhwela movhà lesviya, mpfuka awulehe svinene
 pron ANT-1pp-NEG-EXCL-subir-VF 3-carro 3-temp 1ps-PREL-chegar-FV
 ‘aquilo não foi só penas subirmos o carro, subimos até nos farta devido a longa distância’

Em (64-65) apresenta-se frases com o primeiro verbo (sublinhado) na forma negativa expressa morfologicamente pelo morfema *-nga-* na posição pós-inicial. Nesta forma aspectual, a negação é marcada por uma única forma o que sugere que a forma de negação na posição pré-final (*-ang-*) tem também a consoante pré-nasalizada opcional e se devia representar (*-a(ng)-*). Semanticamente, esta forma aspectual desempenha função enfática. Por exemplo, em (67a), a forma *ahingayoba* ‘nós não apenas batemos’ serve para realçar a forma ou a intensidade em que tal acção decorreu. Normalmente, a segunda oração da frase é figurativa ou está no sentido figurado conforme mostra o facto de, em (67b), para destacar a forma como ganharam o jogo, se tenha usado formas como *destruir*. A tabela 24, que se segue, mostra a distribuição dos morfemas na estrutura do verbo envolvendo todo o passado imperfectivo.

Tabela 24: Distribuição dos morfemas do passado imperfectivo afirmativo e negativo

	Pré- inicial	Inicial	Pós- inicial ₁	Pós- inicial ₂	Pré- Radical	Raiz	Pré- final	Final
	ANT	MS	NEG	CONT/ EXCL	Obj	Raiz	NEG	VF/ HAB
INF	-	kù-	-	-	-mu-	-b-		-a
ANT	a-	-hi-			-mu-	-b-		-a
ANT-COMPX- CONT	a-	-h(i)-	-	-aha-	-mu-	-b-	-	-a
ANT-COMPX- CONT NEG	a-	-hi-	-nga-	-aha-	-mu-	-b-	-ang-	-a
ANT-COMPX- EXCL	a-	-hi-		-yo-	-mu-	-b-		-a
ANT-COMPX- EXCL-NEG	a-	-hi-	-nga-	-yo-	-mu-	-b-	-a(ng)-	-a

A tabela 24 sistematiza a distribuição dos morfemas da estrutura do verbo afirmativas e negativas em Changana. A primeira linha apresenta a designação formal da distribuição dos morfemas na forma verbal ao passo que a segunda linha especifica a informação que nelas ocorre. A terceira linha (INF) apresenta a estrutura do verbo na sua forma básica antes de flexionada nem derivada. A quarta linha (ANT) apresenta a distribuição dos morfemas no passado anterior. A quinta linha mostra a distribuição dos morfemas do passado anterior complexo contínuo e as últimas linhas o aspecto exclusivo nas suas formas polares. Da distribuição acima, nota-se claramente que na estrutura do verbo é relevante que haja duas posições pós-iniciais pois os morfemas que nelas ocorrem exibem uma distribuição clara. A posição pós-inicial₁ é reservada a negação ao passo que pós-inicial₂ ao aspecto verbal. A última linha da tabela mostra que as duas consoantes do morfema de negação no passado -*ang*- *-ang-*, a primeira na posição pós-inicial e a segunda na posição pré final, deviam ambas estar representadas entre parênteses curvos para indicar a sua opcionalidade da seguinte maneira *-a(ng)- -a(ng)-*. A segunda forma deste morfema ao se realizar apenas *-a-* na posição pré-final e por a forma verbal terminar por uma vogal final *-a*, cria um constrangimento fonológico que se resolve com a elisão da vogal de negação já que na posição final não haja ambiente fonológico para desencadear um processo fonológico.

Visto o tempo passado simples e complexo e as suas variações aspectuais perfectivas e imperfectivas nas formas afirmativa e negativa, a secção que se segue discute o tempo presente.

c. phòyisà rita kaya ka minà

5-polícia 5-PRESFACT-vir-VF 5-casa LOC pron

‘a/o polícia está a vir à minha casa’

2)a. ntòmbhì yifamba xikolè

9-rapariga 9-PRESFACT-ir-VF 7-escola

‘a rapariga está a ir à escola’

b. tìntòmbhì tijondza xilungù

10-rapariga 10-PRESFACT-estudar-VF 7-português

‘as raparigas estão a estudar o português’

c. jàhà rivonà màràni

5-rapaz. 5-PRESFACT-ver-VF 1-mamã

‘o rapaz está a ver a mamã’

3)a. màtsòtsì mayetlela nhovenì

6-bandido 6-PRESFACT-dormir-VF 9-mato-LOC

‘os bandidos estão a dormir no mato’

b. vàtsòngwana vahlambeta lwandlè

2-criança 2-PRESFACT-nadar-VF 5-praia

‘as crianças estão a nadar na praia’

c. xìtshùngù xihlonipha nfumù

7-população 7-PRESFACT-respeitar-VF 3-governo

‘a população está a respeitar o governo’

Os exemplos (1-3) apresentam frases com formas verbais no presente do indicativo, na forma afirmativa. O exemplo (1) apresenta formas verbais do tipo -C-, em (2) formas verbais do tipo -CVC- e, em (3), formas verbais mais longas que -CVC-. Em todos os casos, o presente

- b. tìntòmbhì tajondza xilungù
 10-rapariga 10-PRESHAB-estudar-VF 7-português
 ‘as raparigas estudam o português’
- 9)a. màtsòtsì mayetlela nhòvenì
 6-bandido 6-PRESHAB-dormir-VF 9-mato
 ‘os bandidos dormem no mato’
- b. xìtshùngù xahlonipha nfumù
 7-população 7-PRESHAB-respeitar-VF 3-governo
 ‘a população respeita o governo’

As frases (7-9) contêm verbos (em sublinhado) que descrevem eventos habituais. A marca do aspecto habitual ocorre na posição pós-verbal na estrutura do verbo e é marcado pelo morfema *-a-* (tom alto). Uma particularidade se verifica com nomes da 3ª pessoa do singular (7a) em que o prefixo de concordância da 3ª pessoa e a marca do aspecto habitual são expressos por *-a-*. ambas com tom alto. A língua, embora não tenha vogais longas contrastivas, neste caso, mantém as duas vogais (do prefixo e do aspecto habitual) e não desencadeia nenhum processo fonológico como se viu nos casos anteriores em que uma das vogais esta elidida. Nos demais casos, com nomes de outras classes, a marca do aspecto habitual elide a vogal do prefixo de concordância (cf. 7b a 9c). A forma negativa desta marca aspectual obedece ao mesmo comportamento que o aspecto contínuo como se pode ver na subsecção que se segue:

10-rapariga 10-PRESCONT-estudar-VF 7-português

‘as raparigas ainda estudam o português’

15)a. màtsòtsì màhayetlela nhòvenì

6-bandido 6-PRESCONT-dormir-VF 9-mato

‘os bandidos ainda dormem no mato’

b. xìtshùngù xàhahlonipha nfumù

7-população 7-PRESCONT-respeitar-VF 3-governo

‘a população ainda respeita o governo’

Os exemplos (13-15) apresentam frases com formas verbais no tempo presente, aspecto contínuo. O aspecto verbal é marcado pelo morfema *-àha-* em que a primeira vogal tem tom baixo e a segunda tom alto. Siteo (1996:332) considera que este aspecto é marcado pelo morfema *-há-*. Contudo, na presente dissertação, considera-se que deve ser como acima se apresentou (*-àha-*) porque, este morfema ocupa a posição pós-inicial na estrutura do verbo. A forma negativa do presente habitual está apresentada nos exemplos que se seguem:

16)a. ntsongwana àngàhabi xipfalù

1-criança NEG-1-PRESCONT-bater-NEG 7-porta

‘a criança ainda não bate à porta’

b. phòyisà àràhati kaya ka minà

5-polícia NEG-5-PRESCONT-vir-NEG 5-casa LOC pron

‘a/o polícia ainda não vem à minha casa’

17)a. ntòmbhì àyàhafambi xikolè

9-rapariga NEG-9-PRESCONT-ir-NEG 7-escola

‘a rapariga ainda não vai à escola’

b. tìntòmbhì àtàhajondzi xilungù
 10-rapariga NEG-10-PRESCONT-estudar-NEG 7-português
 ‘as raparigas ainda não estudam o português’

18)a. màtsòtsì àmàhayetleli nhòvenì
 6-bandido NEG-6-PRESCONT-dormir-NEG 9-mato
 ‘os bandidos ainda não dormem no mato’

b. xìtshùngù àxàhahloniphi nfumù
 7-população NEG-7-PRESCONT-respeitar-NEG 3-governo
 ‘a população ainda não respeita o governo’

Os exemplos (16-18) apresentam frases do presente contínuo na forma negativa. A negação é expressa pelo morfema *á(ng)- -i* na sua posição canónica (i.e. pré-inicial e final respectivamente).

6.6.4. Presente exclusivo

O aspecto exclusivo “pressupõe exclusividade da acção” Siteo (1996: 333) e é caracterizado pelo morfema -o-. Veja-se os exemplos que se seguem:

19)a. ntsongwana oba xipfalù
 1-criança 1-PRESEXCL-bater-VF 7-porta
 ‘a criança apenas bate à porta’

b. phòyisà rota kaya ka minà
 5-polícia 5-PRESEXCL-vir-VF 5-casa LOC pron
 ‘a/o polícia apenas vem à minha casa’

- 20)a. ntòmbhì yofamba xikolè
 9-rapariga 9-PRESEXCL-ir-VF 7-escola
 ‘a rapariga apenas vai à escola’
- b. tìntòmbhì tojondza xilungù
 10-rapariga 10-PRESEXCL-estudar-VF 7-português
 ‘as raparigas apenas estudam o português’
- 21)a. màtsòtsì moyetlela nhòvenì
 6-bandido 6-PRESEXCL-dormir-VF 9-mato
 ‘os bandidos apenas dormem no mato’
- b. xìtshùngù xohlonipha nfumù
 7-população 7-PRESEXCL-respeitar-VF 3-governo
 ‘a população apenas respeita o governo’

A cima (19-21) estão apresentadas frases com formas verbais no presente exclusivo expresso através do morfema *-o-* (tom alto) na posição pós-inicial. A exclusividade pode ser traduzida apenas ou simplesmente ou exclusivamente (c.f. Siteo 1996). Com nomes da classe 1, a marca aspectual elide a marca de concordância do sujeito fazendo ficar, na estrutura de superfície, apenas a marca do aspecto. Na forma negativa, o aspecto exclusivo é expresso como se apresenta a seguir:

- 19)a. ntsongwana àngoba xipfalù ofaya
 1-criança NEG-1-PRESEXCL-bater-VF 7-porta 3ps-PRESEXCL-partir-VF
 ‘a criança simplismente não bate à porta, apenas a parte’

b. phòyisà àrota kaya ka mina ntsena, (...)

5-polícia NEG-5-PRESEXCL-vir-VF 5-casa LOC pron ADV

‘a/o polícia não vem simplesmente à minha casa apenas (...)’

20)a. ntòmbhì àyofamba xikolè se iya ntirwenì

9-rapariga NEG-9-PRESEXCL-ir-VF 7-escola ADV 9-PRES-ir-VF 9-trabalho-LOC

‘a rapariga não simplesmente vai à escola mas sim ao serviço’

b. tìntòmbhì àtojonza xilungù tochela ndlalà

10-rapariga 10-PRESEXCL-estudar-VF -português idiom.

‘as raparigas não simplesmente estudam o português como também são muito competentes’

21)a. màtsòtsì àmoyetlela nhòvenì mayetlela mpalenì

6-bandido NEG-6-PRESEXCL-dormir-VF 9-mato 6-PRES-dormir-VF 3-toca-

LOC

‘os bandidos não simplesmente dormem no mato como também dormem na toca’

b. xìtshùngù àxohlonipha nfumù xochavà

7-população NEG-7-PRESEXCL-respeitar-VF 3-governo 7-PRESEXCL-estar com medo-VF

‘a população não apenas respeita o governo como também esta somente com medo’

Em (19-21) apresentam-se frases com formas verbais (sublinhadas) no aspecto exclusivo na forma negativa. Tal como se disse em relação ao aspecto exclusivo no passado, no presente também este aspecto é enfático pois serve para distinguir um evento dos demais. Por isso, tendo como exemplo a forma negativa, é necessário uma segunda frase para melhor explicar ideia que se pretende passar ao usar esta marca aspectual. A negação é expressa pela forma *à(ng)-* apenas na posição pré-inicial. Esta forma aspectual é a única neste tempo em que a vogal final é *-a* (tom alto).

A tabela 25, que se segue, sistematiza a distribuição dos morfemas do tempo presente e suas variações aspectuais nas formas afirmativa e negativa:

Tabela 25: Distribuição dos morfemas do presente e nas suas variações aspectuais nas formas afirmativa e negativa

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-Radical	Raiz	Pré-final	Final
	NEG	MS	FACT/ HAB /CONT/ EXCL	Obj	Raiz	NEG	VF/ NEG
INF		kù-		-mu-	-b-	-	-à
PRES-FACT		hi-	-Ø-	-mu-	-b-	-	-à
PRES-FACT-NEG	à(ng)-	-hi-	-Ø-	-mu-	-b-	-	-i
PRES-HAB		h(i)-	-a-	-mu-	-b-	-	-a
PRES-HAB-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-a-	-mu-	-b-	-	-i
PRES-CONT		h(i)-	-àha-	-mu-	-b-	-	-a
PRES-CONT-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-àha-	-mu-	-b-	-	-i
PRES-EXCL		h(i)-	-o-	-mu-	-b-	-	-a
PRES-EXCL-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-o-	-mu-	-b-	-	-a

A tabela 25 mostra a distribuição dos morfemas do tempo presente e as suas variações aspectuais nas formas afirmativa e negativa. Pela distribuição dos morfemas, fica claro que é difícil separar os morfemas de tempo dos de aspecto no presente o que prova que, nesta língua, o presente é mais concebido como uma característica aspectual do que temporal. Estruturalmente, a tabela mostra que neste tempo, a posição pré-inicial é ocupada apenas pela marca de negação (à(ng)-) e a posição inicial pela marca de concordância com o sujeito. A posição pós-inicial é reservada à marca dos aspectos, factual, habitual, contínuo e exclusivo. a marca do objecto e a raiz verbal ocupam as posições pré-radical e radical sucessivamente. A última posição ocupada na estrutura do verbo é a posição final que apresente a vogal final -a

(tom baixo) no infinitivo e no presente factual. Na forma negativa, a posição final é ocupada normalmente pela vogal *-i* com tom alto, excepto no aspecto exclusivo que é ocupada pela vogal *-a* com tom alto.

6.7. Tempo futuro

A presente secção apresenta e descreve os morfemas que expressam o tempo futuro perfectivo e imperfectivo em Changana. O tempo futuro situa os eventos que tomarão parte depois do momento de enunciação (Rose et al 2002). Para a discussão desta matéria, em primeiro lugar, analisa-se o futuro perfectivo (6.7.1) e, em seguida, o futuro imperfectivo (6.7.2).

6.7.1. Futuro perfectivo

Em Changana, este tempo é, morfologicamente, expresso através do morfema *-ta-* (c.f. Junod 1929, Farinha 1946, Siteo 1996, Bachetti 2006, Ribeiro 2010) e foi reconstituída **ta-* *-a* por Guthrie (1970:237). Tal como acontece com o tempo passado, o Changana distingue apenas um futuro como se pode ver nos seguintes exemplos:

- 1)a. ntsòngwànà ataba xipfalù mùndzùkù
 1-criança. 1-FUT-bater-VF 7-porta 3-amanhã
 ‘a criança baterá à porta (amanhã)’
- b. n’wana atatwa ndlalà wheti yitakà
 1-filho/a. 1-FUT-sentir-VF 9-fome 9-mês 9-vir-REL-VF
 ‘a filha/o sentirá fome (no mês que vem)’

- c. phòyisa ritata kayà lembe ritakà
 5-polícia 5-FUT-vir-VF 5-casa 5-ano 5-vir-REL-VF
 ‘a/o polícia virá a casa (no ano que vem)’
- 2)a. ntòmbhi yitafamba xikolè mündzùkù
 9-rapariga. 9-FUT-ir-VF. 7-escola 3-amanhã
 ‘a rapariga irá a escola (amanhã)’
- b. tìntòmbhì titajondza xilungù wheti yitakà
 10-rapariga. 10-FUT-estudar-VF. 7-português 9-mês 9-vir-REL-VF
 ‘as raparigas estudarão o português (no mês que vem)’
- c. jaha ritavona mamani lembe ritakà
 5-razaz. 5-FUT-ver-VF. 1-mamã 5-ano 5-vir-REL-VF
 ‘o rapaz verá a mamã (no ano que vem)’
- 3)a. màtsòtsì matayetlelà nhòvenì mündzùkù
 6-bandido 6-FUT-dormir-VF 9-mato-LOC 3-amanhã
 ‘os bandidos dormirão no mato (amanhã)’
- b. vatsòngwanà vatahlambeta lwandlè wheti yitaka
 2-criança 2-FUT-nadar-VF 5-praia 9-mês 9-vir-REL-VF
 ‘as crianças nadarão na praia (no mês que vem)’
- c. xitshùngù xitahlanipha mpfumù lembe ritakà
 7-população 7-FUT-respeitar-VF. 3-governo 5-ano 5-vir-REL-VF
 ‘a população respeitará o governo (no ano que vem)’

Em (1-3), apresenta-se frases em que as formas verbais (sublinhadas) estão no tempo futuro expresso pelo morfema (-ta-) que ocorre na posição pós-inicial na estrutura da forma verbal. O tom básico deste morfema é baixo contudo, se for antecedido de uma sílaba cujo núcleo é

portador de tom alto, o mesmo se expande para a mora do morfema do tempo futuro. No fim de cada frase, colocou-se um advérbio de tempo, nomeadamente, *mùndzùkù* ‘amanhã’, *vhiki ritakà* ‘semana que vem’ e *lembe ritakà* ‘ano que vem’ com o objectivo de verificar se o morfema de tempo futuro variaria em função do advérbio mas mantém-se invariável. Esta consistência da marca do futuro, prova que o Changana apresenta apenas um tempo futuro e não distingue o futuro próximo do distante (c.f. Júnior 2010). Esta consistência mostra que nesta língua apenas se distingue um tempo futuro. Em (1) apresentam formas verbais com radicais do tipo -C-, em (2) estão frases com formas verbais com radicais do tipo -CVC- e, em (3) formas verbais do tipo -CVCVC-. Em todos os casos a marca de negação mantém invariavelmente (-ta-). Esta invariabilidade sustenta a estabilidade deste morfema em relação aos constituintes vizinhos. A forma negativa no tempo futuro é expressa morfologicamente pelo morfema descontínuo *à(ng)- -(ng)a-* (onde *à(ng)-* ocorre na posição pré-inicial e *-ang-* na posição pós-inicial).

4)a. ntsòngwàrà àngatalwà

2-criança NEG-2-NEG-FUT-lutar-VF

‘a criança não lutará’

b. màràni àngatanyika n’wana vele

1-mamã. -NEG-1-NEG-FUT-dar-VF 1-criança 5-mama

‘a mamã não dará a mama à criança’

c. b’ávà àngatapeta goda xihloveni

1-pai NEG-1-NEG-FUT-meter-VF 5-corda 7-poço-LOC

‘o pai não meterá a corda no poço’

- 5)a. vàtsòngwànà àvangatalwà
 2-criança NEG-2-NEG-FUT-lutar-VF
 ‘as crianças não lutarão’
- b. vàtsòngwànà àvangatatlula godà
 2-criança NEG-2-NEG-FUT-saltar-VF 5-corda
 ‘as crianças não saltarão a corda’
- c. xìkòxà àxingatarhunga mpahlà
 7-velha/o NEG-1-NEG-FUT-coser-VF 9-roupa
 ‘a velha/o não coserá a roupa’

Em (4-5) apresenta-se frases com formas verbais (sublinhadas) no futuro negativo. A negação é expressa através do morfema descontínuo de negação *à(ng)- -nga-*. A primeira forma na posição pré-inicial realiza-se de forma plena (*àng-*) com nomes que não sejam da classe 1 (c.f. 4) e da forma breve com nomes das outras classes nominais (*â-*) (c.f. 8).

Diferente da expressão de tempo e aspecto, o futuro pode ser expresso morfologicamente através de morfemas obedecendo as assunções de Maho (1999b) segundo as quais (i) um morfema, corresponde a uma posição disponível na estrutura do verbo e (ii) um único sentido por posição disponível na estrutura do verbo pode também ser expresso através de unidades lexicais livres como verbos auxiliares irregulares. Assim, o tempo futuro é expresso por um auxiliar e não directamente por um morfema como se pode ver no exemplo (6):

- 6)a utaya jondza buku ra wunharhù
 2ps-FUT-ir-VF estudar-VF 5-classe 5-GEN 14-três
 ‘irás estudar na 3ª classe’

- b. svìpfányànì svitaya mugwenta mulungu lwiya
 8-*rapaz* 8-FUT-ir-VF 1-aturar-VF 1-branco DEM
 ‘os rapazes irão aturar aquele branco’

No exemplo em (6) apresentam-se frases com um complexo verbal. Nestas estruturas, “a primeira palavra é auxiliar e pode ser flexionada ao passo que a segunda palavra é lexical que, por sua vez, pode ser flexionada ou mantida no infinitivo” (Nurse 2003:91). Os exemplos em (6) apresentam os complexos verbais em que, nos dois casos, o verbo auxiliar é *kuya* ‘ir’ flexionado no tempo futuro expresso pelo morfema *-ta-* na posição pós-inicial e o prefixo de concordância de sujeito na posição inicial e a vogal final na posição final. Depreende-se também destes verbos que a marca da flexão em tempo ocorre no primeiro verbo (auxiliar) e o segundo verbo recebe a marca de concordância do objecto (marca de objecto). Aqui, o verbo *kuya* está de tal forma diluído que não deixa forma reconhecível como tal e se confunde com um verbo simples no tempo futuro. Em (7), apresentam-se as construções negativas das frases em (6) no tempo futuro:

- 7)a àwungataya jondza buku ra wunharhù
 2ps-FUT-ir-VF estudar-VF 5-classe 5-GEN 14-três
 ‘irás estudar na 3ª classe’
- b. svìpfanyani àsvingataya mugwenta ye mulungu lwiya [
 8-*rapaz*. 8-FUT-ir-VF. 1-aturar-VF. dem. 1-branco. dem.
 ‘os rapazes não irão aturar aquele branco’

Em (7) estão apresentadas frases com formas verbais (sublinhadas) em que a negação é marcada no verbo auxiliar onde ocupa a sua posição canónica no futuro. Os verbos auxiliares

estão claramente dissociados do verbo principal. Contudo, casos há em que os mesmos aparecem concatenados ao verbo principal de tal maneira que se torna difícil a sua distinção.

Veja-se o exemplo em (9):

- 9)a. yènà atayaphuza mati ya combenì
pron 3ps-ir-VF-beber-VF 6-água 6-GEN 5-poço-LOC
‘(ele) irá beber a água do poço’
- b. wènà utayavona vanhu va kusaseka
pron 2ps-ir-VF-ver-VF 2-pessoa 2-GEN 15-bonita-VF
‘tu irás ver pessoas bonitas’

Em (9), apresentam-se complexos verbais do tipo Aux.+ V destacados com sublinhado. Na maior parte dos complexos verbais do *corpus*, o verbo auxiliar é *kuta* ‘ir’/‘vir’. Nestes casos, quando as marcas de sujeito e de objecto tiverem as mesmas características fonéticas, como é o caso da 3ª pessoa do singular cujo prefixo de concordância é uma vogal fonémica com o traço [+bxo] (i.e. /a/) e a 2ª pessoa do singular cujo prefixo de concordância é uma vogal [+alta, +rec] (i.e. /u/), o contexto faz com que a mesma vogal /a/ não se repita no segundo verbo.

Tendo sido discutido o tempo futuro na forma afirmativa e negativa, a secção que se segue, apresenta e discute o aspecto no tempo futuro.

6.7.2. Aspecto imperfectivo

O aspecto imperfectivo denota os eventos que em relação a um tempo determinado de enunciação ainda estão a decorrer.

c. xikòxà xàhatarhunga mpahlà
 7-velha/o 7-CONT- FUT-coser-VF 9-roupa
 ‘a velha/o ainda coserá a roupa’

Em (10-11) apresentam-se frases com formas verbais no futuro (-ta-) imperfectivo contínuo (-àha-). Este contém a primeira vogal com tom baixo e a segunda com tom alto. Em (10) por a marca aspectual apresentar as mesmas características fonéticas que a do prefixo de concordância com o sujeito, esta última elide-se, porque a primeira vogal da forma verbal tem tom baixo, e prevalece a vogal da marca aspectual, a vogal com tom baixo. A distinção da posição de ocorrência da marca aspectual aparece bem clara nos exemplos (11) em que a mesma ocorre associada a nomes da classe 2 (11a e 11b) e nomes da classe 7 (11c). desta forma, os dados sugerem que a marca do aspecto contínuo ocorre na posição pós-inicial. Contudo, o facto de anteriormente (6.7.1) se tenha afirmado que também a marca do tempo futuro (-ta-) ocorre na posição pós-inicial remete-se a uma reanálise da distribuição dos morfemas de tempo e aspecto na forma verbal no tempo futuro. A tabela 26 que segue sistematiza a distribuição dos morfemas em discussão:

Tabela 26: Distribuição dos morfemas do aspecto contínuo no futuro

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial ₁	Pós-inicial ₂	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final
	NEG	MS			Obj	Raiz	NEG	VF
INF	-	ku-	-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV	-	hi-	-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV-NEG	à(ng)-	-hi-	-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT		h(i)-	-àha-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à

A tabela 26 apresenta os morfemas envolvidos na formação do tempo futuro analisados até aqui. As posições pré-inicial, inicial e a pré-radical, radical, pré-final e final mantêm a sua distribuição na estrutura do verbo. Porém, o mesmo não se pode dizer em relação à posição pós-inicial que apresenta, tal como se sugeriu no tempo passado, mais de um lugar, nomeadamente, pos-inicial₁ e pós-inicial₂. Tendo em presença que a actual estrutura do verbo (c.f. Meeussen 1967, Güldemann 2003) foi elaborada construída baseando-se na distribuição dos possíveis morfemas que possam ocorrer numa forma verbal de bantu em geral e se criou um padrão com base no qual os morfemas deviam ou devem se ordenar, os dados do Changana sugerem que esta estrutura deve ser flexível ou redesenhada de modo a acomodar os morfemas que ocorrem nesta língua. Por exemplo, a tabela 26 mostra, claramente, que os morfemas de tempo futuro (-*ta*-) e do aspecto contínuo (-*àha*-) com ocorrem na mesma forma verbal e, por conseguinte, nela ocupam posições diferentes (i.e. não se distribuem da mesma maneira). Embora Güldemann (2003:184) sugira que a posição pós-inicial “admite múltiplas ocorrências” tal não basta porque os morfemas que nela ocorrem não são mutuamente exclusivos ou não se distribuem complementarmente. Eles co-ocorrem. O que sugere que se deve criar mais posições na estrutura do verbo. A sugestão feita no presente trabalho é a de que se devia reservar a designação de pós-inicial, à posição imediatamente a seguir à inicial e se adoptar a designação de formativo e pós-formativo (c.f. Mutaka e Tamanji 2000) para as duas posições imediatamente a seguir antes da posição da marca do objecto. O facto de ao longo do trabalho se usar sistematicamente o termo pós-inicial visa, sobretudo, mostrar até que ponto a mesma designação é aplicável na descrição do Changana. Os dados mostram que esta designação tem limitações pois, nela coocorrem mais de um morfema.

As formas do futuro imperfectivo contínuo acima apresentadas estão flexionadas na forma negativa nos exemplos que se seguem:

- 13)a. ntsòngwànà àngahatalwà
 1-criança NEG-1-NEG-CONT-FUT-lutar-VF
 ‘a criança já não lutará’
- b. màmànì àngahatanyika n’wana vele
 1-mamã. NEG-1-NEG-CONT-FUT-dar-VF 1-criança 5-mama
 ‘a mamã já não dará a mama à criança’
- c. b’ávà àngahatapeta goda xihloveni
 1-pai NEG-1-NEG-CONT-FUT-meter-VF 5-corda 7-poço-LOC
 ‘o pai já não meterá a corda no poço’
- 14)a. vàtsòngwànà àvangahatalwà
 2-criança NEG-2-NEG-CONT- FUT-lutar-VF
 ‘as crianças já não lutarão’
- b. vàtsòngwànà àvangahatatlula pindzà
 2-criança NEG-2-NEG-CONT-FUT-saltar-VF 5-corda
 ‘as crianças já não saltarão a corda’
- c. xìkòxà àxingahatarhunga mpahlà
 7-velha/o NEG-7-NEG-CONT- FUT-coser-VF 9-roupa
 ‘a velha/o já não coserá a roupa’

Em (13-14) apresentam-se frases com formas verbais (sublinhadas) do futuro contínuo na forma negativa. A negação é marcada pela forma *à-* (tom baixo) e pela forma *-nga-* (tom alto). Se bem que a primeira forma de negação ocorre, claramente, na posição pré-inicial, o mesmo não se pode dizer sobre que posição pós-inicial ocorrem a forma (*-nga-*). A tabela 27 mostra a distribuição dos morfemas no tempo verbo e elucida a problemática que se cria com

o uso da designação pós-inicial em relação ao número e natureza dos morfemas que ocorrem nesta posição:

Tabela 27: Distribuição dos morfemas do aspecto contínuo no futuro negativo

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial ₁	Pós-inicial ₂	Pós-inicial ₃	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final
	NEG	MS	NEG	CONT	FUT	Obj	Raiz	NEG	VF
INF	-	ku-		-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV	-	hi-		-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV-NEG	à(ng)-	-hi-		-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT		h(i)-		-àha-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT-NEG	à(ng)-	-hi-	-nga-	-àha-	-ta-	-mu-	-b-	-	-à

Prestando-se a atenção a última linha da tabela 27 na qual se apresenta a distribuição dos morfemas do futuro imperfectivo contínuo negativo, pode se ver a necessidade de se ter mais um lugar na estrutura do verbo porque as forma de negação (-nga-), o morfema do aspecto contínuo (-àha-) e o morfema do tempo futuro (-ta-) devem co-ocorrer na mesma estrutura na construção desta forma verbal. Deste modo, apenas a designação por formativo e pós-formativo são as que melhor dão conta das posições designadas por pos-inicial₂ e pós-inicial₃ respectivamente em Changana.

6.7.3. Aspecto imperfectivo exclusivo

Tal como acontece no tempo passado e presente, no tempo futuro ocorre o aspecto imperfectivo exclusivo que denota a realização de um evento dos demais possíveis. Veja-se os exemplos que se seguem:

- 15)a. ntsòngwànà atolwà
 1-criança 1-FUT-EXCL-lutar-VF
 ‘a criança somente lutará’
- b. màmànì atonyika n’wana vele
 1-mamã. 1-FUT-EXCL-dar-VF 1-criança 5-mama
 ‘a mamã somente dará a mama à criança’
- c. b’ávà atopeta goda xihloveni
 1-pai 1-FUT-EXCL-meter-VF 5-corda 7-poço-LOC
 ‘o pai apenas meterá a corda no poço’
- 16)a. vàtsòngwànà vatolwà
 2-criança 2-FUT-EXCL-lutar-VF
 ‘as crianças somente lutarão’
- b.. vàtsòngwànà vatotlula pindzà
 2-criança 2-FUT-EXCL-saltar-VF 5-corda
 ‘as crianças somente saltarão a corda’
- c. xìkòxà xitorhunga mpahlà
 7-velha/o 7-FUT-EXCL-coser-VF 9-roupa
 ‘a velha/o somente coserá a roupa’

Em (15-16) apresentam-se frases com formas verbais no futuro exclusivo. O aspecto exclusivo é marcado pelo morfema (-o-) sufixado imediatamente depois da marca do tempo futuro (-ta-). Fonologicamente, o encontro entre a vogal /a/ do morfema do tempo futuro e da vogal (-o-) do aspecto exclusivo levou à elisão da primeira. Por o morfema desta marca aspectual ocorrem estruturalmente longe do prefixo de concordância com o sujeito, é indiferente a sua actuação tanto em (15), com nomes da classe 1, como em (16) com nomes

de classes diferentes da classe 1. Ao contrário do que se esperava em relação à posição de ocorrência da marca do aspecto na estrutura do verbo, esta cria uma nova posição diferente das outras marcas aspectuais, que depois da marca de tempo. Como se verá na tabela (9), é necessário criar mais uma posição na estrutura do verbo para a acomodação desta marcas aspectual. As frases no futuro exclusivo estão apresentadas na forma negativa a seguir:

- 17)a. ntsòngwànà àngatolwà, atotlotloza
 1-criança NEG-1-NEG-FUT-EXCL-lutar-VF 1-idiom
 ‘a criança não somente lutará como vai humilhar (o adversário)’
- b. vàtsòngwànà àngatotlula pindzà vatacha neka
 2-criança NEG-2-NEG-FUT-EXCL-saltar-VF 5-corda 2-FUT-jogar-VF 9-neka
 ‘as crianças não somente saltarão a corda, como jogarão a neka’
- c. xìkòxà àxingatorhunga mpahlà xitogiya
 7-velha/o NEG-7-NEG-FUT-EXCL-coser-VF 9-roupa 7-FUT-EXCL-idiom
 ‘a velha/o não somente coserá a roupa, como caprichará’

Os exemplos (17) mostram construções do futuro exclusivo na forma negativa. A marca de negação ocorre na sua posição canónica neste tempo (i.e. pré-inicial e pós-inicial respectivamente). Como se disse nos exemplos (15-16) o facto de o morfema do futuro exclusivo ocorrer na posição imediatamente a seguir à marca do tempo faz com que haja necessidade de se criar mais uma posição na estrutura do verbo como se pode ver na tabela 28 em que, para além desta marca aspectual, se apresenta a distribuição dos morfemas no tempo futuro perfectivo e imperfectivo na estrutura do verbo:

Tabela 28: Distribuição dos morfemas do futuro nas suas variações aspectuais nas formas afirmativa e negativa

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pós-inicial ₂	Pós-inicial ₃	Pós-inicial ₄	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final
	NEG	MS	NEG	CONT	FUT	EXCL	Obj	Raiz	NEG	VF/NEG
INF	-	ku-		-			-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV	-	hi-		-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV-NEG	à(ng)-	-hi-	-nga-	-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT		h(i)-	-	-àha-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-nga-	-àha-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-EXCL		hi-			-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-EXCL-NEG	à(ng)-	hi	-nga-	-	-ta-	-o-	-mu-	-b-	-	-i

Preste-se mais atenção nas duas últimas linhas da tabela 28 onde se apresenta a distribuição dos morfemas envolvidos na construção do futuro imperfeito afirmativo e negativo. A marca do aspecto exclusivo obriga a criação de mais uma posição na estrutura do verbo em Changana (pós-inicial₄). Desta forma a posição pós-inicial₁ é ocupada pela forma de negação (-nga-), a posição pós-inicial₂ pela marca do aspecto contínuo no futuro (-àha-), a posição pós-inicial₃ pela marca do tempo futuro (-ta-) e a posição pós-inicial₄ pela marca do aspecto exclusivo no futuro (-o-).

Os dados do Changana remetem-nos a repensar (i) no número das posições na estrutura do verbo onde ocorrem os afixos verbais e (ii) nas designações que as atribuímos. Tendo como referência a marca de objecto, que é fixa e invariável, as estruturas do verbo em referência neste trabalho (Meeussen 1967 e Mutaka e Tamanji 2000) consideram duas posições, da direita para a esquerda, antes da posição pós-inicial. O Changana mostra que essas posições deviam ser três e neste trabalho sugere-se que devem se designar da seguinte maneira: (i) pré-formativo, (ii) formativo e (iii) pós-formativo como se pode ver na tabela 29 que é a retomada da tabela 28.

Tabela 29: Redistribuição dos morfemas do futuro nas suas variações aspectuais nas formas afirmativa e negativa

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-Formativo	Formativo	Pós-Formativo	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final
	NEG	MS	NEG	CONT	FUT	EXCL	Obj	Raiz	NEG	VF/NEG
INF	-	ku-		-			-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV	-	hi-		-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-PFV-NEG	à(ng)-	-hi-	-nga-	-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT		h(i)-	-	-àha-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-CONT-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-nga-	-àha-	-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-EXCL		hi-			-ta-		-mu-	-b-	-	-à
FUT-IPFV-EXCL-NEG	à(ng)-	hi	-nga-	-	-ta-	-o-	-mu-	-b-	-	-i

A tabela 29 evidencia a ocorrência dos morfemas na estrutura do verbo em Changana. Esta distribuição levanta problema a nível da teoria linguística porque acrescenta uma posição na estrutura do verbo em Changana, bem como porque leva-nos a repensar nas próprias designações da distribuição dos morfemas nesta estrutura.

6.7.4. Morfema relativo

A presente secção descreve o morfema relativo e apresenta a sua distribuição na estrutura do verbo em Changana. Tanto na estrutura do verbo apresentada por Mutaka e Tamanji (2000) como na apresentada por Meeussen (1967), o relativo ocorre na posição pré-inicial. Contudo, os dados em Changana indicam que o morfema relativo -aka- ocorre na posição pré-final, logo a seguir a posição pós-radical ocupada pela extensão verbal. Vejam-se os exemplos em (1)

- 1) a. mamana aja pawa
 1-mãe 1-PRES-comer-VF 5-pão
 ‘a mãe come o pão’
- b. mamana ajisa pawa n’wana
 1.mãe 1-PRES-comer-CAUS-VF 5-pão 1-criança
 ‘a mãe faz comer o pão à criança’
- c. mamana ajisaka pawa n’wana
 1-mãe 1-PRES-comer-CAUS- REL-VF 5-pão 1-criança
 ‘a mãe que faz comer o pão à criança’

Nas frases em (1), o objecto da discussão é a estrutura do verbo que aparece sublinhada nos exemplos. Em (1a) ocorre uma estrutura no tempo presente expresso pelo morfema zero na posição pós-inicial. Em (1b), em relação à estrutura em (1a), adicionou-se a extensão verbal causativa *-is-* na posição pós-radical. Em (1c), à extensão causativa, suffixou-se o morfema relativo *-aka-*.

A extensão verbal e a marca da relativa ocupam posições diferentes na estrutura do verbo tal que a permuta da ordem da sua ocorrência provoca a agramaticalidade conforme (3)

- 2) *mamana ajakisa pawa n’wana
 1-mãe 1-PRES-comer-REL-CAUS-VF 5-pão 1-criança

Em (2) mostra-se a extensão verbal *-is-* e o morfema relativo *-aka-* cuja permuta resultou em estrutura agramatical. Deste modo, conclui-se que o morfema relativo deve ser tratado de forma diferenciada da extensão verbal não só pela semântica que adiciona à forma verbal como também pela posição, a nível estrutural, que ocupa na estrutura do verbo.

No tempo futuro e no presente o morfema relativo mantém as suas características canónicas *-aka-*. Contudo, distribui-se de em posições diferentes, no presente ocorre na posição pré-final ao passo que no futuro ocorre na posição pós-formativo visto que a marca do tempo futuro (*-ta-*) ocorre na posição do formativo.

3)a. xingove xitakaja kondlo

7-gato 7-FUT-REL-comer-VF 5-rato

‘o gato que comerá o rato’

b. svingove xitakaja kondlo

8-gato 8-FUT-REL-comer-VF 5-rato

‘o gato que comerá o rato’

Em (3) apresentam-se frases com os verbos sublinhados no futuro em que a marca do relativo está destacada em negrito. Esta ocorre na posição pós-formativo (i.e. imediatamente a seguir a marca do tempo futuro). Contudo, no passado devido ao processo de fusão e assimilação, este realiza-se na forma de superfície *-eke-* como se pode ver em (4)

4)a. xingove xije**ke** kondlo

7-gato 7-comer-REL-PPFV 5-rato

‘o gato que comeu o rato’

b. svingove svije**ke** kondlo

8-gato 8-comer-REL-PPFV 5-rato

‘os gato que comeram o rato’

Em (4), o tempo passado é expresso pelo morfema flexional *-e*. Contudo, na construção relativa, o morfema relativo *-aka-* converte-se em *-eke-* em virtude da ocorrência da vogal do tempo passado. Neste tempo, tal como no presente, a marca do relativo ocorre na posição pré-final.

6.7.5. Modo

Em Changana, o modo é morfologicamente expresso através do tom. Na estrutura do verbo das línguas bantu (c.f. Meeussen 1967, Güldemann 2003) as posições potenciais para acomodarem os morfemas do modo são as mesmas para o tempo e o aspecto, a saber: a posição pré-inicial, pós-inicial, pré-final e final. No presente trabalho discute-se 3 modos, designadamente o modo potencial, o modo subjetivo e o modo imperativo que constituem as 3 principais categorias convencionadas para além do indicativo (c.f. Rose et al 2002). Morfologicamente, o modo é expresso através de morfemas presos combinado com o tom. Neste trabalho, não se desenvolve o modo expresso através de verbos auxiliares.

6.7.3.1. Modo potencial

Butler (2007:2) considera que “o modo de um verbo pode ser atual ou potencial. Este tem que ver com não-realidade, possibilidade, e atividade indefinida, e aquele com certeza e realidade”. Rose et al (2002:67) diz que “modo potencial é usado em muitas línguas bantu como formas do modo condicional. O termo potencial é algumas vezes usada para expressar o que noutros lugares se designa por condicional” e bantu é normalmente expresso pelo morfema *-nga-*. Em Changana, o modo potencial deve ser distinto do condicional visto que o

primeiro representa uma possibilidade de um dado evento ocorrer (c.f. Butler 2007) ao passo que o ultimo com uma condição. Veja-se os seguintes exemplos:

- 1)a. ntsòngwànà angalwà
1-criança 1-POT-lutar-VF
‘a criança pode lutar’
- b. vàtsòngwànà vangatlula pindzà
2-criança 2-POT-saltar-VF 5-corda
‘as crianças podem saltar a corda’
- c. xikòxà xingarhunga mpahlà
7-velha/o 7-POT-coser-VF 9-roupa
‘a velha/o pode coser a roupa’

Em (1), apresentam-se frases com a forma verbal no modo potencial. A marca deste modo (-*nga*-) ocorre na posição pós-inicial na estrutura do verbo. As construções acima estão apresentadas nos exemplos que se seguem na forma negativa:

- 2)a. ntsòngwànà angelwi
1-criança 1-POT-NEG-lutar-NEG
‘a criança não pode lutar’
- b. vàtsòngwànà vangetluli pindzà
2-criança 2-POT-NEG-saltar-NEG 5-corda
‘as crianças não podem saltar a corda’

c. xikòxà xingerhungi mpahlà
 7-velha/o 7-POT-NEG-coser-NEG 9-roupa
 ‘a velha/o não pode coser a roupa’

Em (2) estão apresentadas frases com a forma verbal do modo potencial (sublinhadas) na forma negativa. A negação é expressa pela vogal *-e* sufixada à marca do modo e pela vogal final *-i* na posição final. Os morfemas do modo potencial afirmativo e negativo distribuí-se da seguinte maneira :

Tabela 30: Distribuição dos morfemas do potencial afirmativo e negativo

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-Formativo	Formativo	Pós-Formativo	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final
	NEG	MS	POT	NEG	-	-	Obj	Raiz	NEG	VF/ NEG
INF	-	ku-	-	-	-	-	-mu-	-b-	-	-à
POT	-	hi-	-nga-	-	-	-	-mu-	-b-	-	-à
POT-NEG	-	hi-	-ng(a)	-e-	-	-	-mu-	-b-	-	-i

A tabela 30 mostra a distribuição dos morfemas do modo potencial na forma afirmativa e negativa na estrutura do verbo. Dela pode-se ver que a marca de negação e a de modo coocorrem em posições diferentes. A forma *-e-* ocorre na posição pré-formativo e a forma *-i* na posição final.

6.7.3.2. Modo subjuntivo

O modo subjuntivo expressa as atitudes do falante como a incerteza, sugestão, esperança, desejos, ordens, etc em contraste com o modo indicativo (Rose et al 2002:83). Siteo (1996:329) afirma que o modo subjuntivo “emprega-se em orações subordinadas”. O presente trabalho não vai analisar o tipo de construções em que o modo pode ocorrer mas, acima de tudo, o morfema que o expressa e a posição em que é expresso na forma verbal. Morfologicamente, o modo subjuntivo é “marcado pelo **-e* e pelo tom alto na vogal do prefixo de concordância com o sujeito” (Rose et al 2002:83). Veja-se os seguintes exemplos:

3)a. aafambe

SUBJ-1-ir-SUBJ

‘que vá!’

b. avaje

vanganikhozisi

minà

SUBJ-2-comer-SUBJ

2-NEG-mo-mendigar-NEG

pron

‘que comam! Não me façam mendigar’

c. axihisiwi

lexo

i

ninja

SUBJ-7-queimar-PAS-SUBJ

dem-7

cop

9-“ninja”

‘que se queime isso, é ninja’

As frases em (3) contém formas verbais (sublinhadas) no modo subjuntivo. Este modo ‘e expresso pela vogal (*a-*) com tom alto na posição pré-inicial e pela vogal final (*-e*) também com tom alto na posição final. Na forma negativa, o modo subjuntivo pode ser expresso da seguinte maneira:

6) a. angafambe

1-NEG-ir-SUBJ

‘que não vá!’

b. vangaje

vatsike

2-NEG-comer-SUBJ

2-deixar-SUBJ

‘que não comam! Que os deixe!’

c. xingahisiwi

lexo

ahi

ninja

7-NEG-queimar-PAS-SUBJ

dem-7

NEG-cop

9-“ninja”

‘que não se queime isso, é não é ninja’

Em (6) estão apresentadas frases com verbos (sublinhados) no modo subjuntivo negativo. A marca de negação é expressa pela forma (-nga-) na posição pós-inicial e a vogal final mantém-se inalterada. Em relação a esta vogal é normal ouvir entre alguns Changana uma *-i* ao invés de *-e*. Na formação da negação, a vogal *a-* (tom alto) da posição pré-inicial elidiu-se. Os morfemas neste modo verbal estão distribuídos na tabela 31 que se segue:

Tabela 31 Distribuição dos morfemas do Subjuntivo afirmativo e negativo

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final
	NEG	MS	SUBJ	Obj	Raiz	NEG	VF/ NEG
INF	-	ku-	-	-mu-	-b-	-	-à
SUBJ	a-	hi-	-	-mu-	-b-	-	-e
SUBJ-NEG	-	hi-	-ng(a)	-mu-	-b-	-	-i

A tabela 31 mostra a distribuição dos morfemas no modo subjuntivo. Na linha (inf) apresenta-se a forma verbal no infinitivo. Na linha a seguir (SUBJ) através do preenchimento

da posição pré-inicial por (*a-*) e da posição da vogal final por (*-e*) expressa-se o modo subjuntivo. A negação é feita através do preenchimento da posição pós-inicial por (*-nga-*).

6.7.3.3. Modo imperativo

O modo imperativo é usado para expressar comandos directos feitos, normalmente, pela 2ª pessoa do singular. Em muitas línguas bantu, os comandos podem ser feitos de duas maneiras: (i) imperativo directo e (ii) forma elaborada (Rose et al 2002). Na primeira forma a ordem é directa, feita pela 2ª pessoa do singular para uma 3ª pessoa e, a segunda forma, feita com um tom de voz, mais calmo que a primeira como se pode ver nos seguintes exemplos:

7) a. jana lesvi.

comer-IMPR Dem-8

‘coma isto!’

b. Iwana!

lutar-IMPR

‘lute’

8)a. famba!

ir-IMPR

‘vá!’

b. hisa!

queimar-IMPR

‘queime!’

As frases em (7-8) expressam ordens directas no modo imperativo que caracteriza por apresentar apenas o radical verbal e a vogal final (-a) com tom alto. Nas construções (7) com verbos com radicais verbais do tipo (-C-) o radical é expandido pela forma (-an-) de modo a formar a estrutura verbal óptima (-CVC-). Em (8), com formas verbais com radicais do tipo (-CVC-) a sufixação da vogal final ocorre sem a expansão do radical verbal. Em Changana, apenas a forma acima é mais frequente e usada para dar ordens. As construções em (7-8) são apresentadas na forma negativa nos exemplos que se seguem:

9) a. ungaji

2ps-NEG-comer-NEG

‘não coma!’

b. ungalwana

2ps-NEG-lutar-NEG

‘não lute’

10)a. ungafambi

2ps-NEG-ir-NEG

‘não vá!’

b. unghisa

2ps-NEG-queimar-NEG

‘não queime!’

Em (9-10) apresentam-se formas verbais no imperativo negativo. Na construção destas formas verbais, preenche-se a posição inicial com o prefixo de concordância da 2ª pessoa do singular (*u-*) e a posição seguinte pela marca de negação (*-nga-*). Todas as moras envolvidas na

formação do modo imperativo têm tom alto. Para além do imperativo no singular, as ordens também podem ser dadas a um colectivo como se vê nos seguintes exemplos:

11) a. janani

comer-PART

‘comam!’

b. lwanani

lutar-PART

‘lutem!’

12)a. fambani

ir-PART

‘vão (vocês)!’

b. hisani

queimar-PART

‘queimem (vocês)!’

Em (11-12) estão apresentadas formas verbais no modo imperativo colectivo. Morfologicamente, este modo verbal caracteriza-se por depois da vogal final sufixar-se a forma (-ni) (i.e. na posição pós-final). Em (11), com radicais verbais do tipo (-C-), o radical verbal expande-se através da forma (-an-) como acima se referiu e a essa base expandida se sufixa -ni. Em (12) com formas verbais do tipo (-CVC-), a expansão é evitada e apenas se sufixa a forma (-ni) depois da vogal final. Esta forma, tem a sua correspondente negativa em (13-14):

13) a. mungajeneni

2pp-NEG-comer-PART

‘não comam!’

b. mungalweneni

2pp-NEG-lutar-PART

‘não lutem!’

14)a. mungafambeni

2pp-NEG-ir-PART

‘não vão (vocês)!’

b. mungahiseni

2pp-NEG-queimar-PART

‘não queimem (vocês)!’

Em (13-14) apresentam-se formas verbais no imperativo colectivo negativo. Como se referiu, os participantes são morfologicamente expressos através do morfema (-ni) na posição pós-final. O processo de formação da negação é feito antes desta posição. Consiste no preenchimento da posição inicial pelo prefixo de concordância de sujeito da 2ª pessoa do plural (*mu-*) e da posição da vogal final com *-e*. A tabela 31 que se segue, sistematiza a distribuição dos morfemas na estrutura do verbo no modo imperativo:

Tabela 32: Distribuição dos morfemas do imperativo afirmativo e negativo

	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-Radical	Radical	Pré-final	Final	Pós-final
		MS	NEG	Obj	Raiz	NEG	VF/ IMPR	PART
INF	-	ku-	-	-mu-	-b-	-	-à	-
IMPR	-	-	-	-mu-	-b-	-	-i	-
IMPR-NEG	-	u-	-nga-	-mu-	-b-	-	-i	-
IMPR-PART	-	-	-	-mu-	-b-	-	-e-	-ni
IMPR-PART-NEG	-	mu-	-nga-	-mu-	-b-	-	-e-	-ni

A tabela 31 mostra a distribuição dos morfemas do imperativo afirmativo e negativo. Nesta estrutura vê-se que na construção do imperativo todas as posições que antecedem a marca de objecto estão vazias, apenas as posições de objecto, a posição do radical e da vogal final todas as vogais da estrutura do verbo neste modo têm tom alto. As duas últimas linhas apresentam o modo imperativo com a posição pós-final preenchida pela marca dos participantes (designam o colectivo). De facto, esta marca pode ocorrer com qualquer modo verbal, apenas foi aqui apresentada para preencher a posição pós-final que nos casos anteriores afigurava-se vazia. A negação é expressa através do preenchimento da posição pós-inicial.

6.7.4. Distribuição geral dos morfemas na forma verbal em Changana

Ao longo de todo este trabalho a principal preocupação centrava-se nos morfemas que ocorrem na forma verbal em Changana tendo como referência o modelo inicial proposto por Meeussen (1967) e mais tarde retomado por Mutaka e Tamanji (2000) e Güldeman (2003). No estudo das línguas bantu específicas, o mesmo modelo foi usado por Katupha (1983) para o Makhuwa, Siteo (2001) para o Changana, Ngonyani (2003) para o Chingoni só para citar

alguns exemplos. Ngunga (2000) e Liphola (2001), para o Ciyaawo e Makonde respectivamente, adoptaram um modelo que previa hierarquias dos constituintes na forma verbal. Contudo, as duas formas, quer a apresentação dos constituintes em tabelas, quer em árvore, deixam áreas de penumbra na descrição de línguas específicas sobretudo no tocante aos constituintes que ocorrem antes da posição pré-radical ou pré-stem. O presente trabalho, como se sabe, preferiu adoptar a o modelo de apresentação dos constituintes em tabela.

Analisados os constituintes do verbal, o estudo conclui que se deve criar a posição pré-formativo nas estrutura do verbo para as marcas do aspecto contínuo e modo potencial.

Apresenta-se em seguida o que se conclui que seja a estrutura do verbo em Changana:

Tabela 33: Distribuição dos morfemas da forma verbal em Changana

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Pré-formativo	Formativo	Pós-formativo	Pré-radical	Radical	Pós-Radical	Pré-final	Final	Pós-final
	NEG/ ANT/	INF/ MS	ANT/ NEG/POT/ IMED/REL	PRES/ NEG/CO NT	PRES/ FUT/	FACT/ HAB /CONT/ EXCL/ IMED/REL	MO	Raiz	EV	NEG/ REL	VF/ PFV/SUB J/HAB/N EG/IMP	PART
Inf.	-	kû-	-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-	a	-
Simpl.	-	hi-	-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-(il)è	-
Simpl-NEG	à(ng)-	-hi-	-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-ng-	-a	-
PSD_REL		hi-	-nga-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-aka-	-a	-
Simpl-IMED	-	h(i)-	àhaku-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
ANT	-	-h(i)-	-a-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-(il)è	-
ANT-NEG	à(ng)-	-hi-	-nga-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-ng-	-a	-
ANT-COMP	a-	-hi-	-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-(il)e	-
ANT-COMP-NEG	a-	-hi-	-nga-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-ng-	-a	-
ANT-COMPX-CONT	-	hi-	-	-àha-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-ng-	-a	-
ANT-COMPX-CONT-NEG	a-	-hi-	-nga-		-	-	-mu-	-b-	-is-	-ng-	-a	-
ANT-COMPX-EXCL	a-	-hi-			-	-yo-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
ANT-COMPX-EXCL-NEG	a-	-hi-	-nga-		-	-yo-	-mu-	-b-	-is-	-a(ng)-	-a	-
PRES-FACT	-	hi-		-	-∅-				-is-			
PRES-FACT-NEG	à(ng)-	-hi-	-	-	-∅-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-i	-
PRES-HAB	-	h(i)-	-		-	-a-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	
PRES-HAB-	à(ng)-	-h(i)-	-		-	-a-	-mu-	-b-	-is-	-	-i	-=

NEG												
PRES-CONT	-	h(i)-	-	-àha-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	
PRES-CONT-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-	-àha-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-i	-
PRES-EXCL	-	h(i)-	-	-	-	-o-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
PRES-EXCL-NEG	à(ng)-	-h(i)-	-	-	-	-o-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
FUT-PFV	-	hi-	-		-ta-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	
FUT-PFV-NEG	à(ng)-	-hi-	-		-ta-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
FUT-IPFV-CONT	-	h(i)-		-àha-	-ta-	-aka-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
FUT-IPFV-CONT-NEG	à(ng)-	-hi-	-nga-		-ta-	-aka-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
FUT-IPFV-EXCL	-	hi-			-t(a)-	-o-	-mu-	-b-	-is-	-	-a	-
FUT-IPFV-EXCL-NEG	à(ng)-	hi-	-nga-	-	-t(a)-	-o-	-mu-	-b-	-is-		-a	-
POT	-	hi-	-nga-	-	-	-	-mu-	-b-	-is-		-a	<i>-ni</i>
POT-NEG	-	hi-	-ng(a)	-e-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-i	<i>-ni</i>
SUBJ	a-	hi-	-	-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-e	<i>-ni</i>
SUBJ-NEG	-	hi-	-	-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-e	<i>-ni</i>
IMPR	-	-	-	-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-e	<i>-ni</i>
IMPR-NEG	-	mu-	-nga-	-	-	-	-mu-	-b-	-is-	-	-e	<i>-ni</i>

A tabela 32 sistematiza a distribuição dos morfemas na estrutura do verbo em Changana da seguinte maneira:

- (i) Posição pré inicial: Nesta posição ocorrem as marcas de negação e passado anterior;
- (ii) Posição inicial: esta posição é uma das mais estáveis na forma verbal pois, ocorre apenas o prefixo de concordância com o sujeito ou simplesmente a marca de sujeito;
- (iii) Posição pós-inicial: na versão de Güldeman (2003), esta posição seria mais complicado de explicar, por isso, ao longo do trabalho, se sugeria que se tivesse após-inicial 1, 2 e 3. Contudo, a versão inicial de (Meeussen 1967) é mais esclarecedora, pois prevê uma posição que a designa de formativo e outra de limitativo ou pós-formativo (c.f. Mutaka e Tamanji 2000). Para harmonizar a designação das posições disponíveis na estrutura do verbo, designa-se adopta-se a designação de Mutaka e Tamanji (2000). Assim, na posição pós-inicial em Changana ocorrem os morfemas de passado anterior, passado relativo, passado imediato, negação, modo potencial e aspecto contínuo;
- (iv) Posição pré-formativo: esta é a posição que considero que deve ser criada na estrutura do verbo e seria reservada para as marcas de aspecto contínuo e do modo potencial.
- (v) Posição formativo: ocorrem as marcas de tempo presente e futuro;
- (vi) Posição pós-formativo: ocorrem as marcas do aspecto factual, habitual, contínuo, exclusivo e do relativo;
- (vii) Posição pré-radical: ocorre apenas a marca de objecto;
- (viii) Posição radical: ocorre apenas a raiz verbal;
- (ix) Posição pós-radical: ocorre apenas a extensão verbal;
- (x) Posição pré-final: ocorrem as marcas de negação e do relativo;

(xi) Posição final: ocorrem a vogal final, a marca do aspecto perfectivo, aspecto habitual; do modo subjuntivo e imperativo, bem como a marca de negação;

(xii) Posição pós-final: ocorre apenas a marca dos participantes.

Assim, a língua changana afigura-se com doze posições na estrutura do verbo para acomodar os diferentes morfemas derivacionais ou flexionais.

6.7.5. Conclusão

O presente capítulo discutiu a morfologia do verbo em Changana. Para uma melhor discussão dividiu-se o capítulo em duas grandes partes. Uma primeira parte em que se analisou o radical não derivado e derivado e uma segunda parte em que se analisou a flexão verbal. Em relação ao radical derivado viu-se que a este podiam-se sufixar diversas extensões verbais das quais umas mais produtivas que as outras e outras até improdutivoas. Sobre a morfologia flexional, analisou-se o tempo passado, presente e futuro e se viu os morfemas que os caracteriza tanto no aspecto perfectivo e imperfectivo como nas formas afirmativa e negativa. A última categoria a ser discutida foi o modo verbal. Aqui viu-se também os morfemas que o expressa tanto na forma afirmativa como na forma negativa. No fim de cada discussão das categorias flexionais apresentava-se e comentava-se a distribuição das mesmas na estrutura do verbo. Foi nesta distribuição dos morfemas que se viu, sobretudo no tempo futuro e passado, que havia a necessidade de se criar mais lugares para os acomodar, especialmente a posição pós-inicial, pois abarca um leque de informações do tempo, aspecto e negação que não é possível a atribuir uma única posição. Por isso, consideram-se três posições na estrutura do verbo, a saber: pré-formativo, formativo e pós-formativo.

Capítulo 7: Conclusão

O presente trabalho visa à luz do quadro teórico da Morfologia e Fonologia Lexical (Kirpasky 1982), identificar e analisar os constituintes da forma verbal em Changana. O principal problema da investigação é de a partir da estrutura do verbo nas línguas bantu (Meeussen 1967), analisar como é que os constituintes (derivacionais e flexionais) do Changana se distribuem. As respostas prévias ao problema acima eram: (i) uma que assume que os constituintes do verbo em Changana são realizados através de diferentes morfemas, quer derivacionais quer flexionais e (ii) os morfemas flexionais, sobretudo os que expressam o tempo, o aspecto e o modo, podem ser expressos que por segmentos quer através dos suprasegmentos (i.e. o tom). Os dados confirmam as hipóteses aventadas contudo, mostram que, a estrutura do verbo do Changana tem doze posições para receber os constituintes do verbo (mais duas posições comparativamente à estrutura de Meeussen (1967) e mais uma posição em relação à estrutura de Mutaka e Tamanji (2000)). A nova posição que se deve ter em conta na análise do verbo em Changana é a do pré-formativo.

O quadro teórico base para a realização deste trabalho é a morfologia e fonologia lexical. Este assenta no pressuposto segundo o qual existe uma inter-relação entre a morfologia (morfemas) e a fonologia (fonemas) de tal forma que para cada morfologia, tem se uma fonologia desde que o ambiente fonológico tenha sido criado. De facto, a concatenação dos morfemas na estrutura do verbo desencadeiam processos fonológicos responsáveis pela alomorfomia que, nalgumas vezes, resolve a interpretação segundo a qual alguns morfemas são lexicalmente bloqueados na formação de palavras. O trabalho, assentando-se em morfologia e fonologia, explorou-se, os principais conceitos operatórios nas duas áreas e se descreveu o sistema segmental da língua, bem como a sistematização dos processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes. Da análise feita, as vogais podem

desencadear sempre que o contexto fonológico estiver criado, o processo de assimilação através da semivocalização, coalescência ou fusão e elisão ao passo que as consoantes, os processos de coarticulação da nasal homorgânica, a elisão e a velarização. Os aspectos prosódicos como a estrutura da sílaba e a descrição do funcionamento do tom na língua foram também tidos em conta. No tocante à sílaba, viu-se que a estrutura básica da mesma nesta língua é CV embora ocorram outras estruturas como V (Ex: “aumento” nos nomes e as marcas de aspecto na posição pré-inicial na estrutura do verbo) ou C (Ex: nasais silábicas em nomes das classes 1 e 3).

Em relação ao tom, a análise de dados mostrou que o tom lexical era menos produtivo que o gramatical. Nesta língua verifica-se a expansão do tom alto no sentido da esquerda para direita envolvendo as moras dos constituintes que estão à sob o domínio mesmo sintagma fonológico. O estudo mostra também que a marcação do tom lexical deixa de ser relevante sobretudo nos verbos porque numa frase, todos os verbos têm a posição inicial preenchida por um prefixo de concordância com o sujeito com tom alto e, sistematicamente, o mesmo se expande para os constituintes seguintes até à penúltima mora do sintagma verbal. A expansão do tom alto apenas não ocorre a nível pós-lexical se a palavra seguinte tiver tom de nível alto contrastivo.

Tendo sido descrito o sistema de sons em Changana, analisou-se a morfologia do nome, sobretudo o sistema de classes e prefixos nominais e os seus prefixos de concordância com o sujeito, qualificador, possessivo e numeral, bem como o paradigma de conjugação dos verbos. Desta descrição verificou-se que os prefixos nominais exibem basicamente vogais com tom baixo e os de concordância os prefixos têm todos os tons altos. Verificou-se que os prefixos das classes locativas (16, 17 e 18) não são morfologicamente produtivos no Changana corrente e que, comparando com o proto-bantu, os prefixos nominais das classes 12, 13 e 21 não ocorrem no Changana actual. No que tange à concordância com os numerais,

viu-se que os prefixos de concordância com o numeral têm as mesmas características que os de concordância com os verbos excepto o prefixo da classe 1 que é *a-* com verbos e *mu-* com os numerais. Finalmente, no paradigma de conjugação dos verbos, apenas o prefixo de concordância com as terceiras pessoas gramaticais têm tom alto.

Descritos o sistema de sons e o funcionamento do nome, no geral, em seguida, analisou-se a morfologia do verbo. A análise do verbo foi dividida em duas grandes partes, a saber, radical não derivado e derivado. A derivação é feita através de extensões verbais. Estas podem ser: causativa, applicativa, recíproca, passiva, frequentativa, contactiva, reversiva, estativa ou pseudo-passiva, posicional dentre outras. No Changana corrente a extensão posicional e contactiva são as menos produtivas de todas. Em seguida, foram combinadas 4 extensões verbais, nomeadamente: causativa, applicativa, recíproca e passiva visando a testagem do modelo CARP proposto por Hyman (2002). Este modelo determina a combinação e ordem de extensões verbais nas línguas bantu através de uma validação intramorfológica em oposição a que assunção segundo a qual a combinação e ordem de extensões verbais é validade na combinação entre a morfologia e a sintaxe (Baker 1985). A testagem do CARP permitiu concluir que este aplica-se parcialmente no Changana visto que não foi possível encontrar no corpus a combinação na mesma estrutura da extensão passiva e recíproca, bem como concluiu que a ordem da combinação causativa e applicativa era rígida nesta língua e não opcional ao contrário do que Hyman e Mchombo (1992) sugerem. Na estrutura do verbo, a extensão verbal ocorre invariavelmente na posição pós-radical por isso, qualquer outro morfema que não se distribua dessa maneira foi retirado da lista das extensões verbais em Changana.

Para além do radical derivado através de uma extensão verbal, analisou-se o radical reduplicado e o ideofónico. Nesta língua os radicais do tipo -C- não podem ser reduplicados. Para expressar iteratividade recorre ao uso da extensão iterativa ou frequentativa ao passo que

os radicais do tipo -CVC- ou mais longos podem ser totalmente reduplicados. Quanto aos verbos parcialmente reduplicados, o estudo mostra que os mesmos têm a primeira sílaba repetida e semanticamente remetem a pequenas repetições internas. Neste tipo de reduplicação, bem como a fossilizada, não é possível dissociar a reduplicação das suas bases.

O estudo dos ideofones constituiu a última parte da morfologia derivacional. Aqui viu-se que os ideofones passam por um processo de verbalização para se tornar verbos. Devido a sua natureza heterogénea, não é fácil prever que material linguístico pode servir de verbalizador. Os ideofones uma vez verbalizados, comportam-se como verbos plenos e podem receber tanto a morfologia derivacional como a morfologia flexional.

A segunda parte da morfologia do verbo foi dedicada à análise dos morfemas de tempo, aspecto e modo (TAM), bem como do relativo. A descrição destas categorias permitiu concluir que o Changana não distingue o passado recente do remoto nem o futuro próximo do distante como recentemente sugeriu (Júnior 2010). Esta língua exhibe o passado simples ou absoluto, o passado relativo e o passado anterior e suas variações aspectuais imperfectivas ao passo que o futuro é apenas o simples com as suas variações aspectuais imperfectivas. Em relação ao tempo passado, o estudo revelou que o passado simples/absoluto perfectivo é marcado pelo morfema *-(IL)E* na posição final com os alomorfes *-ilè* e *-e* sendo que o primeiro alomorfe tem sempre a vogal *-e* com tom baixo ao passo que a forma breve *-e* tem sempre tom alto. Esta forma assinala sempre a perfectividade, i.e., que uma dada situação ou evento teve início e fim num espaço de tempo claramente delimitado. O passado anterior, normalmente aparece em construções complexas (ou subordinadas) em que uma situação ou evento depende necessariamente de uma outra situação e é caracterizado pelo morfema *a-* que ocorre na posição pré-inicial na estrutura do verbo. Tanto no passado simples como no anterior a acção descrita pode ser perfectiva se tiver a terminação *-(IL)E* ou imperfectiva se a terminação for a vogal final *-a*. As formas, como por exemplo, *-àha-*, *-yo-*, por exemplo,

são tipicamente aspectuais. Para além das formas do passado acima vistas, o Changana distingue o passado imediato expresso pelo morfema *-àhaku-*.

Os dados mostraram que é difícil distinguir as marcas do tempo e no aspecto no presente. Embora a literatura sugira que o presente não marcado é expresso na estrutura do verbo através do morfema zero, os dados mostraram que era melhor juntar os dois conceitos e usar os termos presente factual, presente habitual, presente contínuo fazendo jus à assunção de Bybee (1994) que considera o tempo presente como uma categoria mais aspectual do que temporal. O tempo futuro é invariavelmente expresso através do morfema *(-ta-)* e apresenta um leque de variações aspectuais.

A análise dos dados era acompanhada da apresentação da estrutura do verbo e de propostas de designação de cada categoria gramatical na estrutura do verbo. A análise mostrou que das várias posições que podem ser ocupadas pelos constituintes do verbo, a posição pós-inicial é muito imprecisa e vaga pois, não poucas vezes podem ocorrer na mesma mais de quatro constituintes. Para efeitos de facilitar a descrição dos dados do Changana, ia-se atribuindo números árabes a cada constituinte nesta posição da seguinte maneira: pós-inicial₁, pós-inicial₂, pós-inicial₃ e pós-inicial₄. Na sistematização da distribuição dos morfemas na estrutura do verbo, o trabalho defende que se deve acrescentar a posição pré-formativo, antes da do formativo e pós-formativo e que se deve reservar a posição pós-inicial apenas os morfemas de passado anterior, passado relativo, passado imediato, negação, modo potencial e aspecto contínuo. Com o acréscimo desta posição, a estrutura do verbo em Changana tem 12 posições a saber: pré-inicial, inicial, pós-inicial, pré-formativo, formativo e pós-formativo; pré-radical, radical e pós-radical e pré-final, final e pós-final. Assim organizados os morfemas do verbo, a estrutura do verbo em Changana passa a ter mais uma posição em relação a estrutura das línguas bantu apresentada por Mutaka e Tamanji (2000) e mais duas posições em relação a apresentada por Meeussen (1967).

A última categoria discutida foi o modo. Reconhecendo a complexidade do estudo desta categoria, o estudo centrou-se em três modos, a saber: o modo subjuntivo, o modo imperativo e o modo potencial sem contar com o modo indicativo que foi todo o resto que fez na análise da morfologia flexional.

Para terminar, do ponto de vista da teoria linguística, o estudo mostra que a estrutura do verbo em Changana exige doze lugares em virtude de haver a necessidade da criação da posição do pré-formativo. Embora tendo-se baseado na morfologia e fonologia lexical, o estudo apoiou-se na fonologia autosegmental devido à relevância da separação dos segmentos dos suprasegmentos. Sobre as extensões verbais, embora reconhecendo que as mesmas são vistas na sua relação com a sintaxe, o trabalho limitou-se a fazer o levantamento das mesmas e pouca exploração teórica fez em relação a morfossintaxe.

Bibliografia

- Anderson, Stephen. 1992. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Appolinário, Fábio. 2004. *Dicionário de Metodologia Científica: Um Guia para a Produção do Conhecimento Científico*. São Paulo: Editora Atlas.
- Bachetti, Claudio. 2006. *Gramática da Língua Rhonga*. Maputo: Paulistas.
- Baker, Mark. 1985. *Linguistics Inquiry*. Cambridge: The MIT Press.
- Bauer, Laurie. 1983. *English Word-Formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bauer, Laurie. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. J.W. Arrowsmith LTD, Great Britain.
- Baumbach, Ernest. 1970. In *Klassifikasie van die Tsongadialekte van die Republiek van Suid-Afrika*. (Tese de Doutoramento não publicada). Pretoria: Universiteit van Suid-Africa.
- Baumbach, Ernest. 1987. *Analytical Tsonga grammar*. Pretoria: University of South Africa (UNISA).
- Bell, Judith. 1999. *Doing your Research Project: A Guide for First Time Researchers in Education and Social Science*. Third Edition. Buckingham. Philadelphia: Open University Press
- Bernardo, Maurício. 2009. A Morfofonologia das Marcas do Passado Remoto Imperfectivo em Emakhuwa. In. Ngunga, Armindo .2009. (ed). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Coleção: As Nossas Línguas I. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM

- Bernardo, Mauricio. 2010. Análise do tom no Sintagma Nominal em Cinyungwe. In. . *Folha de Linguística e Literatura*. N° 16. Maputo: FLCS, Departamento de Linguística e Literatura. Pp15-19.
- Besha, Ruth. 1989. *A Study of Tense and Aspect in Shambala*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.
- Besha, Ruth. 1989. Mood in Bantu Languages. In. *Bantu Linguistics (ILCAA) Vol. 2: Studies in Tanzanian Languages*. Nishigahara: Institute for the Study of Languages and Cultures Of Asia and Africa – Tokyo University Of Foreign Studies. PP 205 – 222.
- Beuchat, Cole. 1959. *Tonomorphology of the Tsonga Noun*. African Studies, 21. 3-4. PP 133-145.
- Beuchat, Cole. 1961. *The Qualificative and the Pronoun in Tsonga*. African Studies, 20. 3. PP 175–193.
- Beuchat, Cole. 1962. *Additional Notes on The Tonomorphology of the Tsonga Noun*. African Studies, 21. 3-4. PP 105-122.
- Binnick, Robert. 1991. *Time and the Verb: A Guide to Tense and Aspect*. New York: Oxford University Press.
- Bleek, Wiherm. 1862. *A Comparative Grammar of South African Languages*. London: Trübner.
- Botne, Robert. 1987. Semantics and Pragmatics of Tense in Kikerebe and Kinyarwanda. In *Journal of African Languages and Linguistics*. Dordecht: Foris Publications.
- Botne, Robert. 2003. Lega (Beya dialect) (D25). In: *The Bantu languages*, p 422-449. Edited by Derek Nurse & Gérard Philippson. Rutledge language family series, v 4. London & New York: Routledge.

- Bresnan, J. (Ed).1982. *The Mental Representation of Grammatical Relations*. Cambridge: The MIT Press.
- Butler, Nancy. 2007. *Modo, Extensão Temporal, Tempo Verbal e Relevância Contrastiva na Língua Terena*. 2ª Edição. SIL.
- Bybee, Joan and Suzan Fleischman (eds). 1995. *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Co.
- Bybee, Joan, Revere Perkins and William Pagliuca. 1994. *Tense, Aspect, and Modality in the Language of the world*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Bybee, Joan. 1985. *Morphology: A Study of the Relation Between Meaning and Form*. Amsterdam/ Philadelphia: Joan Benjamin's Publishing Company.
- Chimbutana, Feliciano. 2002. Grammatical Function in Changana: Types, Properties and Function Alternation. (Tese de Mestrado não publicada). The Australian National University.
- Chomsky, Noam & Morris Halle. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York, Evanston and London: Harper & Row, Publishers.
- Comrie, Bernard.1976. *Aspect*. Cambridge: CUP.
- Comrie, Bernard.1985. *Tense*. Cambridge: CUP.
- Correia, Margarita e Lúcia Lemos. 2005. *Inovação Lexical em Português: Cadernos de Língua Portuguesa N°4*. Lisboa: Edições Colibri.
- Creissels, Denis.1998. Expansion and Retraction of High Tone Domains in Setswana. In. Larry, Hyman e Charles Kisseberth. (eds). 1998. *Theoretical Aspects of Bantu Tone*. Stanford: CSLI Publications. Pp 133-194.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra. 2002. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 17ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

- Doke, Clement. 1931. *A Comparative Study in Shona Phonetics*. Johannesburg: The University of the Witwatersrand Press.
- Doke, Clement. 1954. *The Southern Bantu languages*. Handbook of African languages. London: Oxford University Press for the International African Institute (IAI).
- Draisma, Jan. 2011. *Ensinar Matemática nas Línguas Moçambicanas: Com atenção especial para Cicopi e Xichangana*. (manuscrito).Gaza: UDEBA.
- Evangelical Presbyterian Church. 1944. *Šipele Ša Šitsonga (Shangaan) A*. Eleventh Edition. Johannesburg: Swiss Mission In South Africa.
- Evangelical Presbyterian Church. 1962. *Buku ya Vahlayi*. Sixth Edition. Johannesburg: Swiss Mission In South Africa.
- Evangelical Presbyterian Church. 1964. *Šipele Ša Šitsonga (Shangaan) B*. Eleventh Edition. Johannesburg: Swiss Mission In South Africa.
- Faria, Isabel, Emília Pedro, Inês Duarte e Carlos Gouveia et al. 1996. *Introdução à Linguística Geral*. Lisboa: Caminho.
- Farinha, António. 1946. *Gramática Landina (Shironga): Dialecto Indígena de Lourenço Marques*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.
- Fortune, George. 1962. *Ideophones in Shona*. London: Oxford University Press.
- Fumo, Paulino. 2009. Tempo e Aspecto em Rhonga. In. Ngunga, Armindo .2009. (ed). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Colecção: As Nossas Línguas I. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM.
- Guüldemann, Tom. 2003. Grammaticalization. In Derek Nurse & Gérard Philipson. (eds). *The Bantu Languages*. Rutledge Language Family Series. New York. PP182-194.
- Guthrie, Malcolm. 1967/71. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*, 4 vols. Letchworth UK &

Brookfield VT: Gregg International.

Haspelmath, Martin. 2002. *Understanding Morphology*. New York: Oxford University Press Inc.

<http://www.radames.manosso.nom.br/gramatica/temposverbais/indicpassa.htm> (visitado em 11/10/12)

Hyman, Larry 2002. Suffix ordering in Bantu: a Morphocentric approach. *Rutgers Optimal Archive (ROA)*, article no 506-0302.

Hyman, Larry. 1975. *Phonology: Theory and Analysis*. San Francisco: Holt, Rinehart and Winston.

Hyman, Larry. 1991. Cyclic Phonology and Morphology In Cibemba. In Cole, Jenifer & Charles Kisseberth (eds). 1991. *Perspectives in Phonology*. California: CSLI Publications Stanford (Pp 81-112).

Hyman, Larry. 2003. Basaá (A43). In. Nurse, Derek e Gérard Philippson. 2003. (eds). *The Bantu Languages*. London and New York: Rutledge.

Hyman, Larry. 2007. Niger-Congo Verb Extension: Overview and Discussion. In *Selected Proceedings of the 37th Annual Conference on African Linguistics*, ed. Doris L. Payne and Jaime Pena, 149-163. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

Jensen, John. 1962. *Morphology: Word Structure in Generative Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Júnior, Raul. 2010. A função do tom na marcação do tempo futuro em Xibila. (tese de mestrado não publicada). Maputo: UEM-FLCS.

Junod, Henri-Alexandre. 1967. *Vuvulavuri bya Shithonga [The laws of Shithonga speech]*. Revised edition. Braamfontein: Sasanova Publishers & Booksellers.

- Junod, Henry. 1929. *Vuvulavuri bya Xitsonga*. Braamfontein: Sasavona Publishers & Booksellers.
- Katamba, Francis. 1989. *An Introduction to Phonology: Learning About Language*. London and New York: Longman.
- Katamba, Francis. 1994. *Morphology*. London: The Macmillan LTD.
- Katupha, José. 1983. A Preliminary Description of Sentence Structure in The e-Sáaka Dialect of e-Mákhwa. (Tese de Mestrado não publicada). London: University of London.
- Kenstowicz, Michael. 1994. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge & Oxford: Blackwell
- Kiparsky, Paul. 1982. Lexical Morphology and Phonology. *Linguistics in the Morning Calm*. The Linguistic Society of Korea. Seoul, Hanshin Publishing C^o.
- Kipka, Peter. 2002. Slavic passives, Bantu passives, and human cognition. In: *Language universals and variation*, p 41ff. Edited by Mengistu Amberber & Peter Collins. Westport CN: Praeger Publ.
- Kirpasky, Paul. 1985. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2,83 – 136.
- Ladefoged, Peter. 1989. *A Course in Phonetics*. 3rd Edition. Los Angeles: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Langa, David. 2002. Algumas reflexões em volta das classes locativas em Changana. In. Direcção Científica. (ed). *III Seminário de Investigação na UEM: Livro de Comunicações*. Maputo: Imprensa Universitária. PP 153-163
- Langa, David. 2007. Verbal Extensions in Changana: A Re-statement. In. Akindele et al.(eds). *LASU: Journal of the Linguistics Association of Southern African*

Development Community [SADC] Universities. Vol 3. Linguistics Association of SADC. Pp 51-60.

Langa, David. 2008. O Aspecto no Passado Afirmativo na Morfologia Verbal do Changana. (Tese de Mestrado não publicada). Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) - Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Liphola, Marcelino. 2000. Stress – Dependent Vowel Reduction in Shimakonde. (Ms). The Ohio State University e Eduardo Mondlane University.

Liphola, Marcelino. 2001. Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde. (Tese de Doutoramento): Ohio: Universidade de Ohio.

Liphola, Marcelino. 2010. Propondo o encontro entre a fala e a escrita: da necessidade de inclusão do tom na ortografia padronizada de Shimakonde. In *Folha de Linguística e Literatura*. N^o 16. Maputo: FLCS, Departamento de Linguística e Literatura. Pp 6-15.

Lodhi, Abdulaziz. 2002. Verbal extensions in Bantu: the case of Swahili and Nyamwezi. *Africa & Asia: Göteborg working papers on Asian and African languages and literatures*, 2, p 4-26.

Louw, Jacobus. 1983. *Some Tone Rules of Tsonga*. Afrika und übersee, Band LXVI. PP 13-24.

Macalane, Geraldo. 2009. Análise comparativa do Aspecto em Português Europeu e nas Língua Bantu. In. Dias, Hildizina. 2009. (org). *Português Moçambicano: Estudos e Reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária.

Maho, Jouni. 1999a. *A Comparative Study of Bantu Languages*. (Orientalia et Africana Gothenburgensia 15). Gothenburg: Acta Universitatis Gothenburgensis.

Maho, Jouni. 1999b. A (tentive) verb slot system for Shona. Comunicação não Publicada apresentada na Universidade de Gotemburgo.

- Marconi, Marina e Eva Lakatos. 2001. *Metodologia de Trabalho Científico. 6ª Edição*. São Paulo: Editora Atlas.
- Marivate, Cornelius. 1981. The Ideophone as a Syntactic Category. In *The South Bantu Languages in Studies in African Languages*. , Los Angeles: Los Angeles University.
- Mateus, Maria e Ernesto D'Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, Maria, Brito, Ana Brito., Inês Duarte, I., Isabel Faria, I. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa. 2ª Edição*. Lisboa: Editora Caminho. Lisboa.
- Matsinhe, Sozinho & Fernando, Mbiavanga. 2008. A Preliminary Exploration of Verbal Affixes Ordering in Kikongo, a Bantu language of Angola. *Language Matters*, 39. 332-358.
- Matsinhe, Sozinho Francisco. 1994. The status of verbal affixes in Bantu languages with special reference to Tsonga: problems and possibilities. *South African journal of African languages*, 14, 4, p 163-176.
- Matthews, Peter. 1974. *Morphology: An Introduction to the Theory of Word – Structure*. Cambridge: CUP.
- Mberi, Nhira. 2002. The Categorical Status and Function of Auxiliaries in Shona. (Tese de Doutoramento não publicada). Harare: Departamento de Literatura e Línguas Africanas.
- McPherson, Laura e Mary Paster. 2009. *Evidence for the Mirror Principle and Morphological Templates in Luganda Affix Ordering*. Selected Proceedings of 39th Annual Conference on African Linguistics, ed. Akinloye Ojo Lioba Moshi. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project. PP56-66
- Meeussen, Achille Emiel. 1967. Bantu grammatical reconstructions. In: *Africana linguistica*

- III, p 79-121. *Annalen van het Koninklijk Museum voor Midden-Afrika, menselijke wetenschappen*, n 61. Tervuren.
- Meinhof, Carl. 1932. *Introduction to the Phonology of the Bantu Languages*. Berlin: Dretrich Reimer
- Mendes, Irene. 2010. *Da Neologia ao Dicionário: O Caso do Português de Moçambique*. Maputo: Texto Editores.
- Meulen, Alice. 1995. *Representing Time in Natural Languages: The Dynamic Interpretation of Tense and Aspect*. London: The MIT Press
- Michaelis, Laura. 2006. Time and Tense. In. B. Aarts e A.McMahon. (eds). *The Handbook of English Linguistics*. Oxford: Blackwell. Pp. 1-25.
- Miti, Lazarus. 2006. *Comparative Bantu Phonology and Morphology: A Study of the Sound Systems and Word Structure of the indigenous Languages of Southern Africa*. Pretoria: The Center for Advanced Studies of African Society (CASAS).
- Mphande, Lupenga e Curtis Rice. 1981. Chitumbuca Ideophone. In. *The South Bantu Languages in Studies in African Languages*. Los Angeles: Los Angeles University.
- Mreta, Abel. 1998. *An Analysis Of The Tense And Aspect In Chasu: The Form And Meaning In The Affirmative Constructions*. Hamburg: LIT.
- Mutaka, Ngessimo M.; Tamanji, Pius Ngwa. 2000. *An introduction to African linguistics*. Lincom handbooks in linguistics, n 16. Munich: Lincom Europa.
- NELIMO. 1989. *I Seminário Sobre A Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas*. Maputo: Editora Escolar.
- Ngonyani, Deo. 2003. *A Grammar of Chingoni*. Lincom Europa. Muenchen.
- Ngunga, Armindo e Osvaldo Faquir. 2011.(eds). *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA).

- Ngunga, Armindo. 1998c. *Reduplicação do Tema Verbal em Ciyao*. V Conferência Luso-Afro-
- Ngunga, Armindo. 1999. Restrições na Combinação e Ordem dos Sufixos Verbais em Ciyao. In. Simango, Aurélio.(ed).1999. *Folha Linguística Nr. 3*. Maputo: Imprensa Universitária: Pp8-18.
- Ngunga, Armindo. 2000. *Phonology and Morphology of Ciyao Verbs*. New York, Chicago, San Francisco, Toronto, London: Holt, Rinehart and Winston
- Ngunga, Armindo. 2002. *Elementos da Gramática da Língua Yao*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, Armindo. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, Armindo; David Langa e Carlito Companhia. 2003. Situação linguística da Província de Tete. (Ms). Maputo: NELIMO.
- Nhampoca, Ezra. 2010. Uma Proposta de Metodologia para a compilação de um Dicionário de Ideofones em Changana. (Tese de Mestrado não publicada). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane – Faculdade de Letras e Ciências Sociais.
- Nhantumbo, Nelsa. 2009. A Morfofonologia das Marcas do Passado na Língua Copi. In. Ngunga, Armindo.2009. (ed). *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Colecção: As Nossas Línguas I. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM.
- Nurse, Derek & Henry Muzale. 1996. Tense and Aspect in Great Lakes Bantu Languages. In. Hombert, Jean-Marie & Larry Hyman. (eds). *Bantu Historical Linguistics: Theoretical and Empirical Perspectives*. Stanford: CSLI Publications. Pp. 517 – 544.

- Nurse, Derek. 2003. Aspect and Tense in Bantu languages. In Nurse, D and G. Philippson (eds). 2003. *The Bantu Languages*. London and New York: Routledge. PP90 – 120.
- Odden, David. 1993. Interaction Between Modules in Lexical Phonology. In. Hargus, Sharon & Ellen Kaisse. 1993. (eds). *Phonetics and Phonology: Studies in Lexical Phonology*. Vol 4. London: Academic Press. Pp 111 – 144.
- Ouwehand, Mariette. 1965. *Everyday Tsonga*. Johannesburg: Swiss Mission in South Africa.
- Payne, Thomas. 1998. *Describing Morphosyntax: A guide for field Linguists*. Cambridge: Cambridge University Press
- Philippson, Gerard. 1999. *HH and *HL Tone Patterns in Bemba and the Bemba Tone system. In. Hombert, Jean-Marie and Larry Hyman. (eds). 1999. *Bantu Historical Linguistics: Theoretical and Empirical Perspectives*. Stanford: CSLI Publications. Pp 395-441.
- Poulos, George. 1990. *A Linguistic Analysis of Venda*. Pretoria: Via Afrika Limited.
- Ribeiro, Armando. 1965. *Gramática Changana (Tsonga)*. Kusubi: Marianum Press SSPC.
- Ribeiro, Armando. 2010. *Dicionário Gramatical Changana*. Maputo: Paulinas Editora.
- Rose, Sarah; Christina Beaudoin-Lietz; e Derek Nurse. 2002. *A Glossary of Terms for Bantu Verbal Categories: With Special Emphasis on Tense and Aspect*. Lincom Europa. Muenchen.
- Schadeberg, Thilo. 2003. Derivation. In: *The Bantu languages*. Edited by Derek Nurse & Gérard Philippson. Routledge language family series, v 4. London & New York: Routledge. Pp71-89.
- Seliger, Herbert e Elana Shohamy. 1989. *Second Language Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.

- Sitoe, Bento & Armindo Ngunga. (eds). 2000. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização das Línguas Moçambicanas*. Maputo: Editora Escolar. (177-190).
- Sitoe, Bento, Feliciano Chimbutana, Ximbani Mabaso, Paul Nkuna, Ntiyiso Nxumalo e Madala Hlungwani. 2003. *A Unified Standard Orthography for Xitsonga/Xichangana (South Africa and Mozambique)*. No 32. Cape Town: The Center for Advanced Studies of African Society (CASAS).
- Sitoe, Bento. 1985. Categoria das Extensões Verbais na Língua Tsonga. In. Sitoe, Bento; Gilberto Matusse; Gregório Firmino e Inês Machungo (eds). 1988. *Limani: Revista Semestral do Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Letras - UEM*. Maputo: NELIMO. Pp 29 – 41.
- Sitoe, Bento. 1996. *Dicionário Changana - Português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), Ministério da Educação.
- Sitoe, Bento. 1999. Motivação semântica e sociocultural na organização das classes nominais - sua influência sobre a sintaxe: o caso do Changana. Maputo: FLCS, UEM [pp. 1–13].
- Sitoe, Bento. 2001. *Verbs of Motion in Changana*. Leiden: Research School CNWS, University of Leiden.
- Sitoe, Bento. 2009. A Categoria das Extensões Verbais em Changana. In. *Folha Linguística Número 14*. Maputo: Imprensa Universitária. Pp 3- 8.
- Sitoe, Bento; Armindo Ngunga. 2000. (eds.) *Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: Núcleo de Estudo de Línguas Moçambicanas (NELIMO)/Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane.

- Sitoe, Bento; Narciso Mahumana & e Pércida Langa. 2008. *Dicionário Ronga – Português*. Maputo: CIPROMETRA.
- Spencer, Andrew. 1991. *Morphological Theory: An Introduction to Word Structure in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: Basil Blackwell.
- Tanda, Vicent e Ayu'nwi Neba. 2005. *Negation in Mokpe and Two Related Coastal Bantu Languages of Camerron*. African Study Monographs, 26(4): 201-219.
- Vários. 2004. *Grande Dicionário: Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Weiss, Helga. 1988. *Fonética articulatória: Guia de exercícios*. 3ª edição. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Zahar, Jorge. 1985. (ed). *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Tavares e Tristão.